

Autora best-seller do *The New York Times*

Sarah Dessen

A caminho
do
verão

iD
editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

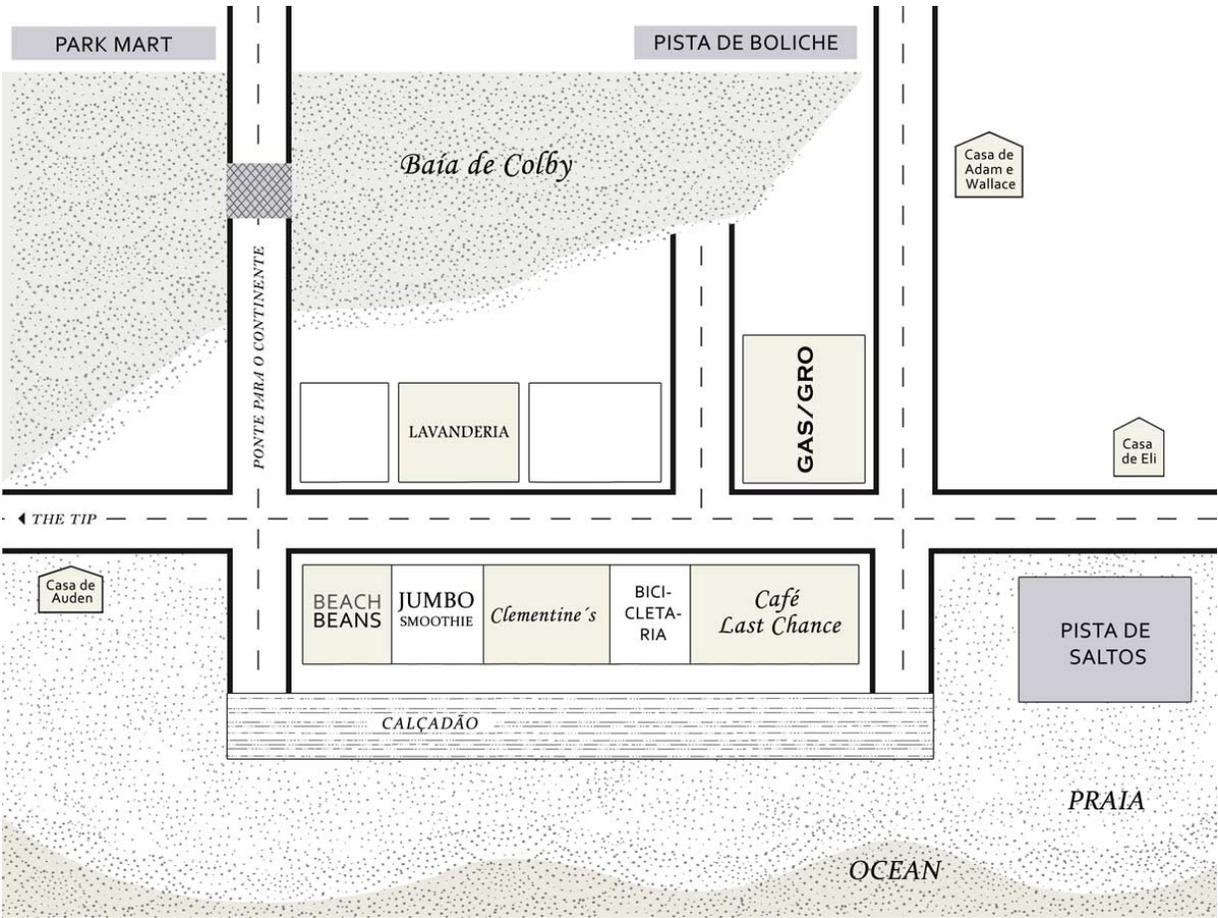
Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A caminho
do
verão

um romance de
Sarah Dessen

Tradução de Áurea Akemi Arata





um



OS E-MAILS SEMPRE começavam da mesma forma.

Oi, Auden!!

Era esse ponto de exclamação adicional que me pegava. Minha mãe o chamaria de estranho, exagerado e exuberante. Para mim, era simplesmente um saco, como tudo na minha madrasta, Heidi.

Espero que você esteja curtindo suas últimas semanas de aulas. Tudo bem por aqui. Estamos só ajeitando as últimas coisas antes da sua futura irmãzinha chegar. Ela está chutando demais, ultimamente. Parece estar lutando caratê aqui dentro! Estou bem ocupada com a loja (por assim dizer), e dando os toques finais no quartinho dela. Deixei em tons de rosa e marrom, está lindo. Vou anexar uma foto para você ver.

Como sempre, seu pai está ocupado, trabalhando no livro dele. Acho que vou conseguir vê-lo mais quando eu estiver superligada à meia-noite, acordada com o bebê!

Espero sinceramente que você esteja pensando em nos visitar assim que as aulas acabarem. Vai ser muito divertido e este verão vai se tornar muito mais especial para todos nós. Venha a qualquer momento. Vamos adorar ver você!

Beijos,

Heidi (seu pai e o bebê!)

Só de ler essas correspondências já ficava exausta. Em parte, por causa da verbalização tão animada – era como se alguém estivesse gritando na sua orelha – mas também pela própria Heidi. Ela era tão... estranha, exagerada, exuberante... e irritante. Todas as coisas que ela tinha feito comigo, e muito mais, desde que ela e meu pai se envolveram, ficaram grávidos e se casaram no ano passado.

Minha mãe disse não ter ficado surpresa. Desde o divórcio, ela tinha predito que não demoraria muito para, segundo ela, “ele se ajeitar com alguma vadia”. Aos vinte e seis anos, Heidi tinha a mesma idade que mamãe quando ela teve meu irmão Hollis, e eu nasci dois anos mais tarde; ainda assim, as duas não eram nada iguais. Se a minha mãe era uma professora universitária, com humor ferino e rápido, e reputação nacional de especialista no papel da mulher na literatura renascentista, a Heidi era... bem... a Heidi. O tipo de mulher cujos esforços repousavam em seus constantes cuidados (pedicures, manicures, luzes no cabelo) e que sabia tudo que você nunca quis saber sobre alturas das barras e sapatos, e enviava e-mails totalmente verborrágicos para pessoas que não estavam nem aí.

O namoro foi rápido, e a implantação (como minha mãe a batizou) aconteceu em poucos meses. Foi assim: meu pai transformou-se do que sempre fora durante anos – esposo da Dra. Victoria West e autor de um romance bem recebido pela crítica, atualmente mais conhecido pelas disputas interdepartamentais que por seu longo currículo em construção – para um novo marido e futuro pai. Acrescente-se a isso tudo sua também nova posição como chefe do Departamento de Escrita Criativa em Weymar College, uma pequena escola da cidade litorânea, e foi como se o meu pai tivesse uma vida totalmente nova. E embora eles sempre me convidassem, eu não tinha certeza de querer descobrir se ainda havia um lugar para mim por lá.

Então ouvi uma explosão de risos vinda do outro quarto, seguida de barulho de copos. Minha mãe tinha organizado uma de suas reuniões com alunos, que sempre começavam como jantares formais (“Falta tanta cultura nesta cultura!” – ela costumava dizer) e inevitavelmente acabava por se deteriorar em debates barulhentos e

bêbados sobre literatura e teoria. Dei uma olhada no relógio – dez e meia – depois abri a porta do meu quarto com o dedão do pé, dando uma espiada no comprido corredor até a cozinha. Bem, dava para ver a minha mãe sentada na cabeceira de nossa enorme mesa da cozinha, feito um bloco de açougueiro, com uma taça de vinho tinto numa das mãos. Reunidos com ela, como sempre, um bando de alunos da faculdade, olhando para ela em estado de adoração, enquanto ela prosseguia falando, do pouco que consegui ouvir, sobre Marlowe e a cultura feminina.

Esta era mais uma das muitas fascinantes contradições sobre a minha mãe. Ela era especialista em mulheres na literatura, embora nem tanto na prática. Em parte, porque muitas ficavam com inveja de sua inteligência (praticamente ao nível do Mensa), de suas conquistas acadêmicas (quatro livros, inúmeros artigos, uma cátedra) ou de sua aparência (alta e curvilínea, de cabelos pretos muito compridos, que ela normalmente usava soltos e desarranjados, a única coisa fora de controle nela). Por esses motivos e outros, as estudantes do sexo feminino raramente iam a esses encontros, e caso isso acontecesse, elas raramente voltavam.

– Dra. West – um dos alunos, normalmente desalinhado, usando um blazer de aparência barata, cabelos desgrenhados e óculos de armação preta de *nerd*, insistiu – a senhora realmente deveria pensar em transformar essa ideia em um artigo. É fascinante.

Observei minha mãe tomar um gole de vinho, empurrar o cabelo para trás suavemente com uma mão.

– Ai, meu Deus, não – ela respondeu, com a voz profunda e rouca (parecia uma fumante, embora nunca tivesse tragado nada na vida).

– Mal tenho tempo para escrever o meu livro, pelo qual estou sendo paga, agora. Se é que dá para chamar aquilo de pagamento.

Mais risos condescendentes. Minha mãe adorava se queixar do pouco dinheiro que recebia pelos seus livros – todos acadêmicos, publicados por editoras universitárias – enquanto o que ela chamava de “histórias fúteis de dona de casa” resultavam em muita grana. No mundo da minha mãe, todo mundo carregaria as obras completas de Shakespeare para a praia, talvez com alguns poemas épicos jogados ao lado.

– Ainda assim – o cara de óculos de *nerd* prosseguiu – é uma ideia brilhante. Eu poderia, ahn, ser coautor com a senhora, se quiser.

Mamãe ergueu a cabeça e a taça, estreitando os olhos para ele enquanto se fazia um silêncio.

– Puxa – ela respondeu – que delicadeza de sua parte. Mas eu não lido bem com coautoria pelo mesmo motivo que não me dou com colegas de escritório ou relacionamentos. Sou egoísta demais.

Mesmo do meu ponto de observação tão distante, deu para ver o cara com óculos de *nerd* engolir em seco; o rosto dele ruborizou enquanto ele pegava a garrafa de vinho, tentando disfarçar. “Idiota”, pensei, empurrando a porta de volta ao lugar. Como se fosse assim tão fácil se dar bem com a minha mãe, formar alguma conexão rápida e forte que persistisse. Eu sabia.

Dez minutos mais tarde, saí furtivamente pela porta lateral com os sapatos enfiados embaixo do braço e entrei no meu carro. Dirigi pelas ruas, na maioria vazias, passando por bairros tranquilos e fachadas escuras até que as luzes do Ray’s Diner apareceram à distância. Pequeno, com neon em exagero e mesas que sempre estavam um pouco pegajosas, o Ray’s era o único lugar da cidade que abria 24 horas, 365 dias por ano. Desde que eu não estivesse dormindo, passei mais noites numa das mesas de lá que em qualquer outro lugar: lendo, estudando, gastando uns trocados a cada hora em qualquer pedido idiota até o sol aparecer.

A insônia começou quando o casamento dos meus pais principiou a desmoronar três anos atrás. Eu não deveria ter ficado surpresa; aquela união era tão tumultuada desde que eu me conheço por gente, apesar de normalmente eles discutirem mais sobre o trabalho que um com o outro.

Eles tinham chegado à faculdade, vindo diretamente do curso universitário, quando o meu pai recebeu uma oferta para ser professor-adjunto. Na época, ele tinha acabado de encontrar um editor para seu primeiro romance, *O chifre do narval*, enquanto minha mãe estava grávida de meu irmão e tentava terminar sua tese. Acelerando a história dois anos adiante, no meu nascimento, meu pai enfrentava uma onda de sucesso de crítica e de vendas:

lista dos mais vendidos do *New York Times*, candidato ao prêmio National Book Award. Ele chefiava o programa de escrita criativa, enquanto a minha mãe estava, como ela mesma dizia, “perdida num mar de fraldas e de dúvidas”. No entanto, quando entrei no jardim de infância, minha mãe voltou para a área acadêmica como uma vingança, cravou a posição de professora convidada e um editor para sua tese. Com o tempo, ela se tornou uma das professoras mais populares do departamento, foi contratada para o cargo em período integral e partiu para um segundo, depois um terceiro livro, tudo isso enquanto meu pai apenas observava. Ele disse estar orgulhoso, sempre fazia piadas sobre ela ser seu tíquete de refeição, o ganha-pão da família. Mas então minha mãe assumiu a cátedra de professora universitária, o que lhe deu muito prestígio; ele foi cortado de sua editora, o que não lhe deu nenhum prestígio, e as coisas começaram a ficar feias.

As brigas sempre pareciam começar durante o jantar, com um deles fazendo alguma pequena observação que o outro tomava por ofensa. Havia uma discussão pequena: palavras ásperas, uma tampa de panela batendo – mas então tudo parecia se resolver... pelo menos até cerca das dez ou onze horas quando, de repente, eu começava a ouvir tudo de novo, sobre o mesmo assunto. Levei algum tempo até descobrir que esse lapso de tempo ocorria porque eles esperavam que eu adormecesse antes de realmente ir ao ponto. Então, certa noite, decidi que não iria para a cama. Deixei minha porta aberta e a luz acesa, fiquei de guarda, fazendo visitas óbvias ao banheiro: lavava as mãos, fazendo o máximo de barulho. Durante algum tempo funcionou, até que não mais, e as brigas começaram novamente. Mas então, meu corpo tinha se acostumado a ficar desperto até tarde, o que significava que agora eu acordava a cada palavra.

Conheci um monte de pessoas cujos pais se separaram, e todos pareciam lidar com isso de forma diferente: surpresa completa, desapontamento massacrante, alívio total. O denominador comum, no entanto, sempre foi que havia muita discussão sobre esses sentimentos com os dois pais, com um a um separadamente ou com um psicólogo em terapia em grupo ou individual. Minha família, é

claro, tinha de ser a exceção, apesar de também ter tido o tal momento “sente-se que a gente precisa conversar”. A notícia foi dada por minha mãe, na mesa da cozinha, enquanto meu pai estava recostado em um balcão lá perto; ele mexia as mãos e parecia cansado.

– Seu pai e eu estamos nos separando – ela me informou, com o mesmo tom monocórdio e comercial que eu já ouvira sendo usado tantas vezes com os alunos quando criticava o trabalho deles. – Tenho certeza de que você vai concordar que é a melhor coisa para todos nós.

Ao ouvir isso, não tive certeza de como me sentia. Não era alívio nem desapontamento massacrante, e, novamente, não foi surpresa. O que me impressionou enquanto estávamos sentados lá, nós três naquela sala, foi como me senti minúscula. Pequena como uma criança. Foi uma coisa muito estranha. Como se aquele momento monstruoso, há muito tempo perdido, fosse levado em uma súbita onda de infância passando sobre mim.

Eu já fui criança, é claro. Mas quando surgiu no mundo, meu irmão – o bebê com mais cólica que já existiu, criança hiperativa, garoto “cheio de energia” (leia-se *impossível*) – tinha exaurido a força de meus pais. Ele ainda os esgotava, mesmo estando em outro continente, vagando pela Europa e enviando apenas e-mails ocasionais, nos quais detalhava ainda alguma epifania sobre o que ele deveria fazer com sua vida, seguido por um pedido de mais grana para colocar o plano em ação. Pelo menos, por ele estar no estrangeiro, tudo parecia mais nômade e artístico: agora meus pais podiam dizer aos amigos que Hollis estava passeando pela torre Eiffel, fumando, em vez de estar no Quik Zip. Parecia muito melhor.

Se Hollis era um menino grande, eu era o pequeno adulto, a criança que, aos três anos, sentava-se à mesa durante as discussões adultas sobre literatura e coloria os livros sem dar um pio. A que aprendeu a se divertir sozinha desde cedo, que era obcecada pela escola e pelas notas do jardim de infância, porque a carreira acadêmica era a única coisa que sempre chamaria a atenção dos meus pais.

– Ah, tudo bem – minha mãe dizia, quando um de seus convidados soltava um palavrão ou algo igualmente adulto na minha frente. – A Auden é muito madura para a idade.

E eu era, seja aos dois, quatro ou dezessete anos. Enquanto Hollis demandava uma vigilância constante, eu era a única que era impulsionada para todos os lugares, constantemente fluindo na cola da minha mãe ou do meu pai. Eles me levaram à sinfonia, a exposições de arte, conferências acadêmicas e reuniões de comitês, onde se esperava que eu fosse vista e não ouvida. Não houve muito tempo para jogos ou brinquedos, embora eu nunca quisesse os livros, que estavam sempre superdisponíveis.

Devido a essa criação, tive muita dificuldade em relação a outras crianças da minha idade. Não entendia a loucura delas, a energia, a forma indisciplinada com que atiravam as almofadas do sofá, por exemplo, ou andavam de bicicleta de modo descontrolado pelas ruas de becos sem saída. Parecia divertido, mas ao mesmo tempo era tão diferente do que eu estava acostumada que eu não conseguia imaginar como poderia participar se tivesse a oportunidade. O que não ia acontecer, pois os atiradores de almofadas e os ciclistas selvagens não costumam frequentar as escolas particulares tão exigentes que meus pais preferiam.

Nos últimos quatro anos, na verdade, mudei de escola três vezes. Só fiquei algumas semanas em Jackson High, até que minha mãe, depois de ter visto um erro de ortografia e erros de gramática no meu currículo de inglês, me levou à Perkins Day, uma escola particular. Era menor e mais rigorosa academicamente, embora não tanto quanto Kiffney-Brown, a escola independente para a qual eu fui transferida no penúltimo ano. Fundada por vários ex-professores locais, era de elite – no máximo cem alunos – e enfatizava turmas bem pequenas e uma forte ligação com a universidade local, onde você poderia fazer cursos de nível superior para os créditos iniciais. Embora tivesse alguns amigos em Kiffney-Brown, a atmosfera ultracompetitiva, além de uma parte enorme do currículo ser auto-orientada, tornou a aproximação com os colegas um tanto difícil.

Não que eu estivesse realmente aí. A escola era o meu consolo, e estudar era um escape que me permitia viver mil outras vidas.

Quanto mais meus pais lamentavam a falta de iniciativa e as péssimas notas de Hollis, mais eu batalhava. E se eles ficavam orgulhosos de mim, minhas realizações nunca pareciam me levar para o que eu realmente queria. Eu era uma criança tão esperta, deveria ter percebido que a única maneira de realmente chamar a atenção dos meus pais era decepcionando-os ou falhando. Mas quando finalmente percebi isso, sair-me bem já era um hábito arraigado demais para ser quebrado.

Meu pai finalmente saiu de casa no início do meu segundo ano e alugou um apartamento mobiliado bem perto do campus em um condomínio habitado principalmente por estudantes. Eu deveria passar todo fim de semana lá, mas ele estava em um ritmo tão alucinado – ainda pelejando com o seu segundo livro, a sua publicação totalmente em evidência (ou não), enquanto a minha mãe recebia tanta atenção – que não daria para curtir muito. No entanto, com a minha mãe não era muito melhor, pois ela estava tão ocupada celebrando sua vida de recém-solteira e o sucesso acadêmico que recebia pessoas o tempo todo, alunos indo e vindo, jantares todos os fins de semana. Parecia que não havia meio-termo em nenhum lugar, exceto no Ray's Diner.

Eu já tinha passado na frente dele tipo um milhão de vezes, mas nunca tinha pensado em parar até que, certa noite, eu estava voltando para a casa da minha mãe por volta das duas da manhã... Nem meu pai nem minha mãe realmente me acompanhavam de perto. Por causa do meu horário escolar – curso noturno, horas flexíveis de seminário durante o dia e vários estudos independentes – eu ia e vinha como quisesse, com pouco ou nenhum questionamento, por isso nenhum deles realmente percebeu que eu não estava dormindo. Naquela noite, olhei para o Ray's, e algo nele me surpreendeu. Parecia morno, quase seguro, habitado por pessoas com as quais pelo menos eu tinha uma coisa em comum. Então, estacionei, entrei e pedi uma xícara de café e uma torta de maçã. Fiquei até o amanhecer.

O que era agradável no Ray's era que mesmo depois de ter me tornado cliente assídua, eu ainda ficava sozinha. Ninguém solicitava mais do que eu estava disposta a dar, e todos os diálogos eram

curtos e gentis. Se todos os relacionamentos pudessem ser tão simples, eu sempre saberia exatamente o meu papel.

No outono, uma das garçonetes, uma mulher mais velha e corpulenta, cujo crachá dizia JULIE, baixou os olhos para o formulário de faculdade no qual eu estava trabalhando, enquanto enchia minha xícara de café.

– Universidade Defriese – ela leu em voz alta e depois olhou para mim. – Ótima escola.

– Uma das melhores – concordei.

– Acha que vai conseguir?

– É, acho que sim – concordei com a cabeça.

Ela sorriu, como se eu fosse uma gracinha, depois deu um tapinha no meu ombro.

– Ah, que bom ser jovem e confiante – ela falou, e então foi se afastando.

Queria dizer-lhe que eu não estava confiante, que eu tinha dado o duro. Mas ela já tinha se mudado para o compartimento ao lado, conversando com o cara sentado lá, e eu sabia que ela não estava nem aí. Havia mundos onde tudo isso – as notas, a escola, as provas, a classificação na turma, a admissão antecipada, as médias ponderadas – importava, e aqueles onde tudo isso não adiantava nada. Passei minha vida inteira enquadrada no primeiro tipo de mundo, e até mesmo no Ray's, que fazia parte do último grupo, eu ainda não conseguia chocá-lo.

Ter sido orientada dessa forma e frequentado uma escola nada ortodoxa significava que eu tinha deixado de ter todos os momentos do ano de formatura que os meus antigos amigos da Perkins Day ficaram comentando durante todo este ano. A única coisa que eu ainda teria encarado seria o baile de formatura, e apenas porque o meu mais acirrado concorrente pela média mais alta do grupo, Jason Talbot, tinha me convidado como uma espécie de oferta de paz. No final, porém, isso não aconteceu, pois ele cancelou de última hora depois de ter sido convidado para participar de alguma conferência sobre ecologia. Eu me convenci de que não estava nem aí, que aquilo era que nem as almofadas do sofá e os passeios de bicicleta nos becos sem saída de todos aqueles anos: frívolos e

desnecessários. Mas eu ainda queria saber, naquela noite e em tantas outras, o que eu estava perdendo.

Estava sentada no Ray's às duas, três ou quatro da manhã, e sentia aquela pontada estranha. Quando voltei o olhar por cima dos livros para as pessoas ao meu redor – caminhoneiros, pessoas que tinham saído da interestadual para tomar café e aguentar mais um quilômetro, a loucura de sempre – fiquei com o mesmo sentimento que tive no dia em que a minha mãe anunciou a separação. Como se não pertencesse ali e devesse estar em casa, dormindo na minha cama como todo mundo que eu veria na escola dentro de poucas horas. Mas da mesma forma, rapidamente, tudo passaria, tudo se assentaria de volta no lugar ao meu redor. E quando Julie voltasse com sua cafeteira, eu empurraria minha xícara até a borda da mesa, dizendo sem mesmo emitir as palavras que nós duas conhecíamos tão bem – que eu ficaria por mais algum tempo.



Minha meia-irmã, Thisbe Caroline West, nasceu um dia antes da minha formatura, pesando 3,164 quilos. Meu pai ligou na manhã seguinte, exausto.

– Sinto muito, Auden, odeio não poder estar presente no seu discurso.

– Tudo bem – respondi, enquanto mamãe entrava na cozinha, de roupão, e se dirigia para a cafeteira. – Como está a Heidi?

– Bem, cansada... Foi um longo caminho, e ela acabou tendo de fazer cesariana, e não ficou nada feliz com isso. Mas tenho certeza de que ela vai se sentir melhor depois de descansar um pouco.

– Diga a ela que eu mandei parabéns.

– Claro. E você vai lá e dá um duro neles, garota. – Isso era típico: para o meu pai, famoso pela combatividade, qualquer coisa relativa à academia era uma batalha. – Vou ficar pensando em você.

Sorri e agradei. Em seguida, desliguei o telefone enquanto minha mãe despejava leite no seu café. Ela remexeu o copo, a colher tilintando suavemente, por um momento, antes de dizer:

– Deixe-me adivinhar... Ele não vai.

– A Heidi acabou de ter o bebê – respondi. – Ela se chama Thisbe. Minha mãe torceu o nariz:

– Ai, meu Deus, de todos os nomes de Shakespeare para escolher, o seu pai pegou esse? Pobre garota. Ela vai ter de se explicar a vida toda.

Minha mãe realmente não tinha direito de falar, considerando que ela deixou papai escolher o meu nome e o do meu irmão: Detram Hollis era um professor que meu pai admirava muito, enquanto que W. H. Auden era o seu poeta favorito. Passei algum tempo quando criança desejando que o meu nome fosse Ashley ou Katherine, mesmo porque isso teria simplificado a minha vida, mas mamãe gostava de me dizer que meu nome era na verdade uma espécie de teste definitivo. Auden não era como Frost, ela dizia, ou Whitman. Ele era um pouco mais obscuro, e se alguém sabia dele, então eu poderia ter uma leve dica se eles valiam o meu tempo e energia, se eram capazes de se igualarem a mim intelectualmente. Achei que isso pode ser ainda mais verdadeiro para Thisbe, mas em vez de lhe dizer isso, apenas fiquei sentada com as anotações do meu discurso, folheando-as novamente. Depois de um instante, ela puxou uma cadeira e se juntou a mim.

– Então a Heidi sobreviveu ao parto, eu presumo – ela se interessou, tomando um gole de café.

– Ela teve de fazer cesariana.

– Ela teve sorte – mamãe observou. – Hollis tinha mais de quatro quilos e a anestesia não pegou. Ele quase me matou.

Folheei mais alguns cartões, à espera de uma das histórias que se seguiriam inevitavelmente a esta. E lá vinha o discurso de como Hollis era uma criança faminta, que sugava todo o leite da minha mãe. A loucura que foi a sua cólica, como ele tinha de ser embalado constantemente e até como ele gritava por horas a fio. Ou então havia algo sobre o meu pai, e como ele...

– Só espero que ela não esteja esperando que o seu pai vá ajudá-la muito – ela continuou a falar, pegou alguns dos meus cartões, deu uma passada enquanto seus olhos se estreitavam. – Tive sorte se ele trocou uma fralda alguma vez. E esqueça... ele não vai acordar para as mamadas noturnas. Ele alegava problemas de sono, e que

tinha de dormir nove horas para poder ensinar. Muito conveniente isso tudo.

Ela ainda estava lendo os meus cartões enquanto dizia isso, e eu senti a dor familiar que tinha sempre que qualquer coisa que eu fazia passava, de repente, sob o seu crivo. Um minuto mais tarde, porém, ela os colocou de lado sem comentários.

– Bem – eu disse, enquanto ela tomava mais um gole de café – isso foi há muito tempo. Talvez ele tenha mudado.

– As pessoas não mudam. Se é que há alguma mudança, você fica mais rígido à medida que envelhece, não menos. – Ela balançou a cabeça. – Eu me lembro de que eu costumava me sentar no nosso quarto, com o Hollis gritando, e só desejava que a porta se abrisse uma vez, e seu pai chegasse e dissesse: “Estou aqui, passe ele para mim. Vá descansar.” No fim das contas, não era mesmo o seu pai que eu queria. Queria qualquer pessoa. Qualquer uma.

Ela olhou pela janela ao dizer isso, os dedos envolviam a caneca, que não estava sobre a mesa nem em seus lábios, mas apenas pairava entre os dois. Peguei meus cartões, organizando-os cuidadosamente em ordem.

– Acho que está na hora de me aprontar – eu disse, empurrando minha cadeira de volta. Minha mãe não se mexeu quando me levantei e passei por trás dela. Era como se ela estivesse congelada, de volta àquele velho quarto, ainda à espera, pelo menos até eu chegar ao corredor. Então, de repente, ela falou:

– Você deveria repensar essa citação do Faulkner. É demais para a abertura. Você vai parecer muito metida.

Olhei para o meu cartão de cima, onde as palavras “O passado não está morto. Nem sequer é passado” estavam escritas em letras de forma impecáveis.

– Está bem – respondi. Claro que ela tinha razão. Ela sempre tinha. – Obrigada.



Estava tão concentrada no meu último ano de colégio e no início da faculdade que eu realmente não tinha pensado sobre o tempo

entre um e outro. De repente, porém, era verão, e não havia nada a fazer a não ser esperar pela minha vida real começar novamente.

Gastei algumas semanas recebendo todo o material que precisava para a Defriese, e tentei pegar alguns turnos do meu trabalho de monitora do Preparatório para o Teste de Huntsinger, embora as coisas estivessem muito devagar. Eu parecia ser a única a pensar na escola, fato que ficou mais evidente devido aos vários convites que recebi de meus antigos amigos da Perkins para jantares ou viagens até o lago. Queria ver todos, mas sempre que nos reuníamos eu me sentia um peixe fora d'água. Só estive em Kiffney-Brown durante dois anos, mas era tão diferente, tão inteiramente acadêmica que descobri que não tinha nada a ver com suas conversas sobre os trabalhos de verão e namorados. Após algumas incursões desajeitadas, comecei a arrumar desculpas, dizendo que estava ocupada, e depois de algum tempo eles entenderam o recado.

A casa também andava meio estranha, pois minha mãe tinha conseguido uma bolsa de pesquisa e trabalhava o tempo todo, e quando isso não acontecia, seus assistentes da faculdade sempre apareciam de surpresa para jantares e uma bebida. Quando ficavam muito barulhentos, e a casa muito cheia, eu saía para a varanda da frente com um livro e lia até ficar escuro o suficiente para ir até o Ray's.

Certa noite, estava profundamente entretida com um livro sobre o budismo quando vi um Mercedes verde descendo a nossa rua. Ele desacelerou ao se aproximar de nossa caixa de correio e em seguida parou completamente no meio-fio. Depois de um momento, uma garota loira muito bonita com *jeans* de cintura baixa, blusinha vermelha e sandálias de plataforma saiu dele, com um pacote na mão. Ela olhou para a casa, depois para baixo, depois novamente para a casa antes de começar a andar pelo caminho. Ela estava quase na escada da frente quando me viu.

– Oi! – ela gritou, totalmente simpática, o que era alarmante. Mal tive tempo de responder até que ela se dirigiu a mim, com um grande sorriso no rosto. – Você deve ser a Auden.

– Sim – respondi lentamente.

– Sou a Tara! – É óbvio que aquele nome deveria ser familiar para mim. Quando ficou óbvio que não era, ela acrescentou – A namorada do Hollis...?

“Ai, meu Deus”, pensei, mas falei em voz alta:

– É mesmo. Claro!

– É tão bom te ver – ela disse, aproximando-se e me envolvendo com os braços. Ela cheirava a gardêneas e lençol lavado. – Hollis sabia que eu estaria passando por aqui a caminho de casa e me pediu para trazer isso. Diretamente da Grécia!

Ela me entregou o pacote embrulhado em papel pardo simples, meu nome e endereço escritos na frente com a letra do meu irmão, inclinada e desleixada. Houve um momento estranho, em que percebi que ela esperava que eu abrisse o pacote, e foi o que eu fiz. Era um pequeno porta-retratos, salpicado com pedras coloridas: ao longo da base foram gravadas as palavras O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS. Dentro, havia uma foto de Hollis em pé diante do Taj Mahal. Ele exibia um daqueles sorrisos preguiçosos, e estava de shorts cáqui, camiseta e tinha uma mochila nos ombros.

– É incrível, não é? – Tara disse. – Fizemos isso numa feira de bugigangas em Atenas.

Como eu não podia dizer o que realmente sentia, que era “você deve ser um puta narcisista para dar sua própria imagem como presente”, eu simplesmente falei:

– É lindo!

– Sabia que você ia gostar! – Ela bateu palmas. – Eu disse para ele, todo mundo precisa de porta-retratos. Eles deixam uma lembrança ainda mais incrível, não é?

Olhei para a foto novamente, as pedras bonitas, a expressão relaxada do meu irmão. O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS, certamente.

– Sim – respondi. – Totalmente.

Tara lançou para mim outro sorriso de zilhões de watts e, em seguida, olhou além de mim, pela janela.

– Então, sua mãe está por aí? Gostaria muito de conhecê-la. Hollis ama a sua mãe de paixão, fala dela o tempo todo.

– A recíproca é verdadeira – respondi.

Ela olhou para mim e sorriu.

– Ela está na cozinha. Cabelos pretos compridos, de vestido verde. Vai achá-la fácil fácil.

– Ótimo! – Antes que eu pudesse evitar, ela estava me abraçando de novo. – Muito obrigada.

Eu balancei a cabeça. Esta confiança foi a tônica de todas as namoradas do meu irmão, pelo menos enquanto elas ainda se consideravam assim. Só depois, quando os e-mails e as ligações cessavam, quando ele aparentemente desaparecia da face da Terra, é que víamos o outro lado: os olhos vermelhos, os recados chorosos em nossa secretária eletrônica, as ocasionais demonstrações de raiva na rua do lado de fora de nossa casa. Tara não parecia ser do tipo que passaria com o carro, raivosa. Mas nunca se sabe.

Até as onze, os admiradores da minha mãe ainda estavam por lá, as vozes altas como sempre. Sentei-me no meu quarto, verificando calmamente a minha página no Ume.com (nenhum recado, não que eu esperasse algum) e o e-mail (apenas um do meu pai, perguntando como eu estava). Pensei em telefonar para um dos meus amigos, para ver se estava rolando alguma coisa, mas depois de me lembrar da estranheza das minhas últimas saídas com eles, decidi me sentar na cama. O porta-retratos de Hollis estava sobre o criado-mudo, e eu o peguei, olhei para as contas azuis tão bregas. O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS. Algo nessas palavras e no seu rosto de sorriso fácil me fez lembrar a conversa dos meus antigos amigos enquanto eles trocavam histórias sobre o ano escolar. Não era a respeito de aulas, ou das médias, mas de outras coisas, coisas que eram tão estranhas para mim como o próprio Taj Mahal, fofoca e os garotos e sobre se decepcionar com alguém. Eles provavelmente tinham um milhão de fotos que pertenciam a este porta-retratos, mas eu não tinha sequer uma.

Olhei para meu irmão novamente, de mochila no ombro. As viagens certamente fornecem algum tipo de oportunidade, além de uma mudança de cenário. Talvez eu não pudesse voar para a Grécia ou Índia. Mas eu ainda podia ir a algum lugar.

Fui até o meu laptop, abri a minha conta de e-mail, depois procurei a mensagem de meu pai. Sem me deixar levar pelo

pensamento, digitei uma resposta rápida, além de uma pergunta. Dentro de meia hora, ele me respondeu.

*Com certeza você deve vir! Fique quanto tempo quiser.
Nós adoraríamos a sua companhia!*

E foi assim que o meu verão mudou.



Na manhã seguinte, enchi meu carro com uma maleta de roupas, meu laptop e uma mala grande de livros. No início do verão, tinha encontrado o programa de alguns cursos que eu faria na Defriese no outono e tinha caçado alguns textos na livraria Universitária, pensando que não faria mal me familiarizar com o material. Não era exatamente igual à bagagem de Hollis, mas parecia que não haveria muito que fazer por lá além de ir à praia e sair com a Heidi, e nenhuma dessas coisas era muito legal.

Tinha pensado em me despedir da minha mãe na noite anterior, imaginando que ela estaria dormindo quando eu saísse. Mas, ao entrar na cozinha, encontrei-a tirando da mesa um monte de taças de vinho e guardanapos de papel amassados de outra – de mais uma de suas confraternizações – o olhar cansado no rosto.

– Foi até tarde? – perguntei, embora, devido aos meus hábitos noturnos, soubesse que fora. O último carro tinha saído por volta de uma e meia.

– Não muito – ela respondeu, soltando um pouco de água na pia. Ela olhou por cima do ombro para a minha bagagem empilhada na porta da garagem.

– Você vai partir cedo. Está ansiosa para se livrar de mim?

– Não. Só quero me livrar do trânsito.

Na verdade, eu não esperava que minha mãe se preocupasse se eu estava por perto no verão ou não. E talvez ela não estivesse nem aí se eu tivesse ido para qualquer outro lugar. Porém havia o fator papai na equação, e as coisas mudavam. Elas sempre mudam.

– Só posso imaginar em que tipo de situação você está prestes a se meter – ela continuou, sorrindo. – Seu pai com uma recém-nascida! Naquela idade! É hilário!

– Depois eu conto pra você.

– Conte mesmo. Vou exigir atualizações regulares.

Vi como ela colocou as mãos na água, ensaboando uma taça.

Prossegui:

– Então, o que achou da namorada de Hollis?

Minha mãe suspirou, cansada.

– O que ela estava fazendo aqui mesmo?

– Hollis a enviou com um presente para mim.

– Verdade? – ela disse, depositando algumas taças no escorredor de pratos. – O que era?

– Um porta-retratos direto da Grécia! Com uma foto do Hollis.

– Ah. – Ela desligou a água, usando as costas do pulso para tirar os cabelos do rosto. – Você lhe disse que ela deveria ter ficado com ele, já que é provavelmente a única maneira de ela vê-lo novamente?

Embora eu tivesse tido exatamente este pensamento, ao ouvir minha mãe dizer isso em voz alta, senti pena de Tara, com seu rosto aberto e amistoso, a maneira confiante com que ela caminhou para casa, tão segura de sua posição como a única garota de Hollis.

– Nunca se sabe – falei. – Talvez Hollis tenha mudado, e eles vão ficar noivos.

Minha mãe virou-se e estreitou os olhos para mim.

– Ouça, Auden – ela disse. O que eu falei sobre as pessoas mudarem? Que isso não acontece... Exatamente.

Ela se concentrou na pia de novo, lavando um prato e, enquanto isso, observei os óculos pretos de *nerd* deixados no balcão perto da porta. De repente, tudo fez sentido: as vozes que ouvi até tão tarde, ela acordada tão cedo, estranhamente ansiosa para limpar tudo da noite anterior. Pensei em endireitar os óculos para cima, para que ela me observasse, só para chamar um pouco a atenção. Em vez disso, deixei isso pra lá e nos despedimos, ela me puxou para um abraço apertado – ela sempre abraçava forte como se nunca fosse

Ihe deixar partir – depois me soltou e me liberou para o meu destino.

dois



A CASA DO MEU PAI e da Heidi era exatamente como eu esperava. Bonita, pintada de branco com venezianas verdes, tinha uma varanda ampla com algumas cadeiras de balanço, vasos de flores e um simpático abacaxi amarelo de cerâmica pendurado na porta, que dizia BEM-VINDO! Só faltava uma cerca branca de estacas.

Estacionei e vi o Volvo de papai caindo aos pedaços na garagem aberta, junto a um Prius mais novo estacionado ao lado. Assim que desliguei o motor, deu para ouvir o mar, tão alto que devia estar muito perto. E estava mesmo: quando espiei ao redor da lateral da casa, tudo que vi foi a vegetação da praia e uma ampla faixa azul que se estendia até o horizonte.

Fora a vista, eu ainda tinha minhas dúvidas. Nunca fui muito à vontade, e quanto mais eu me distanciava da casa da minha mãe, mais começava a contemplar a realidade de um verão inteiro com a Heidi. Haveria manicures em grupo para mim, ela e o bebê? Ou talvez ela insistisse que eu fosse tomar sol com ela, com camisetas esportivas retrô combinando, com os dizeres "EU AMO UNICÓRNIOS"? Mas continuei pensando em Hollis, diante do Taj Mahal, e em como eu estava tão de saco cheio em ficar completamente sozinha em casa. Além disso, eu mal vira meu pai desde que ele se casou, e isso – oito semanas inteiras, nas quais ele não estaria dando aulas, e eu não estaria na escola – parecia minha última chance de botar a conversa em dia antes de a faculdade e a vida começarem de verdade.

Respirei fundo, depois saí. Enquanto me dirigia até a varanda, prometi a mim mesma que não importa o que Heidi dissesse ou

fizesse, eu apenas sorriria e aturaria. Pelo menos até que eu pudesse chegar a qualquer aposento onde estivesse acomodada – e fechasse bem a porta.

Toquei a campainha e dei um passo para trás, forçando meu rosto a ficar com uma expressão adequada e simpática. Não houve nenhuma resposta de dentro, então toquei de novo e me inclinei mais perto, procurando ouvir o som inevitável dos saltos batendo no chão e a voz feliz de Heidi gritando: “Já vai!” Mas, de novo, nada...

Olhei para baixo, tentei a maçaneta: girou com facilidade, a porta se abriu e eu enfiei a cabeça para dentro.

– Oi? – gritei, a minha voz ressoava por um corredor próximo vazio, pintado de amarelo e pontilhado com pôsteres. – Tem alguém aí?

Silêncio. Entrei e fechei a porta. Foi só então que eu ouvi o som do oceano novamente, apesar de estar um pouco diferente, e muito mais perto, como se estivesse na esquina. Segui-o pelo corredor. Foi ficando cada vez mais alto, e eu esperava ver uma janela aberta ou uma porta traseira. Em vez disso, me vi na sala de estar, onde o barulho era ensurdecedor, e Heidi estava sentada no sofá, segurando o bebê nos braços.

Pelo menos, *achei* que era a Heidi. Era difícil dizer com certeza, pois ela não parecia em nada com a Heidi da última vez que eu a vi. Os cabelos estavam puxados para cima de qualquer jeito em um rabo de cavalo torto com algumas mechas grudadas no rosto, e ela usava calça de moletom surrado e uma enorme camiseta tamanho único com uma mancha úmida em um dos ombros. Os olhos estavam fechados, a cabeça inclinada ligeiramente para trás. Na verdade, pensei que ela estivesse dormindo até que, sem ao menos mover os lábios, ela sussurrou:

– Se você acordá-la, eu te mato.

Gelei, assustada. Então dei um passo para trás, com cuidado.

– Desculpe – eu disse. – Eu só...

Seus olhos se abriram, e ela sacudiu a cabeça; os olhos se apertaram em duas fendas estreitas. Quando ela me viu, porém, sua expressão mudou para surpresa. E então, do nada, ela começou a chorar.

– Ai, meu Deus, Auden – ela disse, com a voz tensa. – Me desculpe, sinto muito. Esqueci que você vinha... então pensei... mas isso não é desculpa...

Ela se acalmou, os ombros ainda sacudindo enquanto, em seus braços, o bebê – ela era minúscula, tão pequena que parecia muito delicada até mesmo para existir – dormia, completamente alheia a tudo.

Em pânico, olhei ao redor do aposento, imaginando onde meu pai estaria. Foi só então que percebi que o som incrivelmente alto do mar que eu estava ouvindo não vinha de fora, mas sim de um pequeno gravador branco deixado sobre a mesa do café. Quem escuta um mar falso quando o verdadeiro está ao alcance do ouvido? Foi uma das muitas coisas que, naquele momento, não fez absolutamente nenhum sentido.

– Hum – comecei, enquanto Heidi continuava a chorar, os soluços pontuados por um espirro ocasional alto, assim como as ondas falsas batendo – o que eu posso... você precisa de alguma ajuda, ou algo assim?

Ela inspirou profundamente, com a respiração instável, e depois olhou para mim. Estava com olheiras; havia uma erupção vermelha de espinha em seu queixo.

– Não – ela disse, enquanto lágrimas frescas lhe encheram os olhos. – Estou bem. É só que... Estou bem.

Isso parecia altamente improvável mesmo para os meus olhos destreinados. Não que eu tivesse tempo para rebater isso. Então meu pai entrou, carregando uma bandeja com cafés e um pequeno saco de papel pardo. Ele vestia o traje cáqui típico amarrotado, com um botão aberto, os óculos meio tortos em seu rosto. Quando lecionava, ele adicionava a gravata de sempre e um paletó esporte de *tweed*. Seus tênis, porém, eram uma constante, não importava o que ele vestia.

– E aí! – ele disse ao me ver, e se aproximou para me dar um abraço. Enquanto me puxava para perto, olhei para Heidi por cima do ombro dele, e ela mordiscava os lábios, olhando o mar pela janela. – Como foi a viagem?

– Bem... – eu disse lentamente, enquanto ele se afastava, tirando um café da bandeja e oferecendo-o para mim. Peguei-o. Em seguida, vi como ele se serviu de um antes de colocar o último sobre a mesa diante de Heidi, que apenas olhou para ele como se não soubesse do que se tratava.

– Já conheceu sua irmã?

– Ah, não – respondi. – Ainda não.

– Bem... – Ele largou o saco de papel. Em seguida, foi até a Heidi, que se retesou, mas ele não pareceu notar, e tomou o bebê de seus braços. – Veja só. Esta é Thisbe.

Olhei para o rosto dela, tão pequena e delicada que nem parecia real. Seus olhos estavam fechados, e ela tinha pequenos cílios espetados. Uma de suas mãos saía do cobertor, e os dedos eram muito pequenos, ligeiramente curvados e fechados.

– Ela é linda – falei, porque é isso que se diz.

– Não é? – Meu pai sorriu, embalando-a ligeiramente em seus braços, e os olhos dela se abriram. Ela olhou para nós, piscou e, em seguida, assim como a mãe, de repente desatou a chorar. – Oops – ele falou, sacudindo-a um pouco. Thisbe chorou um pouco mais alto. – Querida? – meu pai disse, voltando-se para Heidi, que ainda estava sentada no mesmo lugar e posição, os braços agora soltos dos lados. – Acho que ela está com fome.

Heidi engoliu em seco, depois se virou para ele sem dizer nada. Quando meu pai entregou Thisbe, ela se virou de volta para a janela, de modo quase robótico, enquanto o choro ficava mais alto, depois mais alto ainda.

– Vamos lá fora – meu pai sugeriu, pegando o saco de papel da ponta da mesa, e fez um sinal para eu segui-lo enquanto ele andava na direção das portas de vidro deslizantes, abriu e me levou para fora até o deque. Normalmente, a vista teria me deixado momentaneamente sem fala – a casa dava diretamente para a praia, por meio de uma passarela que conduzia para a areia – mas eu me vi olhando para trás, para Heidi, apenas a fim de perceber que ela tinha desaparecido, deixando o café intocado sobre a mesa.

– Ela está bem? – quis saber.

Ele abriu o saco de papel, tirou um *muffin* e o ofereceu para mim. Recusei com a cabeça.

– Ela está cansada – ele falou, dando uma mordida, e algumas migalhas caíram sobre a camisa. Ele bateu nela com uma mão, depois continuou comendo. – O bebê fica acordado bastante tempo à noite, você sabe, e eu não sou muito bom para ajudar porque tenho esse problema e preciso ter as minhas nove horas de sono ou mais. Eu insisti que ela deveria ter alguma ajuda, mas ela não quer.

– Por que não?

– Você conhece a Heidi – ele prosseguiu, como se isso fosse verdade.

– Ela tem de fazer tudo sozinha e com perfeição. Mas não se preocupe, ela vai ficar bem. Os primeiros meses são um pouco difíceis. Eu me lembro do Hollis, sua mãe estava quase ficando louca. Claro, ele tinha cólicas incríveis. Nós costumávamos andar com ele a noite toda, e ele ainda berrava. E o apetite dele! Meu Deus. Ele sugava a sua mãe, deixava-a seca e ainda continuava faminto...

Ele continuou falando, mas eu já tinha ouvido aquela ladainha antes, sabia todas as palavras, então apenas continuei bebendo meu café. Olhando para a esquerda, pude ver algumas outras casas, e então o que parecia ser algum tipo de calçadão com lojinhas ao lado, além de uma praia pública, já lotada de guarda-sóis e banhistas.

– De qualquer forma – meu pai disse, enquanto amassava a embalagem do *muffin*, jogando-a de volta no saco – tenho de voltar ao trabalho, então vou te mostrar o seu quarto. A gente põe as notícias em dia no jantar, mais tarde. Tudo bem assim?

– Claro – respondi. Quando voltamos para dentro, onde o aparelho de som ainda estava a toda, meu pai balançou a cabeça; em seguida, estendeu a mão, desligando-o com um clique: o silêncio repentino foi chocante. – Então você está escrevendo?

– Ah, sim. Estou totalmente envolvido, com certeza, vou terminar o livro em breve. É apenas uma questão de me organizar, na verdade, e completar os últimos trechinhos das páginas.

Voltamos para a entrada e depois subimos a escada. Enquanto caminhávamos pelo corredor, passamos por uma porta aberta, pela qual deu para ver uma parede rosa com uma faixa de bolinhas marrons. Dentro, fazia silêncio, não havia choro, pelo menos não que eu pudesse ouvir.

Meu pai abriu a porta seguinte, depois me acenou com uma das mãos.

– Desculpe pelos quartos pequenos – ele acrescentou, enquanto eu estava na entrada. – Mas você tem a melhor vista da casa.

Não era brincadeira. Se o quarto era pequeno, com duas camas, uma mesa e sem muito espaço para mais nada, a única janela dava para uma área bem vazia, nada além da vegetação, areia e água.

– Isso é fantástico – falei.

– Não é? Originalmente era o meu escritório. Mas depois tivemos de colocar o quarto do bebê do lado do nosso, então me mudei para o outro lado da casa. Não queria acordá-la, sabe, com os ruídos do meu processo criativo. – Ele riu, como se fosse uma piada que eu devesse entender. – Por falar nisso, é melhor eu voltar a ele. As manhãs têm sido muito produtivas para mim ultimamente. Volto a conversar com você na hora do jantar, tudo bem?

– Oh – eu disse, olhando para o relógio. Eram onze e cinco. – Claro.

– Ótimo! – Ele apertou meu braço, depois começou a descer o corredor, cantarolando para si mesmo, enquanto eu o via sair. Um instante depois, ele passou pela porta do quarto rosa e marrom, e eu ouvi o clique da porta batendo.



Acordei às seis e meia da tarde daquele dia ao som de um bebê chorando.

Chorando, na verdade, era um modo suave de dizer. Thisbe estava *berrando*. Com certeza seus pulmões se exercitavam de forma séria. Embora fosse meramente audível em meu quarto, com apenas uma parede fina entre nós, quando saí no corredor em busca de um banheiro para escovar os dentes, o barulho era ensurdecador.

Fiquei parada por um segundo na escuridão, do lado de fora da porta do quarto cor-de-rosa, ouvindo os berros enquanto eles aumentavam, aumentavam, aumentavam, e depois caíam drasticamente, apenas para disparar de novo, mais alto ainda. Fiquei me perguntando se eu era a única consciente deles, até que, durante um momento raro e breve de silêncio, ouvi alguém dizendo: “calma, calma”, antes de ser rapidamente abafado de novo.

Havia algo muito familiar nisso tudo; foi como um solavanco no meu subconsciente. Quando meus pais começaram a brigar à noite, isso tinha sido parte do que eu repetia para mim, várias vezes – *calma, calma, está tudo bem* –, enquanto eu tentava ignorá-los para cair no sono. No entanto, ouvir isso agora foi uma sensação estranha, como se eu estivesse acostumada ao som da minha privacidade apenas na minha cabeça e no escuro ao meu redor, então segui em frente.

– Pai?

Meu pai, sentado diante de seu *laptop* em uma mesa de frente para a parede, não se moveu ao dizer:

– Hã?

Olhei para trás pelo corredor até a sala cor-de-rosa, depois para ele novamente. Ele não estava escrevendo; apenas estudava a tela, um bloco amarelo com alguns rabiscos na mesa ao lado dele. Eu me perguntei se ele tinha estado lá o tempo todo em que eu estivera dormindo, mais de sete horas.

– Será que eu preciso fazer alguma coisa, tipo o jantar ou algo assim? – quis saber.

– A Heidi não está preparando nada? – ele perguntou, ainda de frente para a tela.

– Acho que ela está com o bebê.

– Ah. – Então ele virou a cabeça, olhando para mim. – Bem, se estiver com fome, há uma hamburgueria fantástica a apenas um quarteirão daqui. A fama da cebola empanada vai longe.

Sorri.

– Parece ótimo. Será que é bom eu ver se a Heidi quer alguma coisa?

– Claro. E me traz um cheeseburger e esses anéis de cebola empanada. – Ele enfiou a mão no bolso de trás, tirou algumas notas e entregou para mim. – Muito obrigado, Auden. Obrigado mesmo.

Peguei as notas, me sentindo uma idiota. É claro que ele não podia ir comigo; ele tinha um bebê novo em casa, uma esposa para cuidar.

– Tudo bem – falei, embora ele já estivesse com o olho na tela, na verdade nem escutando mais. – Já volto.

Andei até a sala cor-de-rosa, onde Thisbe ainda estava a todo vapor. Calculei que, pelo menos desta vez, eu não tinha de me preocupar em acordá-la, por isso bati duas vezes. Depois de um segundo, a porta se abriu um pouquinho, e Heidi olhou para mim. Ela parecia mais pálida que antes, se é que isso fosse possível: o rabo de cavalo já era, os cabelos agora estavam soltos sobre seu rosto.

– Oi – falei, ou melhor, gritei, tentando me fazer ouvir. – Vou buscar o jantar. – O que você quer?

– Jantar? – ela repetiu, a voz dela também alta. Fiz que sim com a cabeça. – Já é hora do jantar?

– São quase quinze para as sete – disse, olhando para o meu relógio, como se precisasse confirmar.

– Ai, meu Deus. – Ela fechou os olhos. – Eu ia fazer um belo jantar de boas-vindas para você. Estava tudo planejado: frango, legumes e tudo mais. Mas o bebê está tão agitado e...

– Tudo bem! – respondi. – Vou buscar hambúrgueres. Papai disse que há um lugar ótimo lá embaixo.

– Seu pai está aqui? – ela perguntou, mudando a Thisbe de braço e olhando por cima do meu ombro, no corredor. – Achei que ele tinha ido para o *campus*.

– Ele está trabalhando no escritório. – Ela se aproximou, inclinando-se, claramente sem ter me ouvido. – Ele está escrevendo – repeti, mais alto. – Então, estou saindo. O que você quer?

Heidi ficou parada, olhando no corredor para a luz que saía da porta entreaberta do escritório do meu pai e o bebê gritava entre nós. Ela começou a falar, mas depois se conteve, respirando profundamente.

– Qualquer coisa que vocês forem comer está ótimo – ela falou, após um momento. – Obrigada.

Assenti com a cabeça; depois me afastei enquanto ela fechava a porta. A última coisa que vi foi a cara vermelha do bebê ainda uivando.

Felizmente, fora de casa estava muito mais silencioso. Dava para ouvir apenas o mar e vários sons dos vizinhos: crianças gritando, um ocasional rádio de carro, a televisão de alguém com o som alto vindo de alguma porta dos fundos – enquanto eu caminhava pela rua onde a área residencial do bairro acabava, e a comercial começava.

Havia um calçadão estreito, ladeado de lojas diferentes: uma que fazia vitaminas, uma dessas com aglomerações de porcarias de praia que vendem toalhas baratas e relógios feitos de conchas, uma pizzaria. Quase na metade do caminho, passei por uma pequena boutique chamada Clementine's, que tinha um toldo laranja chamativo. Grudado na porta da frente estava um pedaço de papel onde se lia, em letras maiúsculas enormes: É MENINA! THISBE CAROLINE WEST, NASCIDA NO DIA 1.º DE JUNHO, com 3,145 kg. *Então, esta era a loja de Heidi* – pensei. Havia prateleiras de camisetas e *jeans*, uma seção de maquiagem e loções para o corpo, e uma garota de cabelos escuros com um vestido cor-de-rosa examinando as unhas atrás do caixa, com um celular preso ao ouvido.

Mais à frente, deu para ver o que era o tal lugar do hambúrguer de que meu pai falara – LAST CHANCE CAFÉ, A MELHOR CEBOLA EMPANADA DA PRAIA! – dizia o sinal. Pouco antes, havia uma última loja, de bicicletas. Um bando de carinhas mais ou menos da minha idade estava reunido em um banco de madeira capenga, do lado de fora, jogando conversa fora e vendo as pessoas passarem.

– O lance é que o nome tem que ter pegada – dizia um deles, atarracado, usando *shorts* esportivos e uma carteira com corrente. – Energia, sabe?

– É mais importante que ser inteligente – o outro falou, este era mais alto e mais magro, com um olhar menos esperto. – É por isso que você deve ficar com a minha escolha, Sem Travas. É perfeito.

- Parece mais um livro de autoajuda e não uma loja de bicicletas
- o baixinho respondeu.
- As bicicletas têm travas – o amigo enfatizou.
- E os tênis não têm travas.
- As minas também têm travas – o rapaz magrinho comentou.
- Você quer chamá-la de Minas sem Travas agora?
- Não – o amigo respondeu, enquanto os outros dois riam. – Eu só estou insistindo que o contexto não precisa ser exclusivo.
- Quem se preocupa com o contexto? – o baixinho suspirou. – O que precisamos é de um nome que ressalte e venda o produto. Como, digamos, Bicicletas Zoom. Ou Bikes Faixa Vermelha.
- O que a faixa vermelha tem a ver com bicicletas? – outro rapaz, que estava de costas para mim, perguntou. – É idiota.
- Não é – o cara com a carteira murmurou. – Além disso, você nem deu nenhum palpite.

Eu me afastei da Clementine's e comecei a andar de novo. No mesmo momento, de repente, o terceiro cara virou-se, e nossos olhos se encontraram. Ele tinha cabelos escuros, cortados rente, a pele incrivelmente bronzeada e um sorriso aberto e confiante, que agora ele lançava em mim.

– Vejam só... – ele falou lentamente, com o olhar ainda conectado no meu. – Acabei de ver a garota mais sensual de Colby passando por aqui.

– Ai, meu Deus – o mais idiota disse, abanando a cabeça, enquanto os outros riam alto. – Você é ridículo.

Senti o rosto pegar fogo enquanto o ignorava, e continuei andando. Podia sentir que ele olhava para mim, ainda sorrindo, enquanto me distanciava cada vez mais.

– Só estou repetindo o óbvio – ele gritou, como se eu estivesse fora do alcance de sua voz. – Você podia agradecer, né?

Mas eu não agradei. Não disse nada, só porque não tinha ideia de como responder a essa cantada. Se a minha experiência com amigos era pouca, o que eu sabia sobre os garotos – além dos concorrentes por notas ou por colocação na classe – era um zero à esquerda.

Não que eu não houvesse tido uns lances. Na época da Jackson, tinha um carinho na minha aula de ciências totalmente perdido nas equações que fazia as minhas mãos suarem sempre que ficávamos em pares nas experiências. Certo dia, na Perkins, eu flertei com Nate Cross, que se sentou ao meu lado na aula de cálculo de forma desajeitada, mas todo mundo era apaixonado por Nate, de modo que isso não fez de mim ninguém especial. Foi só em Kiffney-Brown, quando conheci Jason Talbot, que realmente pensei que eu poderia viver uma dessas histórias de namorado para contar da próxima vez em que me reunisse com os velhos amigos. Jason era inteligente, bonito, sério e estava de “ressaca” após sua namorada da Jackson o trocar por outro, que em suas palavras, era um soldador, delinquente juvenil, com tatuagem. Por causa do tamanho minúsculo da Kiffney-Brown, passamos um bom tempo juntos, disputando as aulas de práticas de debate e, quando ele me convidou para ir ao baile de formatura, fiquei mais animada do que jamais poderia admitir. Até que ele recuou, citando a “ótima oportunidade” da conferência de ecologia.

– Sabia que você ia aceitar tudo numa boa – ele disse para mim, enquanto eu assentia, silenciosamente, ao ouvir a notícia. – Você sabe mesmo o que é realmente importante.

Tudo bem, não que ele estivesse me chamando de bonita. Mas era um elogio, à sua própria maneira.

O café Last Chance estava lotado, com uma fila de pessoas aguardando a vez de serem acomodadas e dois cozinheiros que podiam ser vistos de uma pequena janela da cozinha, que corriam preparando os pratos enquanto os pedidos se empilhavam no espeto diante deles. Passei o pedido para uma garota bonita de cabelos escuros, com um *piercing* nos lábios, depois me sentei perto da janela para aguardá-lo. Olhando para baixo no calçadão, dava para ver os caras ainda agrupados ao redor do banco: aquele que tinha se dirigido a mim agora estava sentado, os braços esticados atrás da cabeça, e ria com o amigo baixo e atarracado, que andava de bicicleta para trás e para frente diante dele, dando pequenos saltos aqui e ali.

Levou algum tempo para a comida ficar pronta, mas logo percebi que meu pai estava certo. Valeu a pena esperar. Eu estava curtindo a cebola empanada antes mesmo de sair pela porta até o calçadão, que agora estava lotado de famílias tomando sorvete de casquinha, casais namorando e toneladas de criancinhas correndo pela areia. À distância, havia um pôr do sol maravilhoso com todos os tons de laranja e rosa, e eu fixei meus olhos nele enquanto andava, sem sequer olhar para a loja da bicicleta até estar quase na frente. O carinha ainda estava lá, mas agora ele conversava com uma garota alta ruiva, que usava óculos de sol enormes.

– Ei – ele gritou para mim – se você está procurando algo para fazer hoje à noite, há uma fogueira no Tip. Vou guardar um lugar para você.

Olhei para ele. A ruiva me olhou com desdém, com ar irritado, então eu não disse nada.

– Ah, ela é uma destruidora de corações! – ele falou e depois riu. Continuei andando, agora sentindo o olhar entediado da ruiva em algum lugar entre minhas omoplatas. – Lembre-se disso. Quero ver você por lá.

De volta à casa, procurei três pratos e alguns talheres. Depois pus a mesa e tirei a comida da embalagem. Eu estava remexendo os pacotes de ketchup em uma pilha quando o meu pai desceu as escadas.

– Bem que eu senti o cheiro de cebola empanada – ele falou, esfregando as mãos. – Parece ótimo.

– A Heidi vai descer? – perguntei, deslizando seu hambúrguer em um prato.

– Não sei... – ele respondeu, servindo-se de um anel de cebola. De boca cheia, acrescentou – A Thisbe está tendo uma noite difícil. Ela provavelmente quer fazê-la dormir primeiro.

Olhei para cima das escadas, perguntando se era possível que Thisbe ainda estivesse chorando, já que fazia pelo menos uma hora que eu tinha saído.

– Talvez eu deva... só perguntar se ela quer que eu leve alguma coisa para ela.

– Claro, ótimo! – ele disse, puxando uma cadeira e se sentando. Fiquei lá por um segundo, vendo como ele comia outra cebola, puxando um jornal que estava próximo com a mão livre. Eu queria jantar com o meu pai, com certeza, mas me senti meio mal com as coisas daquele jeito.

Thisbe *ainda* chorava: deu para ouvi-la assim que cheguei ao topo das escadas, com o jantar de Heidi em um prato na mão. Quando cheguei ao quarto cor-de-rosa, a porta estava entreaberta, e dentro pude vê-la sentada em uma cadeira de balanço, de olhos fechados, movendo-se para trás e para frente, para trás e para frente. Fiquei constrangida em incomodá-la, mas ela deve ter sentido o cheiro da comida, pois ela abriu os olhos um segundo mais tarde.

– Achei que você poderia estar com fome – gritei. – Você... acha que devo deixar isso com você?

Ela piscou para mim, depois olhou para Thisbe, que ainda uivava.

– Deixe aí, por favor – ela respondeu, apontando com a cabeça para uma mesa branca ao lado. – Daqui a pouco vou comer.

Andei, passando do lado de uma girafa de pelúcia e um livro chamado *SEU BEBÊ: O BÁSICO*, que estava aberto numa página com o título piegas: INQUIETAÇÃO: O QUE A PROVOCA E O QUE VOCÊ PODE FAZER. Ou ela não tinha tido tempo de ler, ou o livro não sabia de nada, pensei, conforme eu ajeitava o prato.

– Obrigada – Heidi murmurou. Ela ainda continuava a balançar, o movimento quase hipnótico, embora claramente não para Thisbe que continuava a chorar no volume máximo. – Eu só... não sei o que estou fazendo de errado. Ela está alimentada, foi trocada, a estou segurando, e é como se... ela me odiasse ou algo assim.

– Provavelmente ela apenas está com cólicas – respondi.

– Mas o que isso significa exatamente? – Ela engoliu a seco, tensa, então olhou novamente para o rosto da filha. – Simplesmente não faz sentido, e eu estou fazendo tudo que posso...

Ela parou de falar, a voz foi ficando tensa, e eu pensei no meu pai lá embaixo, comendo a cebola empanada e lendo o jornal. Por que *e/le* não estava aqui? Eu não sabia nada sobre bebês também. Enquanto eu pensava isso, porém, Heidi olhou para mim novamente.

– Ai, meu Deus, Auden, me desculpe. – Ela balançou a cabeça. – Tenho certeza de que esta é a última coisa que você quer saber. Você é jovem, deveria estar se divertindo! – Ela fungou, chegou a esfregar os olhos com uma mão. – Sabe, tem um lugar chamado Tip, nesta mesma rua, lá embaixo. Todas as garotas da minha loja vão para lá à noite. Você deveria dar uma olhada. Deve ser melhor que isso, certo?

“Verdade”, pensei, mas me pareceu rude dizer realmente isso.

– Talvez eu vá.

Ela assentiu com a cabeça, como se tivéssemos feito um acordo, e depois olhei para trás, para Thisbe.

– Obrigada pela comida. Eu realmente adorei o seu gesto.

– Tudo bem – falei para ela.

Mas ela ainda olhava para o bebê, com o rosto exausto, por isso, tomei aquilo como uma despedida e saí, fechando a porta.

Lá embaixo, meu pai estava terminando o jantar e folheava a seção de esportes. Quando me acomodei em uma cadeira diante dele, ele olhou para mim e sorriu.

– Então, como ela está? O bebê está dormindo?

– Na verdade não – eu lhe disse, desembrulhando o meu hambúrguer. – Ela ainda está gritando.

– Caramba! – ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. – É melhor eu dar uma olhada.

“Finalmente,” pensei, enquanto ele desaparecia escada acima. Peguei o hambúrguer e dei uma mordida: estava frio, mas ainda estava bom. Eu mal estava no meio quando ele reapareceu, caminhou até a geladeira e pegou uma cerveja. Eu estava ali sentada, mastigando, quando ele abriu a tampa, deu um gole e olhou para a água.

– Tudo bem por lá?

– Ah, com certeza – ele falou, de forma relaxada, passando a garrafa para a outra mão. – Ela só está com cólica, como o Hollis. Não há muito que fazer, exceto esperar.

A verdade é que eu amava meu pai. Ele pode ter sido um pouco temperamental, e definitivamente mais do que um pouco egoísta, mas ele sempre foi bom para mim e eu o admirava. Neste preciso

momento, no entanto, eu poderia ver porque alguém poderia não gostar dele tanto assim.

– Será que Heidi... a mãe dela não vem para ajudar, ou algo assim?

– A mãe dela morreu alguns anos atrás – ele respondeu, tomando mais um gole da cerveja. – Ela tem um irmão, mas ele é mais velho, mora em Cincinnati com seus próprios filhos.

– Que tal uma babá, sei lá?

Agora ele olhou para mim.

– Ela não quer ajuda. Já te disse, ela quer fazer isso sozinha.

Tive um lampejo da imagem de Heidi esticando o pescoço, olhando para o escritório do meu pai, o olhar agradecido em seu rosto quando levei seu jantar.

– Talvez – repliquei – você devesse, sabe... insistir no assunto. Ela parece muito cansada.

Ele só me encarou por um momento, com o rosto sem expressão.

– Auden – ele disse finalmente – não precisa se preocupar com isso, certo? A Heidi e eu vamos resolver.

Em outras palavras, afaste-se. E ele estava certo. Esta era a casa dele, eu era uma convidada. Era presunçoso aparecer e simplesmente achar que eu sabia de tudo, com base em apenas algumas horas.

– Certo – respondi, fazendo uma bola com o meu guardanapo. – Claro que sim.

– Tudo bem – ele respondeu, com a voz relaxada novamente. – Então... Vou subir e voltar ao trabalho. Gostaria de terminar este capítulo hoje. Você fica sozinha numa boa?

Não era nem mesmo uma pergunta, apenas estava estruturada para parecer uma pergunta. Engraçado como a entoação é tão poderosa, até transforma algo num conceito tão central.

– Tudo bem! – respondi. – Siga em frente. Vou ficar bem.

três



NO ENTANTO, eu não estava bem. Estava de saco cheio, e a Thisbe ainda gritava. Tirei as roupas da mala, tentei desvendar meu futuro no livro didático de Economia 101 e limpei todas as mensagens do meu celular. Tudo isso levou cerca de quarenta minutos. Nesse ponto, com o bebê ainda chorando – ainda *berrando!* – finalmente peguei uma jaqueta, puxei o cabelo para trás e saí para uma caminhada.

No início, eu não estava planejando ir até o Tip, seja lá o que fosse ou onde estivesse. Só queria um pouco de ar, dar um tempo do barulho e ter a chance de processar tudo o que tinha acontecido mais cedo entre mim e meu pai. Mas depois de caminhar na direção oposta do calçadão por cerca de um quarteirão, a calçada terminou em um beco sem saída, com um monte de carros estacionados lotando a orla. O caminho era visível de um lado, e dava para ver a luz ao longe. Pensei que provavelmente era um erro, mas depois me lembrei de Hollis no porta-retratos e decidi seguir adiante.

O caminho cortava um pouco da mata da praia e passava por algumas dunas; em seguida, abria-se numa ampla faixa de areia. Pela aparência, lá já tinha sido praia, até que a erosão ou uma tempestade – ou ambas – criou uma espécie de península onde agora várias pessoas estavam reunidas; algumas sentadas em troncos que se amontoavam em bancos improvisados, outras em pé ao redor de um buraco de fogueira de onde saía uma bela chama, de bom tamanho. Um caminhão enorme estava estacionado em um dos lados, um barril repousava lá, e eu reconheci o rapaz alto e magro da loja de bicicletas, sentado ao lado dele. Quando me viu,

ele pareceu surpreso, depois, olhou para a fogueira. Com certeza, o cara que tinha falado comigo estava lá, de blusão vermelho, segurando um copo de plástico. Ele conversava com duas meninas – a ruiva de antes, e uma garota de cabelo curto preto, preso em maria-chiquinhas – e gesticulava bastante com a mão livre.

– Cuidado, à direita! – ouvi alguém gritar atrás de mim, e depois um som sibilante. Virei-me só para ver o cara baixo e atarracado que eu tinha visto antes vindo rapidamente na minha direção em uma bicicleta, pedalando loucamente. Pulei para fora do caminho assim que ele passou voando, dando a volta na duna e batendo na areia mais plana da praia. Ainda estava tentando recuperar o fôlego quando ouvi o barulho de pedais e duas outras bicicletas surgiram da escuridão pelo caminho, os ciclistas – um cara loiro e uma garota de *shorts*, de cabelo preso – rindo e conversando quando passaram disparando por lá. “Meu Deus”, pensei, recuando novamente, só para me ver batendo de frente com alguma coisa. Ou alguém.

Quando virei, me vi diante de um rapaz alto, de cabelos escuros compridos puxados para trás no pescoço, usando um blusão com capuz azul e *jeans* desgastados. Ele me olhou rapidamente – os olhos eram verdes e profundos – e mal pareceu registrar o meu rosto.

– Desculpe – falei, embora não tivesse sido culpa minha: foi ele que veio de trás. Mas ele apenas balançou a cabeça como se eu lhe devesse aquilo, e continuou até a praia, enfiando as mãos nos bolsos.

Nem precisava de outro sinal para me avisar que estava na hora de voltar. Porém, na hora em que eu ia fazer exatamente isso, ouvi uma voz atrás de mim.

– Viu só? Eu *sabia* que você não ia resistir!

Eu me virei e lá estava o cara do calçadão, ainda segurando o copo. A ruiva e a menina de maria-chiquinha agora estavam perto do barril, observando com ar de reprovação enquanto ele caminhava na minha direção. De repente, fiquei nervosa e não sabia o que responder, mas então tive um lampejo de minha mãe na nossa mesa da cozinha, cercada por todos os alunos de pós-graduação. Talvez

eu não soubesse o que dizer. Mas eu conhecia a minha mãe e suas técnicas de cor.

– Eu consigo resistir a você – respondi.

– Bem, claro que você pode pensar assim. Ainda nem comecei a atacar.

– Atacar? – quis saber.

Ele sorriu. Seu sorriso – brilhante, amplo, beirando o desajeitado – era a sua melhor característica, e ele tinha consciência disso. – Meu nome é Jake. Vou pegar uma cerveja para você.

“Bem...”, pensei. Não foi tão difícil assim.

– Eu mesma pego – retruquei. – Só me diga onde é.



– *Qual é a sua?*

Não sabia o que responder. Nem quando Jake perguntou isso pela primeira vez, e eu me afastei dele, envolvendo a camisa ao meu redor e tropeçando nas dunas de volta ao caminho. Nem quando voltei para a rua do meu pai, tentando sacudir a areia do cabelo. Sentia os lábios inchados e esfoliados; o fecho do meu sutiã, tirado às pressas, arranhava a pele das minhas costas enquanto eu entrava pela porta do lado e a fechava.

Fui discretamente para cima, pelo corredor escuro, contente por não ouvir nada além de meus próprios passos. Finalmente, Thisbe estava dormindo. Depois de um banho longo e quente, vesti uma calça de ioga e uma camisetinha, e me acomodei no quarto, abrindo o meu livro de economia novamente. Mas, mesmo enquanto eu tentava me concentrar nas palavras, os acontecimentos da noite voltavam à minha mente: o tom áspero do meu pai, o sorriso fácil de Jake, a nossa conexão desajeitada e apressada atrás das dunas, e como de repente tudo parecia tão estranho e errado. Não era eu. Talvez minha mãe pudesse fazer o jogo da vagabunda egoísta e distraída. Mas era o que eu estava fazendo: jogando. Até que o jogo acabou. Eu era uma menina inteligente. Por que tinha feito algo tão estúpido?

Senti as lágrimas encherem os meus olhos, as palavras tremiam na página, e apertei a palma no meu rosto, tentando detê-las. Não consegui. Em vez disso, elas pareciam contagiosas. Um instante depois, ouvi Thisbe começar de novo, seguida pelo som de alguém – Heidi, eu sabia – vindo pelo corredor, uma porta se abrindo e, em seguida, fechando de novo.

Ela prosseguiu por uma hora, muito tempo após minhas próprias lágrimas terem parado e secado. Talvez tenha sido a culpa que eu sentia por ter feito o que fiz naquela noite. Ou eu só precisava de uma distração de meus próprios problemas. Seja qual for o motivo, eu me vi saindo para o corredor, depois caminhei para a porta do quarto de Thisbe. Dessa vez, não bati. Só a abri, e Heidi, com o rosto transtornado, com sinais de suas próprias lágrimas, olhou para mim da cadeira de balanço.

– Deixe eu pegar – falei, estendendo os braços. – Descanse um pouco. – Eu tinha certeza absoluta que *Seu bebê: o básico* não dizia nada a respeito de caminhadas ao nascer do sol na beira da praia como remédio para cólica. Mas nunca se sabe.

No início, não tive certeza de que a Heidi ia me deixar levá-la. Mesmo após horas de choro e seu esgotamento evidente e presente, ela ainda hesitou. Foi só quando dei mais um passo na direção dela e acrescentei um “Vamos lá”, que ela soltou um suspiro enorme, e a próxima coisa que senti foi minha irmã em meus braços.

Ela era tão, tão pequenina, e se contorcia, o que a fazia parecer mais frágil ainda, embora com todos aqueles berros, com certeza, havia alguma força nela em algum lugar. Senti sua pele quente contra a minha e a umidade na base do pescoço, o cabelo molhado. “Coitadinha”, pensei, surpreendendo-me.

– Não sei o que ela precisa – Heidi observou, atirando-se de volta na cadeira de balanço, que bateu contra a parede. – Eu não... Eu não aguento... não aguento mais ouvi-la chorar.

– Vá dormir.

– Não sei – ela murmurou. – Talvez eu devesse...

– Vá – insisti, e embora não quisesse que a minha voz soasse tão ríspida, funcionou. Ela saiu da cadeira, passou fungando por mim até

o corredor e depois até o quarto dela – o que me deixou sozinha com Thisbe, que ainda gritava.

Por algum tempo, eu apenas tentei caminhar com ela: em seu quarto, depois embaixo, pela cozinha, ao redor da bancada, de volta para a sala novamente, o que a acalmou um pouco, mas não muito. Então notei o carrinho, estacionado perto da porta. Eram quase cinco horas quando eu a preendi, ainda gritando, e comecei a empurrá-la pela saída da garagem. Quando chegamos até a caixa de correio, a vinte metros de distância, ela tinha parado.

“Não acredito,” pensei, parando e olhando para ela. Passou um segundo, e então eu a vi respirar fundo e começar de novo, mais alto que antes. Rapidamente comecei a empurrá-la mais uma vez, e após algumas voltas... silêncio – de novo. Peguei o ritmo e voltei para a rua.

Na hora em que chegamos à área comercial, ela estava adormecida sob o cobertor, os olhos fechados, o rosto relaxado. Diante de nós, o calçadão estava deserto, soprava uma brisa. Eu só conseguia ouvir o mar e as rodas de carrinho fazendo barulho sob os meus pés.

Tínhamos percorrido o caminho até o café Last Chance, até que finalmente vimos outra pessoa muito longe, apenas um vulto, e alguns movimentos. Foi só quando retornamos na altura do toldo laranja da Clementine’s que percebi que era alguém em uma bicicleta. Ele estava em um ponto onde o calçadão dava para a praia e observei, firmando os olhos, quando ele ergueu a roda da frente, pulando a poucos metros, e depois caiu de volta para baixo, girando o guidão. Em seguida, pedalou para trás, ziguezagueando, antes de acelerar para frente; de repente, subiu num banco próximo, depois desceu novamente. Os movimentos eram fluidos, quase hipnóticos: pensei em Heidi, na cadeira de balanço, e na Thisbe, dormindo no carrinho, o poder sutil e reconfortante do movimento. Estava tão distraída olhando para a pessoa na bicicleta, que só quando cheguei bem no ponto que reconheci o capuz azul e os cabelos escuros puxados para trás no pescoço. Era o mesmo cara com quem eu tinha me encontrado no caminho, horas antes.

Dessa vez, porém, eu o peguei de surpresa – foi óbvio pelo jeito com que ele esterçou a bicicleta, derrapando até parar de modo desajeitado quando, de repente, ele nos viu, a alguns metros de distância. Apenas pelo seu olhar, sabia que ele havia me reconhecido também, embora ele não tivesse sido muito simpático, nem tivesse dito oi. Mas até aí, eu também não tinha dito nada. Na verdade, nós só ficamos lá, olhando um para o outro. Provavelmente teria sido muito chato se Thisbe não tivesse começado a chorar de novo.

– Ai! – eu disse, rapidamente empurrando o carrinho para frente e para trás. Ela se acalmou imediatamente, mas ficou de olhos abertos, olhando para o céu em cima. O cara olhava para ela e, por alguma razão, eu me senti compelida a acrescentar: – Ela está... Foi uma longa noite.

Ele olhou para mim novamente, e seu rosto estava tão sério. Quase assombrado, apesar de eu não saber por que essa palavra veio à minha mente, não tinha a mínima ideia. Ele voltou a olhar para Thisbe, então falou:

– Não são todos iguais?

Abri a boca para dizer alguma coisa – para concordar, pelo menos – mas ele não me deu chance, pois já tinha voltado a pedalar. Sem um tchau, sem nada, apenas um giro do guidão. Depois ele se ergueu nos pedais e foi se afastando de nós. Em vez de uma linha reta, ele se movimentou para baixo do calçadão de um lado para outro, ziguezagueando lentamente pelo caminho todo até o fim.

quatro



– PARA VOCÊ.

Olhei para baixo: diante de mim, em um pratinho amarelo, estava um perfeito e gorducho *muffin* de mirtilos. Uma embalagem de manteiga estava próxima a ele, como um acessório.

– Seu pai me disse que eram os seus favoritos – Heidi falou. – Comprei as frutas hoje de manhã, na feira do produtor, e acabei de fazer.

Se ainda era óbvio que ela estava cansada, agora a minha madrastra parecia muito mais com a Heidi que eu conhecera: o cabelo puxado para trás, bem ajeitado, jeans com uma camisa limpa combinando e brilho nos lábios.

– Não precisava fazer isso. – respondi.

– Sim. – A sua voz era firme e séria. – Precisava sim.

Eram duas horas da tarde e eu tinha acabado de sair de um bom sono de sete horas para encontrá-la na cozinha, lavando uma tigela, o bebê adormecido na dobra de seu outro braço. Eu estava indo direto para a cafeteira, não muito a fim de conversa, mas antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ela me pegou de surpresa com um abraço e bolinhos.

– Por causa de você – ela disse, sentando-se numa cadeira à minha frente e deslocando um pouco o bebê – tive o meu primeiro sono ininterrupto de quatro horas desde que ela nasceu. Foi como um milagre.

– Mas não fiz grande coisa, na verdade – eu lhe disse, desejando que ela me deixasse sozinha. Toda essa animação em cima de uma pessoa parecia mero desespero para mim.

– Estou falando sério – ela prosseguiu: é claro que não percebeu a dica. – Oficialmente você é a pessoa que eu mais gosto no mundo agora.

“Ótimo”, pensei. Então desembrulhei um pouco da forminha que embalava o *muffin* e dei uma mordida em vez de responder. Ele ainda estava quente e delicioso, e me fez sentir terrivelmente ingrata por tudo que tinha sentido ao olhá-lo.

– Está uma delícia!

– Fico muito feliz! – ela respondeu, quando o telefone tocou. – Como eu disse, era o mínimo que eu poderia fazer.

Dei mais uma mordida enquanto ela se levantava, deslocando o bebê para o outro braço e pegando o aparelho do balcão.

– Alô? Oi, Maggie, que bom, eu estava pensando se o pedido tinha chegado... Espere, você está bem? – Ela estreitou os olhos. – Parece que você andou chorando. Você está chorando?

“Meu Deus”, pensei, pegando o jornal e passando os olhos pelas manchetes. “O que acontece com as mulheres desta cidade? São todas muito emotivas?”

– Tudo bem – Heidi disse lentamente. – Só que não deu para disfarçar... Não, não, claro. O quê? Bem, deve estar no escritório, naquela gaveta do lado esquerdo. Não está? Bem, deixe-me pensar... – Ela olhou em volta no cômodo, depois colocou a mão sobre a boca. A voz dela aumentou quando ela disse: – “Bem, deixe-me pensar...” – Que droga! Está aqui, estou vendo perto da porta. Meu Deus, como isso aconteceu? Não, vou levar agora mesmo. Tudo bem, eu só vou colocar a Thisbe no carrinho...

A pessoa do outro lado disse alguma coisa, a voz da mesma forma, alta e estridente. Tomei um gole do meu café, depois outro, bem quando Thisbe começou a fazer barulho também. Queria saber se as emoções eram como os ciclos menstruais quando há muitas mulheres juntas. Basta um tempo e todo mundo começa a chorar.

– Ai, querida – Heidi disse, olhando para o relógio. – Olha, eu vou ter de alimentá-la antes de sair. Diga ao cara da entrega... tem dinheiro suficiente no caixa? Bom, você pode ver? – Houve uma pausa, durante a qual Thisbe passou de resmungos para berros

totais. Heidi suspirou. – Tudo bem. Não, nós já vamos. Aguarde firme. Tudo bem. Tchau.

Ela desligou, então atravessou a sala até o fundo das escadas, balançando Thisbe suavemente enquanto se movimentava.

– Robert? – ela chamou pelas escadas. – Querido?

– Sim? – meu pai respondeu um minuto depois, com a voz abafada.

– Você acha que pode dar o leite para a Thisbe por mim? Tenho de levar o talão de cheques até a loja, rapidinho.

Ouvi passos, depois a voz de meu pai, mais alta e mais clara, dizendo:

– Você está falando comigo?

Thisbe escolheu este momento para aumentar o volume, Heidi teve de gritar enquanto dizia:

– Só estava pensando se você poderia dar uma mamadeira para a Thisbe, preciso ir até a loja porque deixei o cheque aqui, e eu pensei que elas poderiam cobrir a taxa de entrega com dinheiro, mas não há o suficiente no caixa.

“Informação demais”, pensei, bebericando o resto do meu café. Por que ela sempre tinha de complicar tudo?

– Querida, eu realmente não estou em um bom ponto para parar, dá para esperar uns vinte minutos? – meu pai respondeu.

Thisbe uivou em resposta, rebatendo muito bem esta pergunta.

– Hã – Heidi disse, olhando para ela –, não sei...

– Tudo bem – meu pai disse, e imediatamente reconheci o tom, arrogante e petulante. *Ótimo*, ele tinha dito à minha mãe, você que nos sustente com o seu trabalho. *Tudo bem*. Acho que você sabe mais sobre as demandas do mercado editorial. *Tudo bem*, vou abandonar os meus escritos totalmente, e não é porque eu nunca fui indicado para o National Book Award. – Me dê um minuto, e eu vou...

– Deixa comigo – falei, empurrando a cadeira para trás. Heidi olhou para mim, surpresa, mas não tanto quanto eu mesma. Pensei que já tinha desistido desse tipo de comportamento condescendente anos atrás. – Quero mesmo ir até a praia.

– Você tem certeza? – Heidi perguntou. – Porque você ajudou muito na noite passada, não quero lhe pedir para...

– Ela está se oferecendo, Heidi – meu pai disse. Eu ainda não conseguia vê-lo, só ouvir sua voz, reverberando de lugares invisíveis, como se fosse Deus. – Não fique bancando a mártir.

“Foi um bom conselho”, pensei dez minutos depois, enquanto eu caminhava pelo calçadão, com o talão de cheques – e alguns *muffins* para as meninas... na mão. Vinte e quatro horas em Colby, e eu já nem me reconheço. Minha mãe ficaria indignada, refleti. Eu sabia que eu estava assim.

Quando entrei na Clementine’s, a primeira coisa que vi foi a menina de cabelos escuros da noite anterior em pé no balcão conversando com um cara da UPS.

– A verdade é que... – ela estava dizendo – sei que é idiota, mas eu ainda estou chorando por ele. Mas a gente andou saindo por, tipo, dois anos. Não foi só um lance. Era sério, tão sério quanto essas coisas podem ser. Então, alguns dias, como hoje... é duro.

O homem da UPS, que não parecia nada à vontade, se animou ao me ver.

– Parece que o talão de cheques chegou – ele falou.

– Ah! – Ela se virou para mim e então piscou, confusa. – A Heidi... e você são...?

– Sou a enteada – expliquei.

– Sério? Isso é ótimo. Você está aqui para ajudar com o bebê?

– Não...

– Mal posso esperar para conhecê-la – ela falou, antes que eu pudesse terminar. – E eu adoro o nome dela! É tão incomum. Embora eu pensasse que a Heidi daria o nome de Isabel ou Caroline. Mas acho que eu estava errada...

Entreguei o talão de cheques, depois o pacote. Quando ela olhou para ele, com cara de dúvida, acrescentei:

– *Muffins*.

– Sério? – ela disse com entusiasmo, abrindo o pacote. – Ah, que cheiro delicioso. Aqui Ramon, quer um? – Ela ofereceu o pacote ao cara da UPS, que se aproximou e pegou um, então ofereceu para mim. Recusei, e ela se serviu. – Muito obrigada. Aqui está. Só vou

escrever o cheque rapidinho e enviá-lo de volta com você, porque acho que a Heidi precisava dele para pagar algumas contas, e eu não quero que você tenha de fazer outra viagem. Embora seja útil tê-lo aqui, mas ao mesmo tempo...

Fiz que sim com a cabeça – muita informação, mais uma vez – então caminhei até uma arara de jeans, deixando-a tagarelar sozinha. Por trás dos jeans, escondidos em uma parede traseira, estavam alguns maiôs à venda, então comecei a escolher. Estava olhando um biquíni vermelho, com shorts de garoto, que não era totalmente horrível, quando ouvi a campainha da porta da frente.

– Trouxe a cafeína – a voz de uma menina veio lá de fora. – Café reforçado, com dose extra de chantilly. Seu predileto.

– E eu – a outra acrescentou – tenho a última notícia de Hollyworld. Acabou de chegar na banca de jornal, tipo dez minutos atrás.

– Vocês! – Maggie gritou. Eu olhei, mas a minha visão estava bloqueada por causa dos cabides de terninhos: ela era tudo que eu podia ver agora, pois era óbvio que Ramon tinha deixado o prédio, um cara de sorte. – Qual é a nova?

Ninguém falou por um momento, e eu voltei a olhar as coisas na loja. Então uma das meninas disse:

– Bem... na verdade, nós precisamos dizer uma coisa para você.

– Me dizer...? – Maggie falou, surpresa.

– Sim – a outra menina respondeu. Houve uma pausa. – Agora, antes de dizer, quero enfatizar que isto é para seu próprio bem. Tudo bem?

– Tudo bem – Maggie disse lentamente. – Mas não gosto do tom de...

– O Jake ficou com outra garota na noite passada – a terceira menina soltou. – No Tip.

“Que droga”, pensei.

– O quê? – Maggie engasgou.

– Leah! – uma das garotas disse. – Meu Deus, pensei que tínhamos combinado de falar disso aos poucos...

– Você queria dar a notícia aos poucos – Leah respondeu. – Eu disse que deveríamos fazer isso rapidamente e de uma só vez, como

cera na sobrancelha.

– Vocês estão falando sério? – A voz de Maggie estava tensa e alta, e eu me encolhi ainda mais no meio dos trajes de banho, me perguntando se havia uma saída pelos fundos. – Como você sabe? Quem foi? Isto é, como...

– Nós estávamos lá – Leah disse categoricamente. – Nós a vimos aparecer e vimos os dois conversando e depois caminharem até as dunas.

– E você não o impediu? – Maggie gritou.

– Ei! – a outra menina disse. – Fique calma, tá?

– Não venha me dizer para me acalmar, Esther. Quem era?

Mais silêncio. “A idiota da Heidi e seu talão de cheques idiota”, pensei, enterrando-me mais profundamente nos maiôs ao lado.

– Não sabemos. Alguma garota de verão, uma turista – Leah respondeu.

– Bem, como ela é? – Maggie quis saber.

– Você acha que isso é realmente importante? – Ester retrucou.

– Claro que sim! É fundamental.

– Não é... – Leah disse com um suspiro – fundamental.

– Ela era mais bonita que eu? – Maggie quis saber. – Mais alta? Aposto que era loira. Ela era loira?

Silêncio. Olhei para fora por trás da prateleira de maiôs, e neste ponto não me surpreendi nem um pouco ao ver a ruiva e a garota de maria-chiquinha da fogueira. Elas trocaram olhares diante da garota de maria-chiquinha. Esther falou:

– Ela tinha cabelo preto e a pele clara. Era mais alta que você e mais forte.

– E a pele dela não era tão maravilhosa – a ruiva, que devia ser a Leah, acrescentou.

Fui me encolhendo ao ouvir aquilo. Número um, eu não era forte. E tudo bem, então eu tinha algumas espinhas, mas elas eram temporárias e não uma doença. E, afinal, quem eram elas para dizer...

De repente, o mostrador de maiôs na minha frente se separou bem no meio, como o Mar Vermelho. E foi assim, com um enorme

barulho de cabides que me vi cara a cara com Maggie. “Que droga!”, pensei.

– Ela, por acaso, se parecia com essa garota? – ela falou, apertando os olhos para mim.

– Que droga! – Leah exclamou. Ao lado dela, Esther botou a mão sobre a boca.

– Não consigo *acreditar nisso* – Maggie falou, enquanto eu lutava contra o impulso de tentar me proteger numa faixa que estava nas proximidades.

– Você ficou com o Jake na noite passada?

Engoli em seco, o som me pareceu soar mais alto que um tiro.

– Não foi... – comecei, então percebi que a minha voz hesitava e parei para respirar. – Não foi nada de mais.

Maggie respirou fundo, as bochechas se esvaziaram.

– Nada de mais – ela repetiu. Então deixou cair as mãos dos maiôs na arara, espalhando-os para os lados. – Você ficou com o amor da minha *vida*, o menino com quem eu queria me casar...

– Que coisa! – Leah falou. – Lá vamos nós.

– E não foi *nada*? Sério?

– Maggie – Esther falou, já andando –, vamos indo. Isso não tem nada a ver com ela.

– Então, do que se trata, exatamente?

Esther suspirou.

– Você sabia que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde.

– Não! – Maggie protestou. – Não sabia. Não sabia de nada disso.

– Sim, você sabia. – Esther pôs a mão no ombro dela, apertando-a. – Vamos encarar. Se não fosse ela, teria sido qualquer outra garota.

– Alguma outra garota idiota – Leah acrescentou, pegando a revista e folheando. Então, pensando bem, ela me olhou e disse: – Sem querer te ofender. Ele é um idiota.

– Não é... – Maggie protestou, as lágrimas enchendo seus olhos.

– Vamos, Mag. Você sabe que é. – Esther olhou para mim, depois deslizou a mão pelo braço de Maggie, envolvendo a sua mão sobre a dela. – E, agora, você pode realmente começar a superar. Se pensar

bem, esta é provavelmente a melhor coisa que poderia ter acontecido.

– Verdade... – Leah concordou, virando outra página.

– Como você sabe? – Maggie gemeu, mas se permitiu ser levada de volta para o balcão, entorpecida, para tomar o café que Leah havia entregado para ela.

– Porque – Esther disse suavemente – você só estava esperando por aí, se torturando, pensando que ele ia voltar. E agora você tem que deixar as coisas rolarem. Ela meio que fez um favor, se você pensar bem nisso.

Maggie olhou para mim de novo, e eu endireitei o corpo. Não podia acreditar que estava realmente preocupada com ela: ela era bem pequena, rosa como uma nuvem de pó. Pensando nisso, saí de trás dos maiôs e andei na direção da porta.

– Espere um instante – ela disse.

Não tinha de parar. Sabia disso. Ainda assim, desacelerei meus passos, voltando-me para ela. Mas não disse nada.

– Você... – ela começou, depois parou e respirou fundo. – Você realmente gosta dele? Me diz. Sei que é ridículo, mas eu preciso saber.

Olhei para ela apenas por um momento, sentindo todos os olhos voltados para mim.

– Ele não significa nada para mim – respondi.

Ela manteve seu olhar em mim mais um momento. Então, pegou o talão de cheques, andou na minha direção e me entregou.

– Obrigada – ela falou.

Talvez no mundo das garotas, este fosse um momento decisivo. Quando íamos além de nossas diferenças iniciais, percebíamos que tínhamos algo em comum afinal de contas, e nos tornaríamos verdadeiras amigas. Mas aquele era um lugar que eu não conhecia bem, no qual nunca tinha morado e não tinha interesse em desbravar, mesmo como turista. Então peguei o talão de cheques, balancei a cabeça e saí pela porta, deixando-as para trás – como se eu tivesse tantos outros grupos – para elas dizerem o que quisessem de mim depois que eu tivesse ido embora.



– Então... – minha mãe disse – conte-me *tudo*.

Já era fim de tarde, e eu estava dormindo profundamente quando meu celular tocou. Mesmo sem olhar para ele, sabia que tinha de ser minha mãe. Primeiro, porque era seu momento predileto para fazer chamadas telefônicas, logo no início da hora do coquetel. Não que eu esperasse uma ligação de outra pessoa, a não ser talvez do meu irmão Hollis, e ele só me telefonava no meio da noite, pois ainda não tinha entendido plenamente o conceito de fusos horários.

– Bem – eu disse, abafando um bocejo – é realmente muito bonito por aqui. Você devia ver a vista.

– Com certeza – ela respondeu. – Mas não me aborreça com a paisagem, quero saber mais detalhes. Como está seu pai?

Engoli em seco, depois olhei para a minha porta fechada, como se eu pudesse de alguma forma ver através dela até alcançar a dele. Incrível como minha mãe podia ir diretamente a uma coisa sobre a qual eu não queria falar. Ela sempre sabia como fazer isso.

Eu já estava na casa do meu pai por três dias, durante os quais eu provavelmente o vi por um total de, hã, três horas. Ele estava em seu gabinete de trabalho, ou no quarto, ou na cozinha pegando um lanche rápido, ou a caminho de um para o outro. Nada daquilo das minhas projeções de nos ver juntos saindo por aí estabelecendo uma conexão, compartilhando um prato de cebola empanada e discutindo literatura e meu futuro. Em vez disso, nossas conversas geralmente aconteciam na escada, bem rapidinhas, tipo “Tudo bem aí?” ou “Foi à praia hoje?”, enquanto seguíamos em direções opostas. Mesmo assim, no entanto, foram melhores que os meus esforços ao bater à porta do seu escritório. Nesses casos, ele nem se incomodou em se afastar da tela do computador, as minhas tentativas de diálogo ricochetearam atrás de sua cabeça como tiros que perderam o alvo por causa da distância.

Era um saco. Mas o pior era que, se meu pai era inexistente, Heidi estava *em toda parte*. Se eu fosse tomar um café, ela estava na cozinha, dando comida ao bebê. Se eu tentasse me esconder no deque, ela surgia, com Thisbe no canguru Baby Björn, me

convidando para irmos juntas passear na praia. Mesmo no meu quarto eu não estava segura, pois era tão perto do quarto da nenê que mesmo o menor movimento ou barulho a atraía, pois ela achava que eu estava tão desesperada por companhia quanto ela.

É óbvio que ela se sentia sozinha. Mas eu não. Eu estava acostumada à solidão: gostava dela. Motivo pelo qual foi surpreendente que eu até tenha notado a falta do meu pai ou de sua atenção, se eu nem estava aí. Mas por algum motivo, isso aconteceu. E todos os *muffins*, a conversa e o excesso de cuidados dela só fizeram piorar.

Eu poderia ter dito tudo isso à mamãe. Afinal, era exatamente o que ela queria ouvir. Mas se fizesse isso por algum motivo, tudo pareceria um fracasso. Isto é, o que eu estava esperando, afinal? Então, fui por um caminho diferente.

– Bem – comecei –, ele está escrevendo muito. Fica no escritório todos os dias, o dia inteiro.

– Sério? – Uma pausa, enquanto ela processava isso.

– Sim – respondi. – Ele diz que está quase terminando o livro, só tem alguns ajustes a fazer.

– Ajustes que levam todos os dias, o dia todo.

Putz!

– E o bebê? Ele ajuda a Heidi com ela?

– Hã? – falei, em seguida, e me arrependi imediatamente, sabendo que esta expressão falava um montão. – Ajuda. Mas na verdade ela está realmente determinada a se virar sozinha...

– Ah, faça me um favor – mamãe disse. Dava para perceber a sua satisfação. – Ninguém quer cuidar sozinha de um recém-nascido. E se elas dizem isso, é apenas porque não têm escolha. Você já viu seu pai trocar uma fralda?

– Tenho certeza de que ele já fez isso.

– Sim, mas, Auden – Eu estremeci. Eu me sentia como se estivesse acuada no canto. – Você já viu isso acontecer?

– Bem, na verdade não.

– Ah. – Ela vibrou de novo; quase dava para ouvi-la sorrir. – Bem, é bom saber que algumas coisas nunca mudam.

Queria enfatizar que já que ela tinha muita certeza disso não deveria ter sido pega de surpresa. Em vez disso, falei:

– Então... e você, como está?

– Eu? – Um suspiro. – Ah, as mesmas coisas de sempre. Fui convidada para chefiar a comissão para reestruturar os cursos básicos de inglês para o próximo ano, com todo o drama que isso vai acarretar nas pessoas. Tenho vários artigos sendo aguardados por diversos periódicos, com a minha viagem a Stratford chegando, e, naturalmente, dissertações que claramente não poderão ser concluídas sem um bom trabalho.

– Parece que vai ser um verão daqueles – observei, abrindo minha janela.

– Se vai. Esses alunos de pós-graduação, juro, nunca terminam. São todos tão *carentes*. – Ela suspirou novamente, e eu pensei naqueles óculos de aro preto, assentados sobre a bancada. – Eu daria tudo para fugir para o litoral como você e passar o verão na praia, sem pensar em nada no mundo.

Olhei pela janela para a água, a areia branca, apenas o Tip visível lá longe. Sim, eu queria dizer. É isso mesmo, exatamente. Depois, pensando nisso, acabei dizendo:

– Então, você tem falado com Hollis ultimamente?

– Anteontem – foi a resposta. Então ela riu. – Ele me disse que conheceu alguns noruegueses que estavam a caminho de uma convenção em Amsterdã. Eles tinham de fazer alguma instalação de internet e parece que ficaram muito interessados em Hollis, acharam que ele realmente tem jeito para o público-alvo americano, então ele foi junto. Ele está pensando que isso poderia render algum tipo de emprego...

Ergui o olhar. Engraçado como a minha mãe podia olhar completamente através de mim, enquanto Hollis parte para Amsterdã com algumas pessoas que ele acabou de conhecer, a enrola dizendo que é uma possibilidade de emprego e ela engole a isca com anzol e tudo. Caramba!

Foi então que bateram na minha porta. Quando abri, fiquei surpresa ao ver meu pai.

– Oi – ele falou, sorrindo para mim. – Vamos sair para jantar, você não está a fim de ir também?

– Claro... – falei baixinho, esperando que a minha mãe, que ainda falava de Hollis, não ouvisse. Não tive sorte.

– Auden? – A voz saiu clara no celular, fato tornado ainda mais evidente pela forma como meu pai fez uma careta. – Você ainda está aí?

– Estou. Mas papai acabou de aparecer para me convidar para jantar, então é melhor eu ir.

– Ah! Então hoje ele está com um pouco mais de folga?

– Eu ligo mais tarde – disse rapidamente, fechando o celular e carregando-o na mão. Meu pai suspirou.

– E como está a sua mãe?

– Bem! – respondi. – Vamos.

Lá embaixo, Heidi esperava por nós, seu próprio celular preso ao ouvido, e Thisbe presa no carrinho. Papai abriu a porta, e ela empurrou o bebê enquanto continuava a falar.

– Mas isso não faz sentido! Eu mesma fiz a folha de pagamento, e nós tínhamos muito dinheiro na conta. É só... Bem, é claro. O banco deveria saber. Sinto muito, Esther, isto me deixa tão mal. Olha, estamos a caminho, vamos até aí agora. Vou tirar dinheiro do caixa automático e vamos ver isso na segunda-feira, tudo bem?

Meu pai respirou fundo quando saímos da casa.

– Que delícia o ar marinho! – ele me disse, batendo as mãos no peito. – É ótimo para a alma.

– Você está bem-humorado – observei, enquanto Heidi ainda falava ao celular e ajeitava o carrinho para descer os degraus da escada. Começamos a caminhar para a rua.

– Ah, bem, é isso que uma pausa pode fazer por você – ele respondeu, pegando as mãos de Heidi e tomando a alça do carrinho dela. Ela sorriu para ele, afastando-se para o lado quando ele começou a empurrar Thisbe.

– Eu estava realmente batalhando com este capítulo do meio, não conseguia encontrar o fio da meada. Mas então, hoje, de repente... tudo ficou claro. – Ele estalou os dedos. – Foi assim! Vai deixar todos os outros capítulos muito mais fáceis.

Olhei para Heidi, que agora falava algo sobre as taxas bancárias, com o olhar preocupado no rosto.

– Pensei que você estava fazendo ajustes – disse ao meu pai.

– O quê? – ele respondeu, apontando para um homem que tinha passado correndo, ouvindo o seu iPod. – Ah, certo! Bem, é tudo apenas uma questão de as coisas se encaixarem. Mais alguns dias como hoje e este manuscrito estará pronto no meio do verão. O mais tardar.

– Uau! – eu disse, enquanto Heidi fechava o telefone e, em seguida, passava a mão pelos cabelos. Meu pai estendeu a mão, agarrando-a pela cintura e puxando-a para mais perto, então a beijou no seu rosto.

– Não é maravilhoso? – ele disse, sorrindo. – Todos juntos, indo para o primeiro passeio de Thisbe até o Last Chance.

– É ótimo! – Heidi concordou. – Mas eu realmente preciso dar uma parada na loja no caminho. Parece que há algum problema com os cheques do pagamento de funcionários...

– É noite de sexta-feira, querida! – papai disse. – Deixe quieto. Todas as coisas do trabalho ainda estarão lá na segunda.

– Sim, mas... – Heidi respondeu, quando o celular tocou novamente. Deu uma espiada no visor, em seguida, colocou-o no ouvido.

– Alô? Leah, sim, o que é... Ah. Não, não estou sabendo de nada. Olha, você está na filial um pouco abaixo da loja? Tudo bem, então eu vou te encontrar lá. Enquanto isso vou ver o que faço.

– Essas garotas que ela contrata... – meu pai disse, fazendo um sinal negativo com a cabeça para Heidi. –Típicas adolescentes. Sempre acontece alguma coisa.

Concordei com a cabeça, como eu não fosse de fato uma adolescente. Entretanto, para o meu pai, eu não era mesmo.

– Os cheques dos salários foram devolvidos – a Heidi lhe disse. – É um problema sério.

– Então ligue para o seu contador, deixe isso para ele resolver – ele respondeu, fazendo uma careta para Thisbe, que estava caindo de sono. – Estamos curtindo a família.

– Não é ele que faz a folha de pagamento, sou eu – Heidi observou.

– Bem, então diga para esperarem até a gente terminar o jantar.

– Não posso fazer isso, Robert. Elas precisam receber o pagamento e...

– Olhe – meu pai disse, irritado – não foi você quem disse que eu não estava passando tempo suficiente com você, o bebê e a Auden? Quem *insistiu* para eu parar de trabalhar e jantar fora em família?

– Sim – Heidi respondeu, e seu celular tocou novamente. – Mas...

– Então eu paro mais cedo. No meu melhor dia, devo acrescentar – ele prosseguiu, enquanto andávamos pelo calçadão – e agora você não está disposta a fazer a mesma coisa.

– Robert, é o meu negócio.

– E escrever não é o meu?

“Caramba!”, pensei. Mude alguns detalhes: magistério por negócios, comissões para empregados – e esta seria a mesma briga que ele tinha com mamãe todos os anos. Olhei para Heidi: o rosto dela estava estressado, e agora a Clementine’s surgia em nosso campo de visão com Esther e Leah em pé, lá fora, juntas.

– Olhe... – ela disse a meu pai – por que você e Auden não vão com a Thisbe conseguir uma mesa e eu me encontro com vocês lá? Isso só vai levar alguns minutos. Tudo bem?

– Tudo bem – meu pai disse, embora claramente nada estivesse bem.

Ele não era o único que não estava feliz. Vinte minutos depois, quando estávamos prestes a sentar no Last Chance, Thisbe despertou e começou a se agitar.

No início, foi uma espécie de ruído choroso, mas depois começou a piorar. Até o momento em que a recepcionista chegou e começou a pegar os cardápios para nós, ela gritava bastante.

– Puxa! – meu pai disse, movimentando o carrinho. Thisbe continuava chorando. – Bem... Auden, você pode...? – isso não foi seguido por um verbo, então eu não tinha noção do que ele estava me pedindo. Como Thisbe continuava chorando, embora agora atraísse a atenção de praticamente todo mundo que nos cercava, ele

me atirou outro olhar, mais assustado ainda e percebi que ele queria que eu assumisse. O que era ridículo. Podia ser pior? Foi o que fiz.

– Vou pegá-la – falei, tomando o carrinho dele e levando-o de volta até a porta.

– Por que você não... Vou me sentar e fazer o pedido para nós – ele prosseguiu. – Basta trazê-la de volta quando ela se acalmar, tudo bem?

– Claro. – Porque *isso* ia acontecer a qualquer momento logo, logo. Eu levei-a de carrinho até o calçadão, onde pelo menos o barulho não era abafado, depois me sentei em um banco ao lado dela. Olhei para o rosto dela por algum tempo, enrugado e avermelhado, e logo observei o restaurante de novo. Após o balcão da recepcionista, num corredor estreito, pude ver meu pai em uma mesa para quatro, com um cardápio aberto diante dele. Engoli em seco; em seguida, passei a mão sobre o rosto, fechando os olhos. As pessoas não mudam, minha mãe tinha dito, e é claro que ela estava certa. Meu pai ainda era egoísta e sem consideração, e eu ainda não queria acreditar, mesmo quando a prova estava bem diante do meu nariz. Talvez todos nós estivéssemos destinados a ficar fazendo sempre as mesmas coisas estúpidas, sem nunca ter realmente aprendido uma só coisa. Ao meu lado, Thisbe agora gritava, e eu queria me juntar a ela, sentar, botar a boca no mundo e deixar os anos de frustração e tristeza e tudo o mais se derramarem de uma vez por todas. Mas, em vez disso, fiquei sentada ali, em silêncio, até que de repente senti alguém me olhando. Abri os olhos e ali, em pé ao lado do carrinho de bebê, de jeans, tênis surrado e uma camiseta desbotada que dizia IMPULSO DE AMOR na frente, estava o cara que eu tinha visto no Tip e no calçadão. Era como se ele tivesse aparecido do nada e, de repente, estivesse ali, estudando a Thisbe. Enquanto isso, aproveitei para fazer o mesmo com ele, observei a pele bronzeada, os olhos verdes, os cabelos escuros na altura dos ombros, puxados para trás, de forma desajeitada, atrás do pescoço, a cicatriz grossa que corria até um antebraço, bifurcando no cotovelo como um rio num mapa. Não tinha ideia do que ele fazia por ali, principalmente se considerarmos que ele tinha me esnobado da

última vez que a gente tinha se encontrado no mesmo lugar. Mas naquele momento, eu não tinha mais energia para pensar. Só falei:

– Ela começou a berrar. – Ele pensou um pouco, mas não disse nada, o que por algum motivo, só Deus sabia a razão, me fez sentir como se eu precisasse continuar a falar. – Ela está *sempre* chorando, na verdade. É cólica ou sei lá... Não sei o que fazer. – Ainda assim, ele ficou em silêncio. Tal como tinha sido naquela noite no Tip e no calçadão. A parte doentia era que eu *sabia* disso, e ainda insistia em falar com ele, de qualquer maneira. Esse não era o meu jeito, pois eu era a única que geralmente...

– Bem... – ele me interrompeu, de repente, tomando-me de surpresa mais uma vez. – Há sempre o elevador.

Eu apenas fiquei olhando para ele.

– O elevador? – Em resposta, ele se curvou e despreendeu Thisbe do carrinho. Antes que eu pudesse impedi-lo – e eu tinha certeza que deveria – ele já a tinha tirado e a erguia, levantando-a nos braços. Meu primeiro pensamento foi que esta era a última coisa que eu esperava que ele fizesse. O segundo: foi surpreendente como ele parecia à vontade com ela, mais do que eu, meu pai e até mesmo que a Heidi juntos.

– Isto... – ele disse, virando-a para que ela ficasse voltada para cima (ainda gritando, claro), as mãos envolvendo-a pelo tronco, as pernas soltas para baixo e chutando loucamente – ... é o elevador. E então ele curvou as pernas, descendo, e endireitando-se, em seguida, e repetiu, uma, duas, três vezes. Na quarta, ela parou de protestar bruscamente, um olhar estranho de calma se espalhou por seu rosto. Só fiquei ali, olhando para ele. Quem *era* esse cara? Estranho rabugento? Ciclista cheio dos truques? Encantador de bebês? Ou...

– Eli! – Heidi disse, aparecendo, de repente, atrás dele. – Achei mesmo que era você. – O carinha olhou para ela e, em seguida corou, mas só um pouco e brevemente.

– Oi – ele respondeu, parando o elevador. Thisbe piscou e então começou a chorar.

– Oh, meu Deus – Heidi falou, estendendo a mão para pegá-la. Para mim, ela disse:

– Cadê o seu pai?

– Ele conseguiu uma mesa. Estávamos para sentar quando ela começou a berrar.

– Provavelmente ela está com fome – Heidi falou, olhando para o relógio. Thisbe gemia mais alto, por cima do ombro, enquanto eu olhava para o carinha – Eli – tentando processar o que eu tinha acabado de testemunhar.

– Que dia! Você não acredita a bagunça com que eu tenho de lidar no trabalho. O talão de cheques está todo desorganizado, de alguma forma eu deixei de registrar um saque ou algo assim, mas, graças a Deus, as meninas são tão compreensivas. Quer dizer, os salários delas não são enormes, mas, mesmo assim, elas dão o duro, e...

Com este monólogo e o bebê agitado, sem esquecer que Eli testemunhava tudo isso, eu podia literalmente sentir a minha temperatura subindo. Por que tudo para ela tinha de ser explicado nos mínimos detalhes?

– É melhor eu voltar para a loja.

– Parabéns, por sinal – ele disse.

– Oh, Eli, você é um amor, muito obrigada – ela prosseguiu, embalando o bebê. – Estou tão feliz por você ter conhecido a Auden! Ela é nova aqui, não conhece ninguém, e eu estava esperando que ela conhecesse alguém para apresentá-la por aí.

Senti meu rosto corar, ainda mais quente. Claro que ela tinha de fazer parecer que eu estava desesperada por companhia. Motivo pelo qual eu mal respondi quando Eli acenou para mim antes de atravessar o calçadão, empurrando a porta da loja de bicicletas e desaparecendo lá dentro.

– Thisbe, querida, está tudo bem – Heidi dizia, alheia a tudo isso, enquanto prendia o bebê de volta ao carrinho. Olhando para mim, ela acrescentou – É ótimo que você e Eli sejam amigos!

– Não somos – respondi. – Mal nos conhecemos.

– Ah! – Ela olhou para a loja de bicicletas, como se isso pudesse trazer alguma confirmação, então olhou de novo para mim. – Bem, ele é um amor. O irmão dele, Jake, tem a sua idade, acho. Ele saía

com a Maggie até pouco tempo. Foi uma separação terrível. Ela ainda sofre com isso.

“Irmão dele?”, pensei, e meu rosto corou. Essa cidadezinha maluca é bem pequena... E Heidi *ainda falava*.

– Vamos voltar para o restaurante? Ou será que eu devo levar Thisbe para casa, ela está tão chateada. O que você acha? Quer dizer, eu adoraria um jantar fora, mas eu me pergunto...

– Não sei – respondi, as palavras saíam mesmo que eu soubesse que deveria engoli-las. – Eu não sei o que você deve fazer. Tudo bem? Tudo que sei é que estou com fome e quero ir comer com meu pai. Então é isso que *eu* vou fazer se estiver tudo certo com você. – Deu para ver que ela respirou fundo, com um olhar magoado estampado no rosto.

– Oh! – ela disse, depois de um instante. – Bem, com certeza. Claro que sim.

Eu sabia que tinha sido malvada. Sabia disso e ainda assim me virei e fui embora, deixando-a com o bebê ainda chorando. Mas eu podia jurar que o som me seguiu, pairando no ar e enchendo meus ouvidos mesmo no meio da multidão na beira do calçadão, no restaurante, durante todo o caminho pelo corredor estreito até a mesa onde meu pai já comia. Ele deu uma olhada no meu rosto e depois empurrou um cardápio para mim enquanto eu me sentava à mesa diante dele.

– Relaxe – ele disse, virando uma página. – É noite de sexta-feira.

“Verdade”, pensei. “É claro”. E quando a cebola empanada chegou poucos minutos depois, tentei fazer exatamente isso. Mas, por algum motivo, ela não tinha o mesmo sabor desta vez. Ainda estava boa. Mas não tão ótima quanto antes.



Sabia, por experiência, quando a batalha acabava e quando estava apenas começando. Então fiquei fora, após o jantar, e dei uma andada na praia até em casa pelo caminho mais comprido. Não o suficiente, porém: quando subi os degraus da varanda, duas horas depois, ainda dava para ouvi-los.

– ... entender o que você quer de mim. Você me pediu para parar de trabalhar e sair pra jantar, e foi o que fiz. E você ainda não está feliz.

– Eu queria que todos fôssemos jantar juntos!

– E teríamos, se você não tivesse saído para ir à loja. Foi você que quis.

Tirei a mão da maçaneta da porta e me afastei da luz da varanda. Pelas vozes, isso acontecia bem lá dentro, e a última coisa que eu queria era passar no meio de tudo.

– Eu só queria... – a Heidi disse com a voz embargada.

Então, nada. O silêncio era quase insuportável, só foi quebrado quando meu pai retrucou:

– Você só queria o quê?

– Não sei – ela choramingou. – Eu só... achei que você ia passar mais tempo com a gente.

– Estou aqui o tempo todo, Heidi – meu pai disse, com a voz monótona.

– Sim, mas em seu escritório. Você não está com a Thisbe, interagindo com ela. Você não a embala nem fica com ela...

– Nós discutimos isso logo que você engravidou – meu pai falou, levantando a voz. – Eu disse que não funciona com falta de sono, que tenho de dormir as minhas nove horas. Você sabia disso.

– Tudo bem, mas você podia ficar com ela durante o dia, ou na parte da manhã para que eu pudesse dar conta do trabalho. Ou mesmo...

– Não discutimos como é importante eu terminar o livro neste verão? – meu pai prosseguiu. – Que eu não posso fazer o trabalho necessário durante o ano letivo, e esta é a minha única chance de trabalho ininterrupto?

– Sim, claro, mas...

– E é por isso – ele continuou, gritando com ela – que eu disse: vamos contratar uma babá. Ou alguém para ajudar. Mas você não quis.

– Não preciso de uma babá. Só preciso de uma hora uma vez ou outra.

– Então peça para a Auden! Não é por isso que você queria que ela viesse?

Eu me senti literalmente como se tivesse levado um tapa: minha reação foi tão visceral que o sangue subiu ao meu rosto.

– Eu não convidei a Auden para que ela tomasse conta do bebê – ela respondeu.

– Então, por que ela está aqui?

Seguiu-se outro silêncio. No entanto, esse foi bem-vindo: uma pergunta pode doer mais que uma resposta. Por fim, Heidi disse:

– Pelo mesmo motivo que eu quero que você passe mais tempo com o bebê. Porque ela é sua filha, e você deveria querer estar com ela.

– Ai, meu Deus – meu pai disse. – Você realmente acha que...

Rolariam mais coisas ainda, é claro. Meu pai nunca dizia apenas uma frase quando ele poderia dizer um parágrafo. Mas dessa vez, eu não suportaria ouvir. Então peguei as chaves do bolso e entrei no meu carro.

Fiquei fora por três horas, subindo e descendo as ruas de Colby, circulando até a faculdade, até o cais, depois voltei novamente. Era um lugar muito pequeno para realmente se perder, mas fiz o melhor que pude. E quando parei na entrada da garagem, verifiquei bem se todas as luzes da casa estavam apagadas antes mesmo de pensar em entrar.

Estava quieto quando passei pelo corredor de entrada e fechei a porta. Pelo menos não havia sinais de grandes perturbações: o carrinho estava estacionado perto da escada, um paninho de boca dobrado sobre o corrimão, as chaves do meu pai estavam na mesa ao lado da porta. A única coisa diferente era a mesa da cozinha, que agora tinha pilhas de talões de cheques dos negócios de Heidi, vários amontoados de papel e alguns livros sobre legislação. Em um deles, ela claramente vinha tentando descobrir o que acontecera com as contas. RETIDO NA FONTE? – ela tinha escrito, além de DEPÓSITO 6/11? e VEJA TODOS OS DÉBITOS DESDE ABRIL, ERROS? Pela aparência – bagunçada, tipo, desesperada – ela não tinha ido muito longe.

Olhando para a confusão de papéis, tive um lampejo de seu rosto magoado depois de eu ter gritado com ela, assim como o que ela tinha dito sobre mim mais tarde com meu pai. Foi muito inesperado tê-la ao meu lado, me defendendo. Ainda mais chocante foi como me senti tão agradecida, mesmo que apenas fugazmente, de encontrá-la ali.

Olhei para o relógio: era meia-noite e quinze, cedo pelo meu horário, uma noite inteira ainda pela frente. E a cafeteira estava bem ali no balcão, já cheia para a manhã e pronta para ligar. Não era o Ray's, mas servia. Então eu me virei, apertei o botão, e quando começou a ferver, sentei-me com o talão de cheques de Heidi, abri e fui procurar o que ela não tinha encontrado.

cinco



– OI, AUD. SOU EU! O que rola por aí? – A voz de meu irmão, alta e alegre, ressoou pelo meu celular ao mesmo tempo que deu para ouvir um som forte de um baixo ao fundo. Tinha certeza de que Hollis passava seu tempo em outros lugares além de bares, mas parecia que ele só me ligava de um deles.

– Nada de mais – respondi, olhando para o relógio. Eram oito e meia no meu fuso, o que significava mais de meia-noite no dele. – Só estou me preparando para trabalhar.

– Trabalhar? – ele pronunciou a palavra como se fosse de outro idioma, o que, para ele, até que era. – Pensei que você estava curtindo um verão preguiçoso, só desfrutando a praia.

Tive certeza de que não foi coincidência ele falar daquele jeito, usando quase que literalmente as palavras da minha mãe durante a nossa última conversa: se Hollis era capaz de mudar o pensamento da minha mãe do jeito que ele queria, ela tinha influência semelhante sobre o dele. Na verdade, a conexão entre eles era quase assustadora, um vínculo tão forte que era quase palpável quando estavam juntos, como a atração da maré. Minha mãe alegava que era o resultado de todas aquelas noites que passaram juntos quando ele era bebê, mas eu achava apenas que Hollis tinha jeito com as mulheres, a começar pela primeira que ele tinha conhecido.

– Bem... – eu disse então, quando a música ficou mais alta e depois diminuiu de novo ao fundo – eu não tinha planejado trabalhar, na verdade. Só que aconteceu.

– Que droga! – ele retrucou. – Baixe a guarda, e essas coisas acontecem com você. Você tem de ficar ligada, sacou?

Eu sacava. Na verdade, porém, essa última situação não foi nenhuma surpresa. Mergulhei diretamente nela, de olhos bem abertos. Não havia ninguém a quem culpar a não ser eu mesma.

– Não consigo acreditar! – Heidi falou quando eu desci no dia seguinte depois de já ter trabalhado nos registros de contabilidade dela. Como sempre, ela estava na cozinha, esperando, com o bebê preso a ela no canguru. – Quando fui dormir na noite passada, deixei uma bagunça e, então, esta manhã, tudo está... arrumado. Você é milagrosa! Como consegue dar conta de tudo isso?

– Trabalhei para um contador no verão passado por pouco tempo – respondi, tirando o café do *freezer*. Na hora em que eu acordava, ele já tinha ficado muito tempo parado no bule, então eu sempre preparava um novo, só para mim. – Não foi nada difícil.

– Fiquei *duas horas* na noite passada conferindo o registro dos cheques – ela disse, pegando-os e agitando-os para mim – e não consegui encontrar o problema. Como você sabe calcular a retenção dupla?

Liguei a cafeteira, desejando que eu pudesse ter ao menos uma xícara dentro de mim antes de ter de conversar com alguém. No entanto, parecia impossível.

– O registro indicou que aconteceu em maio passado – eu respondi. – Então, calculei que poderia ter ocorrido de novo. Então, olhei as declarações fiscais...

– Que também estavam numa bagunça só, não consegui achar nada nelas! – ela disse. – E agora estão todas organizadas. Você deve ter passado horas pondo tudo isso em ordem.

“Quatro horas”, pensei. Em voz alta, falei que não.

– Não muitas.

Ela apenas balançou a cabeça, me observando enquanto a cafeteira finalmente produziu o suficiente para um quarto de xícara, que eu rapidamente despejei na minha caneca.

– Sabe, preciso contratar alguém para me ajudar com a contabilidade há meses, mas eu estava hesitante, pois é um trabalho tão delicado. Não queria confiar a qualquer um.

“Ai, meu Deus”, pensei. Por favor, quero tomar o meu café.

– Mas se você estiver interessada... – ela prosseguiu – Poderia valer a pena para você; é sério.

Eu ainda estava esperando a cafeína agir quando respondi:

– Ahn, eu não estava realmente planejando trabalhar neste verão. E eu não sou exatamente uma pessoa alerta de manhã...

– Ah, mas isso não tem importância! As garotas fazem o depósito todos os dias, e essa é a única coisa que tem de ser feita durante certo tempo. O resto, como os livros e os salários e manter o registro em ordem, você pode fazer no final do dia. Na verdade, é até *melhor* ser mais tarde.

Claro que era. E agora eu não tinha escapatória, claro, nenhuma boa ação era recompensada. Porém, meu maior problema era: o que teria inspirado esta súbita explosão de comportamento de boa samaritana da minha parte? Seria assim tão difícil perceber que nunca haveria apenas uma coisa e sempre haveria um próximo passo e depois outro?

– É uma oferta realmente tentadora – eu disse a Heidi –, mas...

Esse pensamento foi interrompido pelo som de passos atrás de mim: um momento depois, meu pai virou o canto, carregando um prato vazio com uma Coca *diet* equilibrada em cima. Quando ele viu a Heidi, e ela olhou para trás, soube imediatamente que a briga da noite anterior ainda não tinha sido resolvida. Não havia exatamente um ventinho gélido no ar. Estava mais para um Polo Norte.

– Bem... – ele me disse, andando até a pia e colocando o prato em cima – Vejo que você finalmente está acordada. A que horas você vai dormir, afinal?

– Tarde... – respondi – ou cedo, dependendo do ponto de vista.

Ele balançou a cabeça enquanto lavava o prato, ajustando-o no escorredor.

– Ah, a cuca fresca dos jovens. Acordada a noite toda, sem o mínimo de preocupação no mundo. Tenho inveja de você.

“Não tenha”, pensei. Então a Heidi disse:

– Na verdade, Auden passou a última noite analisando a minha contabilidade. Ela descobriu o erro que desequilibrou a minha conta.

– Verdade? – meu pai disse, olhando para mim.

– Estou tentando convencê-la a trabalhar para mim – Heidi acrescentou. – Algumas horas por dia no escritório da loja.

– Heidi – ele disse, lavando as mãos –, a Auden não está aqui para trabalhar. Lembra-se?

Foi apenas um comentário, mas elaborado ao máximo para criar impacto. E a mensagem atingiu em cheio: vi como a Heidi fez uma careta.

– Claro que não. Só pensei que ela poderia...

– Ela deveria estar curtindo seu tempo com a família – ele insistiu. Depois, sorriu para mim.

– O que você diz, Auden? Que tal você e eu sairmos para jantar esta noite?

Meu pai era bom nisso. Eu tive de reconhecer. E daí se tudo isso era para atingir a Heidi em cheio devido à noite anterior? Era exatamente o que eu queria, eu e ele, e isso era tudo que importava... ou não?

– Acho ótimo – Heidi exclamou. Quando olhei para ela, ela sorriu para mim, embora parecesse um pouco forçado. – E, olha, não se preocupe com essa coisa do trabalho. Seu pai tem razão, você deveria estar curtindo o verão.

Meu pai tomava o último gole da Coca *diet*, observando-a, enquanto ela dizia isso. Já fazia um tempo desde a época em que ouvia meus pais brigando, mas não importa: a mesma tensão, as mesmas farpas. O mesmo olhar no rosto do meu pai quando ele soube que tinha ganhado.

– Na verdade – falei, dizendo isso antes mesmo de ter realmente percebido o que estava fazendo –, eu poderia juntar um pouco de dinheiro extra para a faculdade. Desde que não sejam muitas horas.

Heidi pareceu surpresa, depois olhou para o meu pai – cuja expressão poderia ser mais bem descrita como contrariada – antes de dizer:

– Oh, não seriam muitas! Vamos dizer, quinze horas por semana. Se tanto.

– Auden – papai insistiu –, não se sinta obrigada. Você está aqui como nossa hóspede.

Sabia que se eu não tivesse ouvido a briga na noite anterior, todo este diálogo teria sido diferente. Mas você não consegue desaprender alguma coisa, mesmo quando quer. Você sabe o que sabe.

Mais tarde, meu pai e eu andamos pelo calçadão até certo ponto no cais, onde ele pediu meio quilo de camarão cozido no vapor e ficou olhando para a água. Eu não tinha certeza se era por eu não conseguir parar de pensar sobre o que ele tinha dito, ou se por ele ainda estar chateado por eu ter aceitado a oferta de Heidi (e, em sua mente, pelo menos, tomado o partido dela), mas no começo foi meio tenso, estranho. No entanto, depois que ele tomou uma cerveja e nós dois entabulamos uma conversa maçante, as coisas relaxaram, com ele me perguntando sobre a Defriese e os meus planos para a minha graduação. Por outro lado, fiz com que ele falasse de seu livro (“um intrincado estudo de um homem que tenta escapar do passado de sua família”) e os progressos que ele vinha fazendo (ele teve de tirar o meio, que não estava funcionando, mas a parte nova estava muito melhor). Levou algum tempo, mas, em algum lugar entre a segunda porção de camarão e sua explicação detalhada sobre o conflito interno de seu personagem, eu me lembrei de tudo que eu amava no meu pai: sua paixão pelo trabalho e a maneira que, quando ele falava sobre ele, era como se não houvesse mais ninguém na sala ou mesmo no mundo.

– Mal posso esperar para ler – falei, quando a garçonete trouxe a nossa conta. Entre nós havia um monte enorme de cascas de camarão transparentes e cor-de-rosa à luz oblíqua do sol vinda da janela. – Parece ótimo.

– Veja, *você* sabe como tudo isso é importante – ele falou, limpando a boca.

– Você estava lá quando o *Narval* saiu e viu como o sucesso mudou nossas vidas. Este poderia fazer o mesmo para mim, o bebê e a Heidi. Eu só queria que ela pudesse enxergar isso.

Ele estudava a garrafa de cerveja conforme dizia isso, virando-a na mão.

– Bem, pode ser que ela esteja muito emotiva agora. A falta de sono... tudo isso.

– Talvez. – Ele tomou um gole. – Mas, na verdade, ela não pensa como nós, Auden. Sua força é o negócio, que tem tudo a ver com resultados, muito calculista. É diferente de acadêmicos e escritores. Você sabe disso.

Eu sabia disso. Mas também sabia que a minha mãe, que se encaixa nas duas categorias, tinha a mesma opinião quanto aos esforços dele em relação a esse mesmo romance. Ainda assim, foi bom saber que ele sentiu que podia confiar em mim.

Após o jantar, nos separamos, e fui para a Clementine's, pois tinha dito à Heidi que daria uma olhada no escritório para me orientar antes de começar a trabalhar oficialmente no dia seguinte. Eu não estava exatamente morrendo de vontade de fazer aquilo por vários motivos, então fiquei realmente grata pela primeira vez, pela distração providenciada pelo meu irmão.

– E aí – eu lhe disse então, enquanto a batida da música começava de novo – a Tara é legal.

– Quem?

– Tara – repeti. – Sua namorada?

– Ah, claro! – Houve uma pausa evidente, que praticamente respondeu todas as perguntas que pairavam no ar.

– Então você recebeu o seu presente, hein? – ele respondeu, em seguida.

Fiquei imaginando o porta-retratos, que estava na minha mochila, e ao mesmo tempo, em minha mente, as palavras abaixo de seu rosto sorridente: O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS.

– Sim – respondi a Hollis. – É incrível. Adorei.

Ele morreu de rir.

– Qual é, Aud. Você não...

– Gostei.

– Não gostou não, nem vem. É brega demais.

– Bem... – eu disse. – É...

– Horrível – ele terminou a frase por mim. – Barato e ridículo. Provavelmente o presente de formatura mais idiota que já foi dado por alguém, e é exatamente por isso que eu dei para você. – Ele riu, aquela gargalhada crescente de Hollis que, apesar de tudo, sempre me dava vontade de rir. – Olha, eu percebi que não havia nenhuma

maneira de eu competir com todo o dinheiro, ações e carros novos que você estaria recebendo de todas as outras pessoas. Então decidi que pelo menos o meu presente deveria ser inesquecível.

– Então é isso... – concordei.

– Você deveria ter visto os outros! – Outra gargalhada. – Tinha com todos os tipos de dizeres. Um deles era OLÁ, AMIGO! em amarelo vivo. Também tinha A RAINHA DA FESTA, em rosa. E depois, havia um que dizia, inexplicavelmente, em verde, LOUCO. Como se alguém pudesse querer a sua imagem naquilo.

– Só você...

– Nem vem! – ele bufou. – Então, achei que a coisa legal é que você pode ficar trocando a imagem. Porque você não quer que O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS seja apenas uma coisa para sempre. Você tem de ter um montão de ótimos momentos, cada um superando o outro. Não é mesmo?

– Claro – respondi. E foi assim, simplesmente, que ele fez de novo: tomou um pensamento que ele provavelmente pegou no ar, sob inúmeras influências e, de alguma forma, conseguiu torná-lo profundo o bastante para fazer a diferença. O que Hollis fazia era uma arte. Nunca era planejado, mas tinha seus encantos.

– Sinto muita saudade de você – falei.

– Eu também – ele respondeu. – Ei, veja só, vou enviar um retrato escrito LOUCO. Você pode colocar aquela foto minha nele e deixá-la junto de você no MELHOR DE TODOS OS TEMPOS, e seria quase como se estivéssemos juntos. – O que acha?

– Negócio fechado. – Sorri.

– Legal! – Houve um ruído abafado, seguido de vozes. – Bem, Aud, tenho de correr, Ramona e eu estamos indo a uma festa. Ligue logo, está bem?

– Claro – respondi. – Vamos...

Mas então num passe de mágica, ele já tinha desligado. Antes que eu pudesse perguntar quem exatamente era Ramona, ou o que tinha acontecido em Amsterdã. Esse era o meu irmão, a vida, respirando o Próximo Capítulo. Como o livro do meu pai, ele estava sempre em andamento.

Fechei o celular e enfiei-o de volta no bolso. Hollis era uma ótima distração, mas qualquer remorso que eu estivesse sentindo em assumir o trabalho voltou imediatamente assim que abri a porta da Clementine's e vi Maggie na caixa registradora, Leah e Esther ao lado dela. Na verdade, não há nada mais assustador que se aproximar de um grupo de garotas que já formaram uma opinião sobre você. É como andar na prancha: não há caminho a percorrer a não ser para baixo.

– Oi! – Leah, a ruiva que se aproximava delas, falou. Ela era uma dessas garotas altas, curvilíneas, com pele branca leitosa, e usava um vestido decotado e sandálias altas de tirinhas. A voz não foi nem gentil nem malévola, apenas tipo neutra, quando ela disse: – Deseja alguma coisa?

– Ela vai fazer a contabilidade – Maggie respondeu, embora seus olhos estivessem em mim. Porém, quando olhei para ela, ela corou, desviando o olhar para alguns papéis sobre o balcão diante dela, mexendo neles, como se estivesse ocupada. – A Heidi está procurando alguém desde que o bebê nasceu, lembra?

– Ah, claro! – Leah respondeu. Ela se afastou do balcão, tropeçando no outro atrás dela, e cruzou as longas pernas. – Bem, talvez agora os nossos cheques não voltem.

– Nem brinque – Esther falou. Ela estava sem maria-chiquinha, os cabelos soltos e cobertos por um boné no estilo militar, que ela usava com um vestido preto decotado, uma jaqueta jeans por cima e chinelos. – Quer dizer, eu adoro a Heidi. Mas ser paga no caixa eletrônico é um pouco demais.

– Mesmo assim você foi paga. A Heidi é uma boa chefe, foi um erro, sem más intenções – Maggie insistiu. Agora ela fazia força para cuidadosamente não olhar para mim enquanto apertava um botão na caixa registradora e logo ela puxou uma pilha de contas, endireitando-as. Novamente, ela estava vestida de rosa – tanto a camisa quanto as havaianas – e pensei se aquilo era algum tipo de marca dela. Aposto que era. – Bem, alguém poderia lhe mostrar a loja.

– Para quem? – Leah perguntou. – A Heidi?

– Não. – Maggie fechou a gaveta, depois olhou para mim. Um momento depois, Leah e Esther também seguiram o exemplo. Estava claro, eu tinha chegado ao fim da prancha. Nada a fazer senão saltar.

– Para a Auden – falei.

Uma pausa. Em seguida, Leah desceu do balcão, batendo os pés no chão com a pancada.

– Vamos lá – ela falou, olhando para trás. – O escritório fica aqui.

Pude sentir as outras garotas me olhando enquanto eu a segui, passando por uma arara de jeans, um expositor de sapatos e uma seção de liquidação que levava a um corredor estreito.

– Aqui é o banheiro – ela falou, apontando a cabeça na direção de uma porta do lado esquerdo. – Não é para uso de clientes, nunca, é a regra. E aqui está o escritório. Afaste-se um pouco, a porta fica meio emperrada.

Ela mexeu na maçaneta, em seguida, empurrou-a. Um segundo depois, ouvi um estrondo, e ela se abriu.

A primeira coisa que vi era rosa. Todas as quatro paredes foram pintadas num tom róseo, quase cor de chiclete, a cor predileta de Maggie. O que não era cor-de-rosa (que, à primeira vista, não parecia ser muita coisa) era laranja. Somando-se à insanidade, o espaço bem pequeno estava atulhado de todos os tipos de coisinhas com um toque feminino: vasilhas de empilhar cor-de-rosa, um porta-lápis da Hello Kitty, uma tigela cheia de batons e gloss. Até mesmo os arquivos – os arquivos! – tinham etiquetas rosa e laranja, e um boá de plumas rosa estava estendido sobre eles.

– Uau! – eu disse, incapaz de ficar calada.

– Eu sei – Leah concordou. – É como estar dentro de uma caixa de doces Starburst. Então, o cofre está embaixo da mesa, o talão de cheques fica na segunda gaveta à esquerda quando está por aqui, e todas as faturas ficam embaixo do urso.

– Do urso?

Ela entrou no aposento, caminhando para o balcão e pegou um pequeno urso de pelúcia rosa com um chapéu laranja.

– Aqui – ela disse, apontando para a pilha de papel embaixo dele.

– Não me pergunte nada, era assim quando fui contratada. Alguma

dúvida?

– Não. Obrigada. – Claro, eu tinha várias, mas nenhuma que ela pudesse responder.

– Tudo bem. Basta gritar se você precisar de nós. – Ela passou por mim, de volta para o corredor, onde eu estava em pé, ainda sem forças de realmente me aventurar lá dentro. Eu a ouvi dar alguns passos antes de ela dizer:

– E... Auden?

– Sim? – Virei-me, de frente para ela.

Ela olhou por cima do ombro e deu um passo para trás na minha direção.

– Não se preocupe com a Maggie. Ela é tão... emotiva. Ela vai acabar superando tudo.

– Ah! – exclamei, me perguntando como exatamente eu deveria responder. Até eu sabia que não deveria falar sobre uma menina com outra, especialmente se elas eram amigas. – Tudo bem.

Ela assentiu; em seguida, afastou-se de volta para o caixa, onde Esther e Maggie agora estavam curvadas sobre uma caixa e colavam etiquetas de preços em óculos de sol. Quando ela se aproximou, elas ergueram o olhar, então se apertaram, abrindo espaço para Leah se juntar a elas.

Olhei para trás no cômodo rosa e por algum motivo pensei em minha mãe, pelo menos porque ela era a única pessoa que eu sabia que teria mais dificuldade em entrar nele que eu. Pude imaginar o rosto dela: como os olhos se estreitariam em repulsa, o suspiro pesado através das narinas, que falava mais alto que as palavras que se seguiam. “É como um útero aqui dentro!”, ela rosnaria. “Um ambiente totalmente governado por estereótipos e expectativas, tão patético quanto aqueles que escolheram habitá-lo”.

“Exatamente!”, pensei. Então, entrei.



O escritório de Heidi podia ser exagerado, mas a contabilidade dela, de fato, estava numa boa. Quando trabalhei para o contador da minha mãe no verão passado, tinha visto alguns métodos de

escrituração muito loucos. Havia pessoas que traziam registros em que meses inteiros de controle de cheques estavam faltando; outros que pareciam apenas manter seus recibos em caixas de fósforos ou guardanapos. O material da Heidi estava organizado, seus arquivos faziam sentido, e só havia algumas discrepâncias, que tinham acontecido nos últimos dez meses ou algo assim. Talvez isso não devesse ter sido uma surpresa para mim, considerando o que meu pai tinha dito sobre sua experiência empresarial. Mas era.

Não era chocante o fato de que, num primeiro momento, o escritório fosse totalmente favorável à distração. Eu realmente me senti um pouco enjoada sentada ali, condição agravada quando acendi a lâmpada de mesa, que tinha um tom de laranja e fazia tudo parecer ainda mais radioativo. Mas depois de alguns minutos com a calculadora e o talão de cheques, tudo meio que fez sentido. Eu não tinha percebido o quanto eu sentia falta da simplicidade de um projeto com números, de como as coisas faziam sentido em somas e divisões. Sem emoção, sem complicações. Apenas dígitos no visor, alinhados em sequência perfeita.

Estava tão imersa que no começo nem ouvi a música vinda da loja por detrás de mim. Foi apenas quando, de repente, ela ficou muito alta, como se alguém tivesse mudado do volume mais baixo ao mais alto, que interrompi a verificação que eu fazia nos formulários de imposto e aquilo me chamou a atenção.

Olhei para o relógio: nove e um. Então, empurrei a cadeira para trás e abri a porta. Fora no corredor, o som era definitivamente ensurdecedor, música de discoteca com uma batida rápida, a voz de uma menina cantando uma letra sobre uma paixão de verão. Fiquei me perguntando se talvez elas estivessem tendo algum problema com o aparelho de som quando vi Esther se espremendo entre as araras de jeans, agitando os braços sobre a cabeça. Momentos depois, ela foi seguida por Leah, que fazia um movimento lento de girar os quadris, e depois por Maggie, que saltou na ponta dos pés. Era como uma linha de conga de três, passando rapidamente e desaparecendo em seguida.

Dei outro passo adiante, inclinando-me um pouco mais para a loja. Eu não conseguia ver todos os clientes, embora o calçadão

parecesse lotado, com muita gente passando. Tinha acabado de decidir voltar para o escritório e esperar que o silêncio retornasse quando Esther apareceu atrás da arara de maiôs. Dessa vez, fez um movimento para a lateral, os cabelos balançando para o lado. Ela estendeu uma mão para Leah, puxando-a para a minha linha de visão; depois, girou-a para fora e para trás, as duas rindo. Então elas se separaram, e Maggie se movimentou entre elas, balançando os quadris enquanto elas circulavam ao seu redor, ainda dançando.

Eu não sabia que estava ali apenas olhando para elas, até que Esther me viu.

– Ei! – ela gritou. Seu rosto estava vermelho. – É a dança das nove horas. Venha.

– Não, obrigada. – Instintivamente, neguei com a cabeça.

– Você não pode dizer não! – Leah gritou, assim que ela agarrou a mão de Maggie e, em seguida, girou-a para fora e de volta. – A participação dos empregados é obrigatória.

“Então eu me demito”, pensei, mas elas já estavam se movimentando, de volta à linha de conga, dessa vez com Maggie na liderança, saltando para cima e para baixo, e Esther estalando os dedos atrás dela. Leah, na retaguarda, olhou para mim uma última vez. Quando eu não disse nem fiz nada, ela apenas deu de ombros e seguiu as outras rodando ao redor das araras e de volta para a porta.

Voltei para o escritório, sentei-me novamente à mesa. Tinha certeza de que elas pensaram que eu era totalmente sem graça... não que eu me importasse. Era exatamente como todas as atividades pelas quais passei nas minhas ex-escolas durante os almoços: lutas simuladas de sumô, concursos de comer tortas, jogos coletivos de *Twister* na quadra – sempre me perguntando como, exatamente, se faz esse tipo de coisas. Talvez se eu tivesse feito aquilo quando criança teria sido algo nostálgico, e por isso seria legal. Mas eu nunca tinha brincado assim. Tudo era novo para mim e, portanto, mais assustador que qualquer outra coisa.

Peguei minha caneta, retornando à minha década de 1990. De repente, um instante depois, a música parou da mesma forma como

tinha começado. Outra hora se passou, no silêncio dos números, e depois houve um toque na porta.

– Hora de fechar! – Esther falou, vindo atrás de mim com uma sacola do banco na mão. – Posso ir até o cofre?

Empurrei a minha cadeira, abrindo espaço, ela se agachou, enfiando a chave que segurava na fechadura. Vi quando colocou a sacola dentro e depois fechou a porta antes de se erguer novamente.

– Vamos sair daqui a dez minutos – ela me disse, limpando os joelhos. – Você vem conosco ou vai ficar até mais tarde?

Eu queria lhe dizer que, para mim, depois das dez não era tarde. Mas eu sabia que ela não estava realmente a fim de papo, então eu falei:

– Estou quase pronta.

– Legal. Apareça lá na frente e podemos fechar quando todas nós estivermos fora.

Concordei com a cabeça. Ela deixou a porta aberta e assim terminei as últimas coisas que tinha começado. Dava para ouvir a conversa dela, de Maggie e de Leah, ao lado do caixa.

– De onde é que vêm esses Skittles? – Esther perguntou.

– De onde você acha? – Leah lhe perguntou.

– Sério? – Dava para dizer pela sua voz, levemente sedutora, que Esther estava sorrindo. – Então, Mags. Mais doces do Adam, é?

Maggie suspirou.

– Já disse a vocês, isso não quer dizer nada. Ele é só um cliente, assim como todos os outros rapazes.

– Pode ser que seja verdade – Leah se manifestou – mas só porque ele vem à loja não significa que ele sempre tenha que te comprar alguma coisa.

– Ele nem sempre compra alguma coisa – Maggie resmungou.

– Parece que sim – Esther retrucou. – E com um cliente, este é o primeiro sinal, né. Já viu, né?

– Verdade – Leah concordou.

– Não é verdade – Maggie respondeu. – É só doce. Parem de ficar interpretando as coisas. Cara, vocês são ridículas.

Eu podia concordar com isso. Fiquei espantada por elas terem ficado juntas a noite toda, e ainda assim, aparentemente, ainda terem algo para falar. Mesmo que fosse, como era de se prever, de doces e garotos.

Quando saí, estavam todas na porta da frente, esperando por mim.

– Eu entendo que você não queira nada com ele – Leah dizia. – Bem, ele é um carinha do colegial.

– Ele acabou de se formar, como nós, Leah – Esther retrucou.

– Verdade. Mas ele ainda não é um cara da faculdade. Há uma grande diferença neste verão.

– Como você sabe? Você se recusa a sair com qualquer um, a não ser com os caras da faculdade.

– Por que isso te incomoda tanto? Puxa, na faculdade, todas nós estaremos namorando carinhas da faculdade de qualquer maneira. Então, qual é o problema em começar cedo?

– Não é que seja mal – Esther respondeu. Enquanto todas saíamos. Maggie puxou a porta e tirou as chaves da bolsa. – Acho que talvez você tenha perdido alguma coisa, sabe, recusando-se a sair com carinhas da sua idade.

– O que eu teria perdido?

– Não sei. – Esther deu de ombros. – É legal ter esse lance da idade em comum.

– Assim diz a pessoa que não namora há mais de um ano. – Leah apontou.

– Sou exigente – Esther respondeu.

– Você escolhe demais – Maggie prosseguiu. – Ninguém é bom o bastante para você.

– Meus padrões são altos. É melhor que namorar qualquer pessoa.

Houve uma pausa repentina e estranha, bastante perceptível, que até eu senti. Maggie, que estava colocando a chave na porta, ficou tensa. Esther falou:

– Oh, Mag. Você sabe que eu não queria dizer o Jake.

– Tudo bem, tudo bem – Maggie disse, sacudindo-a para fora. – Não vamos falar nisso.

Embora isso não fosse fácil, como percebi ao olhar à minha direita para a loja de bicicletas, onde eu vi o cara de cabelos encaracolados sentado numa bicicleta e conversando com dois carinhas que eu não conhecia. Logo atrás dele, com um casaco jogado sobre os ombros, estava Jake. Quando ele se virou, olhou direto para mim.

“Que ótimo”, pensei, virando as costas às pressas, o que me deixou de cara com Esther e Leah, que tentavam decidir para onde iriam dali.

– Sempre tem o Tip – Esther dizia. – Ouvi que vai rolar um barril de chope hoje à noite.

– Eu estou tão cansada de areia e de chope... – Leah resmungou.

– Vamos para uma boate ou um lugar assim.

– Você é a única maior de idade, lembra?

– Eu consigo fazer vocês entrarem.

– Você sempre diz isso – Esther retrucou. – Mas nunca consegue. Mag, o que você quer fazer?

Maggie deu de ombros e deixou cair as chaves na bolsa que tinha pendurada no ombro.

– Tanto faz... Acho que vou para casa.

Leah disparou um olhar para Jake e então para mim.

– Bobagem. Vamos pelo menos...

Esse pensamento foi interrompido pelo cara de cabelos encaracolados que, de repente, veio bem do nosso lado, travando os freios com um guincho.

– Senhoritas – ele começou. Leah revirou os olhos. – Alguém quer uma carona até a pista de saltos?

– Ai, me poupe – Leah respondeu. – Por favor, chega de noites curtindo bicicletas. Quantos anos nós temos, doze?

– Não são apenas *bicicletas* – o carinha disse, ofendido. – Como você pode dizer isso?

– Fácil – ela respondeu. – E, de qualquer forma, Adam...

– Eu vou! – Maggie a interrompeu. Adam sorriu, depois se sentou no selim enquanto ela subia no guidão, arrumando a bolsa no colo. – O quê? – ela disse a Leah, que suspirava. – É melhor que qualquer danceteria.

– Não – Leah disse categoricamente. – Não é.

– Ah, se liga – Adam lhe disse, enquanto se metia para fora do calçadão, começando a pedalar. Maggie se inclinou para trás, fechando os olhos, e então eles estavam a caminho, os outros rapazes de bicicletas diante da loja atrás deles. Leah sacudiu a cabeça, contrariada, mas permitiu que Esther pegasse no seu braço enquanto elas subiram na garupa. Assim restamos apenas eu e Jake.

Tentei virar e partir para casa, mas sem sorte. Dei dois passos, e ele estava ao meu lado.

– Então... – ele disse – o que foi aquilo na outra noite, afinal? Você saiu muito rápido.

Ele era muito tudo demais: confiante demais, estava parado perto demais, querendo demais. Então respondi:

– Não foi nada.

– Ah... – ele disse, com a voz baixa. – Eu acho que foi. E ainda poderia ser. Você está a fim de passear ou qualquer outra coisa?

Era tudo que eu podia fazer para não recuar. Eu já tinha me arrependido do que tinha feito, e isso tinha sido antes de saber que ele era ex da Maggie e irmão de Eli. E como era estranho que eu, que queria saber o mínimo possível sobre qualquer coisa daqui, agora soubesse de tudo isso!

– Olha... O que aconteceu naquela noite foi um erro, tá?

– Você está me chamando de erro?

– Eu tenho que ir – continuei e comecei a me afastar.

– Você está muito confusa, sabe disso? – ele falou, enquanto eu esquivei minha cabeça para baixo, me concentrando no final do calçadão. – Foi você que provocou, pô!

Mais passos, mais espaço. Eu tinha acabado de sair do calçadão para a rua e, finalmente, tinha conseguido relaxar, quando vi Eli à frente, vindo na minha direção. Ele vinha caminhando lentamente atrás de um grupo de mulheres mais velhas, elegantes, todas elas muito bronzeadas e usando cores vivas. Tentei me encolher para não ser vista, mas bem quando ele passou por mim, ele olhou para cima. “Por favor, continue seguindo adiante”, pensei, fixando meu olhar firmemente sobre a camisa xadrez do cara que andava na minha frente.

Mas Eli era claramente diferente do irmão, ele entendia bem os sinais. Nada de gritos, nada foi dito. Na verdade, ele sequer olhou para mim duas vezes, apenas continuou a andar.

seis



– AUDEN? VOCÊ...

Parei. Tentei ouvir. Esperei. Mas, como sempre, nada se seguiu além do silêncio.

Suspirando, abaixei meu livro de economia, me levantei e abri a porta do meu quarto. Como era esperado, lá estava Heidi, com Thisbe nos braços, olhando para mim com uma expressão perplexa.

– Ai, pelo amor de Deus – ela disse. – Eu tinha um motivo sério para ter vindo aqui! E agora não faço ideia do que era. Você consegue acreditar nisso?

Eu conseguia. Na verdade, os esquecimentos de Heidi tinham virado parte da minha rotina assim como meu café matinal e ficar acordada até bem tarde. Eu tinha feito o melhor que podia para me manter segregada, ter a minha vida própria em Colby, o mais separada possível da vida dela e de meu pai, considerando que estávamos vivendo sob o mesmo teto. Mas foi inútil. Duas semanas e eu estava irremediavelmente envolvida, gostasse disso ou não.

Por causa disso, eu estava plenamente consciente de que o humor de meu pai dependia inteiramente de como seus escritos se desenvolviam naquele dia: uma manhã boa e ele ficava animado pelo resto do dia; uma manhã ruim e ele ficava se esquivando, mal-humorado e resmungão. Eu conhecia todos os altos e baixos dos contínuos problemas pós-parto de Heidi: os esquecimentos, as loucas oscilações de humor e como ela se preocupava em níveis múltiplos e complexos com cada coisinha que o bebê fazia: dormir, comer, fazer cocô. Eu estava até plenamente versada no cotidiano de Thisbe, do choro (que era contínuo, pelo que parecia) até a sua

tendência de ter soluços bem na hora em que estava finalmente caindo no sono. Talvez eles estivessem igualmente conscientes de mim também, mas duvido.

Por causa de tudo isso, comecei a, tipo, curtir – às vezes até almejar – as poucas horas que eu passava todos os dias na Clementine's. Era uma oportunidade de fazer algo concreto, com começo, meio e fim. Sem oscilações emocionais descontroladas, sem questionamentos em voz alta sobre a rotina de uso do banheiro de outra pessoa e sem soluços. A única coisa que a impedia de ser perfeita era a enorme proximidade de Esther, Leah e Maggie e de todos os dramas *delas*. Mas pelo menos elas me deixavam em paz quando a minha porta estava fechada.

Agora, eu olhava para Heidi, que ainda estava parada ali, de testa franzida enquanto tentava se lembrar porque tinha subido até lá. Thisbe, em seus braços, estava acordada e olhava para o teto, muito provavelmente ponderando sobre quando iria querer começar a gritar de novo.

– Tinha algo a ver com o trabalho? – perguntei, já que tinha aprendido que uns poucos lembretes às vezes despertavam a memória dela.

– Não – ela disse, passando Thisbe para o outro braço. – Eu estava lá embaixo, pensando que tinha de fazer o bebê dormir logo, mas tem sido tão difícil porque ela tem estado tão inconstante... então não importa o que eu faça, ela ainda fica exausta...

Eu me desliguei e comecei a revisar mentalmente a tabela periódica, o que em geral me mantinha ocupada durante esses monólogos.

–... então eu ia deitá-la, mas não fiz isso, porque... – ela estalou os dedos. – O aparelho de som que faz os ruídos de ondas! Era isso. Eu não consigo encontrá-lo. Você o viu por aí?

Eu estava quase dizendo que não. Duas semanas atrás, quando cheguei, eu teria dito “não” sem remorso ou mesmo sem sequer pensar duas vezes. Mas graças à nossa sintonia, respondi:

– Acho que pode estar naquela mesa perto da porta da frente.

– Ah! Maravilha – ela suspirou, baixando o olhar para Thisbe, que bocejava. – Bem, vou lá pegá-lo, e vamos ver o que acontece. Quer

dizer, ontem tentei fazê-la dormir neste mesmo horário. Estava claro que ela estava exausta, mas é óbvio que no momento em que tentei, ela despertou. Juro, é como se...

Comecei a fechar a porta devagar, devagarinho, até que ela finalmente entendeu o recado, afastou-se e foi para as escadas.

–... Então nos deseje sorte! – ela falou, quando finalmente ouvi a maçaneta estalar.

Sentei na minha cama, olhando para a praia abaixo. Havia um monte de coisas por ali que eu não entendia e que eu aceitava bem. Mas o som das ondas? Aquilo me deixava *louca*.

Aqui estávamos nós, a meros *metros* do mar real, verdadeiro, e mesmo assim Heidi estava convencida de que Thisbe só conseguiria dormir com o som de ondas fabricadas – ligadas no volume máximo, não menos que isso – fornecidas pelo seu equipamento de fazer barulho. O que significava que eu também tinha de ouvi-las durante a noite toda. Provavelmente não seria um problema tão grande se ele não tornasse impossível ouvir o mar verdadeiro. Então lá estava eu, em uma casa de frente para o mar, ouvindo um oceano falso, e isso parecia resumir tudo que estava errado naquela situação do início ao fim.

Do outro lado, ouvi passos novamente, então uma porta abrindo e fechando. Um momento depois, claro, as ondas começaram. Falsas, altas e infinitas.

Eu me levantei, peguei a minha bolsa e saí pelo corredor, passando pela porta semiaberta de Thisbe o mais silenciosamente que consegui. Parei no alto das escadas, olhando para o escritório de meu pai, para a porta que ele sempre mantinha ligeiramente entreaberta. Ele estava à escrivaninha, virado para a parede, como sempre, uma lata de coca *diet* e uma maçã inteira perto dele. Então tinha sido um dia bom.

Como eu disse, fiquei versada nos hábitos de papai. E usando meus talentos de observação, descobri que ele levava uma maçã para o escritório todos os dias, depois do almoço. Se fosse um dia bom, ele ficava totalmente imerso no que estava fazendo e não a comia. Em um dia ruim, no entanto, o miolo ficava reduzido a nada, mordiscado até a morte, às vezes até partido em dois pedaços. Em

um dia de maçã-inteira, ele surgia no jantar animado e falante. Em um dia de miolo de maçã – especialmente de miolo partido em dois pedaços – era melhor se afastar: às vezes ele resolvia nem descer.

No entanto, na maioria dos dias, eu nem ficava para o jantar, já que saía de lá pelas cinco para ir até a Clementine's, onde comia um sanduíche enquanto trabalhava até a loja fechar. Depois, em geral eu andava pelo calçadão da praia por cerca de uma hora antes de ir para casa, pegava meu carro e ficava fora durante outras três ou quatro horas.

Descobri um lugar que funcionava 24 horas por dia, chamado Wheelhouse Diner, a cerca de 50 quilômetros, mas que não era nenhum Ray's. Os compartimentos eram estreitos e fediam a alvejante, e o café era aguado. Além disso, as garçonetes olhavam feio se você permanecesse mais tempo que o necessário para comer qualquer coisa que pedisse, mesmo que o lugar normalmente estivesse às moscas. Então era mais comum eu parar no Gas/Gro, a loja de conveniência mais próxima, comprar um copo grande de café para viagem e bebericar enquanto dirigia. Em apenas duas semanas, eu conhecia cada centímetro de Colby de cor e salteado, por mais que isso não fizesse a mínima diferença.

Quando cheguei à Clementine's, já eram quase seis e o turno estava para mudar. O que tecnicamente significava que Esther tinha acabado e Maggie deveria assumir, embora com mais frequência – e por razões que eu não entendia – quem estivesse saindo geralmente ficava matando o tempo por lá, sem pagamento, por livre e espontânea vontade. Por outro lado, passar o tempo parecia ser tudo o que as pessoas faziam em Colby. As garotas se reuniam na Clementine's, congestionando o espaço ao redor do caixa, fofocando, folheando revistas de moda, enquanto os rapazes ficavam nos bancos diante da loja de bicicletas, fofocando e lendo revistas sobre bicicletas. Era ridículo. E mesmo assim isso prosseguia, todos os dias, o dia inteiro.

– E aí? – Esther, que era a mais simpática das garotas, me cumprimentou quando eu entrei. – Tudo bem?

– Tudo – respondi minha resposta padrão. Há muito tempo eu tinha decidido ser cordial, mas não demais, ou eu seria sugada para

uma conversa sobre qual celebridade estava na clínica de reabilitação ou vestidos com alças *versus* sem alças. – Alguma entrada de mercadoria hoje?

– Só essas. – Ela pegou uns dois papéis, entregando-os para mim quando eu passei. – Ah, sei lá por que nós tivemos uma entrada anormal de quartos de dólar, e eu coloquei o extrato do depósito embaixo do urso.

– Ótimo. Obrigada.

– De nada.

Um minuto depois, eu estava no escritório, de porta fechada, completamente sozinha. Do jeito que eu gostava. Se as paredes fossem de um branco neutro, tudo estaria perfeito.

Normalmente, a concentração em meu trabalho me fazia desligar de qualquer coisa que acontecesse na loja. Mas, de vez em quando, enquanto eu mudava de tarefa, podia ouvir uns trechos de conversa aqui e ali. Quando Leah estava trabalhando, ela ficava sempre no celular. Esther parecia gastar um bom tempo cantarolando para si mesma. E Maggie, bem, Maggie estava sempre conversando com os clientes.

– Puxa, ficou incrível! – Eu a ouvi dizer por volta das sete e meia quando comecei com a folha de pagamento da semana. – Petunia's são os melhores jeans. Eu vivo enfiada nos meus.

– Não sei... – uma voz de garota respondeu. – Gosto dos bolsos, mas não muito da lavagem.

– É um pouco escura... – Uma pausa. – Mas ao mesmo tempo, acho que é sempre bom ter um jeans mais chique, sabe? E um tom escuro fica mais elegante. Nem todos os jeans caem bem com salto. Mas este fica ótimo.

– Ah, é?

– Claro! Mas se a lavagem não é do seu agrado, podemos pegar outras marcas. Os bolsos da Pink Slingbacks são caprichados. E sempre tem a Courtney Amandas. Eles fazem, tipo, mágica no seu bumbum.

– Então é disso mesmo que estou precisando. – A garota riu.

– Certo. Deixa só eu achar o seu tamanho...

Ergui os olhos para ninguém, teclando alguns números na calculadora. Toda vez em que eu a entreouvia entrando nesses detalhes sobre esse tipo de coisas, as nuances de diferentes marcas de chinelos de dedo, ou os prós e contras de *shorts versus* biquínis, parecia tanto desperdício. Você podia saber tanto sobre tantas coisas e você escolhia saber de sapatos e roupas. Leah pelo menos parecia inteligente, enquanto Esther, que claramente dançava de acordo com sua própria música, tinha personalidade. Mas Maggie era apenas... bem, ela era como Heidi. Uma garota, totalmente rosa, fofa e frívola. E pior... ela estava feliz com isso.

– Olhe aqui! – eu a ouvi dizer. – Ah, e eu peguei as excelentes botas Dapper que acabaram de chegar, para você ver como ela fica com um visual um pouco mais formal.

– Obrigada – a cliente respondeu. – Elas são lindas. Adoro sapatos.

– Claro que sim! – Maggie respondeu. – Como todas as mulheres, não é?

“Pelo amor de Deus”, eu pensei. Onde está o som de ondas quando você realmente precisa dele?

Pouco depois, ouvi a porta da frente tilintar. Após um instante, a música aumentou, dessa vez um ritmo dançante barulhento. Nem precisei olhar para meu relógio. Nesse ponto, eu reconhecia a dança das nove horas quando a ouvia.

Acontecia todas as noites, uma hora antes de fechar, independentemente de só ter uma vendedora ou todas as três presentes, e sempre durava exatamente o tempo de uma música, nada mais. Eu não sabia como os clientes reagiam, embora eu pudesse lembrar como eu reagi, o que era motivo para eu ficar bem enfiadinha no escritório.

Das nove e três às dez, sempre havia um pouco mais de clientes e um monte de conversa inútil, em geral, sobre planos para a noite ou a falta deles. Novamente, tentei não ouvir, mas às vezes isso era impossível, e por isso agora eu sabia que Leah sempre queria ir a baladas (mais chance de encontrar garotos mais velhos que elas não conheciam desde que nasceram), enquanto Esther preferia ouvir música (parece que ela tinha algum tipo de propensão a ser

cantora/compositora). Maggie, pelo que eu podia dizer, não fazia muito além de ficar com os garotos da loja de bicicletas, mais provavelmente grudada em Jake, apesar de jurar por tudo que já o tinha superado e que ele já era.

Esta noite não foi diferente, como ficou claro quando ouvi Leah dizer:

– Então, hoje é noite de Mulheres na Faixa no Tallyho.

– O que foi que nós juramos da última vez que fomos lá? – Esther retrucou.

– Nós não...

– Não, não, não no Tallyho – Maggie recitou sobrepondo sua voz.

Alguém riu com escárnio. Então Leah falou:

– Não entendo o que vocês odeiam tanto naquele lugar.

– Tudo? – Esther respondeu.

– É melhor que ir à noite de microfone livre no Ossify e assistir a algum cara recitar sua lista de compras com batidas de bateria.

– Não sei – Maggie ponderou. – Será que é mesmo?

Mais escárnio.

– Olha... – Esther acrescentou – eu não estou dizendo que temos de ir ao Ossify. Eu só não estou a fim de ficar presa com algum turista bêbado de novo hoje.

– Sempre há a pista de saltos – Maggie sugeriu.

Resmungos altos.

– O quê? É de graça, há rapazes lá...

– Os carinhas que a gente conhece desde sempre – Leah retrucou.

– E é divertido – Maggie completou. – Além disso, eu ouvi dizer que Eli talvez ande de bike neste fim de semana.

Eu estava somando uma longa lista de números e bem nesse momento perdi a conta de qual tinha sido o último que eu tinha pressionado. Zerei a calculadora e comecei novamente.

– Esse boato surge toda semana – Leah retrucou.

– Talvez, mas dessa vez fiquei sabendo pelo Adam.

– Que ouviu do Eli?

Nenhuma resposta de Maggie.

– É exatamente disso que eu estava falando. É como ver o Lobisomem. É uma lenda urbana.

Ninguém falou nada pelo que pareceu uma eternidade. Finalmente, Esther disse:

– Já faz mais de um ano. A gente imaginava que ele por fim...

– Abe era o melhor amigo dele – Leah respondeu. – Você sabe como eles eram próximos.

– Sei disso, mas mesmo assim. Ele tem que voltar alguma hora.

– Quem disse isso?

– O que ela quer dizer é que isso era a vida dele antes. E agora ele está aqui, gerenciando a loja. É como se tudo tivesse parado – Maggie completou.

Outro silêncio.

– Bem, para ele provavelmente parou. Sabe? – Leah disse.

Então houve uma batida na porta atrás de mim que me fez pular em determinado momento. Esther tinha se afastado delas e vindo com o dinheiro do caixa.

– Nós estamos quase fechando – ela disse ao entrar. Eu me afastei, como fazia toda noite, enquanto ela mergulhava lá embaixo da escrivaninha até o cofre. – Você já está acabando?

– Estou – respondi. Ela fechou a porta, tirando a chave do cofre. – Eu, ahn, vou sair em um segundo.

– Tudo bem.

Quando ela saiu, voltei à minha calculadora, começando a somar de novo. Na metade da coluna de números, no entanto, parei e fiquei sentada o mais quieta possível, ouvindo com atenção para ver se a conversa voltaria ao mesmo ponto de antes. Quando não voltou, me inclinei sobre meus números, pressionando-os vagarosamente desta vez, um a um, para não cometer o mesmo erro novamente.



Por volta da meia-noite, eu já tinha andado pelo calçadão e dado uma volta completa de carro por Colby, e ainda tinha umas horas

antes de até mesmo querer pensar em voltar para casa. Era óbvio que eu precisava de café. Então fui até o Gas/Gro.

Tinha acabado de estacionar e estava procurando trocados no meu cinzeiro quando ouvi um motor zumbindo atrás de mim. Quando olhei, uma caminhonete verde e caidaça estava estacionando a algumas vagas abaixo. Mesmo antes de ver as bicicletas empilhadas atrás, reconheci o cara baixo, atarracado, atrás do volante, e Adam, amigo de Maggie, ao lado dele. Eles desligaram o motor e saltaram para fora, entrando na loja. Depois de um tempo, eu os segui.

O Gas/Gro era pequeno, mas limpo, com corredores organizados e iluminação não ofuscante demais. Fui direto para o café GroRoast superforte, como de costume, pegando o maior copo e enchendo-o. Adam e seu amigo estavam do outro lado da loja, perto das geladeiras, onde pegaram bebidas antes de se dirigirem ao corredor de doces.

– Confeitos de amendoim... – Adam dizia enquanto eu adicionava um pouco de creme no meu copo. – Barrinhas de alcaçuz. E... deixa eu pensar. Talvez confetes de hortelã?

– Sabe, você não precisa nomear cada compra em voz alta – o amigo falou.

– É o meu jeito, tá? Eu tomo decisões melhor quando falo em voz alta.

– Bem, isso incomoda. Pelo menos fale baixo.

Coloquei uma tampa no meu copo, verifiquei se estava bem presa e depois fui até o caixa, onde uma mulher grandona comprava alguns bilhetes de loteria. Um instante depois, eles estavam atrás de mim. Dava para vê-los no reflexo do anúncio espelhado de cigarro sobre nossas cabeças.

– Um dólar e catorze – o atendente me disse.

Eu lhe passei o dinheiro exato e peguei meu copo. Quando virei, Adam falou:

– Bem que achei que conhecia você! Você, hã... trabalha na Clementine's, certo?

Eu conhecia esse "hã". Era óbvio que a minha única noite impensada tinha me rotulado como "A Garota que ficou com o Jake",

embora Adam fosse legal o suficiente para não mencionar nada, pelo menos não na minha cara.

– Sim – respondi. – Isso mesmo.

– Adam – ele disse, apontando para si mesmo. – E este é o Wallace.

– Auden – completei.

– Olha isso! – Adam disse, cutucando Wallace. – Ela só comprou um copo de café. Mas que moderação!

– Fala sério – Wallace disse ao colocar todas as coisas escolhidas sobre o balcão. – Quem consegue vir ao Gas/Gro e comprar só uma coisa?

– Bem, ela não é daqui – Adam respondeu quando o caixa começou a passar as compras.

– Isso é verdade. – Wallace olhou para mim. – Sem querer ofender, é claro. É só que a gente...

– Gosta de consumir – completei por ele, sem nem mesmo pensar. Ele pareceu surpreso, então trocou um olhar com Adam.

– Exatamente.

– São quinze dólares e oitenta e cinco centavos – o atendente disse e, enquanto eles remexiam os bolsos, tirando notas amassadas, aproveitei a oportunidade para sair de volta para o carro. Um instante depois, eles surgiram, cada um carregando uma sacola, e subiram na caminhonete. Eu os observei recuando, os faróis batendo em mim enquanto eles se distanciavam.

Fiquei sentada ali e bebi meu café por algum tempo, considerando minhas opções. Sempre havia a lanchonete aberta a noite toda. Ou outra volta por Colby. Olhei para meu relógio: apenas meia noite e quinze. Tantas horas para preencher e tão pouco a fazer. Talvez fosse por esse motivo que eu me vi saindo, virando na mesma direção em que eles foram. Não procurando pelo Lobisomem, necessariamente. Qualquer coisa servia.



Não foi difícil encontrar a pista de saltos. Bastava seguir as bicicletas.

Elas estavam por toda parte, lotando as calçadas estreitas, presas nas traseiras de carros ou elevadas nos bagageiros de teto. Fiquei próxima a uma velha perua Volkswagen com uma bicicleta laranja vivo pendurada nela e segui-a até ela entrar em um grande estacionamento a duas ou três ruas de distância da praia. Enquanto estacionava, pude ver algumas arquibancadas ladeadas por dois postes enormes que iluminavam uma sequência de saltos, rampas feitas de toras e areia. De vez em quando você via alguém sobre uma bicicleta erguer-se acima da linha de visão, suspenso em pleno ar por apenas um instante antes de desaparecer de novo.

Também havia uma pista oval feita de vários tipos de barreiras, em que algumas pessoas circulavam, e abaixo daquilo, duas rampas grandes e curvas de frente uma para a outra. Fiquei sentada em meu carro por um tempo, observando alguém de capacete preto descer por um lado, depois subir pelo outro repetidamente, hipnotizada como se alguém estivesse balançando um relógio em uma corrente diante de meus olhos. Então alguém bateu a porta do Volkswagen, trazendo-me repentinamente de volta.

Não tinha certeza do que estava fazendo ali. Aquele não era exatamente meu cenário nem meu grupo. As arquibancadas estavam cheias de garotas que provavelmente estavam ocupadas comparando brilhos labiais e espiando os rapazes enquanto eles circulavam de bike abaixo delas. Mais provas: quando olhei mais atentamente, localizei Maggie sentada algumas fileiras acima, vestida de rosa, é claro. Eu não tinha olhado com mais atenção para ver se Jake era um dos carinhos que se movimentavam pelas rampas no momento, mas de novo, talvez isso nem fosse necessário.

Eu me sentei, peguei o copo de café e dei um gole. Os carros ainda estavam chegando e estacionando e, de vez em quando, as pessoas passavam pelo meu carro, suas vozes se intensificando. Cada vez que isso acontecia, eu me censurava e buscava as chaves para ligar o motor e sair dali. Mas então eles seguiam em frente, e eu deixava minha mão cair. Afinal, eu não tinha, tipo, coisa melhor para fazer. E pelo menos desse modo eu não gastava gasolina.

– Olá! – ouvi alguém gritar, de repente, de algum lugar à minha direita. – Onde é a festa, gatinha?

Reconheci a voz de Jake imediatamente. Na verdade, quando me virei, localizei-o uma fileira à frente e duas de lado, recostado num sedã prata. Ele estava de jeans e uma camisa vermelha de mangas compridas, cujas pontas oscilaram na brisa quando ele tomou um gole de algo em um copo plástico azul na mão. Levei um minuto para perceber que ele nem estava falando comigo, mas com uma loira alta que andava algumas filas abaixo, com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. Ela olhou para ele, sorrindo com timidez, e continuou andando. Um tempo depois, ele a alcançou a apenas uns carros na minha frente.

“Droga”, pensei, observando enquanto ele lançava aquele sorriso largo para ela. Sair bem naquela hora teria chamado muita atenção, mas eu também não estava a fim de ficar sentada e assistir ao meu maior erro na memória recente agindo bem diante de mim. Considerei minhas opções por um instante, então abri minha porta cuidadosamente, deslizando os pés até o cascalho. Fechei-a com cuidado, me abaixando enquanto desviava do carro ao meu lado, depois coloquei outro carro, e mais outro entre nós.

Devido à minha fuga em ziguezague, acabei na área exterior à esquerda da pista de saltos, onde havia apenas uns dois suportes de bicicletas e umas poucas árvores esparsas. Era logo além do alcance das luzes brilhantes próximas às arquibancadas, então eu podia ver tudo sem ser notada. Em outras palavras, era perfeito.

Recostei-me a um suporte de bicicletas enquanto observava as pessoas passarem pelas sequências de saltos. À primeira vista, todos os ciclistas pareciam iguais, mas após um exame mais profundo, percebi que todos iam a diferentes velocidades ao se aproximar, e alguns ficavam mais próximos do chão, cuidadosos, enquanto outros subiam alto, então mais alto ainda no salto seguinte. De vez em quando, havia alguns aplausos ou assobios das arquibancadas, mas tirando isso fazia silêncio de uma forma estranha, apenas o som de pneus no cascalho, quebrado por momentos de silêncio quando eles subiam no ar.

Depois de um tempo, localizei Adam e Wallace, montados em suas bikes e sem capacetes, onde as pessoas se alinhavam para os saltos. Wallace comia batatas Pringles enquanto Adam olhava para as arquibancadas, fazendo gestos para alguém vir se juntar a eles. Seguindo seu olhar, localizei Maggie novamente, ainda sozinha, ainda olhando para as rampas. "Você pode continuar olhando", eu queria lhe dizer, mas mais provavelmente ele está abaixo dessas arquibancadas, não na frente delas. Garota idiota.

Assim que pensei isso, ela se levantou de repente, como se tivesse me ouvido. Eu observei como ela se ergueu, empurrando os cachos escuros para trás da base do pescoço e prendendo um elástico ao redor. Ela pegou uma bolsa ao seu lado, tirou um capacete, segurando-o pela tira, e desceu as arquibancadas até os garotos que esperavam abaixo.

Eu tinha de admitir que fiquei surpresa. O que vi em seguida, no entanto, me deixou estupefata: quando ela chegou até Adam, ele desmontou da bicicleta, ofereceu-a a ela, e ela montou, colocando o capacete na cabeça. Ele lhe disse algo, e ela acenou com a cabeça; então recuou devagar, flexionando os dedos sobre os cantos dos guidões. Quando havia recuado cerca de seis metros, ela se ergueu sobre os pedais por um instante, endireitou os ombros e partiu na direção das rampas.

Ela chegou à primeira com velocidade moderada, levantando um pouco de poeira, ganhando ainda mais energia cinética quando se aproximou e ultrapassou a seguinte. Na terceira, estava subindo bem alto, ombros curvados, e a bike parecia flutuar abaixo dela. Mesmo com minha limitada experiência, eu podia dizer que ela era boa: ela atingia os saltos com exatidão e suas aterrissagens eram suaves, não desajeitadas como a de alguns outros ciclistas que eu tinha visto. Parecia não custar a ela nenhum tempo ou esforço para completar toda a sequência de saltos, e logo ela estava de volta onde os garotos a esperavam. Wallace lhe ofereceu uma batata, que ela aceitou, levantando o visor do capacete para colocá-la na boca.

Eu estava tão ocupada assistindo àquilo que, a princípio, não vi o vulto que tinha surgido à minha direita, então levei um segundo para perceber que era Eli. Os cabelos estavam soltos nos ombros, e ele

usava jeans e uma camiseta verde de manga comprida. Infelizmente, no tempo em que levei para assimilar tudo aquilo, eu já o encarava por tempo suficiente para ele notar. Ele se virou e olhou diretamente para mim, e eu acenei com a cabeça em resposta, no que eu esperava que fosse um gesto natural.

Ele acenou em resposta, colocando as mãos nos bolsos, e eu pensei no que Esther, Leah e Maggie estavam conversando antes, naquele mesmo dia, sobre como ele andava ou não andava mais de bike, e as razões ou a pessoa por trás dessa escolha. Não que fosse de meu interesse. Eu estava mesmo indo embora.

Comecei a andar na direção do meu carro, o que significava que eu tinha de passar diretamente por ele. Quando me aproximei, ele olhou para mim de novo.

– Já vai embora? – ele disse naquele tom baixo que eu reconheci.

– Não é muito emocionante para você?

– Não é isso – respondi. – Eu só... eu tenho que ir para outro lugar.

– Muito agito por aí – ele disse.

– Verdade.

Eu não fingi conhecer Eli, mas mesmo assim notei que seus modos eram ligeiramente difíceis de interpretar. Era algo no jeito que ele falava que tornava difícil dizer se ele estava ironizando ou falando sério ou o quê. Isso me incomodava. Ou me intrigava. Ou as duas coisas.

– Então – eu disse depois de um tempo, imaginando que não tinha nada a perder em perguntar –, você salta?

– Não – ele respondeu. – E você?

Eu quase ri, então pensei em Maggie e percebi que talvez não fosse uma brincadeira.

– Não – respondi. – Eu nem mesmo... quer dizer, eu não ando de bicicleta há séculos.

Ele refletiu sobre isso, então voltou a olhar para os saltos.

– É mesmo?

Isso também foi dito de forma monótona, sem entonação, então eu não tinha nada que continuar. Mesmo assim, fiquei na defensiva ao dizer:

– Eu só... eu não era muito de atividades físicas quando era criança.

– Atividades físicas – ele repetiu.

– Quero dizer, eu saía de casa – acrescentei. – Eu não era uma reclusa ou algo do tipo. Só não andava muito de bicicleta. Muito menos recentemente.

– Certo.

Mais uma vez. Não que ele estivesse sendo crítico, necessariamente. Mas algo em relação àquilo ainda me incomodava.

– O quê? Isso é um crime ou algo assim aqui? Como comprar só uma coisa no Gas/Gro?

Eu pretendia dizer isso de um jeito brincalhão, mas até aos meus próprios ouvidos eu parecia ter uma voz esganiçada. Ou talvez apenas amalucada. Eli disse:

– O quê?

– Nada. Esqueça. – Senti meu rosto corar. Virei-me para partir, tirando as chaves do bolso. No entanto, só tinha dado dois passos quando ele comentou:

– Sabe, se você não sabe andar de bicicleta, não precisa ter vergonha.

– Eu sei andar de bicicleta – retruquei.

E era verdade. Eu aprendera no Natal quando tinha sete anos, na nossa garagem, na velha Schwinn com rodinhas de Hollis. Pelo que eu me lembrava, eu tinha gostado – ou pelo menos não tinha odiado. O que não explicava por que eu não conseguia me lembrar de ter praticado muitas vezes desde então. Ou nunca.

– Eu sei andar de bicicleta, só que faz tempo que não pratico.

– Ah.

Era apenas isso. Apenas “Ah”. *Meu Deus. Qual é?*

Ele ergueu as sobrancelhas. Provavelmente porque mais uma vez minha voz soou aguda, ligeiramente sem controle. Era tão estranho, porque em geral eu ficava muito nervosa falando com garotos. Mas Eli era diferente. Ele me fazia querer falar mais, não menos. O que talvez não fosse uma coisa boa.

– Só estou dizendo – ele falou depois de um tempo. – É que nós *estamos* em uma pista de saltos.

Eu apenas fiquei olhando para ele.

– Eu não vou andar de bicicleta só para provar para você que eu consigo.

– Eu não estou pedindo que faça isso. Mas se você está procurando uma oportunidade... eis a sua chance. É só isso.

O que, é claro, fazia perfeito sentido. Eu tinha dito que não tivera a oportunidade: ele estava mostrando que ela estava lá. Então por que me sentia tão irritada?

Respirei fundo, depois outra vez, para que minha voz ficasse calma e firme, ao dizer:

– Na verdade, acho que eu passo.

– Tudo bem – ele disse, nem se incomodando.

E então eu estava de volta ao meu carro. Fim do assunto e da conversa. Mas “tudo bem”? O que *era* aquilo?

Uma vez atrás do volante, com a porta fechada, olhei para ele, já pensando em várias outras maneiras melhores de como poderia ter conduzido aquela conversa. Liguei o motor, depois dei ré na minha vaga. A última coisa que vi antes de virar foi Eli, bem onde eu o tinha deixado, ainda olhando para as rampas. A cabeça estava inclinada ligeiramente para o lado, como se ele estivesse pensando muito, e os ciclistas erguendo-se diante dele. À distância, não dava para dizer quem era quem, distinguir seus vários estilos ou pegadas. Eles eram todos iguais, movendo-se em uma linha fixa, para cima e para baixo, à vista por apenas um instante, então desaparecendo novamente.

sete



QUANDO TINHA A VER com Thisbe, Heidi se preocupava com tudo. O quanto ela dormia. Se ela comia o suficiente. Se ela comia demais. O que era aquela mancha vermelha na perna dela. (Dermatofitose? Eczema? A marca do diabo?) Se doía chorar tanto/se o cabelo ia cair/se o cocô não estava da cor certa. Agora, ela iria dar ao bebê uma crise de identidade.

– Meu Deus! – eu a ouvi dizendo quando descí para o meu café por volta das quatro da tarde. Ela e Thisbe estavam na sala de estar, na “hora da barriga” no chão – que ela fazia religiosamente, já que era para evitar que seu bebê ficasse com a cabeça achatada. – Olha só como você é forte!

No início, eu estava concentrada demais em aumentar meus níveis de cafeína para prestar atenção nelas. Além disso, eu, tipo, me tornara mestre em dessintonizar de Heidi por pura necessidade. Mas depois de ter tomado meia xícara, comecei a notar que algo estava errado.

– Caroline... – ela dizia numa voz cantada, destacando cada sílaba. – Cadê a minha linda Caroline?

Enchi minha xícara de novo e então entrei na sala de estar. Ela estava inclinada sobre o bebê, que estava de barriga para baixo, se esforçando para levantar aquela cabeça grande, possivelmente achatada.

– Caroline – ela disse, fazendo cócegas nas costas do bebê. – Senhorita Bela Caroline West.

– Pensei que o nome dela fosse Thisbe – eu disse.

Heidi se assustou, alarmada, então olhou para mim. – Auden – ela balbuciou. – Eu... eu não ouvi você chegar.

Olhei para ela, então para o bebê, então de volta para ela.

– Na verdade, eu só estava de passagem – eu disse e me virei para sair. Pensei que estava segura, mas assim que cheguei na escada ela falou.

– Eu não gosto do nome!

Quando me virei, ela olhou para o teto, o rosto corado, como se outra pessoa tivesse dito isso. Então ela suspirou, sentando-se novamente de cócoras.

– Não gosto – ela disse devagar, mais baixo. – Eu queria chamá-la de Isabel. É o nome de uma das minhas melhores amigas aqui em Colby, e eu sempre o achei lindo.

Ouvindo isso, olhei saudosa para a escada na direção do escritório do meu pai, desejando, como sempre, que ele estivesse ali para dar conta daquilo em vez de mim. Mas ultimamente ele estava ainda mais imerso em seu livro, as maçãs se empilhando intocadas.

– Então por que você não a chamou assim? – eu falei para Heidi, encarando-a.

Ela mordeu o lábio, acariciando as costas do bebê com a mão.

– Seu pai queria que ela tivesse um nome literário. Ele disse que Isabel era muito prosaico, comum, que, com ele, ela nunca teria uma chance de grandeza. Mas eu me preocupo que Thisbe seja *muito* incomum, muito exótico. Deve ser difícil ter um nome que quase ninguém ouviu, não acha?

– Bem, não necessariamente.

– Oh! Auden! Eu não estava dizendo que o seu... – ela exclamou boquiaberta.

– Eu sei, eu sei – eu disse, levantando a mão para me defender dessa desculpa, que provavelmente continuaria por séculos. – Só estou dizendo, por experiência, que não foi realmente um obstáculo. Só isso.

– Bem, acho que é bom saber disso – ela concordou com a cabeça, então baixou o olhar para Thisbe.

– Mas se você não gosta, chame-a de Caroline. Isto é...

– Quem está sendo chamada de Caroline?

Eu quase pulei de susto e virei para me deparar com meu pai, parado no topo da escada. Era óbvio que eu não era a única que andava furtivamente por aí.

– Ah, eu só estava dizendo que é o nome do meio do bebê... – eu disse.

– Nome *do meio* – ele repetiu. – E só porque a mãe dela insistiu. Eu queria chamá-la de Thisbe Andromeda.

Pelo canto do olho, vi Heidi estremecer.

– Sério? – perguntei.

– É poderoso! – ele respondeu, batendo no peito para dar ênfase.

– Inesquecível. E não pode ser encurtado ou abreviado, que é como um nome deve ser. Se você fosse uma Ashley ou uma Lisa, e não uma Auden, você acha que seria tão especial?

Eu não estava certa de como deveria responder isso. Ele realmente esperava que eu concordasse que era a sua escolha de nome, e não todo o meu grande esforço, que tinha me levado aonde eu estava?

Felizmente, parecia ser uma pergunta retórica, já que ele já estava a caminho da geladeira, de onde tirou uma cerveja.

– Eu acho – Heidi disse, olhando para mim – que embora os nomes sejam importantes, é a pessoa que se define. Então se a Thisbe é uma Thisbe, ótimo. Mas se ela quer ser Caroline, ela tem essa opção.

– Ela não vai se tornar uma Caroline – meu pai afirmou, abrindo a cerveja.

Eu apenas olhei para ele, tentando entender exatamente quando ele tinha ficado tão pomposo e impossível. Ele não podia ter sido assim a minha vida inteira. Eu teria me lembrado disso. Não teria?

– Sabe – Heidi disse rápido, levantando o bebê e indo até a cozinha –, eu nem mesmo sei o seu nome do meio, Auden. Qual é?

Mantive meu olhar em meu pai, firme, ao dizer:

– Penelope.

– Viu? – meu pai lhe disse, como se isso provasse algo. – Forte. Literário. Singular.

“Constrangedor”, eu pensei. Comprido demais. Pretensioso.

– Que lindo! – Heidi disse com muito entusiasmo. – Eu não fazia ideia.

Eu não disse nada, só engoli o resto do meu café e deixei a xícara na pia. No entanto, dava para sentir Heidi me observando, mesmo quando meu pai foi até o deque da frente com sua cerveja. Eu a ouvi tomar fôlego, pronta para dizer algo, mas felizmente meu pai a chamou, perguntando o que ela queria jantar.

– Oh, não sei – ela disse, olhando para mim enquanto punha Thisbe na cadeirinha de balanço que estava sobre a mesa da cozinha. Ela a prendeu lá, então me lançou um olhar de desculpa quando saiu para se juntar a ele. – Você está a fim do quê?

Fiquei lá por um instante, observando-os juntos, olhando para a água. Meu pai bebia a cerveja, e enquanto Heidi falava, ele a enlaçou pela cintura, puxando-a para mais perto de si, e ela repousou a cabeça no ombro dele. Não dá nem para começar a entender como certas coisas funcionavam, mas isso eu estava aprendendo.

No balcão, o bebê fez um gorgolejo, sacudindo os braços, e eu me aproximei, olhando para ela. Ela ainda não conseguia encarar a gente: em vez disso, seu olhar sempre encontrava o centro de sua testa.

Talvez ela fosse uma Thisbe, afinal, e nunca nem mesmo considerasse Caroline. Mas foi a lembrança do rosto de meu pai, tão seguro quando afirmou o contrário, que me fez inclinar próximo ao ouvido dela e batizá-la de novo. Parte do nome dado, parte do nome que Heidi queria, mas só meu.

– Ei, Isby, você não é uma linda garotinha? – sussurrei.



Há algo especial em morar na praia durante o verão. Você fica tão acostumada ao sol e à areia que é difícil lembrar como é o resto do mundo e do ano. Alguns dias depois, quando abri a porta da frente e me deparei com um completo aguaceiro, apenas fiquei lá por um momento, percebendo que tinha me esquecido completamente dos dias chuvosos.

Como eu não tinha um casaco impermeável, tive de pegar um emprestado de Heidi, que me ofereceu três cores: rosa choque, rosa claro e, em suas palavras, “rosa sombrio”, seja lá o que isso significasse. Escolhi o casaco claro, mas ainda me sentia totalmente radioativa enquanto caminhava pela calçada cinzenta e molhada, é óbvio que contrastava com tudo à minha volta.

Na Clementine’s, Maggie estava atrás do balcão, de minissaia, chinelos de dedo e uma camiseta velha, que dizia CLYDE’S RIDES, com rodas de bicicleta nos dois *Ds*. Ela estava curvada sobre uma revista, muito provavelmente sua amada *Hollyworld*, e me deu um aceno sonolento quando me aproximei.

– Ainda vindo aqui, hein? – ela disse, esticando-se para o caixa para me dar os recibos do dia.

– É – respondi. – Alguma entrega?

– Ainda não.

Eu fiz que sim com a cabeça, e ela voltou para sua leitura, virando uma página. Enquanto Esther e Leah às vezes tentavam manter uma conversa comigo, Maggie sempre a mantinha ao mínimo, o que na verdade eu achava ótimo. Nós não precisávamos fingir que éramos amigas, ou que tivéssemos algo em comum além de nossa patroa. E por mais que eu tenha de admitir ainda estar um pouco surpresa pelo que eu a vi fazendo na pista de saltos, por outro lado, achava que já a tinha classificado e sabia que ela provavelmente sentia exatamente da mesma forma em relação a mim.

Fui ao escritório, que por algum motivo estava gelado, então continuei com o casaco de Heidi enquanto eu me ajeitava, pegando o talão de cheques e procurando a calculadora. Na próxima hora ou mais, a loja ficou bem parada, com exceção de um grupo de garotas que entrou para garimpar nas araras e espiar os sapatos. De vez em quando eu ouvia o celular de Maggie bipar quando os torpedos chegavam, mas, além disso, tudo estava bem silencioso. Então, por volta das seis, a porta tilintou.

– Olá – ouvi Maggie dizer. – Posso ajudá-la?

Houve uma pausa, e eu me perguntei se a pessoa a tinha escutado. Então, surgiu a voz que eu conhecia melhor que qualquer outra.

– Oh, por Deus, não – minha mãe respondeu, e eu podia ouvir o arrepio em seu tom. – Só estou procurando minha filha.

– Você é a mãe da Auden? – Maggie disse. – Isso é ótimo! Ela está nos fundos. Tenho certeza que ela...

Eu me sentei ereta, então empurrei minha cadeira para trás e andei com dificuldade até a porta. Embora tivesse sido o mais rápida que pude, não foi suficiente. Encontrei minha mãe, vestida com o seu pretinho total de sempre – vestido, casaquinho em cima, cabelo preso –, perto do mostrador de maquiagem. Ela segurava um vidro à distância de um braço, seus olhos apertados enquanto examinava o rótulo impresso.

– *Fruto proibido* – ela leu vagarosamente, enunciando cada palavra. Então olhou por cima dos óculos para Maggie. – E isso é...?

– Perfume – Maggie respondeu. Então sorriu para mim. – Na verdade, *spray* corporal. É como perfume, mas mais suave e duradouro, para uso diário.

– Claro – minha mãe disse, com a voz sem entonação. Ela recolocou o frasco no lugar, deu uma boa examinada na loja, a insatisfação mais que evidente. Quando ela finalmente chegou a mim, não pareceu mais feliz. – Bem, aí está você.

– Oi – eu disse. Ela me estudava com tanta seriedade que fiquei nervosa na hora, ainda mais quando me lembrei do casaco rosa que eu vestia. – Eu, ahn... quando você decidiu aparecer?

Minha mãe suspirou, passando por Maggie – que, por algum motivo, agora sorria para ela – até as roupas de banho, que ela examinou com uma expressão que se pode reservar para observar algum tipo de tragédia.

– Esta manhã – ela respondeu, sacudindo a cabeça quando estendeu a mão para tocar a parte de baixo de um biquíni laranja, enfeitado com babados. – Eu estava louca para dar uma escapada, mas parece que eu trouxe mau humor e clima comigo.

– Oh, não se preocupe com isso – Maggie disse. – A chuva deve diminuir hoje à noite. Amanhã estará lindo! Clima perfeito para a praia. Você vai conseguir o seu bronzeado.

Minha mãe se virou para encará-la como se ela estivesse falando em outra língua.

– Bem... – ela disse de uma maneira que eu sabia que ela estava guardando para si tudo o que pensava a respeito – não seria ótimo?

– Você já comeu? – perguntei a ela, ansiosa demais. Tomei fôlego e então disse com mais calma: – Tem um lugar muito bom um pouco para baixo, no calçadão. Acho que posso tirar folga por uma hora ou mais.

– Claro que pode! – Maggie se manifestou. – Você deve mesmo sair com a sua mãe. Os livros podem esperar.

Mamãe fitou Maggie de novo, como se duvidasse de que ela pudesse reconhecer um livro, quanto mais ler um.

– Uma bebida cairia bem – ela disse, dando outra olhada pela loja antes de ir em direção à porta. Mesmo o seu andar era desaprovador. – Me mostre onde é.

Olhei para Maggie, que a observava, fascinada.

– Volto logo, tudo bem?

– Fique o tempo que quiser! – ela disse. – Sério. Eu fico sozinha numa boa.

Minha mãe bufou suavemente ao ouvir isso, e então, felizmente, saímos pela porta, de volta à chuva. Assim que a porta se fechou, ela disse:

– Oh, Auden, é até pior do que eu esperava.

Senti meu rosto corar, embora não estivesse surpresa por ela ser tão direta.

– Eu precisava de um casaco de chuva – eu disse. – Eu normalmente não...

– Na verdade – ela continuou – sei que qualquer negócio que Heidi possuísse provavelmente não seria para a minha sensibilidade. Mas *Fruto Proibido*? E aqueles biquínis estilo Lolita? Nós estamos condicionando mulheres a parecerem menininhas agora? Ou menininhas a parecerem ainda mais novas para explorarem sua inocência? Como ela pode ser uma mulher, para não mencionar uma mãe, e fechar os olhos para essas coisas?

Ao ouvir isso, relaxei, já que os discursos de minha mãe eram tão familiares para mim quanto canções de ninar.

– Bem – comecei –, o fato é que ela conhece seu público. Aquelas coisas vendem mesmo.

– É claro que vendem! Mas isso não torna tudo correto. – Minha mãe suspirou, abrindo o guarda-chuva e levantando-o sobre a cabeça, e então me ofereceu seu braço, que eu aceitei, andando embaixo dele junto com ela. – E todo aquele *rosa*. Lá dentro é como uma vagina gigante.

Abafei uma risada, cobrindo minha boca com a mão.

– Mas acho que é esse o ponto – ela disse, suspirando. – Só é tão incômodo porque é a descrição mais superficial e básica da experiência feminina. Açúcar e temperos e tudo lindo, uma embalagem sem valor, sem substância.

Nós estávamos no Last Chance agora, onde pela primeira vez não havia fila.

– É aqui – eu disse, apontando. – A cebola empanada é divina.

Minha mãe espiou pela porta.

– Oh, não, não. Eu exijo pelo menos toalhas de mesa e uma carta de vinhos. Vamos continuar procurando.

Nós acabamos de volta ao hotel onde ela estava hospedada, um pequeno lugar chamado Condor, logo depois do calçadão. O restaurante era pequeno, escuro, com apenas umas poucas mesas, cortinas vermelhas pesadas pendendo nas janelas e o carpete de um tom combinando. Minha mãe se sentou, mostrou sua aprovação pela vela trêmula na mesa e pediu uma taça de cabernet para a garçonete enquanto tirava o casaquinho. Após um olhar penetrante, tirei a jaqueta de Heidi, enfiando-a debaixo da minha bolsa, fora de visão.

– Então – ela disse, assim que o vinho chegou. Ela tomou um grande gole. – Fale do livro do seu pai. Ele deve ter terminado a essa altura, pronto para mandá-lo ao agente. Ele deixou você ler?

Baixei o olhar para meu copo de água, movendo-o em um círculo na mesa.

– Ainda não – disse com cuidado, pois sabia que ela estava buscando mais que apenas a resposta da pergunta. – Mas ele está trabalhando dia e noite.

– Parece mais escrita que revisão – ela observou, pegando o cardápio e dando uma olhada antes de deixá-lo de lado. Eu não disse nada. – Mas seu pai sempre teve hábitos de trabalho

estranhos. A escrita nunca surgia fácil para ele, como acontece com outros.

“Certo”, pensei. Hora de mudar de assunto.

– Thisbe é uma graça – eu disse –, mas ainda chora bastante. Heidi acha que ela tem cólica.

– Se você *acha* que um bebê tem cólica, ele provavelmente não tem – minha mãe disse, tomando outro gole do vinho. – Você sabe né... com o Hollis, não havia dúvida. Desde a primeira noite em casa, ele chorava até perder o fôlego. Foram três meses.

Concordei com a cabeça.

– Bem, a Thisbe é bem difícil...

– Thisbe – minha mãe sacudiu a cabeça. – Ainda não consigo acreditar nesse nome. Seu pai e suas ilusões de grandeza. Qual é o nome do meio? Persephone? Beatrice?

– Caroline.

– Sério? – ela mexeu a cabeça. – Que esquisito. Não parece coisa dele.

– Parece que a Heidi andou brigando por ele.

– Ela deveria ter lutado com mais insistência – minha mãe disse. – É apenas um nome do meio, afinal.

O garçom chegou, perguntando se queríamos aperitivos. Quando minha mãe pegou o cardápio novamente, pedindo para nós um *ceviche* de vieiras e uma tábua de queijos, baixei o olhar para a jaqueta de Heidi, o rosa agora pouco visível contra o vermelho escuro da mesa ao redor. Tive um vislumbre do rosto dela no dia em que estivemos discutindo nomes, em como ela se apressou em elogiar meu constrangedor nome do meio, só porque achou que isso fosse fazer eu me sentir melhor.

– Mas, de novo – mamãe disse, quando o garçom nos deixou –, duvido que seu pai tenha escolhido Heidi por sua coragem. Bem o contrário, na verdade. Acho que tudo o que ele queria era alguém fofa e sem substância, para que ele pudesse ter certeza absoluta de que ela seguiria sempre sua liderança.

Eu sabia que ela provavelmente estava certa. Afinal, Heidi não tinha mostrado grande determinação durante as últimas semanas. E mesmo assim, de repente, eu me ouvi dizendo:

– A Heidi não é uma banana completa.

– Não?

Balancei minha cabeça.

– Na verdade, é uma mulher de negócios bem esperta.

Ela se virou para me encarar, os olhos escuros dela encontrando os meus.

– Verdade...

– Sim. Isto é, eu sei, pois estou fazendo a contabilidade dela. – Eu tinha me esquecido de como o olhar da minha mãe podia ser penetrante e sucumbi rapidamente, desviando minha atenção para o copo de água. – A Clementine's poderia ser apenas um negócio sazonal, mas de algum modo ela conseguiu obter um lucro mensal durante o ano inteiro. Ela é muito esperta para captar as tendências. Várias coisas que ela pediu ano passado viraram moda agora.

– Estou vendo – ela disse devagar. – Como *Fruto Proibido*, por exemplo?

Corei. Por que eu estava defendendo Heidi?

– Eu só estou dizendo – expliquei. – Ela não é só o que aparenta.

– Ninguém é – ela disse, mais uma vez conseguindo tanto dar a última palavra quanto fazer parecer que estava certa o tempo todo. Como ela sempre conseguia isso, eu não fazia ideia.

– Mas chega de Heidi. Vamos falar de você. Como vai a leitura para o ano que vem? Você deve estar conseguindo fazer bastante progresso.

– Sim – eu disse. – Mas é tudo vagaroso. Os livros são muito áridos, principalmente os de economia. Mas eu acho...

– Auden, você não pode esperar que as matérias sejam simplificadas para você. E nem deve querer isso. Um desafio só significa que você vai reter a informação melhor.

– Eu sei. Só é meio difícil ler sem nenhuma orientação de um professor. Eu acho que assim que estiver em aula será mais fácil saber o que é importante.

Ela balançou a cabeça.

– Mas você não deveria *precisar* disso. É muito comum eu ter alunos que ficam satisfeitos em esperar que eu explique a eles o que um verso de um diálogo ou uma direção de cena significa no

contexto da peça. Eles nem mesmo pensam para tentar entender por conta própria. Mas, nos tempos de Shakespeare, você só tinha o texto. Você precisa decifrar o texto. É a única maneira pura de aprender.

Ela estava ficando inflamada, era óbvio. Por isso provavelmente foi um erro dizer:

– Mas é economia, não literatura. É diferente.

Naquele momento, ela realmente concentrou a atenção em mim, apertando o olhar.

– Não, Auden, não é. É exatamente isso que estou dizendo. Quando foi que eu ensinei você a adotar a visão de outra pessoa em algo?

Eu só fiquei lá sentada, dessa vez sabendo que era melhor não responder. Felizmente, nossa comida chegou, e ela deu a última palavra, mais uma vez.

As coisas não melhoraram depois daquilo. Ela desistiu de mim como fonte de conversa e, em vez disso, pediu outra taça de vinho antes de se lançar em uma história comprida e prolongada sobre alguma disputa de currículo que parecia estar sugando todo seu tempo e energia. Eu a ouvi desatenta, demonstrando concordância quando necessário, e comi minha salada e massa. Quando acabamos, já passava das oito, ao sairmos lá fora, a chuva tinha parado, e o céu estava riscado de rosa.

– Bom, olhe só para isso – minha mãe disse, observando. – É a sua cor predileta.

Eu senti isso como um tapa repentino, que fora exatamente a intenção.

– Eu não gosto de rosa – retruquei, minha voz tão dura quanto eu me sentia.

Ela sorriu para mim, então esticou a mão, bagunçando meu cabelo.

– Acho que você protesta demais – ela disse. – E sua escolha de roupa diz o contrário.

Olhei para a jaqueta de Heidi.

– Não é minha. Eu já disse isso.

– Oh, Auden, relaxe. Eu só estou brincando. – Ela inspirou profundamente, depois expirou, fechando os olhos. – Além do mais, talvez fosse de se esperar que você mudasse um pouco, aqui com Heidi e todas essas pessoas. Acho que eu não devia esperar mantê-la como meu próprio reflexo para sempre. No final, você sempre ia querer experimentar o *Fruto Proibido*, por assim dizer.

– Não – respondi, e agora podia ouvir a rispidez da minha voz. Ela também ouviu, seus olhos se arregalaram, mas só ligeiramente. – Estou dizendo. Não vou mudar. Eu só trabalho lá. É só isso.

– Querida, tudo bem – ela disse, bagunçando meu cabelo de novo, mas desta vez eu saí de seu alcance, odiando sua condescendência e o jeito que ela sorria, dando de ombros. – Nós todas temos nossos segredinhos sujos, não?

Foi o puro acaso e nada mais que me levou, naquele exato momento, a olhar por cima da cerca atrás de nós para a piscina do hotel, que estava deserta, com exceção de uma pessoa. Alguém de óculos pretos, de armação quadrada, a pele pálida quase transparente, usando sunga vermelha e lendo um livro de bolso pequeno que você sabia que era de literatura só de bater o olho. Olhei para minha mãe, captando seu olhar, depois me virei para ele, assegurando-me de que o olhar dela seguiria o meu. Quando seguiu, eu disse:

– Acho que sim.

Ela tentou manter o rosto relaxado, mas houve uma contração muscular quando o comentário a atingiu. Mas eu não me senti bem com aquilo. Eu não senti nada.

– Bem – disse depois de um tempo –, tenho certeza de que você precisa voltar para o seu trabalho. – Ela disse essas duas últimas palavras do mesmo modo que se referia ao livro de meu pai, deixando claro que ela duvidava de que isso fosse importante ou mesmo que existisse.

Ela se inclinou mais perto, oferecendo o rosto para eu beijar, mas eu fiquei onde estava. Ela sorriu para mim de novo, então disse:

– Oh, querida, não seja amarga. É o primeiro instinto dos fracos.

Mordi o lábio, virando as costas para ela, e não respondi. Em vez disso, enterrei as mãos fundo nos bolsos da jaqueta de Heidi, como

se fosse para arrancar o rosa dela, enquanto eu saía dali. Qualquer outra pessoa poderia ter me chamado de volta, mas eu sabia que minha mãe não faria isso. Ela sempre dava a última palavra, e aquela tinha sido uma boa frase. E para ela, isso era tudo que importava.

No caminho de volta para a Clementine's, mantive a cabeça baixa, tentando engolir o enorme nó que surgira na minha garganta. Estava claro que foi a minha defesa de Heidi que provocara tudo, mesmo que eu só tenha dito que ela não era "totalmente idiota" e, então, tenha feito dois pequenos elogios. Mas isso era suficiente, na opinião de minha mãe, para me colocar direto no grande terreno rosa. Se eu não concordasse totalmente com ela, eu poderia muito bem ser a Heidi. Não havia meio-termo.

Pensando nisso, senti as lágrimas encherem meus olhos assim que abri a porta da Clementine's. Felizmente, Esther e Leah estavam reunidas no balcão com Maggie, as três discutindo os planos para a noite, como sempre. Elas mal prestaram atenção em mim quando passei na direção do escritório, onde me sentei à escrivaninha, com total intenção de voltar ao trabalho. Mas depois de uns vinte minutos de números borrados enquanto eu limpava meus olhos com o dorso da mão, decidi dar o expediente por encerrado.

Antes de sair do escritório, preendi o cabelo com um elástico de borracha, depois treinei o rosto na expressão mais estoica e indiferente que eu consegui. Respirei fundo e logo estava andando para a porta.

– A verdade é – Leah dizia quando cheguei ao pavimento – que eu nunca vou encontrar um gatinho em um café.

– Quem disse isso? – Esther perguntou.

– Lógica geral. Eles simplesmente não ficam por ali.

– E o tipo gato, sensível e artístico? Eles *vivem* em cafés.

– Sim, mas – Leah disse – artístico não é para mim.

– Ah, certo. Você só gosta de garotos sebosos de fraternidades – Esther retrucou.

– Seboso é a sua especialidade, na verdade. São os tipos artísticos que não tomam banho.

Eu esperava que essa conversa fosse absorvente o suficiente para elas me ignorarem. Mas não tive sorte. Quando me viram chegando, atraí todas as atenções.

– Então, preciso ir – eu disse, mantendo minha voz informal. – Os recibos estão feitos e venho mais cedo amanhã para terminar a folha de pagamento.

– Tudo bem – Maggie disse. – Ei, você se divertiu com a sua...

– Sabe – Esther disse subitamente para Leah –, eu, tipo, fiquei magoada com aquela afirmação. Eu *nunca* namorei ninguém tão sebooso quanto aquele cara da Força Aérea que você conheceu no verão passado.

– Aquilo não era gordura – Leah disse, pegando o celular e olhando para o visor. – Era gel de cabelo.

– Eu acho que conta.

– Não conta.

– Tem certeza? Porque...

Felizmente, graças a isso, deu para fingir que não tinha ouvido a meia pergunta de Maggie e saí porta afora sem mais explicações. Ela não parecia ter notado: quando olhei para trás, ela estava rindo de algo que Leah dizia, enquanto Esther revirava os olhos; as três seguras em seu mundinho rosa, como sempre.

Parei no Beach Beans, que ficava algumas lojas abaixo, para um café grande, então escolhi um lugar na areia e bebi enquanto o sol se punha. Após tomar a última gota, peguei meu celular e pressionei o número um na minha discagem rápida.

– Dra. Victoria West.

– Oi, mãe. Sou eu.

Houve uma pausa breve. Então:

– Auden, estava esperando a sua ligação.

Não era um bom começo, mas eu fui adiante de qualquer jeito.

– Eu só... eu queria ver se você queria tomar café comigo amanhã de manhã.

Ela suspirou.

– Oh, querida, eu gostaria muito, mas vou sair muito cedo. Acho que essa viagem foi muito mal planejada, para ser sincera. Eu esqueci o quanto odeio praia. Tudo é tão...

Eu esperei pelo adjetivo que preencheria a lacuna, sabendo que ele provavelmente tinha a intenção de me descrever também. Mas ela deixou isso de lado, poupando tanto o litoral quanto eu.

– De qualquer maneira – ela disse, depois de um momento de silêncio bem pronunciado – foi ótimo ver você. Espero que você conte para mim os seus progressos no verão. Quero saber de *tudo*.

Não pude deixar de notar que isso foi exatamente o que ela me dissera no dia em que eu parti. Entretanto, nós duas sabíamos que ela se referia aos detalhes sangrentos e patéticos de meu pai, de Heidi e de suas vidas idiotas. A vida que eu, com um casaco rosa, agora também vivia.

– Pode deixar – eu disse. – Cuidado com a estrada.

– Sim. Tchau, querida.

Fechei meu celular e fiquei apenas sentada ali, sentindo aquele nó subir na garganta novamente. Eu sempre tive de fazer muito esforço para atrair o interesse da minha mãe, afastando-a de seu trabalho, de seus colegas, de seus alunos e de meu irmão. Imaginei várias vezes se era ridículo me sentir assim. Estava claro, entretanto, que meus instintos estavam certos: sua atenção não era só difícil de ser conquistada, mas totalmente fácil de ser perdida.

Fiquei sentada ali por muito tempo, observando as pessoas caminhando pela praia na minha frente. Havia famílias, crianças correndo na frente e se esquivando das ondas. Casais de mãos dadas. Grupos de garotas, grupos de garotos, surfistas ponteando as ondas distantes, mesmo quando a escuridão começou a tomar conta de tudo. No final, entretanto, a areia foi ficando vazia, enquanto as luzes se acendiam nas casas atrás de mim e no píer à distância. A noite apenas começava, e ainda havia tanto tempo até a manhã. Só esse pensamento já me deixava exausta, tão exausta...

– Auden?

Eu quase pulei de susto, então virei o rosto para ver Maggie atrás de mim. Os cabelos balançavam com a brisa, a bolsa no ombro. Atrás dela, o calçadão era uma sequência de luzes, uma atrás da outra.

– Você está bem? – ela disse. Quando não respondi, ela acrescentou: – Você parecia meio triste quando saiu.

Tive um vislumbre da minha mãe, o desprezo quando ela olhou para Maggie, para os biquínis, para o *Fruto Proibido* e então para mim, todos nós agrupados na categoria de “Não São do Meu Gosto”. Mas aquele lugar que eu tinha lutado para evitar por tanto tempo era vasto, tão vasto e comprido quanto a praia onde estávamos naquele momento. E agora que eu finalmente me encontrava diretamente nele, percebi que estava agradecida por ter companhia.

– Não – disse para ela. – Acho que não estou, na verdade.

Eu não tinha certeza do que esperava que ela fizesse ou dissesse em relação a isso. Tudo era novo para mim a partir daquele segundo. Mas ficou claro que ela já tinha passado por aquilo. Ficou óbvio pela maneira simples com que ela tirou a bolsa do ombro, deixando-a cair com um baque na areia, antes de se sentar ao meu lado. Ela não me puxou para perto para um grande abraço fraterno, nem ofereceu algumas palavras de conforto com sacarina – que teriam me posto para fugir, com certeza. Em vez disso, ela me ofereceu nada além de sua companhia, percebendo até mesmo antes que eu que, na realidade, era exatamente disso que eu precisava.

oito



– O QUE EU ACHO – Maggie disse – é que quando se compra chiclete, você sempre precisa de mais alguma coisa. Por que chiclete não é comida de verdade.

– Isso mesmo – Esther concordou.

– Se eu compro chiclete, sempre pego batatas *chips* ou um pacotinho de bolachas também. Assim você sabe que tem comida e algo para restaurar a energia mais tarde.

Leah negou com a cabeça.

– Não sei – ela disse. – E Tic Tacs? Eles são como chiclete, mas lembro de já ter comido no lugar de uma refeição antes.

– Mas os Tic Tacs devem ser engolidos – Esther comentou. – Você fica com um Tic Tac. Já o chiclete é apenas emprestado.

– Impressionante – Maggie voltou-se para ela, sorrindo.

– Obrigada – Esther agradeceu. – Sempre fico inspirada aqui no Gas/Gro.

Eu, no entanto, não estava me sentindo inspirada ou impressionada. Na verdade, sentia-me completamente fora do meu elemento, uma estranha em um mundo estranho. Num minuto eu estava sozinha na praia e no seguinte eu estava aqui, uma garota entre garotas, talvez até uma consumista.

Quando Maggie se sentou ao meu lado pela primeira vez, eu não fazia ideia do que esperar. Eu tive amigas nas várias escolas que frequentei, mas o único denominador comum era que eu nunca tinha realmente feito coisas de garotas com nenhuma delas. Nossas interações eram na maioria limitadas a discussões acadêmicas, nosso sólido campo em comum. Então, tudo o que eu tinha para me

basear eram os fragmentos de filmes para mulheres que eu via aqui e ali na TV a cabo, nos quais as mulheres só pareciam se conectar quando bebiam muito, tocavam *disco music*, dançavam juntas ou todas as opções acima. Mas como nenhuma dessas coisas ia rolar na minha rotina, mesmo em meu estado deprimido eu tinha de imaginar o que exatamente aconteceria. No entanto, quando Maggie finalmente falou, ela conseguiu me surpreender. De novo.

– Então a sua mãe é meio, tipo, durona, hein?

Virei para fitá-la. Ela estava olhando para a água, os cabelos voando em torno do rosto, joelhos na altura do peito. Eu disse:

– Esse é um dos adjetivos para ela.

Ela sorriu, depois pegou a bolsa, colocando-a entre nós, e enfiou a mão dentro para procurar algo. Depois de um instante, tirou de lá uma revista. Eu me preparei para alguma analogia com celebridades – Deus me livre. Em vez disso, fiquei chocada ao ver que era um catálogo universitário da U quando ela o colocou no colo, virando algumas páginas até encontrar uma com o canto dobrado. Então ela me entregou a revista. “O INGLÊS DA U PARA VOCÊ”, dizia a página. Não foi fácil ler as palavras, já que só havia a luz distante da casa atrás de nós para iluminar. Mas a foto da minha mãe – sentada à cabeceira de uma mesa de seminário, com os óculos em uma mão, claramente no meio de uma palestra. Eu reconheceria com qualquer iluminação, a qualquer distância.

– Onde você conseguiu isso? – perguntei.

– Veio com o meu envelope de matrícula. O departamento de inglês foi o principal motivo para eu me candidatar lá.

– Você vai para a U?

Ela negou com a cabeça, e eu me senti mal por ter perguntado, já que uma rejeição seria um assunto delicado.

– Mas eu pesquisei muito. Hoje, lá na loja, eu sabia que parecia conhecer a sua mãe de algum lugar. Mas eu não consegui descobrir de onde até ir para casa e encontrar a foto.

Olhei para a foto de minha mãe de novo, e depois fechei lentamente o catálogo.

– Ela é... complexa... Nem sempre é fácil ser filha dela.

– Acho que às vezes é difícil independentemente da mãe que você tem.

Pensei nisso enquanto devolvia o catálogo para ela, e ela o guardava na bolsa. Por um momento, nós apenas ficamos ali, ambas quietas, olhando para a água. Tudo o que eu conseguia pensar era que, de todos que eu havia conhecido até o momento em Colby, ela era a última pessoa com quem eu esperava ficar naquela situação. O que me lembrou de mais uma coisa.

– Sabe – eu finalmente disse –, o Jake não significou nada para mim, verdade. Tenho vergonha de ter ficado com ele.

– Ele tem a tendência de ter esse efeito nas pessoas – ela assentiu vagarosamente.

– Sério. Se eu tivesse de fazer de novo... – inspirei o ar. – Eu não faria.

– E você – ela disse, esticando as pernas para a frente – só ficou com ele por uma noite. Imagine desperdiçar dois anos da sua vida, como eu fiz.

Não consegui, é claro. Eu nunca tivera nem mesmo um namorado de verdade, nem mesmo um ruim. Então, eu disse:

– Você devia gostar dele de verdade.

– É – isso foi dito com simplicidade, com facilidade. A verdade. – Mas acho que todos passam por isso, certo?

– Isso o quê?

– Esse primeiro amor. E o primeiro que machuca o seu coração. Para mim, eles acabaram sendo a mesma pessoa. Pelo menos sou eficiente, certo? – Ela colocou a mão na bolsa, revolvendo-a, e finalmente tirou de lá um pacote de chiclete. Ela ia pegar um, então franziu a testa. – Vazio. Hora de ir ao Gas/Gro.

Ergui o olhar para ela quando ela se levantou, espanando a areia do corpo antes de pegar a bolsa.

– Bem – eu disse – obrigada por me fazer companhia.

– Você não vem? – ela perguntou.

– Ao Gas/Gro?

– Ou qualquer outro lugar. – Ela pendurou a bolsa no ombro. – Bem, você pode ficar aqui sentada, eu acho. Mas parece meio solitário. Especialmente se você já está se sentindo infeliz.

Fiquei ali, olhando para ela por um momento. Eu sentia que devia ser sincera, deixá-la saber que a solidão na verdade me agradava, mesmo em meus piores momentos, e que às vezes era preferível. Mas então me lembrei de como estava me sentindo, sentada lá, observando o sol se pôr, e me perguntei se isso ainda era verdade. Talvez. Talvez não. Parecia muita coisa para decidir naquele exato momento. Então, em vez disso, usei outra verdade, uma da qual eu nunca duvidaria.

– Bem... acho que um pouco mais de café seria bom.

Então, de algum modo, eu me levantei. Joguei meu copo vazio em uma lata de lixo próxima. Comecei a andar ao lado dela, da areia para o calçadão, passando pelos turistas aglomerados, para o Gas/Gro, onde Esther e Leah estavam do lado de fora, sentadas no para-choque de um Jetta surrado, esperando por nós.

Observei Maggie pegar um pacote de bolachas e seu chiclete, e pairar a mão sobre as barrinhas Twizzlers, antes de desistir deles. Esther, ao lado dela, estudava um pacote de sementes de girassol.

– Eu fiquei a noite toda pensando nelas – ela disse. – Mas agora, neste momento, não tenho certeza se elas são pedaçadas o suficiente.

– Pedaçadas? – perguntei.

– É saber se o lanche oferece muito sabor e valor nutritivo – Maggie explicou, enquanto Leah pegava uma caixa de Tic Tacs, chacoalhando-a. – Tipo, sementes de girassol são muito pouco pedaçadas. Mas tirinhas de charque são bem pedaçadas.

– Sabe, tenho de ser sincera. Eu simplesmente não *entendo* isso – eu disse.

– Isso o quê?

– Toda essa obsessão com lojas e lanches, e analisar e comparar as minúcias de cada escolha. Qual o motivo disso?

Elas se entreolharam. Então Esther disse:

– Não sei. É que a gente vai para algum lugar. Nunca se sabe o que vai acontecer. Então a gente dá uma parada para fazer compras.

– A ida à loja vem primeiro – Maggie acrescentou –, e então a aventura segue.

Elas foram ao caixa, e eu peguei um copo novo, enchendo-o de GroRoast. Era simples: eu não precisava de mais nada. Mas no caminho até o caixa, subitamente me vi pegando um pacote com dois *cupcakes* de chocolate. Sabia que eles eram supérfluos, altamente calóricos, um desperdício de dinheiro. E mesmo assim tive de me perguntar se elas estavam certas. Quando não se sabe para onde se vai, talvez não seja tão ruim ter mais do que se precisa.



– Meu Deus – Esther resmungou. – Como se nós nunca tivéssemos vindo *aqui*.

Estávamos na entrada para carros de uma casa grande na praia. Havia pessoas aglomeradas nos degraus da frente, movimentando-se em sombras através de janelas iluminadas, enchendo os dois deques e espalhadas pela areia abaixo. Além disso, ainda chegavam mais carros, estacionando atrás daqueles já alinhados na rua estreita e atravancando a rua sem saída. Nos dois minutos em que estávamos lá, pelo menos quinze pessoas passaram por nós, entrando.

– E como já estivemos aqui antes – Esther continuou, quando um carro passou atrás da gente, com o rádio no volume máximo – eu sugiro ir embora agora mesmo, enquanto ainda temos a nossa dignidade.

– Eu não pretendo perder minha dignidade – Leah disse, abrindo os Tic Tacs e colocando um na boca. – Eu só quero curtir.

– Eu também.

– Pelo amor de Deus, “não quer nada”, dá para relaxar pelo menos uma vez na vida? Pode ser divertido – Leah insistiu.

– Esse tipo de festa nunca é divertido – Esther disse. – A não ser que você *goste* que alguém derrube cerveja em você ou que algum cara sarado agarre sua bunda em um corredor lotado. Parece que você gosta.

– Olha. Ontem à noite eu fui ao Clube Caramel e fiquei lá sentada enquanto aquela garota tocou xilofone e cantou dez músicas sobre o

comunismo. E eu reclamei? – Leah suspirou, soprando o cabelo do rosto.

– Sim – Maggie e Esther disseram em uníssono.

– Muito alto – Esther acrescentou.

– Mas eu fui – Leah continuou, ignorando aquilo. – E em troca, eu posso escolher o que faremos hoje. E eu escolho isso. Então vamos entrar.

Ela não esperou por consenso, só guardou seus Tic Tacs e foi na direção da casa com passos longos e confiantes. Esther seguiu atrás, decididamente menos entusiasmada, enquanto Maggie olhou para mim.

– Não vai ser tão ruim – ela disse. – É só a típica festa de fim de semana em uma casa. Você sabe o que rola.

No entanto, eu não sabia. Eu não fazia ideia e nem confessaria isso. Segui Maggie pela entrada, tomando cuidado para não pisar nas várias latas de cerveja que estavam espalhadas pela entrada da garagem e pela escada.

Dentro da casa, o corredor estava lotado, com pessoas espremidas dos dois lados. O único modo de passar era por uma passagem estreita, em fila única, e mesmo assim era apertado. O aroma predominante era colônia, suor e cerveja, um cheiro que só se tornava mais forte à medida que prosseguíamos. Tentei olhar diretamente para frente, mas ocasionalmente, pelo canto do olho, eu via um cara me observando, a testa molhada de suor, ou ouvia uma voz dizer: “E aí gata, tudo bem?” – talvez para mim ou para outra pessoa.

Finalmente chegamos à sala de estar, onde havia um pouco mais de espaço para respirar e muitas outras pessoas. A música saía a toda de um aparelho de som que eu não conseguia ver e havia grupos de pessoas dançando de um lado, a maioria garotas, enquanto um punhado de garotos observava. Na cozinha bem à minha direita, deu para ver um barril, assim como uma porção de garrafas variadas de bebidas que lotavam o balcão da pia. Também havia, inexplicavelmente, duas bandejas de doces: uma de belos *cupcakes*, com certeza decorados à mão, enfeitados com rosas, e outra com vários pedaços de bolo: de limão, com gotas de chocolate

e de framboesa – cuidadosamente arrumados em forminhas decoradas.

Maggie, ao me ver e notar aquilo, gesticulou para eu me aproximar dela. Então disse, bem no meu ouvido:

– Os pais da Belissa são donos da padaria Sweet Petite. Esta é a casa dela.

Ela apontou na direção de uma garota de cabelos compridos escuros com mechas loiras, que vestia uma camisetinha branca e *jeans* e dançava com o grupo na sala de estar. Ela jogava a cabeça para trás, rindo, e seu batom era vermelho vivo, bem vivo, da mesma cor que as rosinhas dos *cupcakes*.

– Precisamos de cerveja – Leah anunciou do outro lado de Maggie. Ela tirou alguns copos vermelhos de algum lugar, então os entregou a mim.

– Aqui. Você está mais perto.

Baixei o olhar para os copos, então para o barril ao meu lado. Leah e Maggie agora conversavam sobre algo – Esther tinha sumido – então nenhuma delas notou minha hesitação antes de me virar para encarar o barril de onde concluí que devia pegar o chope. Parecia bem simples, então segurei na torneira presa a ele e virei. Nada aconteceu.

Olhei à minha volta. Leah e Maggie ainda conversavam, e as outras únicas pessoas por perto – um casal que se beijava junto ao *freezer* – não estavam prestando atenção em mim, ou em nada mais. Virei a torneira de novo – nada – e senti meu rosto corar, envergonhada. Nunca fui boa em pedir ajuda, especialmente em relação a coisas que as pessoas achavam que você já soubesse. Eu sabia muita coisa, mas essa coisinha simples, idiota, era completamente nova para mim.

Respirei fundo, pronta para tentar novamente, quando de repente uma mão apareceu sobre a minha, os dedos pressionaram a torneira para baixo e a cerveja começou a encher o copo que eu segurava.

– Deixe-me adivinhar – Eli disse, sua voz naquele timbre grave, constante, como sempre. – Beber chope de barris também se encaixa na categoria de atividades ao ar livre.

Eu o fiquei encarando, ele ali, de jeans e com o mesmo blusão azul que vestia da primeira vez que o encontrei. Talvez fosse o constrangimento, que já tinha sido ruim o suficiente antes de eu estar em público, mas fiquei instantaneamente irritada. Respondi:

– Nós estamos ao ar livre?

Ele olhou à sua volta, como se precisasse confirmar isso, e negou.

– Então não – e voltei minha atenção para o barril.

Ele tirou a mão da torneira e ficou lá me observando enquanto eu enchia outro copo.

– Sabe, notei que você sempre fica na defensiva.

– E eu notei que você é muito crítico.

– Oh, então você ainda está chateada com a coisa da bicicleta.

– Eu sei andar de bicicleta!

– Mas não sabe mexer em um barril.

– E você liga para isso por quê? – Suspirei.

– É tipo um requisito daqui. Como comprar mais de uma coisa no Gas/Gro. – Ele deu de ombros.

Fiquei meio impressionada de ele se lembrar do que eu dissera na pista de saltos – era legal ser lembrada, mesmo que fosse de uma maneira meio constrangedora – mas eu o ignorei, movimentando-me para chamar a atenção de Maggie e Leah para entregar a cerveja. Quando me virei para elas, no entanto, ambas estavam me encarando, de olhos arregalados.

– O quê? – perguntei, mas elas só pegaram os copos e se afastaram um pouco de mim, trocando olhares enquanto cada uma dava um gole.

Voltei para o barril com o último copo, esticando-o para enchê-lo. Assim que o enchi, elas ainda me observavam com aquelas expressões estranhas, então tomei um gole. O chope estava quente e sem graça. É claro que eu não tinha perdido muito.

Ao meu lado, Eli examinava os doces, e eu percebi que talvez tivesse sido meio grossa com ele. Em uma tentativa de fazer as pazes, eu disse:

– Parece que os donos desta casa têm uma padaria. Ou algo assim.

– Verdade. – Ele olhou para mim.

– É a garota de camisetinha branca, ali. De batom vermelho. – Dei outro gole, não fazia ideia por que, já que o gosto era terrível.

Ele olhou na direção que eu indiquei, observando as pessoas dançando por um tempo.

– Ah, sim. Eu a vi.

A garota estava realmente se agitando agora, os cabelos balançando nas costas de um lado para o outro enquanto ela movia o quadril em círculos, com um garoto sarado, com – sim – gel no cabelo, colado nela por trás.

– Puxa! – eu comentei. – Isso é demais.

– O que você quer dizer?

Dei de ombros. A garota lançou um olhar para nós, seus olhos se encontrando com os meus, e eu dei outro gole no meu chope.

– É só que... às vezes menos é mais. Sabe?

Ele, tipo, sorriu, como se isso fosse fofo, o que foi meio irritante. Olhei para Maggie e Leah, que, por alguma razão, me observavam com olhos totalmente arregalados.

– Mas isso não quer dizer – eu disse para Eli – que você não deva comer um dos *cupcakes* dela. Eles parecem ótimos.

– Não. Eu passo.

– Sabe, se você não sabe comer um *cupcake*, não tem por que se envergonhar.

– Eu sei comer *cupcakes*.

Desta vez ele realmente sorriu.

– Claro que sabe.

– Eu sei. Só não estou a fim de um desses.

– Ah é? – pousei o meu copo e procurei na minha bolsa o pacote que comprara no Gas/Gro, peguei e o coloquei no balcão entre nós.

– Prove.

– Você quer mesmo que eu coma? – ele perguntou.

– É, tipo, um pré-requisito daqui – eu disse. – Como andar de bicicleta.

Ele examinou meu rosto por um segundo, então pegou o pacote de *cupcakes*, abriu e tirou um deles. Eu estava observando, prestes a beber outro gole de cerveja, quando senti uma mão agarrar meu braço subitamente.

– Interromper – Maggie sibilou no meu ouvido. – Interromper já.

– O quê? – eu disse, mas mal terminei de falar e ela já estava me arrastando para o lado, passando por Eli, que mastigava e nos observava, e para o deque de trás, onde Leah abria caminho através das pessoas.

– Rápido! – ela gritou por sobre o ombro, e Maggie assentiu, ainda me arrastando. – Acho que se formos pela escada desse lado, podemos sair mais rápido e talvez evitar isso.

– Certo – Maggie respondeu –, vamos *definitivamente* evitar isso.

– Do que vocês estão falando? – perguntei enquanto Maggie me arrastava por um curto lance de escadas para um deque inferior, que estava menos cheio. – Evitar o quê?

Ela se virou como se fosse responder, mas não teve a oportunidade. Bem nessa hora, uma porta de vidro à direita se abriu, e a garota da pista de dança – Senhorita Batom Vermelho de *cupcake* em pessoa – apareceu, se colocando exatamente no nosso caminho. Duas das garotas com quem ela estava dançando, uma ruiva de vestido preto e uma loira mais baixa, atarracada, se posicionaram atrás dela.

– Qual é? – ela disse, levantando as duas mãos, as palmas voltadas para nós. A voz dela era meio anasalada, aguda. – O que está rolando aqui? E quem é *essa*?

Ela olhava diretamente para mim, assim como as duas amigas dela, e eu instantaneamente senti que começava a suar frio, em algo sobre o que já tinha lido, mas que nunca experimentara de verdade em toda minha vida. Maggie, soltando o meu braço, disse:

– Belissa, não é nada.

– Nada? – Belissa deu um passo em minha direção. De perto, percebi a textura irregular de sua pele, o nariz era um pouco mais pontudo que ela provavelmente desejava. – Qual é o seu nome, puta?

Primeiro achei que isso – qual é o seu nome? – era tanto uma pergunta quanto uma resposta. Então percebi que ela estava esperando por uma resposta.

– Auden – eu disse.

Seus olhos se estreitaram.

– Auden – ela repetiu, do mesmo modo que alguém diria *escroto* ou *excremento*. – Que tipo de nome é esse?

– Bem... – eu disse.

– Não importa – Leah disse, me interrompendo. – Como Maggie disse, não rolou nada.

– Ela estava ou não estava dando em cima do Eli? – Belissa perguntou.

– Ela não estava – Leah disse, com a voz firme. Segura. A loira e a ruiva trocaram olhares. – Ela não é daqui, ela não conhece ninguém.

– Nem nada – Maggie acrescentou, soando menos confiante. Belissa olhou para ela. – Você sabe do que eu estou falando.

– Eu vi como ele estava falando com ela – Belissa disse. Foi estranho como ela olhou para mim e ainda assim me ignorou completamente. – Ele estava *sorrindo*, por Deus.

– Ele não pode sorrir? – Leah perguntou. Maggie lançou um olhar a ela, e ela acrescentou – Olha, Belissa, foi um erro inocente e estamos indo embora, tudo bem?

Belissa refletiu um pouco e então se aproximou ainda mais de mim.

– Eu não sei quem é você – ela disse, enfatizando isso com uma estocada do dedo, a ponta tocando meu peito. – E não estou nem aí. Mas é melhor você ficar longe do meu namorado, especialmente quando está na minha casa. Entendeu?

Olhei por trás dela para Maggie, que assentiu, sua cabeça sacudindo com veemência. Então respondi:

– Tudo bem.

– Tudo bem – Belissa repetiu. Atrás dela, Leah suspirou, olhando para o céu. – Agora saia da minha casa.

E com isso, Maggie voltou a puxar meu braço, arrastando-me pelas escadas ao lado. Ela continuou com seu aperto mortal em mim enquanto seguíamos Leah pela praia, ao redor de uma duna e depois até uma calçada pública, de volta à rua, sem soltar até estarmos de volta ao carro, onde Esther esperava.

– Onde você se meteu? – Leah perguntou. – A gente precisou da sua ajuda lá.

– E vou adivinhar? – Esther disse quando Maggie e eu nos sentamos no banco traseiro. – Aconteceu algo sinistro.

– Se com isso você quer dizer que Auden estragou tudo, fazendo com que a gente levasse um pé na bunda, então sim – Leah respondeu. Ela bateu a porta e virou-se para trás do seu assento para me encarar.

– Você está louca? Flertando o Eli Stock na frente de Belissa Norwood, na casa de Belissa Norwood, enquanto comia os *cupcakes* de Belissa Norwood?

Todas olharam para mim. Eu me defendi:

– Nós não estávamos comendo aqueles *cupcakes*.

Leah ergueu as mãos, virando-se para frente quando Esther ligou o motor. Maggie, ao meu lado, me defendeu:

– Gente, ela não sabia de nada.

– Ela também não sabia sobre você e o Jake – Leah disse. – Mas isso não impediu você de querer acabar com ela quando ela ficou com ele.

– É verdade – Maggie disse. – Mas, assim como Belissa, eu estava errada. Ela e o Eli terminaram. Ele pode conversar com quem quiser.

– Mas este é o problema – Leah falou para ela, voltando-se para mim. – Eli não conversa. Com ninguém. Nunca. Então por que estava conversando com ela?

Ninguém disse nada. Finalmente, limpei a garganta e disse:

– Bem, eu não sei. Ele conversa... desde aquela noite quando ele estava andando de bicicleta.

Silêncio. Todas olharam para mim, até Esther, que usou o espelho retrovisor. Maggie disse baixinho:

– Você viu o Eli de bicicleta? O que ele estava fazendo?

Dei de ombros.

– Não sei. Uns lances? Ele estava saltando, no fim do calçadão.

Maggie e Leah se entreolharam.

– Sabe – Leah disse – eu acho que talvez...

– Concordo – Esther disse, dando seta quando o Gas/Gro surgiu à distância. – Com certeza, a gente vai precisar de lanches pedaços para esta ocasião.



– Na verdade – Maggie começou –, se vamos falar sobre o Eli, primeiro temos que contar tudo sobre o Abe.

Estávamos bem na ponta do píer, enfileiradas em um banco e observando o mar. No caminho para lá, passamos por vários pescadores, parados com suas varas de pescar inclinadas, concentrados na água. Ali, estávamos completamente sozinhas, exceto pelo vento e pelo barulho da água batendo abaixo.

– O Abe e o Eli eram inseparáveis. Melhores amigos desde, sei lá, o jardim de infância. A gente quase nunca os via separados – Maggie começou.

– Mas eram completamente diferentes – Esther acrescentou. – Sabe, o Eli tem aquele lado sombrio e calado, e o Abe era...

Todas ficaram quietas por um tempo. Então Leah completou:

– Um verdadeiro palhaço.

– Totalmente – Maggie concordou. – Tipo, a pessoa mais boba que você já conheceu. Ele conseguia fazer qualquer um rir.

– Até mesmo o Eli.

– *Especialmente* o Eli. – Leah sorriu. – Meu Deus, vocês se lembram de como o Eli era antes do Abe morrer? Na verdade, ele era... engraçado.

– O Abe morreu? – perguntei.

Maggie assentiu com a cabeça, séria, abrindo um pacote de chiclete.

– Foi em maio do ano passado. Ele e o Eli estavam em Brockton, naquele evento no Concrete Jungle. Os dois tinham patrocínio já fazia alguns anos. Eles começaram direto no BMX, sabe, mas então Eli foi para o *half-pipe* e Abe ficou mais no *flatland*, pelo menos nas competições. Mas os dois eram muito bons em *urban*, embora isso não seja surpreendente, considerando onde moramos.

Só fiquei olhando para ela, até que Leah disse:

– Maggie, ninguém aqui entende toda essa coisa de bikes. Fale em língua de gente.

– Oh, desculpe – Maggie pegou um pedaço de chiclete e o colocou na boca. – O Eli e o Abe, os dois eram muito, muito bons com as

bikes. Tão bons que receberam dinheiro para competir em vários eventos, e é por isso que estavam em Brockton.

– E foi depois desse evento, quando eles estavam voltando de uma festa, que o acidente aconteceu – Esther completou.

– O acidente – repeti.

– Eli estava dirigindo, e o Abe morreu – Leah acrescentou.

– Oh, meu Deus! – falei ofegante.

– Pois é... – Maggie dobrou a embalagem de chiclete que ela segurava, primeiro uma vez, depois outra, até virar um quadrado pequenininho. – Eu estava com o Jake quando o Eli ligou. A gente estava na casa dele e dava para ouvir o Eli no telefone. Ele estava no hospital e tentava falar, mas tudo o que eu conseguia escutar era aquele som horrível que ele produzia...

Ela não terminou, só ficou olhando para a água escura dos dois lados. Esther acrescentou:

– Não foi culpa dele. Eles estavam passando por um cruzamento, alguém não parou e atingiu em cheio.

– Um cara bêbado – Leah acrescentou.

– Isso acabou com o Eli para valer. Foi como se o Abe tivesse levado parte dele quando morreu, sabe? Ele nunca mais foi o mesmo – Esther continuou.

– Ele desistiu de todos os patrocínios, da bike, de tudo – Maggie disse. – Ele conseguiu uma vaga na U e trancou para continuar competindo, mas ele também não voltou para lá. Arrumou um emprego de gerente na loja de bicicletas e parou totalmente com a bike.

– Ou era isso que a gente pensava – Leah olhou para mim.

– Eu só o vi andando no calçadão naquela noite – contei para ela.

– Era muito tarde. Ou cedo, na verdade.

– Bem – Maggie disse –, acho que isso significa algo. Não sei o quê. Mas é alguma coisa.

Houve um som repentino atrás de nós, e, quando me virei, vi um dos pescadores puxando algo sobre a borda do píer. Estava se debatendo, refletindo a luz aqui e ali, antes de ser colocado embaixo, fora de vista, atrás de uma caixa de equipamentos. As

outras pessoas que pescavam deram uma olhada e então voltaram para suas próprias linhas.

– E a Belissa? – eu disse, esquentando as mãos no meu copo. – Qual é a história?

– Eles namoravam desde o segundo colegial – Leah contou. – Ela ficou junto dele no enterro e mais alguns meses depois. No fim, as coisas simplesmente desandaram. Ela terminou com ele, foi o que eu ouvi. Mas parece que ela está encarando de outro jeito.

– Parece mesmo – eu disse.

Leah sorriu, balançando a cabeça:

– Juro, quando ela perguntou que tipo de nome é o seu, e você estava prestes a responder... Eu quase saí correndo e deixei você lá para se defender sozinha.

– Ela me fez uma pergunta – respondi.

– Mas ela não queria uma resposta.

– Bom, então por que ela perguntou?

– Porque... – Leah respondeu – ela estava se preparando para bater na sua cara. Meu Deus! Você não sabe nada de ex-namoradas ciumentas?

– Não – respondi. – Na verdade, não.

– Bem, você acabou de ter um curso relâmpago, então – Maggie sorriu.

– Com *relâmpago* como a palavra-chave – Leah acrescentou. – Pois é, vocês viram como ela estava irritada? E aí ela mandou você sumir, ou sei lá, e você diz...

– *Tudo bem* – Maggie completou.

– Não! – Os olhos de Esther se arregalaram.

– Sim, ela *disse isso*. E falou bem assim mesmo. Como se estivesse fazendo um favor ao concordar.

– Não falei – retruquei. Leah e Maggie me encararam. – Falei?

– Falou – Leah girou o copo, então sorveu mais um gole no canudo. – O que foi, tipo, muito corajoso ou totalmente idiota. Ainda não tenho certeza.

Esther riu e eu só fiquei parada, olhando para meu café e lembrando como me senti completamente fora do meu eixo naquela festa e naquele momento. Nunca antes tinha ficado tão claro que,

embora eu tenha gasto minha vida inteira aprendendo, havia um monte de outras coisas que eu não sabia. O suficiente para me deixar em encrenca, ao que parece, se ninguém estivesse lá para me ajudar.

– Foi idiota – eu disse em voz alta, ao pensar. Elas olharam para mim. – Quer dizer, o que eu falei. A verdade é que eu não tive muita vida social no colegial. Ou nunca, para ser sincera.

Isso foi recebido com um silêncio matador. Ou pelo menos foi o que senti.

– Sabe – Leah disse –, isso explica *muita* coisa.

– Verdade – Maggie concordou.

– O que vocês estão insinuando? – perguntei.

– Nada – ela disse rapidamente. Então, trocando um olhar com Leah, Maggie acrescentou: – O modo como você veio para a cidade, ficou com Jake logo de cara, e então ficou surpresa quando as pessoas, hã, tiraram conclusões sobre você.

– E ao dizer “pessoas” – Leah disse – ela quer dizer a gente.

– Entendi – respondi. – Obrigada.

– Além disso – Esther acrescentou – você tem a mania de sempre ficar sozinha.

– Exceto hoje à noite – Leah comentou.

– Exceto hoje à noite – Maggie concordou. – Ficamos pensando que você se achava a rainha do pedaço. Mas talvez você só não soubesse como se enturmar.

Eu queria acreditar na última opção. Mas sabia no fundo do meu coração, no meu lugar mais íntimo, que eu tinha pressuposto a minha superioridade. No caso de Maggie, no primeiro piscar de olhos.

– Como eu disse – Leah continuou –, só uma garota que não tem nenhuma amiga de verdade começaria a responder a pergunta “que tipo de nome é esse”?

– Eu pensei que ela queria saber! – insisti.

– Duvido que Belissa Norwood tenha algum interesse em saber sobre a vida de um poeta moderno, famoso por suas obras sobre política, natureza e amor não correspondido – Maggie observou.

– Você conhece o Auden? – eu me virei, olhando para ela.

– Escrevi minha tese do último ano sobre a menção à perda em seus poemas – ela respondeu. – Foi o que me fez ser aceita na Defriese. Ei, Leah, você ainda tem Tic Tacs sobrando?

Fiquei sentada, atordoada em silêncio enquanto Leah pegava a caixinha e passava para ela. Eu tive um monte de surpresas naquela noite: minha mãe apareceu, quase apanhei e fiquei sabendo do passado de Eli. Mas isso foi o que me deixou sem fala. Maggie ia para a Defriese. Como eu.

– Nossa – Esther exclamou ao olhar para o relógio. – Já passa da meia-noite. Preciso voltar para casa. Quem precisa de uma carona?

– Eu preciso – Leah disse, levantando-se e espanando o jeans com as mãos –, já que não consegui encontrar nenhum gatinho para me levar para casa depois da festa.

– Desculpe – eu disse.

– Ah, ela vai sobreviver – Esther disse, enlaçando os ombros de Leah com o braço quando começamos a voltar do píer. – Amanhã à noite, vamos ao Bentley’s para cantar e talvez você encontre um cara legal, seboso e artístico por lá.

– Talvez – Leah respondeu. – Só para te magoar.

– E você, Auden? – Maggie perguntou, andando ao meu lado. – Você quer uma carona para a casa da Heidi?

Olhei do píer para o calçadão e para a rua além dele, as luzes dos postes dissolvendo a escuridão.

– Não – eu disse. – Acho que vou pegar mais café antes de ir para casa.

– Mais café? – Esther disse, olhando para meu copo. – Isso não te deixa ligada?

– Não, não deixa – respondi, negando com a cabeça.

No fim do píer, nos despedimos e elas voltaram para o carro. Eu ainda podia ouvi-las falando, suas vozes carregadas pelo vento quando me virei e parti na outra direção, de volta ao Gas/Gro, onde eu era a única cliente. Enchi um copo novo, adicionando leite, peguei uma colher e, depois de pensar um instante, uma barra de chocolate. A atendente, uma mulher mais velha e loira com um crachá que dizia WANDA, fazia palavras cruzadas. Ela abaixou a revista, então passou minhas compras enquanto abafava um bocejo.

– Que noite comprida... – ela comentou quando lhe passei o dinheiro.

– Todas são – respondi.

No estacionamento, o vento estava morno e forte, e, por um momento, eu só fechei meus olhos e fiquei lá, sentindo-o bater no rosto. Mais cedo naquela noite, eu saí para ficar sozinha, apenas para descobrir – para minha surpresa – que companhia era justamente do que eu precisava. Mesmo assim, eu sabia que devia ter sido duro para Maggie sair procurando por mim, sem saber como eu reagiria quando a visse. A coisa mais fácil teria sido me deixar sozinha. Mas ela não escolheu o caminho mais fácil.

Eu também era uma garota que gostava de um desafio. Ou pelo menos gostava de pensar em mim desse jeito. Então saí procurando Eli.

No caminho do calçadão, passei devagar por um policial, e seu rádio chiava. Duas garotas estavam de braços dados, uma cambaleando, a outra a apoiando. Os bares ainda tinham cerca de uma hora para fechar, e as pessoas e a música se esparramavam pelas portas abertas. No entanto, à distância, no distrito comercial, todas as lojas estavam escuras. Mas na loja de bicicletas, nos fundos, havia uma luz acesa.

Ergui minha mão para bater na porta; depois a abaixei, reconsiderando. Eu tinha passado uma noite no mundo das garotas, grande coisa. Isso significava que algo tinha mudado – especialmente eu? Enquanto estava lá, ponderando, vi alguém se movimentando através da porta traseira aberta e iluminada da loja: cabelos escuros, camisa azul. Antes que eu soubesse o que fazia, minha mão bateu com força no vidro.

Eli ergueu o olhar, seu rosto alerta. Quando se aproximou da porta e viu que era eu, ele não pareceu aliviado. Nem surpreso, na verdade. Ele destrancou a porta, abrindo-a.

– Deixe-me adivinhar... Você quer aprender a andar de bicicleta e não pode esperar até amanhã.

– Não – eu disse. Ele tirou a mão da porta e ficou lá, olhando para mim. Percebi que ele esperava que eu me explicasse. – Eu estava

por perto, vi a luz – ergui meu café, como se isso provasse algo. – Noite comprida e tudo mais.

Ele estudou meu rosto por um instante.

– Certo – ele disse finalmente. – Bem, entre.

Passei pela porta e ele a fechou, trancando-a. Eu o segui pela loja escura até os fundos, que era algum tipo de área de reparos. Havia peças de bicicletas em estantes, rodas encostadas em bancadas, uma pilha de equipamentos sobre uma mesa, ferramentas por todos os lados. Em um canto, onde uma bicicleta estava parcialmente montada, um cartaz escrito a mão dizia ÁREA DE TRABALHO DO ADAM – MEXA E MORRA! – com uma caveira e ossos cruzados embaixo.

– Sente-se – disse Eli, indicando um banquinho logo ao lado daquilo.

– Parece perigoso.

Ele olhou para a placa, então revirou os olhos.

– Não é.

Sentei-me com o copo na mão, e ele foi para trás de uma escrivaninha próxima abarrotada com papéis, várias peças de bicicleta e, não surpreendentemente, uma coleção de garrafas de refrigerante e várias coisas de lojas de conveniência.

– Então – ele disse, pegando um envelope e olhando para ele –, você disse que não veio aqui por causa das bikes.

– Não.

– Então o quê? Você estava só andando pelo calçadão no meio da noite?

“Eli não conversa”, Leah tinha dito. “Com ninguém. Nunca”. Mas ele tinha falado comigo e talvez isso significasse algo, mesmo que não estivesse claro o quê.

– Não sei. Eu só... pensei que você gostaria de conversar ou algo assim.

Eli fechou uma gaveta lentamente e olhou para mim. O clique que ela fez pareceu muito alto.

– Conversar – ele disse, com a voz sem entonação.

– É. – Ele só ficou lá sentado, olhando para mim, sem expressão, enquanto eu não me sentia muito diferente de quando minha mãe

me encarava, um sério apertão prestes a ocorrer. – Você está acordado. Eu estou acordada. Eu só pensei...

– Ah, entendi – ele disse, acenando com a cabeça. – Certo. Agora você já sabe.

– Sim, eu sei... – eu disse.

– Eu deveria ter sacado quando vi você na porta. Isso sem falar na festa. Maggie não é conhecida exatamente por sua discrição. – Ele balançou a cabeça.

– Olha, sinto muito. Eu só pensei... – Apenas fiquei sentada, sem saber o que fazer.

– Eu sei o que você pensou. – Ele pegou uma pilha de papéis, folheando-os. – E eu agradeço sua vontade de me ajudar ou seja lá o que for. Mas não preciso disso. Tudo bem?

Eu assenti, entorpecida. De repente, a oficina parecia clara demais, iluminando cada uma das minhas falhas. Escorreguei para fora do banco.

– Tenho que ir – eu disse. – É tarde.

Eli me encarou. Lembrei-me de como naquela primeira noite eu achei que ele parecia assombrado, mesmo antes de saber que isso era verdade. Então, ele disse:

– Quer saber por que eu falo com você?

– Sim. Quero.

– Porque desde aquele primeiro dia no calçadão você era diferente. Você nunca andou nas pontas dos pés à minha volta, ou agiu de modo estranho, ou se sentia mal por mim, ou me lançou aquele olhar.

– Que olhar?

– Esse – ele disse, apontando para o meu rosto. Senti que corei. – Você era... normal. Até a noite de hoje.

“Até a noite de hoje”, pensei, ouvindo Maggie e Esther dizerem quase essas mesmas palavras há apenas uma hora. Eli ainda vasculhava outra gaveta, com a cabeça inclinada, e eu pensei nele naquele dia no píer com Thisbe, como foi fácil para ele pegá-la. Há muitas maneiras de confortar alguém. O elevador era apenas uma das maneiras inesperadas.

– Sabe – eu disse, me apoiando no batente da porta –, eu fiquei bem aliviada de ouvir você dizer isso. Porque eu não quero sentir pena de você.

– Não quer? – ele disse, sem erguer o olhar.

– Não. A verdade é que eu estou meio brava com você.

– Brava?

Fiz que sim com a cabeça. Ele ergueu o rosto: agora eu tinha sua atenção.

– E por que isso?

– Porque você quase me fez apanhar hoje à noite.

– Fiz?

Ergui os olhos.

– Como se você não soubesse que era da sua namorada que eu estava falando. Sem esquecer que você ficou olhando *enquanto* eu estava falando.

– Espere. Ela...

– Você me deixou lá falando besteira – continuei, ignorando-o – e então, quando ela veio em cima de mim...

– Ela foi atrás de você?

– Ela me cutucou no peito e me chamou de puta – eu prossegui. Ele ergueu as sobrancelhas. – E enquanto isso, você estava em algum lugar por lá comendo *cupcakes*.

– Desculpe – ele disse, fechando a gaveta – mas foi *você* que me disse para comer o bolinho.

– Quando eu não sabia que minha vida corria perigo! – suspirei. – Só estou dizendo é que você, tipo, me largou lá para eu me virar sozinha. O que não foi muito legal.

– Olha, a Belissa não é minha namorada.

– Você deveria dizer isso para ela. Se você puder, quem sabe, arrumar um tempinho enquanto come seu montão de *cupcakes*.

Eli apenas olhava para mim, sua expressão difícil de decifrar, e novamente senti algo como um apertão. Mas não pelos mesmos motivos. Nem um pouco.

– O que você está fazendo aqui tão tarde? – ele perguntou.

– Eu não durmo à noite.

– Por que não?

– Antes era porque meus pais viviam brigando. Mas agora... não sei.

Essa resposta saiu como um reflexo, sem pensar. Eli balançou a cabeça, então disse:

– Então, o que você faz para passar o tempo? Além de andar de bicicleta.

Dei de ombros.

– Leio. Dirijo. Na minha cidade tem um restaurante que abre direto, que eu curto muito, mas aqui só tem o Wheelhouse, que está bem longe do ideal.

– Você anda indo ao Wheelhouse? – ele sacudiu a cabeça. – O café de lá é horrível.

– Pois é, além disso, as garçonetes são mesquinhas.

– E você está ocupando uma mesa que ninguém mais quer – ele suspirou. – Você devia ir ao lugar que eu frequento. Fica aberto 24 horas, excelente café e torta.

– Sério? Isso é que nem ganhar na loteria.

– Eu sei.

– Mas espera aí, eu procurei no Google todos os restaurantes num raio de 75 quilômetros e não apareceu nada além do Wheelhouse.

– Isso é porque meu lugar é secreto.

– Certo. – Apoiei-me no batente. – É claro. As coisas típicas da cidade, de novo.

– É isso – ele disse, abaixando-se para pegar uma sacola de lona ao lado da escrivaninha e colocando-a sobre o ombro. – Mas não se preocupe. Acho que eu consigo fazer você entrar.



– Isto – eu disse – não é um restaurante.

Era óbvio pela fila de máquinas de lavar que operavam com moedas de um lado do salão, as secadoras do outro. Sem mencionar as mesas alinhadas no meio, para dobrar roupas, algumas cadeiras plásticas e uma máquina de vender caixinhas de sabão e amaciante de roupa com uma placa de NÃO FUNCIONA presa nela.

– Eu não disse que era um restaurante – Eli falou, enquanto andava até uma máquina, pousando sua bolsa de lona em cima.

– Você não disse que era uma lavanderia – retruquei.

– Verdade. – Ele tirou da bolsa um frasco de sabão Tide e jogou o conteúdo da bolsa na máquina. Depois de depositar alguns quartos de dólar e de a água começar a espirrar contra o vidro da frente, espumando imediatamente, ele disse:

– Vem comigo.

Eu o segui, ainda que hesitante, passando pela sequência de lavadoras e secadoras até um corredor escuro que terminava em uma porta branca e lisa. Ele bateu duas vezes, então a abriu, sinalizando para eu entrar primeiro. No início, hesitei. Mas então, definitivamente, senti cheiro de café. E isso foi o suficiente para me impelir além da soleira.

O que, honestamente, foi como entrar em um mundo diferente. O linóleo e os aparelhos brilhantes se foram. O lugar tinha iluminação discreta, as paredes eram pintadas de um roxo escuro. Havia uma janela, um fio de lâmpadas multicoloridas presa acima dela e algumas mesinhas. À direita da porta dos fundos, que estava aberta, soprava uma brisa morna, e havia um pequeno balcão. Um homem mais velho, de cabelos pretos mesclados com branco, estava sentado atrás, lendo uma revista. Quando ergueu o olhar e viu Eli, ele sorriu.

– Você... – ele chamou. – Imaginei que você poderia aparecer hoje à noite.

– Eu já estava ficando sem camisetas – Eli respondeu.

– Bem... – O homem pôs a revista de lado, então se levantou, esfregando as mãos. – O que vai querer?

– Depende – Eli disse, andando até o balcão e puxando um banquinho. Eu estava para fazer o mesmo quando ele apontou para o banco e eu percebi que era para mim. – O que tem no cardápio?

– Bem – o cara disse, afastando-se do balcão e olhando abaixo dele –, vejamos... tem torta de ruibarbo... de maçã... e de frutas vermelhas.

– Frutas vermelhas?

O homem fez que sim com a cabeça.

– Framboesas e mirtilos. Meio ácido, meio adocicado. É um pouco forte. Mas vale a pena provar.

– Parece bom. – Eli olhou para mim. – O que você vai querer?

– Café? – respondi.

– Só café? – o homem perguntou.

– Ela não é daqui – Eli explicou. Para mim, ele disse: – Vai por mim. Prove a torta.

– Oh – Os dois estavam olhando para mim. – Hum, de maçã, então.

– Ótima escolha – Eli disse enquanto o homem se virava, pegando duas canecas de uma prateleira atrás dele e enchendo-as de uma cafeteira ao lado. Então, enquanto observávamos, ele tirou dois pratos de baixo do balcão, seguidos por duas tortas. Ele cortou pedaços generosos com cuidado, arrumou-os organizadamente com um garfo ao lado e então entregou para nós.

Peguei minha caneca primeiro, tomando um golinho. Afinal, Eli não estava brincando: o café era incrível. Mas não tão bom quanto a torta. *Meu Deus.*

– Eu disse – Eli comentou. – Bate o Wheelhouse de longe.

– O Wheelhouse? Quem está comendo lá? – o homem perguntou. Eli apontou para mim. – Oh, cara. Odeio ouvir isso.

– O Clyde – Eli me contou – é um homem que leva torta muito a sério.

– Bem – Clyde disse, lisonjeado –, eu tento. Mas sou apenas um iniciante nessa coisa toda de confeitaria. Comecei tarde.

– O Clyde é o dono da loja de bicicletas – Eli me contou. – E desta lavanderia. E de outros quatro negócios aqui em Colby. É um magnata.

– Eu prefiro o termo homem da renascença – Clyde disse enquanto pegava a revista novamente que, eu via agora, era um exemplar da *Gourmet*. – E não é por ser bom em negócios que posso fazer uma massa de torta perfeita. Ou pelo menos é o que estou aprendendo.

Dei outra mordida na torta – que tinha um gosto próximo à perfeição para mim, de verdade – e dei uma olhada no aposento novamente.

– Você tem que admitir – Eli disse para mim, enquanto Clyde virava uma página, estudando uma receita de batatas *au gratin* – isto é melhor que dirigir ou ler.

– Bem melhor – concordei.

– Ela também tem insônia. – Eli se dirigiu a Clyde, que assentiu com a cabeça. Para mim, ele disse: – O Clyde comprou este lugar só para ter algo para fazer à noite.

– É – Clyde confirmou. – A parte da cafeteria, no entanto, foi ideia do Eli.

– Não – Eli disse, sacudindo a cabeça.

– Foi sim – Clyde virou outra página. – Costumávamos ficar juntos durante o ciclo de lavagem, dividíamos uma garrafa térmica e o doce que eu tivesse feito. Então ele me convenceu que talvez nós não fôssemos os únicos que buscavam um lugar para ficar de madrugada sem ser em um bar.

Eli enfiou o garfo na massa da torta.

– Ciclo, Ciclos – ele disse. – Não é um nome ruim.

– Hã – Clyde pensou a respeito. – É mesmo. Anote aí.

Eli tirou a carteira e pegou um pedaço de papel amarelo dobrado. Pela aparência, era uma lista – e bem longa. Clyde entregou uma caneta, e eu observei quando ele adicionou “Ciclos” no final.

– Precisamos de um nome novo para a loja de bicicletas – Clyde me explicou. – Estamos procurando um há séculos.

Lembrei rapidamente do meu primeiro dia em Colby, a conversa que ouvi entre Jake, Wallace e Adam quando passei por eles no calçadão. – Qual é o nome atual?

– Bicletaria – Eli respondeu, com a voz sem entonação. Ergui as sobrancelhas.

– Legal, né?

– Na verdade, chama-se Clyde’s Rides – Clyde disse, pegando minha caneca para enchê-la novamente. – Mas a placa foi arrancada durante o furacão Beatrice no ano passado, e, quando eu fui substituí-la, pensei que talvez fosse a hora de batizá-la novamente...

–... que é o que estamos tentando fazer desde então – Eli adicionou. – Clyde não consegue se decidir.

– Vou saber quando ouvir o nome certo – Clyde disse, sem se aborrecer. – Até lá, tudo bem se todos a chamarem de Bicicletaria. Porque é isso que ela é. Certo?

O telefone tocou atrás dele e ele se virou para atendê-lo. Quando ele saiu, com o telefone pressionado contra a orelha, Eli se virou para olhar para mim.

– O que foi que eu disse para você? – ele perguntou. – Bom, né?

– Ótimo – concordei. – E você está certo. Eu não encontraria esse lugar nem em um milhão de anos.

– Não – ele disse.

Ficamos ali por um tempo, comendo. Do outro lado da parede, dava para ouvir batidas altas de um ciclo de centrifugação, *tomp tomp tomp*. Meu relógio mostrava duas e quinze.

– Então – perguntei –, o que mais rola por aí?



Eu achava que era muito boa em ficar acordada e me manter produtiva. Mas Eli era o mestre.

Depois da lavanderia, voltamos para o carro dele – uma velha caminhonete Toyota com cabine, cuja traseira estava cheia de peças de bicicleta que se chocavam e faziam barulho a cada curva – e então dirigimos trinta quilômetros a oeste, até o Park Mart 24 horas. Ali você podia, às três da madrugada, não só comprar comida, roupas de cama e pequenos aparelhos, como também trocar os pneus, se quisesse. Enquanto andávamos pelos corredores, com um carrinho entre nós, conversamos. Não sobre Abe. Mas sobre quase tudo mais.

– Então, Defriese – ele disse enquanto comparávamos marcas de pipoca de micro-ondas. – Não é para lá que a Maggie vai?

– Acho que sim – respondi enquanto pegava uma caixa, examinando-a.

– Deve ser uma escola muito boa então. Aquela garota é brilhante. – Eu não disse nada, e um momento depois ele acrescentou: – Então, acho que isso significa que você também é brilhante, não é?

– Sim, é verdade.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim, colocando a pipoca em nosso carrinho.

– Se você é tão inteligente assim... Como não sabia que não devia flertar com o namorado de outra garota na cozinha dela?

– Eu sou esperta com os livros – respondi. – Não esperta nas ruas.

Eli fez uma careta.

– Eu não chamaria Belissa exatamente de menina das ruas. Os jeans dela são lavados a seco.

– Sério?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Uau!

– É sério.

Descemos um pouco pelo corredor. Ele não parecia ter uma lista, e mesmo assim sabia exatamente o que queria.

– Deixando a brincadeira de lado – eu disse –, você está certo. Eu fui meio...

Minha voz morreu, e ele não me apressou para concluir. Eu estava descobrindo que gostava daquilo.

– Acho que perdi muita coisa no colegial. Tipo, socialmente.

– Duvido – ele respondeu, parando para jogar um rolo de papel-toalha no carrinho. – Várias dessas coisas são superestimadas.

– Você só diz isso porque era popular.

Ele olhou para mim quando viramos na esquina, para o corredor das sopas. Lá pela metade, um cara de casaco comprido murmurava algo para si mesmo. Isso era tão típico quando se fica acordado até tão tarde ou se acordava tão cedo. Os loucos também andavam por aí. Observando Eli, vi que ele tinha a mesma atitude que eu a respeito, que eram os três flancos: não encare, evite e aja normalmente.

– O que faz você pensar que eu era popular?

– Ah, qual é? – eu disse. – Você era ciclista profissional. Só podia ser.

– Pelo que eu sei, eu era um ciclista profissional *nerd*. – Fiquei só olhando para ele. – Tudo bem, tudo bem. Eu não era um solitário

completo. – Ele pegou uma lata de sopa de arroz com tomate da prateleira, depois outra. – Grande coisa. Não é que isso faça grande diferença em longo prazo.

– Eu acho que talvez faça. – Debrucei-me sobre o carrinho, olhando para dentro. – Quer dizer, eu fiz todas as coisas na escola. Mas nunca tive muitos amigos. Então tem um monte de coisas que eu não sei.

– Por exemplo...

– Por exemplo, que não devo falar com o namorado de uma garota na cozinha dela.

Sáímos do corredor, fomos para longe do cara de casaco, que ainda murmurava, até a seção de laticínios, passando no caminho por um funcionário com cara de sono que reabastecia os frios.

– Bem, nada como quase apanhar para fixar uma lição. Agora você já sabe.

– Sim. Mas e todo o resto?

– Como o quê?

Dei de ombros, apoiando-me sobre o carrinho enquanto ele pegava leite, verificando a data de validade. Observando-o, pensei, não pela primeira vez naquela noite, que talvez devesse ser estranho estar com ele, ali, naquele momento. E mesmo assim não era estranho, nem um pouco. Este era um dos lances da noite. Coisas que seriam estranhas à luz brilhante do dia não ficavam tão estranhas assim que passava de certa hora. Era como se o escuro atenuasse tudo de alguma maneira. Continuei falando:

– Só acho que é tarde demais, talvez. Todas as coisas que eu deveria ter feito nesses últimos dezoito anos, como ir a festas de pijama ou ignorar o horário de voltar estipulado pela família nas noites de sexta-feira, ou...

– Andar de bicicleta – ele disse.

Parei de empurrar o carrinho.

– Qual é esse lance todo entre você e as bicicletas?

– Bem, eu estou no ramo. Além disso, é uma parte importante do crescimento – ele respondeu, indo até o balcão de queijos. – E não é tarde demais.

Eu não disse nada enquanto íamos até o caixa, onde havia uma garota no único caixa aberto, que examinava seus cabelos de pontas quebradas.

– Claro que não é tarde demais para festa de pijama ou todas essas coisas. Mas acho que você pode riscar da sua lista isso de burlar o toque de recolher – Eli falou quando começou a descarregar o carrinho na esteira do caixa

– Por quê?

– Porque já passam das quatro da manhã, e você está no Park Mart – ele disse quando a garota começou a passar as compras. – Acho que isso conta.

Pensei nisso enquanto observava algumas maçãs rolaem pela esteira.

– Sei lá. Talvez você esteja certo, e tudo isso que perdi seja superestimado. Por que eu deveria me importar? Qual é o objetivo disso, na verdade?

– Quem disse que tem que ter um objetivo? – ele perguntou, depois de pensar por um instante. – Ou um motivo. Talvez seja só algo que você tenha que fazer.

Ele foi para a frente para começar a empacotar enquanto eu fiquei ali, assimilando tudo. *Só algo que você tenha que fazer.* Não foi preciso nenhuma desculpa ou análise racional. Eu, tipo, gostei daquilo.

Do Park Mart, fomos até a Lumber and Store, a superloja de coisas para casa, que Eli me informou que abria apenas para empreiteiros. Nós não éramos, mas eles não pareceram se importar, deixando-nos entrar direto. Vaguei por lá enquanto Eli se abastecia de um novo conjunto de chaves inglesas, uma caixa de pregos e um pacote de lâmpadas: enquanto ele pagava, sentei em um banco perto da porta da frente, observando o sol que começava a nascer sobre o estacionamento. Quando fomos embora, já eram quase seis, e o resto do mundo finalmente acordava para se juntar a nós.

– Peguei você! – ele observou quando abafei um bocejo ao entrar no banco da frente do carro.

– Essa é a hora em que eu costumo capotar.

– Uma última parada – ele replicou.

Era, é claro, o Gas/Gro, onde a mesma mulher mais velha, que agora lia um jornal, estava atrás do balcão, com um celular junto ao ouvido.

– Você quer alguma coisa? – Eli perguntou, e eu sacudi a cabeça, afundando um pouco no assento quando ele me deixou e entrou. Assim que ele passou pela porta, um Honda azul estacionou a algumas vagas. Eu estava no meio de outro bocejo quando vi alguém sair, fechando a porta do motorista e deixando um passageiro à espera. Ele era alto, usava calças cáqui amarrotadas, camisa xadrez e óculos de armação preta.

Inclinei-me mais para perto, reconhecendo seu perfil enquanto ele entrava. Lentamente, eu me virei para espiar o Honda, onde, de fato, vi minha mãe sentada no banco de passageiro. Ela estava com o cabelo preso sobre a cabeça, o casaco preto predileto amarrado sobre os ombros e parecia cansada. Lá dentro, seu aluno de pós se servia de café. Eu o observei pegar um pacote de chiclete e então uma torta de maçã enquanto se dirigia para o caixa, onde Eli conversava com a mulher enquanto ela passava as compras. Quem diria, pensei. Minha mãe estava namorando um “consumista”.

Quando Eli saiu, com uma garrafa de água e um pacote de Doritos na mão, eu a observei analisando-o enquanto ele passava, os olhos se estreitando quando ela notou o cabelo escuro comprido demais, a camiseta velha, o jeito que ele sacudia as chaves na mão. Eu sabia que ela o estava catalogando instantaneamente: educação até o colegial, sem universidade e sequer interessado, classe operária. Para ser honesta, as mesmas coisas que eu teria pensado no passado. Mas eu estava uma noite e muitas horas distante de minha mãe agora. Mesmo com essa aparente distância mínima entre nós.

Talvez ela ainda estivesse olhando quando Eli entrou na caminhonete, fechando a porta. Eu não sei, porque naquela altura eu já tinha me virado para ele, dando as costas para ela, irreconhecível. Apenas uma garota, assentindo com a cabeça quando ele perguntou se ela estava pronta para, finalmente, ir para casa.

nove



– TERMINEI!

Abri meus olhos, pisquei, então fechei novamente. Talvez eu estivesse sonhando. Um instante depois, entretanto, eu ouvi de novo.

– Acabado! Terminado! – Uma porta se abriu e fechou, seguida por passos que se aproximavam. – Olá? *Cadê* todo mundo?

Sentei-me e olhei para o meu relógio. Eram quatro e quinze e eu tinha ficado acordada até as seis da manhã do dia anterior. Ou deste dia, na verdade. Naqueles dias, era meio difícil estabelecer a distinção.

Saí da cama, andei até a porta do meu quarto, abri bem na hora de ver meu pai se aproximar do quarto de Thisbe, uma mão já erguida para bater.

– Ei – ele me disse –, adivinhe! Eu...

Surpreendentemente rápido, estiquei o braço, interceptando seus dedos assim que eles fizeram contato com a porta e puxando-os de volta, então sussurrei:

– Espere. Não faça isso.

– O quê?

Envolvei a mão dele com a minha, puxando-o para meu quarto e fechando a porta delicadamente. Então gesticulei para ele me seguir a curta distância até a janela, o ponto mais distante da parede entre o quarto do bebê e o meu.

– Auden – ele disse, com a voz ainda alta –, o que é isso tudo?

– A Isby estava com muita cólica na noite passada – sussurrei. – E de manhã também. Mas finalmente pegou no sono, então aposto

que Heidi também dormiu.

– Como você sabe que ela está dormindo? – Ele olhou para o relógio, e então para a porta fechada.

– Quem?

– O bebê. Ou a Heidi, na verdade.

– Você está ouvindo algum choro?

Nós dois apuramos os ouvidos. A única coisa audível era o gravador com o barulho de ondas.

– Bem, isto é o anticlímax – ele disse depois de um tempo. – Finalmente terminei o meu livro e ninguém liga.

– Você terminou o livro? Isso é ótimo.

– Acabei de escrever o último parágrafo. Quer ouvir? – Agora ele sorria.

– Nem precisa perguntar. É claro que eu quero.

– Então venha cá.

Ele abriu a porta e eu o segui, sem fazer barulho, pelo corredor, de volta ao seu escritório, onde ele praticamente morou durante as últimas semanas. Isso estava claro pela coleção de canecas, garrafas de água vazias e miolos de maçã partidos em vários estados de decomposição que observei assim que entrei.

– Vamos lá – meu pai disse, sentando-se diante do *laptop* e pressionando algumas teclas. Surgiu um documento, e ele esfregou as mãos, e depois moveu a página para baixo de modo que só umas poucas linhas aparecessem. – Pronta?

Fiz que sim.

– Pronta.

Ele limpou a garganta.

– “O caminho se estreitava agora, os ramos emaranhados das árvores se inclinavam, encontrando-se, enquanto eu andava embaixo. Em algum lugar, adiante, estava o mar.”

Quando ele terminou, ficamos parados, deixando as palavras se acomodarem ao nosso redor. Era um momento importante, embora eu estivesse meio distraída porque tinha certeza de ter ouvido um gritinho à distância.

– Uau! – eu disse, desejando estar errada. – Ficou ótimo.

– Foi uma longa luta, com certeza – ele disse, recostando-se na cadeira, que rangeu sob o peso dele. – Dez anos completos levando a essas vinte e quatro palavras. Não consigo acreditar que finalmente acabou.

– Parabéns – eu disse.

Thisbe agora chorava mesmo, o som se ampliava pelo corredor. Meu pai se endireitou na cadeira, ouvindo, então ele exclamou:

– Parece que elas acordaram! Vamos lá compartilhar as boas notícias, vamos?

Nisso, ele saiu da cadeira, com vivacidade nos passos enquanto se dirigia ao quarto de Thisbe, abrindo a porta. Instantaneamente, o choro passou de um nível baixo para total.

– Querida, adivinhe? – ele dizia quando o alcancei. – Terminei meu livro!

Bastava apenas uma olhada em Heidi para saber que, francamente, ela provavelmente não estava nem aí. Ela ainda estava com o pijama da noite anterior, calças de ioga e uma camiseta amarrotada com algum tipo de mancha úmida na frente. O cabelo estava amassado e espetado, os olhos vermelhos enquanto ela observava nós dois, como se parecêssemos familiares, mas ela não tivesse certeza por quê.

– Oh, Robert – ela conseguiu dizer, enquanto Thisbe se debatia em seus braços, também com o rosto vermelho e contorcido –, isso é maravilhoso.

– Acho que isso exige uma comemoração, não acha? – ele perguntou, então se virou para mim em busca de confirmação. Eu ainda estava tentando decidir se eu deveria concordar ou não quando ele acrescentou:

– Eu estava pensando em fazermos um jantar legal. Só nós dois. O que você acha?

Era difícil ignorar Thisbe quando ela chorava. Eu sabia, porque tinha tentado desde, ahn, o dia em que eu chegara. E mesmo assim meu pai conseguia ignorá-la de algum jeito. Parecia.

– Não sei – Heidi disse vagarosamente, olhando para o bebê, que obviamente estava em um estado complicado. – Acho que não posso levá-la assim...

– Claro que não – meu pai concordou. – Vamos achar uma babá. A Isabel não disse que gostaria de ajudar uma noite?

Heidi piscou para ele. Para ser honesta, ela se parecia com aquelas fotos de prisioneiros de guerra que eu tinha visto em livros de história, desorientados e exaustos.

– Ela disse, mas...

– Vamos ligar para ela, então – meu pai sugeriu. – Fazê-la merecer o título de madrinha. Eu ligo, se você quiser. Qual é o número?

– Ela não está na cidade – Heidi respondeu.

– Oh – Meu pai refletiu um pouco. Então, lentamente, ele se virou para mim. – Bem... Auden? Você pode nos ajudar aqui?

Heidi olhou para mim e então sacudiu a cabeça.

– Ah, não, isso não é justo. Nós não podemos fazer isso com você.

– Tenho certeza de que Auden não se importa – meu pai disse. Para mim, ele acrescentou: – Se importa? Será só por algumas horas.

Eu provavelmente deveria ter ficado irritada por sua rápida suposição, mas sinceramente, ao olhar para Heidi, concordar parecia mais uma intervenção que um favor. Respondi que tudo bem.

– Mas você tem que trabalhar – Heidi disse, passando Thisbe de um braço para o outro, o que não a fez parar nem mesmo diminuir o choro. – A contabilidade... o pagamento é amanhã.

– Bem – meu pai disse, olhando para mim de novo –, talvez...

Eu percebia que ele fazia isso com frequência, essa coisa de não-terminar-a-sentença, deixando você (ou eu, neste caso) terminar o pensamento por ele. Era como um jogo de completar palavras, mas passivo-agressivo.

– Eu a levo comigo – eu disse para Heidi. – Aí você pode buscá-la quando terminarem.

– Não sei – ela disse, embalando Thisbe. – Ela não está exatamente em boas condições para sair.

– O ar marinho vai fazer bem a ela! – meu pai disse, estendendo os braços para pegar o bebê. Ele sorriu para o rosto choroso, depois se sentou em uma cadeira de balanço próxima, ninando-a em um

braço. Heidi seguiu os movimentos do bebê com os olhos, sua expressão inalterada.

– E você também, querida. Tome um banho e fique totalmente à vontade. Nós damos conta por aqui.

Heidi olhou para mim e eu concordei. Um instante depois, ela começou a ir em direção à porta. No corredor, ela ainda olhou para meu pai, que balançava Thisbe; parece que ele não se sentiu intimidado com a contínua agitação da nenê, como se ela não tivesse muita certeza de tê-lo reconhecido. Para falar a verdade, naquele momento, nem eu tinha essa certeza.

Com a saída de Heidi, eu, tipo, esperava que meu pai entregasse o bebê rapidinho para mim, mas ele não entregou. Ficou sentado, balançando-a e batendo nas costinhas dela com uma mão. Eu nem tinha certeza se ele estava ciente de que eu estava na soleira, observando, mesmo quando acabei me demorando por lá, imaginando se ele tinha feito a mesma coisa comigo e Hollis. Se fosse para acreditar na minha mãe, provavelmente não. Eu certamente não teria pensado assim dez minutos antes. Mas talvez as pessoas pudessem mudar, ou pelo menos tentar. Estava começando a ver evidências disso em todos os lugares, embora eu soubesse o suficiente para não me convencer ainda.



Fazia uma semana desde a minha longa noite fora, e, desde então, meu conhecimento sobre a vida noturna de Colby só continuava a se expandir. Todas aquelas noites sozinha, dirigindo até o Wheelhouse, cruzando bairros e ruas e parando de vez em quando no Gas/Gro tinham sido tão tediosas quanto ficar flutuando na água. Só agora, com Eli, que eu estava descobrindo a noite de verdade.

Podia ser na lavanderia, compartilhando torta e café com Clyde enquanto ele dava detalhes de suas últimas aventuras culinárias ou desviando dos malucos no Park Mart enquanto caçávamos fio dental, sinos de vento e o que mais estivesse na lista que Eli carregava na cabeça. Indo para o calçadão após tudo fechar, quando um cara chamado Mohammed instalava um carrinho de pizza diante dos

clubes mais populares para vender a melhor fatia de pizza de muçarela que eu já provara na vida – por um dólar e meio. Pescando no píer e observando a fosforescência iluminar a água abaixo. Eu deixava a Clementine's depois de fechar, passava algum tempo sem fazer nada com as garotas, depois inventava umas desculpas e saía sozinha. Quinze minutos, meia hora, uma hora depois, no Gas/Gro, ou no Beach Beans, eu me encontrava com Eli e as aventuras começavam. Na noite anterior, ele tinha me perguntado:

– Como é que alguém chega aos dezoito anos sem nunca ter jogado boliche?

Estávamos no Ten Pin, uma pista de boliche que ficava aberta até tarde para algumas cidades na região de Colby. As pistas eram estreitas, os bancos grudentos, e eu nem queria saber qual era o passado dos sapatos que tive de alugar. Mas Eli insistiu para irmos quando soube que essa era uma das muitas coisas que minha infância tinha excluído.

– Já disse a você – insisti quando ele se sentou na ponta da pista, prendendo nossa folha de pontuação com um clipe enferrujado –, meus pais não eram fãs de esportes.

– Mas você joga boliche em ambientes internos. Então você deveria ser, tipo, profissional nisso.

Fiz uma careta para ele.

– Sabe, quando eu disse que tinha deixado de fazer um monte de coisas, não quis dizer que necessariamente sentia falta de *tudo*.

– Você ficaria muito arrependida se nunca tivesse jogado boliche – ele me disse, estendendo a bola que escolhera para mim. – Aqui está.

Peguei a bola, colocando os dedos nos buracos como ele tinha me mostrado. Então ele gesticulou para que eu o seguisse até o início da pista.

– Quando eu era criança, nós aprendemos a abaixar e empurrar a bola com as duas mãos.

Olhei para as pistas dos dois lados, que estavam vazias, já que eram duas da madrugada. As únicas pessoas à nossa volta estavam sentadas no bar atrás de nós, que mal podia ser visto devido à nuvem de fumaça de cigarro.

– Eu não vou me abaixar – falei com firmeza.

– Tudo bem. Então você tem que aprender o arremesso normal. – Ele levantou as mãos, segurando uma bola imaginária, então pôs um pé para frente, abaixou a bola ao seu lado e então a impulsionou para frente, abrindo os dedos. – Assim, tá?

– Tá.

Ergui a bola. Eli não se mexeu, ainda ao meu lado. Lancei um olhar para ele, e ele deu de ombros, voltando para o banco grudento.

Desde nossa primeira noite juntos há uma semana, era assim que as coisas tinham rolado. Um constante ir e vir, às vezes sério, mas em geral não, as atividades estendendo-se pelo tempo entre as horas em que as pessoas iam para casa e que o sol nascia. Eu sabia que se tivesse passado a mesma quantidade de tempo com Eli durante o dia, ou mesmo durante o anoitecer, eu provavelmente viria a conhecê-lo. Mas não desse modo. A noite mudava as coisas, alargando a distância. O que dizíamos um ao outro, as coisas que fazíamos, tudo ganhava uma dimensão maior no escuro. Como se o tempo fosse acelerado e atrasado ao mesmo tempo.

Então talvez fosse por isso que parecia que nós sempre estávamos conversando sobre o tempo enquanto vagávamos pelos corredores de lojas sob luzes fosforescentes, ou bebíamos café numa sala escura enquanto suas roupas amaciavam, ou apenas dirigíamos pelas ruas mais vazias a caminho de algum lugar. Tempo no futuro, como a faculdade, e no passado, como a infância. Mas, principalmente, discutíamos como compensar o tempo perdido se isso fosse possível. Eli parecia pensar que era, pelo menos no meu caso.

– Você sabe o que dizem – ele falou há algumas noites, enquanto nos servíamos de raspadinhas no Gas/Gro por volta das três da madrugada. – Nunca é tarde demais para ter uma infância feliz.

Peguei um canudo e cutuquei a espuma rosa no meu copo.

– Mas eu não diria que a minha infância foi infeliz. Só não foi...

Eli esperou, encaixando uma tampa em seu copo com um clique.

– ... muito infantil – completei. Dei um gole na minha raspadinha, depois adicionei um pouco de sabor azul para dar variedade, um

truque que ele tinha me ensinado há algumas noites. – Meu irmão, tipo, exauriu os meus pais nessa coisa toda de criança. Eles não tiveram paciência para repetir tudo de novo.

– Mas você *era* criança – ele disse.

– Eu era – concordei. – Mas na cabeça deles, isso era algo que eu podia superar se eu me esforçasse.

Ele me lançou um olhar que eu aprendera a reconhecer, a expressão era uma mistura de perplexidade e respeito. Era preciso ver para entender. Então ele disse:

– Na nossa casa era o contrário. A central das crianças, o tempo todo.

– Sério?

– Sim. Você sabe que sempre há uma casa no bairro onde todos se reúnem para andar de bicicleta, assistir a desenhos, passar a noite ou construir uma casa na árvore?

– Certo – respondi, depois acrescentei: – Quer dizer, já ouvi falar sobre isso.

– Era a nossa casa. Como éramos quatro, sempre estávamos no meio de uma partida de *kickball* ou de queimada. Além disso, minha mãe sempre estava por perto, então nós tínhamos os melhores lanches. A fama dos rolinhos de pizza dela *ia longe*.

– Puxa! – eu disse, seguindo-o até o caixa. A atendente, a mulher mais velha, que eu reconhecera, olhou por cima de sua revista, sorrindo para ele quando nos atendeu. – Sua mãe parece legal.

– Ela é – ele falou isso com simplicidade, sem demonstrar emoções, enquanto passava algumas notas para a atendente. – Ela é tão boa que é difícil convencer qualquer um a sair de lá. Levou séculos para ela se livrar da minha irmã e do meu irmão mais velho. E o Jake é o bebê, totalmente mimado, então ela provavelmente vai ficar presa com ele até que alguma garota seja idiota o suficiente para se casar com ele.

Ao ouvir isso, senti meu rosto corar, lembrando-me de nosso lance rápido e desajeitado nas dunas. Engoli em seco, concentrando-me em Wanda enquanto pagava minha raspadinha. Foi só quando saímos que ele disse subitamente:

– Olha, não quis ofender. Sabe, o que eu disse... do Jake. Eu sei que vocês dois...

– Não estou ofendida – respondi, cortando o papo antes que ele pudesse começar a tentar definir aquilo. – Só humilhada.

– Não precisamos falar disso.

– Ótimo! – Tomei um longo gole em meu canudo. Andamos em silêncio até o estacionamento, mas então eu disse: – Porém, em minha defesa, devo dizer que eu não tenho muita experiência com, ahn, garotos. Então aquilo foi...

– Não precisa explicar – ele disse, abrindo a porta. – Sério. Meu irmão é encrenca. Vamos esquecer isso.

Sorri agradecida, enquanto deslizava para o banco da frente.

– Eu também tenho um... um irmão encrenca. Só que ele está na Europa, de onde vem sugando meus pais já faz uns dois anos.

– Dá para sugá-los do outro lado do oceano?

– Hollis consegue – contei. – Ele praticamente elevou isso ao *status* de arte.

Eli pensou nisso enquanto saíamos na noite quente e com vento.

– Parece meio egoísta – ele observou. – Considerando que só ele curtiu a infância.

Eu nunca tinha encarado as coisas dessa maneira.

– Bem, é como você disse. Talvez não seja tarde demais... para a minha infância feliz e tudo?

– Não é.

– Você parece ter muita certeza – comentei. – Tão seguro que me faz imaginar que você já fez esse tipo de coisa antes.

Ele balançou a cabeça, dando um gole no canudo.

– Não. Na verdade, eu tenho o problema oposto.

– Qual?

– Infância demais – Chegamos à caminhonete e ele abriu a porta.

– Tudo o que eu fiz foi brincar por aí. Até consegui transformar a brincadeira em um meio de vida.

– Com a bike.

Ele concordou.

– E então você acorda um dia e não tem nada que preste para mostrar por todos esses anos. Só um punhado de histórias bobas,

que parecem cada vez mais idiotas à medida que o tempo passa.

Olhei para ele por cima da caminhonete.

– Se você realmente se sente assim – eu disse –, por que vive me incentivando a fazer todas essas coisas?

– Porque você sempre pode chegar supertarde em casa ou ter uma festa do pijama. Nunca é tarde demais. Então você deveria porque...

Ele emudeceu. Àquela altura, eu sabia que eu não deveria completar a sentença.

–... isso não se aplica a todas as coisas – ele disse. – Ou pelo menos é o que estou aprendendo.

Então, diante de mim, as luzes piscavam sobre os pinos, acendendo e apagando. A pista se alongava à frente e eu tentei imaginar como, sendo criança, ela pareceria ainda mais comprida, quase interminável.

– Você está pensando demais. Basta lançar a bola ali! – Eli gritou atrás de mim.

Dei um passo para trás, tentando lembrar sua instrução, e lancei a bola à frente. Ela voou – o que eu tinha certeza que não deveria acontecer – depois aterrissou com um baque alto. Na pista ao lado... Antes de rolar, “ai, tão lentamente”, para a canaleta.

– Ei! – uma voz gritou da área de fumantes. – Cuidado aí!

Senti meu rosto corar, totalmente envergonhada, enquanto a bola rolava até o fim da pista, desaparecendo atrás dos pinos. Um instante depois, houve um *tum*, e Eli apareceu novamente atrás de mim, entregando-a para mim.

– Melhor não – eu disse. – É claro que esse não é o meu forte.

– Foi sua primeira tentativa. O quê? Você achou que ia conseguir um *strike* de cara ou algo assim?

Engoli em seco. Na verdade, era exatamente aquilo que eu tinha pensado. Ou pelo menos desejado.

– É que... Não sou boa nesse tipo de coisa.

– Porque você nunca tentou antes. – Ele chegou a mim, pegou minhas mãos e colocou a bola entre elas. – Tente de novo. E desta vez, largue antes.

Ele voltou para o banco e eu me forcei a respirar fundo. É só um jogo, eu disse para mim mesma. Uma coisinha de nada. Então, com isso ainda em mente, dei um passo para frente e soltei a bola. Não foi bonito – ela oscilou toda enviesada e muito lenta – mas derrubou dois pinos à direita. O que foi...

– Nada mal – Eli disse enquanto a máquina deixava a pista em ordem. – Nada mal mesmo.

Jogamos duas partidas completas, durante as quais ele fez constantes *strikes* e *saves* e eu me concentrei em me manter longe da canaleta. Ainda assim, consegui alguns bons lances e me surpreendi por ter ficado, tipo, feliz com isso. Tanto que, quando saímos, recuperei a ficha de pontuação do lixo onde ele a tinha jogado, dobrando-a até ficar um quadrado. Quando ergui o olhar, percebi que Eli me observava.

– Documentação – expliquei. – É importante.

– Então tá – ele disse, mantendo seu olhar em mim enquanto eu guardava a folha no bolso. – Claro.

Lá fora, andamos pelo estacionamento molhado de chuva até o meu carro, deixando para trás a placa de neon que piscava, dizendo BOLICHE.

– Então, agora você já jogou boliche, desrespeitou o horário de estar de volta em casa e quase apanhou em uma festa – ele disse –, o que mais tem na sua lista?

– Não sei – respondi. – O que mais você fez nos seus primeiros dezoito anos?

– Como eu disse – ele falou enquanto eu abria o carro – não acho que você deve seguir meu exemplo.

– Por que não?

– Porque eu me arrependo de algumas coisas. E eu sou um rapaz. E garotos fazem coisas diferentes.

– Como andar de bike?

– Não – ele respondeu. – Como fazer guerra de comida. E quebrar coisas. E jogar bombinhas na varanda das pessoas. E...

– As meninas não podem jogar bombinhas nas varandas das pessoas?

– Podem – ele falou, enquanto eu ligava o motor. – Mas elas são mais inteligentes e não fazem isso. Essa é a diferença.

– Não sei. Acho que guerra de comida e quebrar coisas são atividades igualitárias.

– Tudo bem. Mas se você fizer o lance da bombinha, estou fora. Isso é tudo o que tenho a dizer.

– O quê? Você tem medo ou algo assim?

– Não – ele se sentou. – É que já fiz isso, águas passadas. Também encarei ser arrastado até a delegacia por causa disso. Eu admiro a sua busca e tudo, mas tenho que definir os limites em algumas coisas.

– Espere – eu disse, erguendo a mão. – Minha *busca*?

Ele se virou para olhar para mim. Nós estávamos parados em um farol vermelho, nenhum outro carro à vista.

– É. Sabe, como no *Senhor dos Anéis* ou *Star Wars*. Você está buscando alguma coisa que você perdeu ou da qual precisa. É uma busca.

Fiquei só olhando.

– Talvez seja uma coisa de menino – ele continuou. – Tudo bem, não a chame de busca. Pode também chamar de abobrinha, tudo bem. O que importa é: conte comigo, mas dentro dos limites. É isso que estou dizendo.

Até ali eu achava que estávamos só saindo por aí, passando o tempo. Mas separado por diferença de sexo ou não, eu até gostei da ideia de buscar algo que foi perdido ou era necessário. Ou as duas coisas.

O semáforo finalmente mudou, passando para verde, mas não pisei no acelerador. Em vez disso, falei:

– Abobrinha?

– O quê? Você nunca disse isso quando era criança?

– “Pode chamar de abobrinha?” – eu perguntei. Ele concordou com a cabeça. – Ahn, não?

– Puxa – ele balançou a cabeça. – O que você *andou fazendo* a vida toda?

Assim que ele disse isso, um turbilhão de respostas explodiu na minha mente, todas verdadeiras e legítimas. Havia infinitos modos

de passar o dia, eu sabia disso, nenhum deles era certo ou errado. Mas, por outro lado, dada a oportunidade de uma recuperação verdadeira, quem diria não? Eu não. Não daquela vez. Podem me chamar de louca ou dizer que é abobrinha. Mas dentro dos limites, ou mesmo fora deles, podiam contar comigo também.



– Bem – Maggie comentou –, *esta* é uma roupa interessante.

Todas olhamos para Thisbe, presa no carrinho, ainda no transe em que havia caído assim que eu andei com ela pela entrada da garagem, olhos bem espertos, silêncio total.

– Interessante – repeti. – O que você quer dizer com isso?

– Foi a Heidi que vestiu ela assim? – Leah perguntou, agachando para ficar no nível dos olhos de Thisbe.

– Não. Fui eu.

Leah olhou para Maggie, que ergueu as sobrancelhas. – Por quê? Eu acho que ela ficou uma graça.

– Ela está usando preto – Maggie disse.

– E...?

– Quantas vezes você viu bebês de preto?

Olhei para Isby de novo. Quando meu pai foi se preparar para o jantar, percebi que ela também, provavelmente, precisava trocar de roupa; então, fui até a cômoda dela procurar um macacão limpo. Já que tudo era rosa ou tinha rosa incorporado em algum lugar, decidi ser do contra, vasculhando a última gaveta até encontrar um macacão preto liso e calça verde vivo. Pessoalmente, achei que ela parecia, tipo, *rock and roll*, mas julgando pelos olhares que eu recebi – para não mencionar a expressão estranha que Heidi me lançou quando demos “tchau” – talvez eu estivesse errada.

– Sabe, só porque você é menina não quer dizer que tenha de se vestir de rosa.

– Não – Leah concordou –, mas também não precisa se vestir como um caminhoneiro.

– Ela não parece um caminhoneiro – retruquei. – Caramba!

Leah inclinou a cabeça para o lado:

– Você tem razão. Ela parece um fazendeiro. Ou um pedreiro.

– Por não estar de rosa?

– Ela é um bebê. Bebês usam tons pastel – Maggie falou para mim.

– E quem inventou isso? – perguntei. Esther abriu a boca para responder, mas antes que ela pudesse falar, eu mesma respondi: – A sociedade. A mesma sociedade, devo acrescentar, que dita que as meninas devem sempre ser todas fofas e lindas, o que as incentiva a não serem decididas. E isso, por sua vez, leva à baixa autoestima, que pode gerar distúrbios alimentares e maior tolerância e aceitação de abusos domésticos, sexuais e de substâncias.

As meninas olharam para mim.

– Você tirou tudo isso de um macacão rosa? – Leah questionou depois de um tempo.

Só então Thisbe começou a resmungar, virando a cabeça de um lado para o outro.

– Oh, não – eu disse, empurrando o carrinho para frente e para trás. – Isso não é um bom presságio.

– Será que ela está com fome? – Esther perguntou.

– Talvez seja a baixa autoestima dela – Leah completou.

Ignorei tudo e me abaixei para desafivelar Isby, pegando-a nos braços. A pele dela estava quente, e o choro começou a aumentar. Então eu a virei, segurei-a pelo tronco e flexionei meus joelhos. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Na terceira vez, ela se calou.

– Puxa! – Maggie comentou. – Você sabe das manhas, hein?

– Chama-se “elevador”. Sempre funciona.

Todas me olharam por um tempo. Então Esther se manifestou:

– Sabe, eu acho que a Auden está certa. O preto não ficou tão estranho. Na verdade, é meio radical.

– É óbvio que *você* ia dizer isso – Leah disse. – Olhe só o que você está vestindo.

– Isto não é preto. É azul-marinho – Esther respondeu, baixando o olhar para sua camiseta escura.

As outras duas garotas bufaram. Então Leah se virou para mim, dizendo:

– Isso foi o que ela disse durante toda a fase gótica, quando não vestia nada além de preto. Roupas pretas, sapatos pretos...

– Lápis de olho preto, batom preto – Maggie acrescentou.

– Algum dia vocês vão esquecer isso? – Esther perguntou e suspirou. – Foi uma fase, tá bom? Como se vocês duas nunca tivessem feito nada no colegial de que se arrependam.

– Duas palavras – Maggie respondeu: – Jake Stock.

– Verdade – Leah concordou.

– E você – Esther disse, apontando para ela – pintou seu cabelo de loiro para o Joe Parker. Coisa que...

– ... nenhuma ruiva verdadeira deveria fazer – Leah completou. – Ainda me envergonho disso.

Nesse tempo todo, eu ainda fazia o elevador com Thisbe em meus braços. Ela tinha voltado ao seu transe, quieta, e por um instante nós todas ficamos apenas a observando subindo e descendo. Até que Maggie falou:

– Não é estranho pensar que nós já fomos pequenininhas assim?

– Totalmente – Leah esticou o braço, pegando a mão de Thisbe e a apertando. – Ela é como uma lousa em branco. Ainda sem erros.

– Menina sortuda – Esther acrescentou. Então, se aproximando, ela falou: – Um conselho: nunca invente de ser gótica. Ninguém *nunca* vai deixar que você se esqueça disso.

– E nunca mude nada por um garoto, nunca – Leah acrescentou.

– Se eles valem a pena, eles vão gostar de você do jeito que é.

– Sempre use capacete nos saltos perigosos – Maggie disse.

– Não coma aperitivos de carne seca antes de andar na montanha-russa – Leah acrescentou.

– O *piercing* no nariz – Esther se intrometeu – não fica bem em todo mundo. Vá por mim.

Thisbe recebeu tudo isso com a mesma expressão solene. Troquei-a de braço, me aproximando para sentir seu cheiro, uma mistura de leite e xampu de bebê.

– Sua vez, Auden, você deve ter alguma sabedoria para compartilhar – Leah disse.

Pensei um instante:

– Não flerte com o namorado de uma garota na cozinha dela – eu disse. – Nunca responda à pergunta: “Que tipo de nome é esse?”

– E dá para prever que alguém vai perguntar isso – Leah comentou. – Com um nome como Thisbe, isso é garantido.

– Que tal esta? – Maggie falou. – Mantenha-se longe dos gatinhos com bikes. Eles só vão te magoar. – Olhei para ela, e ela sorriu. – Claro que é mais fácil falar que fazer. Certo?

Fiquei só olhando para ela, imaginando o que ela estava insinuando. Eu não tinha contado sobre mim e Eli para ninguém, principalmente porque eu sabia que elas achariam que nós estávamos namorando. O que mais se poderia fazer a noite inteira, todas as noites, com outra pessoa? O próprio fato de haver tantas respostas para aquela pergunta me fez querer deixar a pergunta de Maggie, que ficou pairando no ar, sem resposta.

– Por Deus, Maggie. Achei que você já tinha esquecido esse lance do Jake – Leah comentou.

– E esqueci.

– Então por que você está enchendo a Auden com isso agora? – Leah balançou a cabeça.

– Não foi por isso...

De repente, essa ideia foi interrompida por um barulho de colisão na entrada. Todas nós voltamos a cabeça pra lá, bem a ponto de ver Adam se afastando do vidro, esfregando o braço.

– Puxe para abrir! – Maggie gritou. Enquanto Leah revirava os olhos, ela adicionou: – Ele nunca se lembra. É tão estranho.

– Não se pode dizer que não fiz uma grande entrada – Adam disse, bem pouco incomodado com o que alguns considerariam um vexame público dos grandes, enquanto andava na nossa direção, carregando uma sacola plástica de compras em uma mão. – Então, senhoras. Um anúncio.

Leah lançou um olhar cauteloso para a sacola.

– Você está vendendo doces para arrecadar dinheiro para o clube de matemática de novo?

– Isso foi na oitava série – Adam disse, lançando uma careta para ela. – E a escola acabou, lembra?

– Ignore – Maggie disse a ele quando Leah deu de ombros, indo para trás do balcão. – Qual é o anúncio?

Ele sorriu, colocando a mão na sacola.

– Festa do cachorro-quente – ele disse, tirando um pacote de salsichas. – A primeira do verão. Depois do trabalho, na minha casa e do Wallace. Tragam seus próprios molhos.

– Não contem comigo – Esther falou, sentando-se no balcão. – Sou vegetariana.

Adam colocou a mão novamente na sacola e tirou outro pacote de salsichas. – *Tcharã!* – ele gritou, sacudindo-o na cara dela. – Salsicha de tofu! Só para você!

– O banheiro vai estar limpo? – Leah perguntou.

– Não está sempre limpo?

– Não – Leah, Maggie e Esther disseram em uníssono.

– Bem, estará limpo essa noite. Vou usar meu limpador especial com cloro e tudo mais.

Maggie sorriu quando ele jogou as salsichas de volta na sacola, fechando-a.

– Puxa, a última festa do cachorro-quente foi há um tempão – ela disse. – Qual é o motivo?

– A festa de inauguração da casa que a gente se esqueceu de fazer há dois meses, quando a gente se mudou – ele disse. – Além disso, já era tempo, não é? Só sentimos que estava na hora.

– O Eli vai? – Esther especulou.

– Ele foi convidado – Adam disse. – Vamos ver.

Maggie se virou para mim e explicou:

– A festa do cachorro-quente era uma das grandes tradições do Abe. Ele organizava todos os sábados na casa dele e do Eli. Cachorro-quente, feijão cozido...

–... batatas fritas para os vegetarianos – Leah acrescentou.

– E picolés de sobremesa. Ele chamava isso de refeição ideal de verão. – Maggie esticou a mão, enrolando um de seus cachos ao redor do dedo. – Ele e o Eli sempre compravam tudo a granel no Park Mart, para poderem organizar uma festa rapidinho.

– FICQ – Esther disse. Quando ergui as sobrancelhas, ela acrescentou: – Festa Improvisada do Cachorro-Quente.

– Entendi – eu disse. Meus joelhos começaram a doer, então parei o elevador, passando Thisbe para o braço direito. Adam se aproximou, fazendo uma cara engraçada para ela.

– Você talvez seja nova demais para uma FICQ – ele disse, cutucando a barriga dela antes de se dirigir à porta. – Quanto ao resto de vocês, espero vê-las com seus temperos na casa do Wallace depois de fechar a loja. Não aceito desculpas.

– Sabe – Leah observou –, eu gostava mais de você quando vendia doces.

– Vejo vocês mais tarde! – ele respondeu. Dessa vez, ele conseguiu abrir a porta e desapareceu pelo calçadão enquanto o sino da porta tilintava lá em cima.

Leah olhou para Maggie.

– Ótimo – ela murmurou. – Ele gosta de você e agora temos que comer salsichas por causa disso.

– Ele não está a fim de mim – Maggie protestou, indo até o mostrador de brincos e arrumando alguns pares.

– Bem, eu não vou – Leah disse, pressionando um botão na caixa registradora. A gaveta se abriu e ela pegou algumas notas, arrumando-as. – O verão já está quase na metade, e os únicos caras com quem eu saí são aqueles que eu conheço desde o primário. Isso está ficando ridículo.

– Talvez haja carinhas novos na festa do cachorro-quente. – Esther sugeriu.

– Ah, isso não rola – Leah respondeu.

– Ei, eles têm cachorro-quente de tofu. Tudo é possível.

Mas não era nos carinhas novos que eu estava interessada enquanto fiquei no escritório na hora seguinte, com o pé preso nas rodas traseiras do carrinho de Thisbe, empurrando para frente e para trás enquanto eu repassava os recibos do dia. Era só em um cara, aquele mesmo cara que não saía da minha cabeça cada vez mais à medida que as horas passavam.

Apesar de muito esforço, foi difícil, conforme o dia avançava, não olhar para frente, imaginando o que a noite reservava para mim e Eli. Isto era algo que eu nunca tinha sentido até agora: a sensação de expectativa em relação a outra pessoa. Então, embora uma festa

do cachorro-quente parecesse divertida e tudo mais – e, na verdade, poderia até se classificar como parte da minha busca – se Eli não estivesse lá, eu estava certa de que também não gostaria de participar. Mesmo com os cachorros-quentes de tofu.

Por volta das oito e meia, meu pai e Heidi apareceram para buscar o bebê. A chegada deles foi anunciada por uma explosão de gritinhos vinda do piso da loja.

– Oh, meu Deus, você está tão bem! – Maggie exclamou. – Você já está supermagra!

– Por favor – Heidi disse. – Eu não caberia em nada desta loja agora. Nem mesmo nos ponchos.

– Pare com isso! – Esther lhe disse. – Você está linda.

– E a Thisbe também – Leah acrescentou. – Por falar nisso, adoramos o nome dela.

– Viu? – ouvi meu pai dizer. – Eu disse. É um nome poderoso! Tem *presença*.

– Mas... – Maggie retrucou – na verdade, a história de Thisbe é meio trágica, ela morreu pelo seu amado, e a sua alma floresceu em uma amoreira.

Mesmo com a porta fechada entre nós, e nenhuma visão dessa interação, eu podia literalmente *sentir* o quanto meu pai estava impressionado quando ele disse:

– Você conhece a história de Thisbe?

– Nós lemos na minha aula de estudos clássicos, quando estávamos estudando os mitos e a mulher – Maggie respondeu.

– Pensei que o nome viesse de Shakespeare – Heidi comentou.

– Ele foi retomado por Shakespeare, de um modo cômico – meu pai contou para ela. – Mas esta jovem está certa. A história verdadeira é bem triste.

– Essa é a nossa Maggie – Leah disse. – Especialista em todas as coisas trágicas.

– A Auden está nos fundos? – ouvi Heidi dizer. Um instante depois, ela bateu na porta, colocando a cabeça para dentro. Quando viu Thisbe cochilando no carrinho, ela sorriu. – Olhe só. E eu aqui preocupada que ela estivesse berrando o tempo todo.

– O tempo todo não – eu disse. – Como foi o jantar?

– Ótimo – ela respondeu. Então bocejou, cobrindo a boca com a mão. – Foi bom sair e comemorar. Essa é uma grande conquista para o seu pai. Ele trabalhou tanto nestas últimas semanas...

– Você também – eu disse, e baixei o olhar para Thisbe.

– Oh, bem – ela acenou, então se aproximou, levando o carrinho para a porta. – Nem sei como agradecer, Auden, é sério. Nem consigo me lembrar quando foi a última vez que saímos só nós dois.

– Não foi nada – eu disse.

– Mesmo assim, agradeço muito. – Ela lançou um olhar para o piso da loja. – Melhor tirar seu pai daqui enquanto ele ainda está animado. Ele diz que esse lugar lhe dá dor de cabeça. Rosa demais. Dá para acreditar?

Dava. Mas não disse nada, só acenei com a cabeça enquanto ela levava Thisbe pelo corredor, acenando para mim.

Nas duas horas seguintes, me concentrei no trabalho, notando apenas superficialmente os clientes que entravam e saíam (houve uma correria de chinelos), a dança das nove horas (Elvis dessa vez, em sua fase *rockabilly*) e o debate contínuo sobre ir à festa do cachorro-quente (Maggie queria ir, Leah não e Esther estava em cima do muro). Às dez em ponto, tranquei o cofre, fechei a porta e fui juntar-me a elas enquanto saíam para o calçadão, ainda discutindo. Tudo isso era parte da minha rotina agora, assim como o que vinha em seguida: inventar uma desculpa e ir procurar Eli.

– Podemos dar só uma passadinha – Maggie disse. – Só para marcar presença.

– E você, Auden? Você vai ou não? – Leah se virou para mim.

– Oh. Na verdade, acho que eu só vou...

Eu iria usar alguma das minhas desculpas padrão, como “vou para casa” ou “vou terminar alguns serviços”, mas bem nessa hora, olhei por cima do ombro de Maggie para a loja de bicicletas, e Eli estava lá, sentado no banco, a loja trancada e escura atrás dele. Não precisava procurá-lo desta vez, simples. Ou teria sido simples, só que ele não estava sozinho.

Belissa Norwood estava diante dele, com os cabelos voando ao redor do rosto e as mãos nos bolsos. Não estava produzida como na festa, usava apenas *jeans* e uma blusinha azul básica sem mangas,

um suéter amarrado em volta da cintura, e eu fiquei surpresa imediatamente ao ver como ela parecia bem mais bonita. Menos é mais, de fato.

Ela estava dizendo algo a Eli, que não olhava para ela, e só estava inclinado para frente no banco, com o rosto apoiado nas mãos. Então ela disse mais alguma coisa, ele olhou para ela e concordou com a cabeça. Fiquei ali, observando, quando ela se abaixou para sentar ao lado dele, com o joelho encostado no dele. Depois de um tempo, ela recostou a cabeça no ombro dele, fechando os olhos.

– Auden? – Leah me chamou. Vendo meu rosto, ela se virou, olhando para trás, bem quando um grupo de homens de ombros largos, usando conjuntos esportivos, saiu da loja Jumbo Smoothie ao lado, bloqueando tudo atrás deles. – O que foi?

– Nada – eu disse rapidamente. – Eu vou.



O apartamento de Wallace ficava no piso de baixo de um edifício verde a duas ruas da praia. Grande parte do quintal era de terra com alguns chumaços de grama; havia uma máquina de lavar no terraço lateral e uma placa pendurada sobre a garagem, que dizia, inexplicavelmente, "JORNADA SENTIMENTAL".

– Que escolha de nome interessante – eu disse enquanto seguia Maggie e Esther pela entrada para carros, com a sacola de temperos que compramos no Gas/Gro (*ketchup*, mostarda, maionese e calda de chocolate) na mão. Leah estava ficando para trás, com o celular na orelha, ainda fazendo contatos na esperança de encontrar um destino melhor.

– Não foi um lance dos rapazes – Maggie explicou, olhando para trás. – Os proprietários que escolheram. É uma coisa da praia, sabe, dar nomes às casas. O último lugar em que o Wallace morou se chamava "GRITO DA GAIVOTA".

– Que é um nome terrível – Esther salientou. – Ei, Mags, lembra quando o Eli e o Abe moravam naquela espelunca na Fourth Street? Como era mesmo...

– “AMOR DE VERÃO” – Maggie concluiu para ela enquanto subíamos os degraus da frente. – E não havia nada de amor naquilo, vou dizer pra você. Uma *espelunca* e tanto.

Assim que ela disse isso, Adam apareceu na porta aberta com uma luva de forno em uma das mãos.

– Ei – ele disse, colocando-a sobre o coração, ofendido. – Você ainda nem entrou!

– Eu não estava falando deste lugar – Maggie disse quando ele abriu caminho, deixando-nos entrar. – Aqui é... bem legal.

O que foi um pouco de exagero. A sala de estar era pequena, cheia de móveis antigos que não combinavam: sofá xadrez, poltrona listrada, mesinha de centro bem velha, manchada com marcas de copos sobre outras marcas sobre outras marcas. É claro, no entanto, que alguém tinha tomado medidas para organizar tudo, o que era evidente pela tigela com castanhas sobre a mesa e o que parecia uma vela aromatizada novinha queimando no balcão que levava à cozinha.

– Decoração – Adam observou, percebendo que eu notara. – Faz bastante diferença, não acha?

– Ainda fede a cerveja – Leah falou ao entrar, largando o telefone dentro da bolsa.

– Isso quer dizer que você não está a fim de uma cerveja? – Wallace gritou da cozinha.

– Nem vem – Leah respondeu.

– Bem que eu achei isso – ele retrucou, surgindo com uma embalagem de doze latas. Ele passou pela fileira de pessoas, entregando-as. Eu iria recusar, mas acabei pegando uma só para ser educada.

– Tem porta-copos à sua esquerda – Adam disse para Leah quando ela abriu sua lata.

– Porta-copos? – ela disse. – Nessa mesa de centro? Já está coberta de marcas!

Ele olhou para a mesa, então para ela.

– Só porque algo está estragado não significa que não deva ser tratado com respeito.

– E mais – Wallace disse –, é uma mesa de centro, não um órfão.

Esther riu com escárnio. Mas Maggie, como era de se esperar, esticou o braço e colocou um porta-copos na mesa antes de pousar a cerveja. Quando ela fez isso, Adam esticou a mão para trás, no balcão, e lá pegou uma máquina fotográfica guardada.

– Nossa primeira festa do cachorro-quente! – ele disse, levando-a à altura dos olhos. – Eu *tenho* que tirar uma foto.

A reação na sala foi imediata e unânime: todos, exceto eu, ergueram as mãos ao mesmo tempo para cobrir o rosto. As reclamações que acompanharam, no entanto, foram variadas. Ouvi de tudo desde “Por favor, não” (Maggie) a “Meu Deus” (Wallace), passando por “Pare com isso ou mato você” (presumo que essa seja óbvia).

Adam suspirou, abaixando a câmera:

– Por que vocês não me deixam tirar só uma foto de vez em quando?

– Porque esse foi o combinado – Wallace respondeu, com a voz abafada pelos dedos, que ainda cobriam a boca.

– *O combinado?* – perguntei.

Maggie abriu ligeiramente a mão no rosto e respondeu:

– Adam foi o fotógrafo do anuário escolar nos últimos dois anos. Ele era *implacável* com a máquina fotográfica.

– Eu só tinha uma pessoa como assistente! – Adam protestou. – Eu não tinha saída. Alguém tinha que tirar as fotos.

– Então dissemos a ele – Wallace continuou, ainda se escondendo atrás da mão, – que a gente só aguentaria aquilo até o anuário ficar pronto. Mas depois daquilo...

– Nada de fotos – Maggie completou.

– Nunca mais – Leah acrescentou.

Adam pôs de volta a máquina no balcão, com uma expressão carrancuda no rosto.

– Tudo bem – ele disse, e todos abaixaram as mãos. – Mas no futuro, quando vocês estiverem se sentindo nostálgicos em relação a este verão e não conseguirem se lembrar dele por falta de documentação, não me culpem.

– Já fomos totalmente documentados – Maggie lhe respondeu. – Nas fotos do anuário *só* tinha a gente.

– O que é ótimo, porque vocês nunca vão se esquecer de nada – ele retrucou. – Mas aquilo já é passado. Isto é agora.

– O agora em que somos poupados de sermos fotografados. – Leah pegou sua cerveja *sem porta-copos* e deu um gole. – Então, quem mais vem nessa festa?

– Você sabe, os suspeitos de sempre – Wallace respondeu, sentando-se na poltrona, que afundou perceptivelmente sob o peso dele. – Os caras da loja, alguns dos frequentadores da pista de saltos, aquela garota bonitinha da Jumbo Smoothie e...

Essa fala foi interrompida pelo som de passos ressoando nos degraus.

– Cara! – uma voz exclamou. – É melhor vocês terem cerveja, porque eu estou pronto para...

Jake Stock – de camiseta preta justa e mais bronzeado que nunca – parou de falar e de andar no minuto em que passou pela porta e me viu com Maggie, lado a lado no sofá. Foi como uma “ducha gelada”.

– Para o quê? – Leah insistiu, bebendo a cerveja.

Jake olhou para ela, então para Wallace, que deu de ombros.

– É ótimo ver você como sempre – ele disse para Leah, então passou por ela e por nós, indo até a cozinha. Olhei de lado para Maggie, mas ela mantinha o olhar diretamente à frente, para a cerveja dela no porta-copos, com uma expressão intraduzível.

– Nunca é tarde demais para ir às baladas – Leah disse para ela. – Carinhas novos, novas oportunidades.

– A grelha está pronta! – Adam exclamou da porta de trás. – Quem está a fim do primeiro cachorro-quente?

Maggie se levantou, pegando a cerveja.

– Eu – ela disse, passando por Jake, apoiado no balcão, que cheirava a vela. – Eu estou.

Uma hora depois, eu tinha tomado uma cerveja, comido dois cachorros-quentes de tofu e, apesar dos meus esforços para me manter no ritmo da festa e das conversas à minha volta, tive tempo demais para repassar o que tinha visto no calçadão com Eli e Belissa. Olhei para o meu relógio: era quase meia-noite. A esta hora na noite passada, Eli e eu estávamos saindo da lavanderia onde ele

tinha feito um montão de café com leite, e compartilhamos umas fatias de torta de amêndoas com caramelo. Baixei o olhar para a tigela de castanhas, intocada diante de mim na mesinha, e dei outro gole na minha cerveja.

Realmente, eu tinha sido idiota em esperar algo diferente. Algumas madrugadas não criam um hábito ou um relacionamento.

Bem nessa hora, meu telefone tocou, e eu me senti estúpida devido à velocidade em que corri para atendê-lo, pensando que poderia ser Eli, que, percebi um segundo depois, não tinha meu número. Abri o celular, apenas para ver o número de outro homem que sempre parecia estar na minha cabeça: o meu irmão.

– Aud! – ele disse assim que atendi. – Sou eu! Adivinhe onde estou?

– Desembucha. – Já tínhamos jogado esse jogo antes e eu sempre perdia.

– Em casa!

Primeiro pensei que ele tinha insinuado Casablanca. Foi só quando pedi para ele repetir, e ele o fez, que eu percebi que ele estava a trezentos e não a sei lá quantos milhares de quilômetros de distância.

– Em casa? Desde quando?

– Há duas horas – ele riu. – Estou com um baita problema de fuso horário, uma confusão. Não faço a mínima ideia de que horas são. Onde você está?

– Em uma festa – respondi, me levantei, fui até a porta da frente e a abri.

– Uma festa? Sério?

Ele parecia tão chocado que eu provavelmente deveria ter ficado ofendida. Mas há algumas semanas, eu também teria ficado surpresa.

– É – eu disse, andando para me sentar no primeiro degrau. – Então... o que trouxe você de volta?

Houve um silêncio. Para propósitos dramáticos, pelo visto.

– Não é “o quê” – ele disse. – É “quem”.

– Quem?

– Aud. – Outra pausa. Então: – estou apaixonado.

Enquanto ele dizia isso, eu observava uma lâmpada brilhante, zumbindo acima de mim. Alguns insetos a rodeavam, pequenos pontinhos lá em cima.

– Está mesmo? – quis saber mais.

– Sim – ele riu. – É uma loucura, eu sei. Mas está me deixando doente. Tão doente que decidi encurtar a viagem e me meti em um avião para segui-la de volta para cá.

A viagem já durava alguns anos, o que não era exatamente o que eu chamaria de curta. Mas com Hollis sempre havia uma perspectiva maior.

– Então, quem é?

– O nome dela é Laura. Ela é fantástica! Eu a conheci em um albergue em Sevilha. Eu estava lá para um grande festival de *raves*...

Revirei os olhos para ninguém, ali no escuro.

–... e ela estava lá para alguma conferência de genética. Ela é cientista, Aud! Faz pós na U, dá para acreditar? Ela estava estudando na biblioteca onde eu estava dormindo. Disse que o meu ronco estava atrapalhando a pesquisa dela, e que eu precisava levantar e sair. Loucura, né? É a história que contaremos aos nossos netos.

– Hollis, você está brincando comigo, não está? Você está em Paris ou algum outro lugar e só...

– O quê? – ele retrucou – Não! Puxa, não. É verdade. Aqui, vou provar.

Houve um barulho abafado, seguido por um pouco de estática. Então ouvi minha mãe recitar, à distância, em seu tom mais alegre, ainda monótono:

– Sim, é verdade. Seu irmão está apaixonado e está na minha cozinha.

– Ouviu isso? – Hollis perguntou, enquanto eu estava lá, surpresa com a voz dela. – Não é brincadeira!

– Então... – eu disse, ainda sem acreditar – quanto tempo você vai ficar em casa?

– Pelo tempo que Laura me quiser. Estamos procurando um apartamento e eu vou me matricular nas aulas do outono. Talvez até

acabe no departamento de inglês, sei lá! – Ele riu. – Mas falando sério, antes disso eu quero ir para aí visitar você, o papai, a Heidi e a *munchkin*, e apresentar minha namorada. Então dê um toque para eles, tá?

– Tudo bem – eu disse vagarosamente. – Estou feliz por você ter voltado, Hollis.

– Eu também. Vejo você em breve!

Desliguei, então olhei para a rua silenciosa, o oceano em algum ponto além na escuridão. Era tão cedo e ainda assim, com tudo que eu tinha visto acontecer com Eli e a estranha volta para casa de meu irmão, senti, pela primeira vez em muito tempo, que tudo que eu queria fazer era me arrastar até a cama. Cobrir a cabeça com as cobertas, descobrir minha própria escuridão e acordar quando esta noite tivesse acabado.

Pensando nisso, entrei para me despedir, mas a sala estava vazia, o rádio ainda tocava, latas de cerveja espalhadas – a maioria sem porta-copos – pela mesinha de centro. Peguei minha bolsa, depois atravessei a cozinha até a porta dos fundos. Através dela, pude ver todos juntos no quintal: Adam na grelha com Maggie ao lado, Leah e Esther sentadas lado a lado na mureta. Wallace abria uma lata de feijões cozidos enquanto Jake observava de uma cadeira de jardim enferrujada ao lado.

– Você sabia que ele provavelmente não apareceria – ele dizia a Adam, que estava ocupado virando salsichas no fogo. – Ele ficou antissocial desde quando aquilo aconteceu.

– Mas já faz mais de um ano – Adam observou. – Alguma hora ele vai ter que começar a sair com outras pessoas.

– Talvez ele esteja saindo – Maggie comentou. – Só que não com você.

– O que você está querendo dizer? – Wallace perguntou. Dei um passo para trás da porta aberta, esperando que Maggie respondesse, mas ela não disse nada. – Belissa? Posso garantir, isso *não* está rolando.

– Fala sério. Eles terminaram há meses, idiota – Jake disse.

– Sim, mas ela ainda gostava dele – Wallace respondeu. – Mas hoje à noite ela foi até a loja para contar para Eli que ela está de

namorado novo. Algum cara da U, que apareceu por aqui no verão para trabalhar no Cadillac como barman. Ela disse que queria contar para ele pessoalmente, para ele não descobrir por outra pessoa.

Houve um breve silêncio. Então Leah perguntou:

– E como exatamente você ficou sabendo disso?

– Talvez eu estivesse lá pertinho da porta, verificando o pneu das bicicletas em exibição.

Alguém bufou. Adam disse:

– Você é o maior fofoqueiro, Wallace. Pior que uma garota.

– Ei! – Esther exclamou.

– Desculpe, é só jeito de falar – Adam disse para ela. – Mas, falando sério, a Maggie pode estar certa. Talvez esteja rolando algo em outro lugar. Quando eu o convidei hoje, ele disse que tentaria vir, mas que já tinha planos com alguém para fazer alguns serviços.

– Serviços? – Leah disse. – Quem faz serviços de noite?

– Também não faz sentido para mim – Adam respondeu. – Mas foi isso que ele disse.

Olhei à minha volta na cozinha, então fui até uma gaveta próxima, abrindo-a, e em seguida a gaveta abaixo. Na terceira, encontrei o que procurava: a lista telefônica de Colby. Era uma cidade tão pequena que havia apenas uma lavanderia na lista.

– Lavanderia, aqui é o Clyde.

Olhei novamente para fora, depois fui para mais perto do *freezer*.

– Oi, Clyde. É a Auden. O Eli está aí?

– Na mosca. Espere um pouco.

Houve um pouco de interferência e uma linha cruzada quando o aparelho foi entregue. Então Eli disse:

– Você está perdendo uma maçã com farofa crocante *deliciosa* bem agora.

– Fui arrastada para a festa do cachorro-quente.

Uma pausa.

– Sério?

– É. – Eu me virei, fechando a lista telefônica. – Parece que elas são um rito de passagem muito importante. Então eu achei que devia experimentar, para a minha busca, etc e tal.

– Certo.

Por um momento, nenhum de nós disse nada e eu percebi que era a primeira vez em muito tempo que eu me sentia nervosa ou desconfortável perto de Eli. Todas aquelas noites loucas fazendo tantas coisas malucas. Mesmo assim, isso – uma simples ligação telefônica – era difícil.

– Então, deixe-me adivinhar. Neste exato momento, Adam provavelmente ainda está fazendo cachorros-quentes, mesmo que ninguém mais queira.

Olhei para fora. Verdade, Adam estava na grelha, abrindo outro pacote.

– Ahn, isso mesmo.

– A Leah e a Esther provavelmente estão começando a discutir sobre ir embora.

Outra espiada provou que sim, elas estavam tendo uma conversa agitada. Leah, pelo menos, gesticulava bastante.

– Sim. Mas como você...

– E o meu irmão, que chegou falando em beber todas e pegar mulheres, mais provavelmente está bêbado e cochilando em algum lugar. Sozinho.

Espiei Jake. Seus olhos estavam definitivamente fechados.

– Sabe, passamos tanto tempo juntos que você podia ter mencionado seus poderes telepáticos.

– Não tenho nenhum. Precisa de uma carona?

– Sim – respondi sem nem hesitar.

– Estarei aí em dez minutos.



Dezessete minutos depois, eu estava no terraço com todo mundo, observando Leah e Maggie discutirem.

– O trato era – Leah dizia, com a voz ligeiramente incompreensível – que eu viria desde que fôssemos embora em alguma hora e fizéssemos outra coisa.

– Já passa da meia-noite! – Maggie respondeu. – É muito tarde para ir a outro lugar.

– Esse era exatamente o seu plano. Vir aqui, me deixar bêbada...

– Foi você quem se embebedou – Adam enfatizou.

–... e me deixar presa. Como sempre – Leah completou. – O que aconteceu com nosso longo verão divertido antes da faculdade? Aquele que deveria ser cheio de novas experiências e boas lembranças que levaríamos conosco quando estivéssemos separadas? Deveria ser... ser...

Ela emudeceu, claramente procurando pelas palavras, e eu a ajudei:

– O melhor de todos os tempos.

– Isso mesmo! – ela estalou os dedos. – O melhor de todos os tempos! O que aconteceu com o melhor de todos os tempos?

Todo mundo caiu em completo silêncio, e achei que era porque estavam todos analisando essa pergunta. Então percebi que era porque Eli tinha aparecido atrás de mim pela porta aberta da cozinha.

– Não me perguntem nada – ele disse. Todos nós olhávamos para ele. – Eu só vim pelos cachorros-quentes.

– Cachorros-quentes! – Adam exclamou animado. – Nós temos cachorros-quentes! Toneladas de cachorros-quentes! Aqui! Pegue um!

Ele agarrou um pãozinho, colocou uma salsicha e esticou-o na direção de Eli. Este ergueu as sobancelhas, então o pegou, agradecendo.

– De nada! – Adam disse. – Tem muito mais ali. E ainda tem batata frita, feijão cozido e...

– Adam! – Wallace disse, com a voz baixa. – Calma, cara.

– Certo – Adam respondeu tão alto quanto antes. Então, em um tom mais baixo, ele acrescentou. – Também temos picolés.

Todos olharam novamente para Eli. Foi tão estranho e tenso que alguém diria que estávamos em um velório, e não em uma festa. Mas, repensando, talvez fosse algo do tipo.

– Então, Eli – Maggie disse depois de um tempo – como vai a loja? Já escolheram um nome?

Eli olhou para ela, depois baixou o olhar para o cachorro-quente.

– Ainda está em fase de discussão.

– Pessoalmente – Adam disse –, eu gosto de A Gangue da Corrente.

– Isso nos faz parecer um grupo de propagadores de *spams* na internet – Wallace retrucou.

– Um *péssimo* grupo – Leah acrescentou.

– É melhor do que Ciclos.

– Qual o problema com Ciclos? – Wallace perguntou. – É um ótimo nome.

– Lembra menstruação – Adam lhe disse. Esther golpeou o braço dele. – O quê? Lembra mesmo...

– Eu acho – Jake disse, surpreendendo todo mundo, já que achávamos que ele estava em sono profundo –, que precisamos de um nome radical. Algo sombrio, meio perigoso.

– Como? – Eli perguntou.

– Como... – Jake continuou, de olhos ainda fechados – Bikes Aro Radical. Ou Linha Mortal Bikes.

– Não se pode dar o nome a uma loja de bicicletas para turistas de Linha Mortal Bikes. – Adam revirou os olhos.

– Por que não?

– Porque as pessoas em férias querem pensar em coisas alegres, relaxantes. Quando elas alugam uma bicicleta, não querem pensar em morrer em algum acidente.

Dava para dizer pela expressão de Adam ao soltar aquilo – relaxada e insistente – seguido da seguinte – chocada e depois constrangida – que ele não fazia nenhuma ideia do que ia sair pela boca dele até que fosse tarde demais. E agora era tarde demais.

Foi uma decisão de fração de segundo, do tipo que você vê as pessoas tomarem nas situações mais perigosas ou sérias. Essa não se encaixava em nenhuma delas, mas eu nem pensei, só agi ao estender minha mão para o feijão, pegando um punhado enorme com as mãos. Então, antes que eu pudesse refletir duas vezes, virei e atirei direto em Eli.

O feijão o acertou em cheio na testa e depois escorreu pelo cabelo, alguns caindo e batendo nos pés dele, no terraço. Deu para ouvir a respiração presa de todos os outros no terraço, indicando o choque total, ao ver aquilo. Mas mantive os olhos em Eli, que

piscou, depois estendeu o braço, limpando alguns feijões da ponta do nariz.

– Ah, cara – ele disse para mim. – Você está *perdida*.

Mal terminou de falar, ele me alcançou, rápido com um raio, e pegou a vasilha de feijão. Um movimento suave – rápido demais até mesmo para pensar e principalmente para detê-lo – e ele tinha virado tudo na minha cabeça. Senti o calor no cabelo, algo gosmento escorrendo nos meus olhos, enquanto eu alcançava um prato jogado por ali, lançando o cachorro-quente meio mordido em cima nele.

– O que é isso...? – ouvi Leah dizer, mas o resto da frase se perdeu quando Eli atirou em mim pães do pacote que ele pegara no balcão da cozinha. Desviei a cabeça – ainda coberta de feijão – e corri pelo terraço, pegando no caminho um saco de Cheetos como munição.

– Pare! – Adam berrou. – É o meu café da manhã da semana!

– Ah, relaxe – Maggie disse, pegando um punhado de salada de repolho de seu prato e lançando-o nele. Quando Leah riu, ela jogou outro punhado nela.

Leah ficou de queixo caído. Ela olhou para sua blusa, e então para Maggie. – Ai, cara – ela disse, pegando uma lata de cerveja e chacoalhando-a, com força, antes de começar a abri-la –, é melhor você *correr*.

Maggie deu um gritinho, desceu as escadas correndo com Leah atrás dela, a cerveja já espirrando. Enquanto isso, Adam e Wallace agora trocavam fogo rápido com as sobras das castanhas e Esther, com os braços sobre a cabeça, se esquivava atrás de Jake, que dormia com um pouco de salada de repolho sobre o rosto. Notei tudo isso antes de correr de volta para a casa enquanto tentava ao mesmo tempo me desviar dos pedaços de picolé que Eli atirava em mim e jogava batata frita nele por trás. Estava tão ocupada me defendendo e tentando ficar na ofensiva que só percebi que ele tinha me encurralado na cozinha quando já era tarde demais.

– Espere – eu disse, ofegante, enquanto me apoiava na geladeira. Estendi as mãos. – Tempo!

– Não há pedidos de tempo em guerras de comida – Eli me informou, jogando outro pedaço de picolé derretendo em mim. Atingiu o meu ombro, derrubando alguns feijões.

– Então, como é que acaba?

– Quem ficar sem comida primeiro tem que se render formalmente – ele explicou.

Olhei para as minhas mãos, cobertas de restos de feijão e pedaços de batata, mas basicamente vazias.

– Não sou boa em me render.

– Ninguém é – ele disse. – Mas às vezes você perde. Não há nada a fazer além de admitir.

Estávamos os dois tão imundos ali, com feijão nos cabelos, comida por toda a roupa. Era a última hora em que se esperava ter um significado, e mesmo assim, ela tinha um significado. Como se só naquele caos parecesse certo dizer a única coisa que eu queria, o tempo todo.

– Sinto muito pelo seu amigo – disse para ele.

Eli fez que sim com a cabeça lentamente. Ele manteve os olhos fixos em mim, sem hesitar nem um pouco ao dizer:

– Obrigado.

Lá fora, eu podia ouvir que alguém ainda gritava, outras batalhas ainda em progresso. Mas sob a luz clara da cozinha, éramos só nós dois. Do mesmo jeito que tinha sido naquelas outras noites, só que, de repente, algo parecia diferente. Não que tivéssemos mudado tanto quanto podíamos. E ainda podemos.

Olhei diretamente para Eli, pensando nisso, e ele olhava fixamente para mim, e de repente era tão fácil me imaginar esticando a mão para tirar o cabelo dele do rosto... Estava tudo lá: como seria sentir sua pele na ponta dos meus dedos, as mechas de cabelo na minha palma, as mãos dele erguendo-se para a minha cintura. Como se tudo isso já estivesse acontecendo, e então, subitamente, ouvi a porta bater atrás de mim.

– Ei – Adam falou, e eu me virei para vê-lo segurando a máquina fotográfica novamente, as lentes apontando diretamente para nós. – Sorriam!

Assim que o obturador estalou, eu sabia que provavelmente nunca veria essa foto. Mas mesmo se a visse, ela não chegaria nem perto de captar tudo o que eu estava sentindo naquele momento. Se eu ficasse com uma cópia, eu já tinha um lugar perfeito para ela: uma moldura azul, algumas palavras gravadas em baixo. O melhor de todos os tempos.

dez



– PANTALONA OU larga na cintura, tipo *boyfriend*?

Houve uma pausa, e depois:

– Qual você acha que cai melhor?

– Sabe, não é uma questão de ou essa/ou aquela. Tem mais a ver com como você quer que fique seu bumbum.

Suspirei, depois coloquei o livro de depósitos no cofre e fechei a porta com o pé. Mais um dia, mais uma oportunidade de ouvir Maggie discorrer sobre a ladainha do jeans. Eu gostava dela e tudo – por mais surpreendente que fosse – mas ainda tinha sérios problemas para digerir as coisas mais femininas. Como aquilo.

– Viu? – eu a ouvi um momento depois, quando a cliente saiu novamente do provador. – A pantalone te deixa com essa fluidez legal das coxas até o tornozelo. A dobra na barra atrai os olhos direto para ela, em vez das outras partes.

– As outras partes – grunhi a mulher – são o meu problema.

– O meu também – Maggie suspirou. – Mas o jeans largão na cintura, estilo *boyfriend*, também tem suas vantagens. Então você devia provar os dois e depois a gente compara.

A mulher disse algo, mas não consegui ouvi-la devido ao som do tilintar da porta. Um instante depois, Esther veio ao escritório. Ela usava calça estilo militar e uma camisetinha preta, e sua expressão era sombria quando ela se jogou na cadeira ao meu lado sem dizer nada.

– Ei – eu lhe disse. – Você está...

Maggie apareceu de repente pela porta aberta, de olhos arregalados, com o celular na mão. Ela olhou para ele e então para

Esther.

– Acabei de receber sua mensagem! É verdade? A Hildy está... morta?

Esther fez que sim com a cabeça, ainda em silêncio.

– Não consigo acreditar – Maggie sacudiu a cabeça. – Mas ela era, tipo, uma de nós. Quero dizer, depois de todo esse tempo...

Abri a boca para dizer algo, oferecer algum tipo de conforto. Mas antes que eu conseguisse, Esther por fim falou:

– Eu sei – ela disse, com a voz firme. – Ela foi um ótimo carro.

Lá fora, a porta do provador se abriu novamente.

– Carro? – perguntei.

As duas olharam para mim.

– O melhor Jetta de todos os tempos – Maggie respondeu. – Hildy era nosso meio de transporte exclusivo na escola. Ela era uma das meninas.

– Tão valente – Esther concordou. – Paguei três mil dólares quando ela tinha cento e vinte mil quilômetros rodados, e ela nunca nos deixou na mão.

– Bem – Maggie comentou –, eu não diria isso. E aquela vez na interestadual, quando estávamos indo para o Waffles World?

Esther lançou-lhe um olhar mortal.

– Você vai ficar se lembrando disso? Agora? Neste momento?

– Desculpe – Maggie disse. Lá fora, a porta do provador se abriu novamente. – Oh, droga. Espere aí.

Ela desapareceu pelo corredor. Um instante depois, ouvi a cliente dizer:

– Não sei se gostei muito. Agora parece que meus tornozelos são enormes.

– É só porque você está acostumada com a barra mais larga – Maggie assegurou. – Mas olhe como caiu bem nas coxas!

Ao lado da porta, Esther inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto. Eu perguntei:

– E agora? Você vai ficar a pé?

– Não dá – ela respondeu. – Vou para a faculdade em breve e tenho que ter um carro. Tenho algum dinheiro guardado, mas está longe do necessário.

– Você pode pegar um empréstimo.

– E ficar mais endividada? – Ela suspirou. – Eu já vou ter que pagar a faculdade até morrer.

– Não sei – ouvi a cliente dizer lá fora. – Nenhuma delas caiu muito bem até agora.

– É porque achar o jeans perfeito é todo um processo – Maggie respondeu. – Eu disse, você tem que encontrar aquele que se entenda com você.

Revirei os olhos novamente, peguei minha caneta e voltei para a folha de balanço. Um instante depois, ouvi a cliente voltar ao provador, e Maggie reapareceu no escritório.

– Tudo bem então, vamos falar sobre as opções – ela disse a Esther, que ainda olhava para o teto. – Que tal um empréstimo?

– Já vou ter que pagar a faculdade até morrer – ela repetiu com voz monótona. – Acho que terei que converter em dinheiro os títulos que meus avós me deram.

– Ah, Esther! Não sei se essa é uma boa ideia.

Eu sabia que não era da minha conta, mas me senti mal por Esther. Então achei que alguém devia se intrometer para esclarecer as coisas.

– Ela não quer ficar com mais dívidas – expliquei para Maggie, desejando que houvesse um paralelo entre isso e o jeans, de algum modo. – Se pegar um empréstimo, ela vai ficar com mais dívidas.

Lá fora, a porta do provador se abriu de novo.

– Não estou muito certa... – ouvi a cliente dizer. – Minhas pernas não estão parecendo salsichas?

– Essa não deu – Maggie falou para ela, sacudindo a cabeça. – Experimente a outra de boca larga, a com enfeites nos bolsos, tá?

A porta se fechou. Esther suspirou. Eu disse para Maggie:

– Pegar mais dinheiro emprestado é dever mais dinheiro. É básico.

– Verdade – Maggie concordou. – Mas o carro é um artigo consumível e não um bem. Esther não está investindo o dinheiro que usar nele, porque ele começará a desvalorizar automaticamente. Então, embora seja tentador acabar com as economias e converter os títulos, a melhor hipótese seria provavelmente administrar com

vantagem a taxa que pode conseguir do sindicato de crédito local em um empréstimo.

– Você acha? – Esther perguntou.

– Claro. Olhe – ela continuou –, qual é a taxa atual, tipo, 5,99% ou algo assim? Então você faz isso e mantém seus títulos em investimentos nos quais eles retêm o seu valor de mercado total. É um uso mais eficaz do custo do dinheiro.

Fiquei só olhando para ela. Quem era essa garota?

– E esse? – a cliente perguntou.

Maggie olhou pelo corredor; o rosto foi tomado por um grande sorriso.

– Puxa, garota – ela disse, batendo palmas. – O que você achou?

– Acho – a mulher disse – que a gente se entendeu.

Maggie riu, e, enquanto eu a observava voltar para os provadores, fiquei ali, tentando assimilar tudo que tinha acabado de presenciar. Não foi fácil. De fato, mais tarde, ainda naquela noite, quando ela entrou antes de fechar tudo, eu ainda pensava nisso.

– Toda aquela coisa de finanças – disse-lhe, enquanto ela guardava a gaveta de dinheiro na escrivaninha. – Como sabe tudo aquilo?

Ela olhou para mim.

– Oh, a maior parte vem dos meus dias de ciclista. Minha mãe não apoiava aquilo como um hobby, então eu tinha que financiar minhas bicicletas, equipamentos e tudo.

– É impressionante.

– Talvez. Pena que não seja isso que impressione a minha mãe.

– Não? – Ela negou com a cabeça. – Então o que a impressiona?

– Ah, não sei. Talvez se eu tivesse concordado em ser debutante como ela queria. Ou participar de concursos de beleza em vez de saltar com bicicletas com um bando de carinhas molambentos. Eu sempre dizia para ela: “Por que não posso fazer as duas coisas? Quem disse que você tem que ser inteligente ou bonita, ou gostar das coisas de menina ou de esportes?” A vida não deveria se basear em “ou”. Somos capazes de mais que isso, sabe?

Era óbvio que ela era capaz. Não que eu tivesse percebido isso, de verdade, até aquele momento.

– É – eu disse. – Isso faz sentido.

Ela sorriu, então pegou as chaves da escrivadinha, colocando-as no bolso. – Vou arrumar as prateleiras de jeans enquanto você termina. Dei um duro para achar aquela calça de barra larga com bom caimento para aquela mulher. Mas valeu tanto a pena. O bumbum dela *arrasou* quando ela saiu daqui.

– Aposto que sim – respondi, e então ela voltou pelo corredor para dobrar as calças. Fiquei ali por um minuto, naquele cômodo rosa-e-laranja, pensando sobre o que impressionava minha mãe e os “ous” aos quais eu ficara presa por tanto tempo. Talvez fosse verdade, e ser uma garota tivesse a ver com taxas de juros e jeans *skinny*, andar de bicicleta e usar rosa. Não apenas uma coisa, mas o pacote completo.



Nas duas semanas seguintes, caí na rotina perfeita. As manhãs eram para dormir, as tardes para trabalhar. Minhas noites eram só para Eli.

Naqueles dias, eu não precisava fingir que estava trombando com ele por acaso. Em vez disso, ficou entendido que nos encontraríamos todas as noites no Gas/Gro depois de eu sair do trabalho, lá a gente se abastecia tanto de combustível (café) quanto de suprimentos (você nunca sabe o que pode precisar) e planejávamos nossas atividades da noite. O que significava tarefas, comer torta com Clyde e trabalhar na minha busca, um item por vez.

– Sério? – eu disse, em uma noite por volta da uma, quando estávamos fora do Tallyho, o clube favorito de Leah. Havia uma placa néon na janela que dizia HOLA MARGARITAS! e um cara musculoso de aparência entediada sentado em um banquinho ao lado da porta, verificando as mensagens em seu celular. – Você acha que eu preciso fazer isso?

– Sim – Eli respondeu. – Ir a uma balada é um rito de passagem. E você ganha pontos extras se o clube for ruim.

– Mas não estou com a minha carteira de identidade – eu disse enquanto nos aproximávamos, passando por uma garota de vestido

vermelho de olhos inchados que cambaleava.

– Você não precisa ter.

– Tem certeza?

Em vez de responder, ele esticou o braço e pegou minha mão, e eu senti um arrepio percorrer o meu corpo. Desde aquela noite, na festa do cachorro-quente, nós ficamos mais próximos, mas este era o primeiro contato físico real entre nós. Eu estava tão ocupada me preocupando com o que aquilo poderia significar que levei um minuto para perceber como a mão dele parecia natural e confortável na minha. Como se isso não fosse nada novo, mas algo que eu fizesse recentemente e frequentemente, tão familiar.

– Oi! – Eli disse ao segurança quando nos aproximamos. – Quanto é a consumação?

– Você tem carteira de identidade?

Eli pegou a carteira e entregou o documento. O homem olhou para ela, então para ele, antes de devolvê-la.

– E ela?

– Ela esqueceu a dela – Eli disse. – Mas não se preocupe, eu me responsabilizo por ela.

O homem lançou-lhe um olhar entediado.

– A palavra de honra não funciona aqui, sinto muito.

– Tudo bem – Eli respondeu. – Mas talvez você pudesse abrir uma exceção.

Eu esperava que o cara reagisse de alguma forma, mas ele parecia ainda mais entediado do que antes.

– Sem identidade, nada feito.

– Tudo bem – eu disse para Eli. – Sério.

Ele ergueu a mão, fazendo eu me calar. Então ele insistiu:

– Olha. Nós não vamos beber. Nem queremos ficar muito tempo. Cinco minutos, no máximo.

O segurança, agora começando a parecer irritado, disse:

– Que parte de “sem identidade, nada feito” você não entendeu?

– E se eu dissesse para você – Eli persistiu enquanto eu me retorcia, preocupada com minha mão, que agora estava completamente pegajosa em contato com a dele – que essa é uma busca, uma missão?

O cara olhou para ele. Pela porta, eu podia ouvir o baixo tocando, batendo. Finalmente ele disse:

– Que tipo de busca?

Não vai dar, eu pensei. De jeito nenhum.

– Ela nunca fez nada. – Eli contou, apontando para mim. – Não foi a festas no colegial, não teve formatura, não dormia na casa das amigas. Nenhuma vida social, nunca – O segurança olhou para mim, e eu tentei parecer adequadamente retardada culturalmente. – Então estamos apenas, sabe, tentando recuperar o tempo perdido, fazendo uma coisa de cada vez. Essa está na lista.

– O Tallyho está na lista?

– Ir para uma balada. Não é beber em um clube. Nem mesmo ficar em um clube. Só entrar.

O segurança olhou para mim novamente e falou:

– Cinco minutos.

– Talvez até quatro – Eli respondeu.

Apenas fiquei lá, sentindo meu coração acelerado, e então o homem puxou a minha mão, tirando um carimbo de borracha do bolso no peito. Ele o pressionou contra minha mão, então gesticulou para Eli fazer o mesmo.

– Fiquem longe do bar – ele disse. – E vocês têm cinco minutos.

– Ótimo – Eli disse, e com isso ele me puxou para dentro.

– Espere – eu disse enquanto andávamos por um corredor escuro e estreito que levava a um salão cheio de luzes piscantes – como você fez aquilo?

– Eu disse – ele falou, olhando para trás. Ele teve que gritar por cima da música, que estava cada vez mais alta. – Todo mundo entende uma missão.

Não tinha certeza de como responder àquilo. Não que eu pudesse responder, de qualquer forma; quando entramos no clube, fazia tanto barulho que eu não conseguia ouvir nada, nem minha própria voz. Era um salão único, quadrado, com mesas em três lados, um bar no outro. A pista de dança ficava no meio e estava lotada: garotas, de blusinhas agarradas, segurando garrafas de cerveja; garotos superbronzeados com roupas de surfistas fajutas, mexendo os pés junto com elas.

– Isso é uma loucura! – gritei para Eli, que ainda segurava minha mão. Ou ele não ouviu ou simplesmente não respondeu, puxando-me pela pista.

Eu tentava não pisar em pés e bolsas, mas mal conseguia. O chão ressoava abaixo de mim a cada batida. O ar parecia grosso e pegajoso e cheirava a perfume e fumaça, e eu já começava a suar, mesmo que tivéssemos chegado há poucos segundos. Era como estar em uma casa maluca, mas com quantidades copiosas de gel para cabelo.

– Última dança! – ouvi uma voz gritar de algum lugar acima, filtrada pelas batidas da música. – Escolham um par e arrasem na pista, já é outro dia!

De repente, a música mudou, no meio, para algo lento com uma batida mais silenciosa, sensual. Houve algumas vaias em algum lugar da pista, e a multidão ali mudou, com a saída de algumas pessoas, os remanescentes se juntando entre si enquanto novos casais se reuniam a eles. Eu estava tão imersa observando aquilo que, quando Eli repentinamente deu uma brusca virada para a esquerda, me puxando para a multidão, quase perco o equilíbrio e caio totalmente.

– Espere – eu disse quando passamos por um casal que se agarrava, seguido por um cara e uma garota que dançavam se esfregando. Ela ainda segurava a cerveja, a garrafa pendurada por dois dedos. – Eu não sei se eu...

Ele parou de andar. Parei bem perto dele, minha mão ainda na dele, e percebi que estávamos bem no centro da pista, várias luzes girando sobre nossas cabeças. Olhei para elas, então para todos ao nosso redor, antes de me voltar para ele.

– Vamos! – ele disse. Então ele se aproximou, largou a minha mão e deslizou os braços pela minha cintura. – Ainda temos uns bons dois minutos.

Sorri para ele, apesar dos meus sentimentos, e senti meu pé dar um passo para frente, mais próximo dele. Foi tão natural colocar os braços em volta do pescoço dele, meus dedos se encontrando ali... E só com isso, estávamos dançando.

– Isso é uma loucura – eu disse, olhando à minha volta. – É...

– Digno de se fazer uma vez – ele terminou por mim. – Mas só uma vez.

Sorri, e então, no meio do Tallyho, no meio da noite, no meio de tudo, Eli me beijou. Não era nem um pouco como eu tinha imaginado que aconteceria, mesmo assim foi totalmente perfeito.

Quando ele recuou um tempo depois, a música estava diminuindo. E mesmo assim todos continuavam dançando, continuaram juntos, até o fim. Repousei a cabeça contra o peito de Eli, fazendo aquilo durar, sabendo que aquilo que o DJ tinha dito era verdade. Já era de manhã. E eu tinha uma sensação de que seria um dia muito bom.



Quando acordei ao meio-dia, a casa estava silenciosa. Sem ondas, sem choro. Nada, exceto...

– Você está brincando? Claro que eu vou. Eu não perderia isso por nada!

Pisquei, mudei de posição e então saí da cama e fui até o banheiro, onde acordei aos poucos enquanto escovava os dentes. A voz do meu pai, mais alta agora, continuava se propagando pelo corredor.

– Não, não, há alguns voos diários... – Houve um som de chaves se batendo. – Claro. A hora não poderia ser melhor. Vou levar o manuscrito comigo. Sim. Ótimo! Vejo você lá.

Na hora em que desci para o café, dez minutos depois, ele estava na cozinha, andando para frente e para trás. Heidi estava à mesa, parecendo exausta, com Isby nos braços.

–... uma ótima oportunidade para trazer o meu nome de volta – meu pai dizia. – Um monte de homens da indústria, exatamente as pessoas com quem eu preciso fazer contato. É perfeito.

– É hoje à noite? – Heidi perguntou. – Não está muito em cima da hora?

– Faz diferença? Só vou fazer uma reserva de voo, ficar lá uma noite e então voltar.

Tirei uma caneca do armário, observando Heidi enquanto ela assimilava essa informação. Demorou um tempo, mas tudo

demorava nas manhãs depois de Isby ficar acordada chorando, como na maior parte da noite passada. A falta de sono entorpecia todas as partes de Heidi, mas especialmente as cognitivas.

– Quando? – ela disse finalmente.

– Quando o quê?

Nos braços dela, Isby protestou, e ela estremeceu, ajeitando-a no ombro.

– Quando você volta?

– Amanhã, em algum momento. Talvez à noite – meu pai respondeu. Ele estava todo animado, ainda se movimentando. – Assim que estiver lá, posso tentar arranjar algumas reuniões também. Pelo menos um almoço.

Heidi engoliu em seco, então baixou o olhar para Isby, que fungava no ombro dela.

– Eu só... – ela começou, mas parou. – Não estou muito certa se essa é uma boa hora para você viajar.

– O quê? – meu pai disse. – Por quê?

Dei um gole em minha caneca, fazendo questão de manter as costas para tudo aquilo.

– Bem – Heidi falou depois de um tempo –, é só que a Isby anda muito irrequieta ultimamente. Eu não durmo há tanto tempo... Eu só não sei se consigo...

Meu pai parou de andar.

– Você quer que eu fique.

Não era uma pergunta. Heidi disse:

– Robert, só estou pensando se você não pode esperar mais umas duas semanas. Até que a gente consiga entrar mais em uma rotina.

– Esta festa é hoje à noite – ele disse devagar. – Esse é o ponto.

– Eu sei. Mas só acho...

– Tudo bem.

Peguei a garrafa, enchendo minha caneca novamente, mesmo mal tendo tomado dois goles.

– Robert...

– Não. Só vou ligar para o Peter e dizer que não, sinto muito, não posso ir. Estou certo de que haverá outra festa beneficente da Writer's Guild em algumas semanas.

Eu não queria fazer parte daquilo. Nunca, mas especialmente não naquele dia, que havia começado tão bem na pista do Tallyho, com o Eli. Então fiz questão de não olhar para Heidi ou para meu pai enquanto me esgueirava para fora da cozinha e subi as escadas para meu quarto, onde abri a janela e sentei no peitoril, deixando o oceano abafar tudo mais que eu pudesse ouvir.

Ainda assim, quando desci algumas horas depois, não fiquei surpresa em ver uma maleta ao lado da porta. Meu pai pode ter feito um esforço para parecer que iria ceder. Mas, novamente, ele tinha conseguido tudo do jeito dele.

Na hora de eu ir para o trabalho, ele já tinha partido, e Heidi estava no quarto rosa, ninando Isby em sua cadeira. Parei do lado de fora da porta, pensando que eu provavelmente deveria dar uma olhada nela, mas então me detive. Ela não tinha pedido a minha ajuda. E eu estava cansada de sempre oferecê-la, mesmo assim.

Na Clementine's, me ocupei no escritório, tentando me concentrar em Eli e na noite pela frente. Na loja, Maggie teve um fluxo constante de clientes graças a um show ao ar livre que acontecia no pavilhão do calçadão. Por volta das nove e meia, ela enfiou a cabeça pela porta do escritório.

– Você viu algo sobre um pedido especial da Barefoot?

– O quê? – Olhei para ela, minha cabeça ainda afogada em números.

– Sandálias Barefoot? – ela disse. – Tem alguém aqui que disse que eles combinaram um pedido especial de, tipo, vinte pares com a Heidi há séculos. Não consigo achar um registro disso em nenhum lugar.

Neguei com a cabeça.

– Você ligou para ela?

– Odeio incomodá-la. O bebê pode estar dormindo.

– Pouco provável – eu disse. Então passei o telefone para ela, discando primeiro.

Ela olhou de volta para a loja, o telefone preso entre a orelha e o ombro, enquanto eu voltava para o livro de pagamentos.

– Heidi? Oi, é a Maggie. Olha, eu só... você está bem?

Aproximei a calculadora de mim, limpando a tela. Lá fora, podia ouvir o som de algumas garotas dando gritinhos sobre as araras de ofertas.

– Não, é só que você parece... – Maggie parou. – O quê? Sim, é verdade. Ela está chorando bastante, hein? Olha, sinto muito por ter lhe incomodado, mas tem essa coisa do pedido especial...

“Eli”, eu pensei, pressionando um número. “Hoje à noite”. Apertei o sinal de mais. Não é problema meu, subtotal, total. Levou três transações diferentes, mas finalmente Maggie desligou.

– Ela disse que está no estoque, em uma das caixas de jeans – ela reportou, devolvendo o telefone para mim. – Pelo menos, acho que é isso que ela disse. É difícil entender com todo aquele choro.

– É – eu disse, limpando a tela de novo. – A Isby realmente bota pra quebrar.

– Não a Isby – ela retrucou. – Era a Heidi. Ela parecia muito triste. Ela está bem?

Virei-me, olhando para ela.

– A Heidi estava chorando?

– Ela fingiu que não estava. Mas dá para perceber, né? – A porta tilintou novamente. – Droga. Tenho que voltar para lá. Você pode procurar a caixa por mim?

Assenti. Então fiquei ali por um segundo antes de afastar minha cadeira e ir para o estoque, onde encontrei as sandálias bem onde Heidi disse que estariam. Peguei a caixa, levando-a até a loja, onde Maggie me lançou um olhar agradecido quando a coloquei no balcão. Então abri a porta da frente e me virei na direção de casa.



Na verdade, eu teria me sentido melhor se tivesse ouvido o choro familiar de Isby quando entrei no vestíbulo, mas em vez disso, tudo estava quieto. Passei pelo corredor escuro até a cozinha, onde uma única lâmpada estava acesa sobre a pia. A sala estava escura, tão escura que a princípio nem vi Heidi.

Ela estava sentada no sofá, com Isby nos braços, e chorava. Não de um modo ofegante e com guinchos, o tipo a que eu estava

acostumada, mas um choro constante, silencioso, que me deu um arrepio na parte de trás do pescoço. Era um momento tão cru, tão pessoal, que eu queria me virar e deixá-la em paz. Mas eu sabia que não podia.

– Heidi? – eu chamei. Ela não respondeu. Aproximei-me, sentando de cócoras ao lado dela. Quando estiquei a mão, tocando sua perna, ela chorou mais forte, as lágrimas pingando na minha mão. Olhei para Isby, que estava acordada e olhava para ela.

– Dê o bebê para mim...

Ela sacudiu a cabeça. Ainda chorando, os ombros tremendo.

– Heidi. Por favor.

Não houve resposta. Ela estava me assustando, então me estiquei, pegando Isby dos braços dela. Assim que fiz isso, ela se curvou, puxando os joelhos para o peito, e virou o rosto para outro lado.

Olhei para ela, então para Isby. Não tinha ideia do que fazer. E embora eu soubesse que provavelmente deveria ligar para meu pai ou até para minha mãe, em vez disso fui para a cozinha e disquei o único número que achei que talvez me pusesse em contato com alguém que poderia ajudar.

– Gas/Gro, Wanda falando.

Na minha mente, visualizei a atendente que sempre estava lá naquela hora da noite, com seus brincos balançando e os cabelos loiros. Limpei a garganta.

– Oi, Wanda – Eu balancei Isby, que resmungava um pouco. – Eu, ahn... aqui é a Auden, eu vou aí bastante por volta dessa hora da noite para tomar café, sabe? Estou tentando encontrar Eli Stock... É, tipo, uma emergência, quero dizer, não de verdade, mas ele tem por volta de vinte anos, cabelos escuros, dirige uma caminhonete escura...

– Oi?

Ao som da voz de Eli, senti uma pequena parte de mim relaxar.

– Oi. Sou eu – parei, então esclareci –, Auden.

– Eu tive esse pressentimento – ele respondeu. – Não sei quem mais me ligaria no Gas/Gro.

– É – eu disse, lançando um olhar para Heidi, que agora estava mais difícil de ver do que nunca na escuridão da sala de estar, recurvada no sofá. – Sinto muito fazer isso. É só que eu, tipo, estou com um problema aqui e não sei o que fazer.

– Um problema – ele repetiu. – O que está acontecendo?

Entrei no vestíbulo, colocando Isby no ombro, e contei para ele. Enquanto o fazia, a distância, eu podia ouvir Heidi ainda chorando bem baixinho.

– Fique bem aí – ele disse quando terminei. – Eu sei exatamente o que fazer.



Vinte minutos depois, houve uma batida na porta. Quando andei até lá e a abri, vi Eli, carregando quatro copos de GroRoast e um pacote de *cupcakes*.

– Café? – eu disse. – É essa a sua solução?

– Não – ele respondeu. – É essa.

E ele deu um passo para o lado, revelando uma mulher pequena, de meia-idade, de cabelos escuros e curtos. Ela tinha a pele morena e olhos verdes familiares, e usava um casaquinho e calça sóbrios, uma bolsa atravessando o peito e tênis brancos imaculados.

– Mãe, essa é a Auden. Auden, minha mãe. Karen Stock.

– Oi – eu disse. – Obrigada por vir. Eu só... eu não sei o que fazer.

Ela sorriu para mim, então se aproximou, olhando para Isby, que agora estava começando a se inquietar. – Qual é a idade do bebê?

– Seis semanas.

– E cadê a mãe?

– Na sala de estar – eu disse, recuando da porta. – Ela só chora, nem quer falar comigo.

A senhora Stock entrou. Então olhou para Eli e disse:

– Leve o bebê para cima e enrole em panos. Vou subir daqui a pouco.

Ele concordou e então olhou para mim.

– Será que eu devo... – perguntei. – Quer dizer...

– Ela vai ficar bem – ela disse. – Confie em mim.

E o estranho era que eu confiava. Mesmo enquanto fiquei lá, observando aquela estranha passar por mim na direção da sala. Ela colocou a bolsa sobre a mesa da cozinha, então foi até Heidi, sentando-se ao lado dela. Quando começou a falar, eu não conseguia entender uma palavra do que ela dizia. Mas Heidi estava ouvindo. Isso ficou claro porque, depois de um tempo, ela deixou a senhora Stock abraçá-la, dando tapinhas nas costas quando ela, finalmente, se permitiu ser a pessoa a ser confortada.



Na hora em que subimos ao quarto rosa, Isby estava toda agitada, se preparando para um de seus ataques. Eli entrou, acendeu a luz, e então disse:

– Você tem um cobertor?

– Um cobertor?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Na cômoda. Na terceira gaveta, talvez?

Eu o observei embalando Isby ligeiramente, enquanto ele foi até lá, vasculhou por um minuto e tirou um cobertor rosa com bolinhas marrons. Ele olhou para o cobertor e fechou a gaveta.

– Precisamos de uma cama – ele disse. – Algo plano. Onde é o seu quarto?

– É na porta ao lado – eu disse. – Mas eu não...

Ele já estava indo até o quarto, não deixando nenhuma escolha para mim a não ser segui-lo. Uma vez ali, ele esticou o cobertor de lado sobre a cama, então dobrou o canto superior.

– Tudo bem – ele disse, esticando as mãos. – Passe a Isby para mim.

– O que você está fazendo? – Lancei-lhe um olhar duvidoso.

– Você não ouviu a minha mãe? – ele perguntou. – Você deve confiar em mim.

– Ela disse para eu confiar *nela*.

– Você não confia em mim?

Olhei para ele, então para o cobertor, depois para Isby, que estava reclamando, e tive um vislumbre dele me conduzindo ao centro da

pista do Tallyho, há menos de um dia. Entreguei-a.

Isby chorava, o rosto ficava cada vez mais vermelho quando ele a deitou com cuidado, a cabeça dela bem na borda do cobertor dobrado. Então, enquanto ela se debatia, ele colocou o braço dela de lado e puxou a ponta inferior do cobertor em volta, então prendeu a ponta inferior sobre o ombro de Isby. A cada passo, Isby chorava mais alto.

– Eli – eu disse, erguendo a voz para ser ouvida –, você está piorando as coisas.

Ele não me ouviu, mexendo na última ponta, que ele prendeu bem apertado ao redor da cintura dela e em volta de Isby. Agora ela estava berrando.

– Eli – eu disse de novo, praticamente gritando, enquanto ele puxava o último canto do cobertor e começava a prendê-lo em uma das outras dobras – pare. Ela não...

Então, de repente, fez-se um silêncio. Aconteceu tão rápido e foi tão total que por um momento eu tive certeza que Isby tinha morrido. Mas quando olhei para ela, ela estava apenas deitada, toda embrulhada como uma panqueca, piscando para nós.

– ... está chorando – finalizei. Eli se abaixou, pegando-a no colo e a estendeu de volta para mim. – Como você fez isso?

– Não fui eu – ele disse quando me sentei cuidadosamente na cama. Isby abriu a boca, mas era só um bocejo, então se acomodou contra mim. – É o charutinho. É como mágica. Minha mãe garante.

– É fantástico. Como ela sabe isso tudo?

– Ela foi enfermeira na ala da maternidade – ele respondeu. – Acabou de se aposentar no ano passado. Além disso, meu irmão e minha irmã têm quatro filhos. Junte todos nós, e ela tem muita prática.

Houve uma leve batida na porta, e então a Sra. Stock colocou a cabeça para dentro.

– Heidi vai descansar um pouco – ela disse. – Vamos descer.

Eli e eu a seguimos pelo corredor, passando pelo quarto de Heidi, onde eu pude ver uma pequena nesga de luz embaixo da porta fechada. Assim que comecei a descer os degraus, ela se apagou.

Na cozinha, a senhora Stock foi para a pia, onde lavou as mãos e as secou em um papel-toalha.

– Tudo bem – ela disse, virando-se para mim com um sorriso. – Dê o bebê para mim.

Eu o passei, e ela o pegou, sentando-se em uma cadeira, e eu observei enquanto ela passava os dedos pela testa de Isby.

– Este é um bom charutinho – ela disse.

– Eli é profissional – respondi.

– Apenas fui bem treinado – ele disse, e nós dois a observamos embalar Isby lentamente, dando tapinha nas costas dela.

– Obrigada por vir – eu disse finalmente. – Heidi está passando por tempos difíceis. Mas quando eu voltei e a encontrei assim... Eu não sabia o que fazer.

– Ela é mãe de primeira viagem – a senhora Stock disse, ainda com o olhar em Isby. – Ela está exausta.

– Meu pai tentou convencê-la a arranjar ajuda. Mas ela não quis.

– Quando eu tive Steven, meu primogênito, minha mãe veio morar comigo por um mês. Eu não teria conseguido sem ela – ela falou, ajustando um pouco o cobertor.

– A mãe da Heidi morreu há alguns anos.

– Ela mencionou isso – ela disse, e eu pensei no rosto de Heidi, enrugado, quando ela se recostou na senhora Stock, lá no escuro. Imaginei o que mais ela tinha dito. – A verdade é que ser mãe é o emprego mais difícil do mundo. Mas ela vai ficar bem. Ela só precisa descansar um pouco.

Todos pensamos nisso quando Isby, muito à frente de todos nós, fechou os olhinhos. A senhora Stock olhou para Eli.

– Você também deveria ir para a cama. Você não trabalha de manhã?

– Sim, mas...

– Então vá para casa – ela retrucou. – Deixe as chaves comigo. Você pode pegar sua caminhonete amanhã.

– Então eu tenho que voltar a pé? – ele perguntou.

Ela lhe lançou um olhar aborrecido.

– Eli Joseph. São quatro quarteirões. Você vai sobreviver.

Ele grunhiu, mas estava sorrindo quando deixou as chaves na mesa.

– Obrigado, mãe – ele disse. Ela ofereceu a bochecha para ele, ele a beijou, depois se virou para a porta. Eu o segui até o vestibulo.

– Então – eu disse, lançando um olhar de volta para a cozinha, onde a senhora Stock ainda ninava Isby –, acho que esta vai ser uma noite curta.

– Acho que sim – ele disse. – Minha mãe não sabe sobre meus hábitos noturnos.

– Ela não iria aprovar?

Ele negou com a cabeça.

– Não. Na cabeça dela, nada de bom pode acontecer depois da meia-noite.

Olhei para ele e sorri.

– Bem, eu tenho que dizer, sua mãe é fantástica. Mas não concordo com isso.

– Ela é ótima. Mas eu também não concordo. – Então ele se inclinou, me beijando, e eu coloquei os braços em volta de seu pescoço, puxando-o um pouco mais para perto. Eu poderia ter ficado lá a noite toda, boa ou não, mas então ele recuou, olhando para a cozinha por cima da minha cabeça.

– É melhor eu ir.

– Vejo você amanhã – concordei.

Ele sorriu, saiu do vestibulo e começou a andar pela calçada. Acenei uma última vez, então o observei até ele desaparecer na escuridão logo depois da iluminação do poste. Lá em cima, no meu quarto, me inclinei na janela e baixei o olhar para a rua na direção em que ele partira. Era uma rua comprida, plana, e à medida que ficava tarde havia apenas umas poucas luzes visíveis, aqui e acolá. Escolhi uma que imaginei estar a quatro quarteirões. Então a observei como se fosse uma estrela, ardendo brilhante, o tempo todo até o amanhecer.

onze



UMA SEMANA depois, meu irmão deveria chegar por volta das cinco horas. Às quatro e trinta, meu celular tocou.

– Só estou ligando para te avisar – Era a minha mãe. Não nos falávamos desde o final desastroso da visita dela a Colby, um fato que parecia superado agora, se é que esse contato era algum indício. Ainda assim, fui cautelosa.

– Me avisar do quê?

Houve uma pausa, enquanto ela tomava um gole do que achei que fosse a sua taça matinal de vinho.

– Da *Laura*.

A ênfase dizia praticamente tudo, mas eu me fiz de desentendida.

– O quê? Você não gosta dela?

– Auden... – Quase pude ouvi-la estremecer. – Ela é horrível! *Horrorosa*. Não sei o que seu irmão viu nela, mas é claro que ela provocou dano cerebral nele. Esta garota é, ela é...

Era raro minha mãe não ter palavras para explicar algo. Comecei a ficar realmente um pouco preocupada. Finalmente ela concluiu:

– *Uma cientista!* Um desses tipos frios e metódicos, envolvidos em hipóteses e grupos de controle. E a sua petulância em achar que todo mundo também está interessado nisso? Inigualável. Ontem à noite ela nos brindou com um jantar inteiro falando de suas células mielinizadas.

– De quê?

– É isso mesmo. Essa garota não tem coração nem alma. Ela só é alguns anos mais velha que o seu irmão, mas se comporta como uma professorinha de interior. Não tenho dúvidas de que ela vai

sugar tudo o que há de original no Hollis e acabar com ele. É de arrepiar.

Olhei pela porta aberta no final do corredor, onde pude ver a Heidi varrendo o escritório do meu pai, que tinha sido convertido em um segundo quarto. Thisbe estava sentada na cadeirinha de balanço e olhava para ela.

Desde aquela noite terrível, as coisas melhoraram um pouco. No final, a senhora Stock ficara à noite para cuidar de Isby, e quando eu descii, tarde da manhã seguinte, ela tinha acabado de sair. Encontrei a Heidi na cozinha com Isby enrolada feito charutinho nos braços, com a aparência descansada que não tivera nas últimas semanas. Em vez de dar bom dia, ela comentou:

– Aquela mulher é milagrosa.

– É mesmo?

Ela assentiu com a cabeça.

– Ela ficou aqui umas três horas hoje de manhã, e eu já sei cem por cento mais do que eu sabia ontem. Você sabia que quando se enfaixa um bebê, ele se sente mais seguro e fica mais quieto?

– Não, não sabia. Mas parece que funciona.

– E ela me ajudou a erguer o colchão do berço, o que ajuda a reduzir os gases, e disse ainda que eu deveria comprar uma cadeirinha-balanço para ajudá-la a dormir. Além disso, sabia exatamente o que fazer com os meus mamilos, tão doloridos!

– Pare com isso, Heidi – falei, estremecendo.

– Ah tá, desculpe! – Ela acenou com a mão livre para mim. – Mas é verdade. Estou tão grata por você tê-la chamado. Ela até se ofereceu para vir de novo, se eu precisar de ajuda, mas eu não sei, não. Ontem à noite foi tão estranho. Não sei o que aconteceu. Eu estava exausta...

– Tudo bem, agora – Como sempre, eu só queria evitar um momento de emoção. – Estou feliz por você se sentir melhor.

– E estou bem melhor! – Ela voltou a olhar novamente para a Isby. – Estou mesmo.

Desde então, ela pareceu ficar com humor melhor, e Isby passou a dormir um pouco mais, o que foi bom para todos. Ainda assim, a senhora Stock passou mais algumas vezes, embora eu sempre

sentisse falta dela. Quando ela passava por lá era fácil de perceber. A Heidi parecia mais feliz.

Ao contrário da minha mãe, que cismou com a Laura, e de como ela sugava a alegria de viver do meu irmão, uma célula mielinizada de cada vez.

– Não sei não. Ele parece gostar dela, de verdade.

– Seu irmão gosta de todo mundo! Esse sempre foi o seu maior defeito. – Outro suspiro profundo. – Você vai ver quando conhecê-la, Auden. Ela é simplesmente...

Olhei novamente pela janela bem a tempo de ver um Honda prata entrando na garagem.

– Chegaram. Vou ter de desligar.

– Deus lhe ajude – ela murmurou. – Me liga mais tarde.

Respondi que sim, fechei o celular e saí para o corredor, bem na hora em que meu pai gritou para a Heidi que o Hollis tinha chegado.

– Pronta para conhecer o seu irmão? – ela disse para a Thisbe, curvando-se para desafivelá-la da cadeirinha. Juntos, caminhamos até o alto da escada bem quando meu pai abriu a porta da frente.

Pude ver Hollis sair do carro, e, embora já se passassem dois anos desde sua partida, ele ainda parecia o mesmo. Um pouco mais magro, os cabelos um pouco desalinhados. Quando Laura saiu do lado do passageiro, também me pareceu muito familiar, apesar de no início eu não conseguir atinar por quê. Até que Heidi observou, assustada.

– Nossa! Ela é a cara da sua mãe!

Ela estava certa. Os mesmos cabelos escuros compridos, as mesmas roupas escuras, a pele igualmente branca, bem pálida. Laura era um pouco mais baixa e tinha mais curvas, mas ainda assim, a semelhança era impressionante. Quanto mais eles se aproximaram, mais assustada eu fiquei.

– Vem cá! – Meu pai puxou Hollis para um abraço, dando um passo para fora da soleira. – O grande viajante à casa torna!

– Olhe só você, papai coruja! Cadê a garotinha? – Hollis sorria.

– Bem aqui – Foi a vez de Heidi responder, descendo as escadas. Eu a segui, embora Laura tenha atravessado porta adentro, tirando e

dobrando os óculos escuros. Os olhos dela também eram escuros. – Esta é a Thisbe.

Hollis imediatamente pegou a irmãzinha e a ergueu bem alto, acima da cabeça. Ela olhou para ele, tentando decidir se chorava ou não.

– Caramba! Você vai dar trabalho. Está na cara!

Meu pai e a Heidi riram, mas eu mantive os meus olhos na Laura, que estava parada meio à parte, ainda segurando os óculos de sol, observando a cena com uma expressão um tanto analítica. Após um momento com o Hollis fazendo caretas para a irmãzinha, ela, muito discreta, mas dando a dica... pigarreou.

– Oh, amor, desculpe! – Hollis devolveu a Thisbe ao meu pai, então passou o braço sobre os ombros da Laura, puxando-a para mais perto de todos os outros. – Pessoal, esta é a minha noiva, Laura.

– Noiva? Você não falou nada pelo telefone – meu pai se surpreendeu. – Quando foi que vocês...

– Nós não ficamos noivos. O Hollis está só... – Laura sorriu, sem mostrar os dentes.

– Confiante – meu irmão completou. – E pronto. Mesmo que ela não esteja.

– Eu sempre digo ao Hollis que casamento é coisa séria – A voz era muito clara e confiante, como se estivesse acostumada a receber a atenção de todos na sala. – Não dá simplesmente para pular dentro, como numa piscina.

Papai, Heidi e eu só ficamos lá parados, sem saber o que fazer, mas Hollis apenas riu.

– Esta é a minha garota! Ela ainda vai conseguir acabar com a minha impulsividade.

– Ah, não faça isso, não! – Meu pai bateu novamente no ombro do Hollis. – Nós *adoramos* isso nele.

– A impulsividade pode ser encantadora – ela concordou. – Mas ser ponderado também tem seus atrativos.

Meu pai ergueu as sobrancelhas.

– Na verdade... – seu tom ficou um pouco mais enfático que antes – eu...

– Vocês devem estar exaustos da viagem! – Heidi pegou a Thisbe dos braços de papai. – Vamos tomar alguma coisa gelada. Temos limonada, cerveja, vinho...

Ela se virou e caminhou até a cozinha, e Hollis e meu pai imediatamente a seguiram, me deixando com a Laura. Eu a vi examinando os óculos, depois pegou a ponta da camisa preta e lentamente os esfregou para retirar uma mancha de uma das lentes, antes de voltar a dobrá-los. Finalmente, olhou para mim, como que surpresa por eu ainda estar lá, parada.

– Estou realmente feliz em conhecê-la – comentei, por falta de coisa melhor. – O Hollis... parece estar muito feliz.

Ela assentiu com a cabeça.

– É, ele é uma pessoa muito alegre. – Apesar do tom, não tive certeza se ela achava que isso era positivo ou não.

– Amor! – meu irmão gritou da cozinha. – Chega aqui! Você precisa ver esta vista!

Laura me deu outro sorriso insípido e entrou na sala. Esperei um segundo ou dois e a segui, parando na cozinha, onde meu pai e Heidi se apertavam ao lado da pia, despejando a limonada nos copos.

– ... é o primeiro encontro dela conosco – Heidi comentava. – É provável que ela esteja nervosa.

– Nervosa? Você chama aquilo de nervosa?

Heidi disse algo mais, mas eu não ouvi, pois voltei minha atenção para meu irmão e Laura. Eles estavam diante das portas de vidro abertas, tendo à frente o mar imenso, de um azul claro. Hollis tinha colocado os braços nos ombros dela e gesticulava com a mão livre enquanto dizia algo sobre o horizonte, mas mesmo olhando por trás, percebi que Laura não se mostrava muito impressionada. Era algo sobre a postura, a maneira como sua cabeça estava ligeiramente inclinada. Claro, ela era uma estranha. Mas eu tinha visto isso antes.



– Então, você não gosta dela.
Olhei para o Eli.

- Não disse isso.
- Nem precisava!

Ele puxou uma caixa de leite da prateleira e a enfiou no carrinho. Era uma e meia da manhã e nós estávamos no Park Mart, fazendo algumas compras. Como era uma noite de segunda-feira, estávamos praticamente sozinhos, e o silêncio era tudo o que eu precisava, depois de ter aguentado duas horas de um jantar de família que, basicamente, se transformou em uma discussão entre papai e Laura a respeito da pena de morte. Isso veio depois de uma discussão animada sobre o financiamento universitário (artes liberais *versus* ciências) com os aperitivos, que antecederam um debate prolongado sobre a política ambiental ocorrido durante o almoço. Para mim, era como assistir a uma adaptação dos últimos anos de casamento dos meus pais, só que com outra pessoa fazendo o papel da minha mãe.

– É que ela é totalmente diferente de todas as outras garotas que Hollis namorou – falei, empurrando o carrinho à frente e saindo com Eli da seção de comestíveis para a de artigos esportivos do supermercado.

- E como elas eram?

Em minha mente, surgiram borrões de vários rostos lindos e alegres.

– Legais – respondi finalmente. – Simpáticas. Mais parecidas com o Hollis.

Eli parou para olhar um fogão de acampamento, depois seguiu em frente.

– Mas ele não quis se casar com nenhuma das outras. Não é verdade?

Pensei a respeito enquanto passamos diante de uma coleção de luvas de beisebol.

- Não mais que durante alguns minutos.

– Mas esta garota, ele diz que ela é a definitiva. – Estávamos chegando à seção de bicicletas, várias alinhadas em fileira, dos tamanhos infantis até para os adultos. Ele puxou uma de tamanho médio para fora do suporte e a roda dianteira quicou no chão.

– É o que me parece, não importa o que você, sua mãe ou seu pai pensam. Os relacionamentos nem sempre fazem sentido.

Especialmente quando vistos do lado de fora.

– Mas o Hollis é assim! Ele nunca levou nada a sério!

Eli subiu na bicicleta e ficou em pé sobre os pedais, movendo-se lentamente para frente.

– Bem, quem sabe ele tenha encontrado a pessoa certa. As pessoas mudam.

Ele pedalou ao meu redor e do carrinho e, conforme o olhava, pensei na minha mãe, dizendo exatamente essas mesmas duas palavras, com igual convicção, mas com um *não* entre elas.

– Sabe, todo mundo acha que você nunca mais vai pedalar.

– E não vou mesmo.

Revirei os olhos, pois ele passava por mim novamente ao dizer isso.

– Então como é que eu estou vendo você fazer isso agora mesmo?

– Não sei. O que você acha?

A verdade é que eu não tinha certeza. Mas eu queria continuar a acreditar que as pessoas pudessem mudar, e com certeza isso ficava mais fácil quando você está envolvida em tudo. Do mesmo jeito que eu imaginei que eu estivesse mudando enquanto estava lá; ciente de uma leve brisa gerada cada vez que ele passava por mim, como uma onda, a sensação de movimento.



Eu estava há mais de uma hora na Clementine's, colocando a papelada em dia quando tive a nítida sensação de que alguém estava me observando. Esse alguém era a Maggie.

– Oi – Ela me cumprimentou quando ergui o olhar e a vi em pé, na porta entreaberta. Ela estava com um vestido branco com ilhoses e sandálias de dedo laranjas, com o cabelo puxado para trás no pescoço, segurando uma etiquetadora. – Você está livre?

Fiz que sim com a cabeça. Ela olhou para trás, para a loja, antes de entrar. Afastou uma pilha de catálogos de uma cadeira e sentou-se por perto, colocando a etiquetadora no chão, ao lado.

Ela não disse nada, nem eu. Tudo que eu conseguia ouvir era uma música pop tocando na área de vendas. Era algo sobre montanhas-

russas e doces beijos ardentes.

– Então, sabe né? É sobre você e o Eli.

Isto não era uma pergunta. Nem mesmo uma afirmação. Era um fragmento, e esta foi a minha justificativa para não responder. Como pode haver uma resposta completa para parte de alguma coisa?

– Eu sei que vocês dois têm saído por aí à noite, quase todas as noites; e eu sei que não é bem da minha conta, mas...

– Como é que? – Eu não acreditei.

– Como é que não é da minha conta? – Ela piscou para mim.

– Como é que você sabe?

– Sei e pronto!

– O quê? Agora você sabe tudo e vê tudo? – perguntei. – Quem é você, o Big Brother?

– Esta é uma cidade pequena, Auden. De certa forma, até minúscula. As notícias correm. – Ela suspirou, olhando para a etiquetadora. – Olha, o problema é que eu conheço o Eli há muito tempo. Eu não quero vê-lo magoado.

Sinceramente, eu não tinha a menor ideia sobre aonde ela queria chegar. A mínima ideia. Mas quando ouvi isso, me senti a maior idiota por não ter percebido o que vinha por aí.

– Você acha que eu vou magoar o Eli?

Ela encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Depois do que aconteceu com Jake...

– Mas aquilo foi totalmente diferente.

– Olha, não sei não. – Ela sentou e cruzou as pernas. – Só posso me basear naquilo que vi. E, se por um lado as coisas com o Jake me deixaram aborrecida porque fiquei com ciúmes, também foi um pouco cármico. Ele merecia o que estava por vir. O Eli não.

– Nós somos apenas... – tentei responder, mas não tinha muita certeza se queria explicar nada. – Somos amigos.

– Pode ser que sim. – Ela olhou para a etiquetadora novamente, mexendo nela em seu colo. – Mas nós duas sabemos que você é o motivo de ele ter aparecido na festa na outra noite. Eu ouvi você chamá-lo.

Ergui as sobrancelhas.

– Você é o Big Brother.

– Eu estava no banheiro. As paredes de lá são tão finas! Às vezes não posso nem mesmo fazer xixi se alguém está na cozinha. – Ela agitou a mão. – De qualquer modo, ainda teve o lance da bicicleta e de você jogar feijão nele e ele não ter ficado... puto!

– Foi só uma guerra de comida.

– Você não entende, não é? O Eli não fez nada desde a morte do Abe. Não vai a festas, não sai, mal conversa. E, com certeza, não entra em guerra de comida. Ele tem ficado embaixo daquela nuvenzinha negra. E de repente você aparece, e tudo muda. O que é ótimo.

– Mas... – eu disse, pois sempre existe um “mas”.

– Mas, se você está apenas fazendo ele de bichinho de estimação e brincando com ele, ele pode não simplesmente se afastar, como o Jake fez. Há muito mais em jogo aqui, e eu não tenho certeza se você entende isso. Então eu queria alertar você. Porque é para isso que existem os amigos.

Pensei no que ela disse enquanto a música lá fora mudava para algo mais lento, mais romântico.

– Bem, acho que então ele tem sorte em ter você. Quer dizer, como amiga.

– Eu não estava falando do Eli.

Olhei espantada.

– O quê?

– *Nós somos* amigas. – Ela mostrou, movendo a mão apontando para mim e para ela alternadamente. – E as amigas são honestas entre si. Mesmo que a verdade doa. Certo?

Eu teria concordado com isso, mas a minha própria verdade era que eu realmente não sabia. Tudo isso era novo para mim. Então, eu simplesmente disse:

– Você não precisa se preocupar. Ninguém está se magoando. Estamos apenas... passando o tempo juntos... Nada mais.

Ela assentiu com a cabeça, lentamente.

– Então tá. Isso é tudo que eu preciso saber.

O tilintar dos sininhos vindo da área de vendas sinalizou a entrada de um cliente. Maggie se levantou e colocou a cabeça para fora da porta.

– Oi! Já estou indo!

– Tudo bem – uma voz conhecida respondeu. – Basta dizer à Auden para tirar o traseiro da cadeira e vir aqui!

Maggie virou-se para me olhar.

– Meu irmão – expliquei, empurrando a cadeira para trás.

– Você tem um irmão?

– Venha que vou te apresentar.

Quando descemos, Hollis estava ao lado de uma caixa de maiôs, meio cheia, examinando um fio dental roxo.

– Não é do seu tamanho – comentei ao me aproximar. – Nem da sua cor.

– Que chato! Acho que ficaria superbem em mim, não é?

– Acho que você deveria ficar com a sua sunga.

– Na verdade – Maggie se intrometeu –, na Europa, os homens geralmente usam um estilo mais biquíni. Todo verão nós vemos pelo menos um grupo de turistas alemães usando algo do gênero.

– Nem vem! Lá é só você ir para uma praia de nudismo. Não precisa nem de sunga e ponto final!

– Esta é a Maggie. Maggie, este é o meu irmão Hollis.

– Você foi a uma praia de nudismo, sério? – ela perguntou. – Sério mesmo?

– Claro, por que não? Você sabe o que dizem. Quando estiver em Roma.... Ou na Espanha... – Ele jogou a calcinha de volta na caixa.

– Então, Aud, que tal um almoço tardio ou um jantar supercedo? Papai disse que há um lugar bem legal com cebola empanada que eu deveria experimentar.

– O Last Chance – Maggie falou. – Fim do calçadão, do lado esquerdo. Eu recomendo o grelhadinho de atum.

Hollis suspirou.

– Eu adoro grelhadinho de atum. Isso você não consegue comer na Espanha. Mesmo que esteja pelado.

– É que eu tenho tanta coisa para fazer... – respondi, olhando para trás, para o escritório.

– Ah, vamos lá! A gente não se vê há dois anos. – Hollis balançou a cabeça para a Maggie.

– Esta é a minha irmã. Ela tem toda essa energia da família, é óbvio.

– Vai, Auden, vai! Você pode compensar ficando até mais tarde hoje à noite, ou alguma coisa assim.

– Ouça a Maggie – ele disse o nome dela de modo casual, como se conhecessem há anos. – Vamos lá. Vamos botar a conversa em dia.

Lá fora, no calçadão, era aquele momento glorioso da tarde: o calor do dia já tinha passado, mas era antes da noite refrescar. Hollis e eu ficamos atrás de um grupo de mulheres com carrinhos de bebê, as rodas batendo nas tábuas abaixo de nós.

– Então, onde está a Laura? – quis saber. – Ela não gosta de cebola empanada?

– Ela adora cebola – ele respondeu, colocando os óculos escuros.

– Mas tem que trabalhar. Ela está se candidatando a uma bolsa de estudos para o trimestre e precisa escrever uns artigos.

– Puxa, ela parece muito centrada.

– Com certeza. Ninguém consegue pará-la.

Ele inclinou a cabeça para trás e seguiu com os olhos uma fila de pelicanos voando em direção à água; eu o observei por um momento. Então falei:

– Ela parece ser bem legal, Hollis.

– E é. – Ele sorriu para mim. – Ela não é como nenhuma das minhas outras namoradas, né?

Eu não tinha certeza de como deveria responder. Mas ele estava perguntando, então respondi que não.

– Você deveria ter ouvido a mamãe – ele comentou, rindo. – Durante anos, ficou no meu pé por namorar umas sirigaitas insossas e desmioladas... segundo as palavras dela, é claro...

– Sem dúvida.

– E agora que eu apareço com alguém inteligente e surpreendente, ela tem um chique. Você deveria ter visto ela no jantar quando Laura contou sobre o trabalho dela. Era tanta ciúmeira que dava nojo.

“Uau”, eu pensei. E em voz alta perguntei:

– Ciúmes? Você acha?

– Ah, puxa, Aud. Você sabe que mamãe está acostumada a ser a mulher mais inteligente do lugar. É o lance dela. – Ele ergueu a mão e ajeitou os óculos de sol. – Ela ficou me puxando de lado, insistindo que eu estava cometendo um erro, que eu estava me precipitando e levando a coisa muito a sério com a Laura. Como se eu fosse ouvir o que ela tem a dizer sobre relacionamentos com aquele estudante de pós que fica à espreita lá fora, dormindo no carro como se estivesse atrás dela.

– Como? – me surpreendi.

Ele me lançou um olhar.

– Ah, você sabe. Ela andou dormindo com um estudante de pós, ele levou a sério e queria ter um relacionamento com ela, então ela lhe deu o fora e agora ele fica rondando, lambendo as feridas.

Imaginei o cara de óculos de armação escura, sentado à beira da piscina com o seu livro. Nem sei o nome dele.

– Me senti tão mal pelo cara – Hollis desabafou. – Embora Deus saiba que ele deveria ter previsto. Ela já fez isso outras vezes.

Levei um minuto para assimilar tudo isso, depois me concentrei na loja de bicicletas, que estava logo à frente. Deu para ver o Wallace e o Adam no banco de fora, dividindo um saco de batatas fritas.

– Você acha que ela faz muito disso?

– Faz mesmo. Pelo menos depois do divórcio. – Ele enfiou as mãos nos bolsos, e depois olhou para mim. – Mas... você sacava isso, né? Você tinha que saber.

– Claro! Com certeza.

Ele observou o meu rosto por um momento. Então comentou:

– Não que eu possa criticar qualquer coisa... Eu era igualzinho, sabe?

Mais uma vez, fiquei muda. O que você faz quando alguém fala em voz alta tudo aquilo que você já pensava? Desta vez, porém, fui salva de ter que responder, pois Adam nos viu.

– Ei, Auden! Venha desempatar a discussão!

Hollis olhou para ele e Wallace.

– São seus amigos?

– São. – Adam acenou para que nos aproximássemos. Hollis parecia surpreso, algo que tentei não levar para o lado pessoal. –

Vamos lá.

Quando chegamos perto, apresentei meu irmão a Adam, que saltou o banco e aterrissou à nossa frente. – Tudo bem – ele disse, erguendo as mãos. – Estamos chegando quase lá na escolha de um novo nome para a loja.

– Ou seja – Wallace acrescentou de trás do Adam, com a boca cheia de batatas fritas –, já reduzimos a lista de possibilidades para dez.

– Dez?

– Mas só cinco são legais. Então, estamos fazendo uma pesquisa informal para ver quem gosta do quê.

Hollis, sempre disposto para um jogo, olhou para o toldo nu.

– Como se chama agora?

– Bicletaria. – Hollis ergueu as sobrancelhas. – É temporário.

– Só pelos últimos três anos – Adam esclareceu. – Então, tá. A lista não está em nenhuma ordem especial, seguinte: Bikes Faixa vermelha, Gangue engrenada, Colby Bikes...

Eu me distraí por um instante, quando Eli saiu da loja, empurrando uma bicicletinha rosa com rodinhas. Segurava um capacete na mão livre e um casal, com uma menininha a tiracolo, estava bem atrás dele.

... Sem Travas e Ciclos – Adam finalizou. – O que você acha?

Hollis pensou por um segundo.

– Gangue Engrenada ou Sem Travas. Faixa Vermelha é sem graça, Colby Bikes, muito empresarial...

– Foi o que eu disse! – Wallace exultou, apontando Adam.

– E Ciclos... nem sei o que dizer a respeito.

Adam suspirou.

– Todo mundo odeia. O único motivo de ainda estar na lista é que é o meu preferido. O que você acha, Auden?

Eu ainda observava o Eli agachado do lado da bicicleta rosa, ajustando um dos pedais. A menininha ruiva de bermuda azul e camiseta com girafa, para quem a bicicleta claramente se destinava, segurava a mão da mãe e parecia apreensiva.

– Como eu já disse, esta bicicleta é excelente para principiantes.

– Ela quer aprender – a mãe explicou, passando a mão sobre a cabeça da filha –, mas está meio nervosa.

– Não precisa ficar com medo. – Eli se levantou e olhou para a menina. – As rodinhas vão ajudar até você pegar o jeito. E então, um belo dia, você não vai mais precisar delas.

– Geralmente, quanto tempo leva? – O pai, de boné de beisebol e sandálias de couro, perguntou. – Qual é a média?

– É diferente para cada pessoa. Ela vai sentir quando estiver pronta.

– O que você acha, fofinha? Quer experimentar?

Lentamente, a menina balançou a cabeça e se aproximou. Vi Eli estender a mão e ajudá-la a montar e afivelar o capacete na cabeça. Ela pegou no guidão, alongando cuidadosamente os dedos em volta.

– Está certinho, filhota. Agora é só pedalar, como você faz no triciclo – o pai falou.

A menina colocou os pés para baixo, empurrou timidamente os pedais e se adiantou alguns centímetros. Lançou um olhar para trás, para os pais, que sorriam, depois tentou novamente. Depois de outra ajeitada no selim, vi como o Eli colocou a mão na traseira da bicicleta e a empurrou ligeiramente para frente. Ela ainda estava pedalando e nem percebeu. Mas quando começou realmente a se movimentar, ela olhou atrás para ele, sorrindo.

– Auden?

Virei a cabeça e vi Adam olhando para mim, com o rosto cheio de expectativas.

– Olha, para ser sincera, não gosto muito de nenhum deles.

Seu sorriso murchou.

– Nem mesmo do Sem Travas?

– Não muito. – Neguei com a cabeça.

– Eu disse a você que nenhum nome prestava. – Wallace comentou.

– Ele gostou de dois! – Adam revidou.

– Não exatamente – Hollis apaziguou.

Adam suspirou, jogou-se de volta no banco, e eu fiz um tchau enquanto Hollis e eu nos afastamos, em direção ao Last Chance. Poucos passos adiante, tornei a olhar a menininha. Depois do

impulso inicial, tinha conseguido prosseguir bem, passou diante de duas lojas e estava quase na Clementine's. A mãe a seguia de perto, mas não tão perto, como se estivesse caminhando vagarosamente, sozinha.

O Last Chance milagrosamente estava vazio, e conseguimos nos sentar na cabine ao lado da janela sem ter de esperar. Enquanto Hollis examinava o cardápio, olhei para o calçadão, vendo as pessoas passarem.

– Então, Aud. Preciso lhe dizer, estou muito feliz por você ter feito isso.

– Feito o quê? – perguntei, olhando para ele.

– Isto – ele gesticulou ao redor do ambiente. – Vir passar o verão aqui, sair por aí, fazer amigos. Eu estava preocupado que este verão fosse igual a todos os outros.

– Igual a todos os outros... – repeti.

– Você sabe... – Ele pegou a água e tomou um gole. – Ficar em casa com a mamãe e reabastecer as taças de vinho em suas reuniões especiais de esnobes, estudar para as aulas que ainda nem começaram.

Senti que fiquei tensa.

– Nunca enchi taças de vinho.

– Ora, você entendeu. – Ele sorriu para mim, era óbvio que não sabia que poderia ter me ofendido. Ou, pelo menos, ter ferido os meus sentimentos. – O que eu quero dizer é que você fica diferente aqui.

– Mas Hollis, eu só estou aqui há um mês.

– Muita coisa pode acontecer em um mês. Puxa, em duas semanas eu conheci minha futura mulher, mudei totalmente a trajetória da minha vida e comprei a minha primeira gravata.

– Você comprou uma gravata? – tive de perguntar. Sim, porque, honestamente, esta era a parte mais chocante.

– É, comprei. – Ele riu. – Falando sério, ver você aqui, com seus amigos... isso me deixa realmente feliz.

– Hollis. – Então, fiquei sem graça novamente, mas por motivos diferentes. Minha família podia ser um monte de coisas... que

mudavam diariamente ou algo assim... mas ser sentimental não era uma delas. – Ah, deixa disso.

– Estou falando sério! – Olhou o cardápio de novo, e então para mim. – Olha, Aud. Eu sei que o divórcio foi difícil para você. E que depois disso morar com a nossa mãe deve ter sido ainda mais difícil. Ela não é muito boa com crianças.

– Eu não era mais criança. Tinha dezesseis anos.

– Perto dos pais, todo mundo é criança. A menos que eles estejam agindo como criança. Então, você não tem a mínima chance. Você entende o que estou dizendo?

De repente, eu percebi que sim. Praticamente ao mesmo tempo me dei conta do motivo de meu irmão ter permanecido afastado por tanto tempo, tendo o cuidado de manter um oceano e uma linha telefônica entre nós e ele. Era o contrário da maioria das famílias: para ser criança, você tinha de sair de casa. Mas era o retorno que nos fazia crescer, para todo o sempre.

No momento em que percebi isso, o Adam e o Wallace passaram zumbindo por nós em suas bicicletas, ziguezagueando entre os pedestres. Hollis disse:

– Falando nisso, não é tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Para aprender a andar de bicicleta. – Ele apontou para a loja. – Aposto que seus amigos poderiam lhe ensinar.

– Eu sei andar de bicicleta.

– É mesmo? E quando foi que você aprendeu?

Fiquei só olhando para ele.

– Quando eu tinha seis anos. Na entrada da garagem.

Ele pensou por um momento.

– Tem certeza disso?

– É claro que tenho.

– Porque o que eu me lembro é que você ganhou uma bicicleta, caiu dela logo de cara, e depois a coitada ficou enferrujando lentamente na garagem até o papai dá-la para alguém.

– Mas não foi isso o que aconteceu. Eu andava por toda a entrada da garagem.

– Andava mesmo? – Ele apertou os olhos, achando difícil. – Então tá, acho que você está certa. Deus é testemunha de que andei queimando alguns neurônios nos últimos anos.

Isto era a verdade: entre nós dois não havia dúvida nenhuma sobre quem tinha a memória mais confiável. E eu não conheceria a minha própria história melhor que ninguém? Ainda assim, enquanto fazíamos o pedido, eu não conseguia parar de pensar no que ele tinha dito. Ele estava tagarelando sobre Laura e a Europa, mas eu apenas entreouvia, enquanto voltava no tempo, para aquele dia, na calçada. Estava tudo tão claro: eu montando na bicicleta, empurrando os pedais para baixo, andando à frente. Tinha de ser verdade. Não tinha?

doze



– ENTÃO... O QUE CIRCULA por aí – minha mãe falou, à sua maneira formal, como quem não quer nada – é que você mudou.

Tirei a minha escova de dente da boca, já desconfiada.

– Mudei?

Ultimamente, ela sempre me ligava por volta das cinco, quando eu estava acordando e ela terminando o dia de trabalho. Queria acreditar que era porque ela sentia saudades de mim ou que tinha percebido como a nossa ligação realmente era importante para ela. Mas eu sabia que, na verdade, ela só precisava de alguém para desabafar sobre Hollis, que estava de volta ao seu teto, ainda loucamente apaixonado por Laura e deixando-a totalmente estressada.

– Para melhor, se é isso que você está querendo saber – ela disse então, embora seu tom sugerisse que ela não estava totalmente convencida. – Acho que a palavra exata que o seu irmão usou foi “desabrochou”.

Olhei-me no espelho: meu cabelo estava sem pentear, estava com creme dental na boca e ainda usava a camiseta com decote baixo que vesti na noite anterior para jogar boliche e cheirava a cigarro. Não estava exatamente “desabrochando”.

– Bem... – comecei. – Isso é bom, eu acho.

– Ele ficou especialmente impressionado com sua vida social recém-descoberta. Parece que você tem muitos amigos e um namorado sério também?

O fato de esta última frase ter sido formulada como uma pergunta dizia tudo sobre como ela se sentia a respeito pessoalmente.

– Não estou namorando.

– É só um cara com quem você passa suas noites. – Uma afirmação, desta vez. Olhei-me no espelho de novo.

– Isso – respondi. – Mais ou menos isso.

Entre todas as outras mudanças bruscas de meu irmão, que sempre dormia até depois do meio-dia, ele agora madrugava e havia começado a correr. Ele e Laura corriam todos os dias ao amanhecer e depois voltavam para casa para fazer alongamentos de ioga e meditação – embora, aparentemente, ele não estivesse tão imerso em seus *ohms* e *namastês*. Quando ele me viu chegar de manhã após a chegada deles, imediatamente veio investigar.

– Auden Penelope West... – ele começou – agitando um dedo para mim enquanto eu cuidadosamente fechava a porta. – Olhe só para você, fazendo a jornada da vergonha!

– Eu não estou com vergonha – respondi, mas bem que desejei que ele tivesse ficado calado.

– E quem é esse carinha que trouxe você? – ele quis saber, lançando um olhar para Eli, que dava ré em sua caminhonete na nossa entrada.

– Será que ele não tinha de se apresentar, pedir a minha aprovação antes de iniciar a corte?

Fiquei só olhando para ele. Da sala de estar, eu ouvia Laura entoando os mantras.

– Minha irmãzinha... – ele disse, sacudindo a cabeça. – Passando a noite toda fora, com um carinha. Parece que foi ontem que você estava brincando de Barbie e pulando corda.

– Hollis, qual é... Mãe considerava Barbies as armas do chauvinismo, e ninguém pula corda desde 1950.

– É que eu não consigo acreditar – ele disse, ignorando isso – que você está crescendo tão rápido. Logo você vai estar casada, embalando um bebê no colo.

Ignorei isso e passei por ele na escada, mas isto não o impediu, nem naquela hora nem nas manhãs seguintes, de ele sempre dar um jeito de estar à minha espera e abrir a porta assim que eu aparecia na frente da casa. Certo dia, ele estava sentado na varanda

quando estacionamos, o que exigiu tanto uma apresentação quanto uma conversa com Eli.

– Cara legal – ele comentou, quando finalmente consegui me desvencilhar de Eli. – O que são aquelas cicatrizes no braço?

– Acidente de carro.

– Sério? O que aconteceu?

– Não sei bem, de verdade.

Ele me lançou um olhar duvidoso enquanto abria a porta para mim.

– Parece meio estranho, considerando o tempo que vocês dois passam juntos.

– Não acho. É só que o assunto não rolou. – Ergui os ombros.

Deu para ver que ele não acreditou em mim, mas eu não estava nem aí. Há muito tempo parei de tentar explicar a minha relação com o Eli para alguém, inclusive para mim mesma. Não era apenas uma coisa, mas muitas encadeadas: noites compridas, passeios ao Park Mart, ao Builder's Supply, a torta do Clyde, o boliche de madrugada e a minha busca. Nós não falávamos sobre nossas cicatrizes, nem as visíveis nem as invisíveis. Em vez disso, eu encarava toda a diversão e as frivolidades que eu merecia em um verão, noite após noite.

Daí, minha mãe tomou outro gole de vinho enquanto eu saía do banheiro, voltando pelo corredor. A porta de Thisbe estava entreaberta, e deu para ouvir as ondas, quebrando firmes, continuamente.

– Bem, francamente – ela disse –, estou contente por ouvir que você não se envolveu com ninguém. A última coisa de que você precisa antes de ir para a Defriese é um carinho pedindo pra você ficar com ele. Uma mulher inteligente sabe que uma aventura é sempre melhor.

Houve um tempo em que eu gostava quando minha mãe pensava que éramos semelhantes. Até curtia. Mas, ao ouvir isso, senti uma pontada estranha, algo que não caiu bem. O que eu fazia com Eli não era como ela e seu(s) aluno(s) de pós-graduação.

– Então – eu disse, deixando isso de lado – como é que estão as coisas com o Hollis?

Ela suspirou alto e profundamente.

– Ele pirou. Totalmente. Cheguei em casa ontem, e você sabe o que ele estava fazendo?

– Não.

– Pondo uma gravata.

Ela deu um minuto para isso ser assimilado, em seguida, acrescentou:

– Ela conseguiu uma entrevista para Hollis. *Um emprego em um banco*. Seu irmão! Que nesta época no ano passado estava morando em uma barraca ao lado de uma montanha na Alemanha!

Era muito fácil conseguir tirar a minha mãe do meu pé ultimamente. Uma menção a Hollis e ela me largava, correndo.

– Um banco – falei. – O que ele vai ser, caixa ou algo assim?

– Ah, não sei – ela disse irritada. – Nem perguntei, fiquei tão horrorizada! Porém, ele deixou escapar que a Laura acha que o emprego pode ajudá-lo a se tornar “mais responsável” e estar “preparado para o futuro deles juntos”. Como se isso fosse *uma coisa boa*. Eu nem acho que aquilo é um relacionamento, é tão neurótico. Nem sei como chamá-lo.

– Pode chamar de abobrinha.

– O quê?

Tarde demais, percebi que aquilo tinha escapado, sem eu sequer perceber.

– Nada.

Ouvi passos e olhei para a sala a tempo de ver Heidi e meu pai chegando lá em cima. Pela cara deles, eles também estavam tendo uma conversa bastante intensa: meu pai gesticulava com os braços, estava com o rosto irritado, enquanto ela apenas balançava a cabeça. Fechei a porta, pondo o celular no outro ouvido.

–... ridículo – minha mãe dizia agora. – Dois anos de cultura e viagens, para quê? Para sentar e processar depósitos o dia todo? É de acabar com a gente.

Ela realmente parecia triste. Ainda assim, eu não pude deixar de dizer:

– Sabe, mãe, a maioria das pessoas da idade de Hollis trabalha. Especialmente se não estão estudando.

– Eu não criei nenhum de vocês para ser como a maioria das pessoas. Você ainda não aprendeu isso?

Rapidamente, eu me vi na noite anterior, em pé no Park Mart com Eli, na seção de brinquedos. Ele tinha parado diante de um mostrador grande de bolas de esportes de borracha, pegou uma e bateu no chão.

– Ah, sim – ele disse. – Ouviu isso?

– A batida da bola?

– É mais que isso, que uma batida de bola. Esse é o barulho de dor iminente.

Olhei para a bola, ainda se movimentando para cima e para baixo sob a mão espalmada.

– Dor?

– No jogo de queimada – ele explicou. – Ou de *kickball*, se você jogasse do jeito que fazemos.

– Calma aí! – eu disse, levantando minha mão. – Eu joguei queimada. E *kickball*.

– É mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

– Estou impressionado. E nem mesmo são esportes de quadra coberta.

– Ah, na verdade, eram. Na escola, no ginásio de esportes.

Eli franziu a testa.

– O quê? É o mesmo jogo.

– Na verdade não é.

– Tenha dó.

– É sério. Há as regras da escola e as regras do bairro. As duas são *muito* diferentes.

– Quem disse?

– Qualquer um que tenha jogado dos dois jeitos – ele respondeu, atirando a bola de volta. – Vai por mim.

Então, minha mãe tomou outro gole de seu vinho. – Ah, quase esqueci – ela disse. – Chegou um pacote para você. Da Defriese. Instruções iniciais, acho. Quer que eu abra?

– Claro – respondi. – Obrigada.

Houve o som do papel sendo rasgado, em seguida, amassado. Ela suspirou.

– Como eu suspeitava. Informações sobre o planejamento de refeições, solicitação de envio de histórico atualizado, um questionário sobre companheiras de quarto... que devem ser entregues até o final da semana, ao que parece.

– É mesmo?

– Pelo amor de Deus – ela gemeu. – É como um teste de compatibilidade! De que atividades você gosta? Você diria que é estudioso/a ou mais despreocupado/a com os estudos?

O que é isso, ensino superior ou encontros pela internet?

– Coloque no correio para mim – eu disse. – Vou responder assim que puder.

– E se você se atrasar, vai acabar com colegas de quarto cuca fresca, namoradeiras. É melhor preencher agora – ela murmurou. – Oh, espere um momento. Há uma segunda página, na qual você pode solicitar “condições alternativas de alojamento”.

– Isso quer dizer?

Ela não disse nada por um momento, ocupada com a leitura. Então:

– “Você poderá solicitar alguns andares e alojamentos em que todos os moradores têm um foco específico, como idiomas estrangeiros ou esportes.” Deixe-me só... Ah. Perfeito.

Ouvi um rabiscar de caneta.

– O que é perfeito?

– O Programa Pembleton – ela respondeu. – Acabei de inscrevê-la.

– O quê?

Ela pigarreou, em seguida, leu em voz alta.

– O Programa Pembleton oferece alojamento separado do campus principal, e os alunos academicamente superiores podem desfrutar de um ambiente dedicado exclusivamente aos estudos. Com quartos individuais, materiais de pesquisa no local e acesso rápido às duas bibliotecas, os membros do Pembleton estão livres para se concentrarem em seu trabalho, sem as distrações da rotina do alojamento normal.

– O que significa...

– Nada de colegas de quarto, nada de festas, nada de besteiras. É exatamente o que você quer.

– Bem... – comecei. Não sei. Parece meio isolado, você não acha?

– Nem um pouco – ela respondeu. – Você não terá de dar conta dos universitários bêbados cheios de hormônios e das meninas fofoqueiras. É ideal. Agora, só vou assinar o seu nome aqui, e nós podemos...

– Não assine – eu disse rapidamente. Pude sentir sua surpresa, assim como pude imaginá-la do outro lado do telefone, com uma caneta na mão, as sobrancelhas erguidas. – Quer dizer, não tenho certeza se quero morar lá.

Silêncio... Depois:

– Auden, acho que você não entende como morar em um ambiente de alojamento pode atrapalhar a concentração. Há pessoas que vêm para a faculdade apenas para a vida social. Você realmente quer ficar presa em um quarto com alguém assim?

– Não – retruquei. – Mas também não quero passar cada segundo estudando.

– Ah. – Sua voz era monótona. – Suponho que isso faça parte do seu desabrochar, então? De repente, a escola não é mais importante, apenas rapazes, amigas e roupas?

– Claro que não! Mas...

Um suspiro alto encheu meus ouvidos.

– Eu *deveria saber* que passar o verão com Heidi faria isso com você. Passei dezoito anos ensinando a importância de se levar a sério e, em questão de semanas, você está usando biquínis rosas e está louca por rapazes.

– Mãe – eu disse, elevando minha voz. – Isso não tem nada a ver com a Heidi.

– Não – ela disparou. – É sobre a sua repentina falta de energia e de foco. Como você pôde se deixar ficar desse jeito?

Ao ouvir isso, visualizei meu pai, atribuindo tudo que eu tinha conseguido na vida ao nome que ele escolheu para mim. Tudo de bom era atribuído a eles; tudo de ruim era culpa minha. Mordi o lábio.

– Eu não mudei – falei. – Eu sou assim.

Silêncio. E eu sabia, por dentro, que o fato de isso poder ser verdade era pior que qualquer universitário farrista ou biquíni rosa.

– Bem, vou enfiar a carta no correio. – Ela respirou fundo, rígida, formal. – Você decide.

– Tudo bem. – Engoli em seco.

Por um instante, nenhuma de nós disse nada, e fiquei imaginando o que viria em seguida. Como poderíamos sair daquele impasse, aquele vão enorme entre nós? Havia um milhão de maneiras diferentes, eu tinha certeza, mas minha mãe me surpreendeu por não escolher nenhuma delas. Em vez disso, ela desligou, me largando com um simples clique no ouvido, a última palavra, e nenhuma ideia para onde ir a partir daqui.



Parece que o conflito era contagioso, ou pelo menos estava no ar. Quando saí do meu quarto uns vinte minutos depois para trabalhar, as ondas de Thisbe tinham parado, e outro ruído constante vinha de seu quarto: o som de briga.

– É claro que você merece uma noite – meu pai dizia. – Só não tenho certeza se esta é a noite certa, é isso que estou falando.

– Por que não? – Heidi perguntou. Ouvi Thisbe fazendo barulhos em segundo plano. – Vou voltar para a amamentação das nove, a Thisbe acabou de tirar a soneca...

– Às nove horas! São cinco e meia agora!

– Robert, vai ter um coquetel e jantar.

– Onde? Em Istambul? – papai questionou. – De jeito nenhum isso vai levar três horas e meia!

Houve um silêncio prolongado. Não precisei espreitar lá dentro para imaginar a expressão no rosto de Heidi. Finalmente, meu pai disse:

– Querida, eu quero que você se divirta. Mas já faz tanto tempo da última vez em que fiquei sozinho com um recém-nascido, e eu só...

– Ela não é uma recém-nascida. Ela é sua filha – Thisbe arrulhou, como se concordasse com isso. – Você criou dois filhos maravilhosos. Você consegue dar conta. Agora, mexa-se e pegue-a para que eu possa terminar de me aprontar.

Ouvi meu pai começar a dizer algo, mas a porta estava se abrindo, e eu saí de vista. Não rápido o suficiente, no entanto.

– Auden? – ele chamou. – Você poderia...

– Não, ela não pode – Heidi disse, olhando para trás. Então ela me empurrou para a frente. – Continue andando. Ele fica numa boa.

Quando chegamos à escada, eu me virei para dar uma olhada nela. Em vez da Heidi que eu estava acostumada a ver, vestindo moletom, com rabo de cavalo, olheiras permanentes sob os olhos, esta mulher era completamente diferente. O cabelo estava impecável, a maquiagem feita, e ela usava jeans escuros, saltos, um *top* preto justo e um colar de prata com uma chave cravejada de pedras vermelhas pendia do pescoço. Isso eu reconheci: nós tínhamos acabado de recebê-los na loja na semana anterior, e eles já vendiam como pão quente.

– Uau... – respondi. – Você está ótima.

– Acha mesmo? – Ela se olhou. – Faz tanto tempo que eu não uso esse tipo de coisa que nem sabia se ainda entrava nas roupas. Acho que o estresse realmente queima muitas calorias, afinal.

No final do corredor, dava para ouvir Thisbe começando com a manha. Heidi revirou os olhos, depois se voltou na direção do quarto dela. Eu a segui até a porta, apoiei-me no batente, enquanto ela pegava a bolsa da cama.

– Então, eu tenho que dizer – falei, enquanto ela se agitava, finalmente tirando um brilho labial – de repente, você parece diferente. E não é só a roupa.

Neste momento, Thisbe estava realmente chorando. Heidi mordeu os lábios, depois tirou a tampa do *gloss* e passou. – Você está certa. Eu só... percebi ao longo das duas últimas semanas que eu precisava ter algum tempo para mim. Nós conversamos muito sobre isso, realmente.

– Você e o papai?

– Eu e a Karen.

– Que bom...

Ela assentiu com a cabeça, pondo o brilho de volta na bolsa.

– Desde que o bebê nasceu, tenho hesitado tanto em pedir qualquer ajuda ao seu pai! Estou muito acostumada a fazer tudo sozinha, e ele também não se oferecia muito.

– Ou nada – retruquei.

– Mas Karen apontou que você e seu irmão são ótimos, e Robert é pai de vocês também. Ela disse que para fazer um bebê é preciso ter duas pessoas, e pelo menos esse mesmo número para educá-lo bem. Geralmente mais. – Ela sorriu. – Ela me fez lembrar que eu tinha que marcar essa noite com as amigas, e que elas estavam esperando há séculos. No entanto, fiquei fazendo corpo mole, até que Laura “apareceu”. Quando ela disse praticamente a mesma coisa, percebi que elas tinham certa razão.

Vi como ela verificou o cabelo no espelho, ajustando um pedaço na frente.

– Não percebi que você e a Laura conversavam quando ela estava aqui.

– Oh, no começo não – ela respondeu, pegando a bolsa. – Para ser honesta, ela me assustou bastante. Não é exatamente a pessoa mais calorosa, sabe?

Fiz que sim com a cabeça.

– Não mesmo!

– Mas, então, na noite antes de irem embora, eu estava acordada com a Thisbe, e ela desceu para tomar um copo de água. No início, ela ficou ali, sentada, observando a gente, e por fim eu perguntei se ela queria segurá-la. Ela disse que sim, então eu entreguei a Thisbe, e então começamos a conversar. Ela é muito mais profunda do que parece à primeira vista.

– Diga isso para a minha mãe. Ela a odeia.

– É óbvio. É porque as duas são muito parecidas. As duas têm aquela coisa fria, de megera, de mulher-desconfiada-de-todas-as-outras-ao-redor. São como dois ímãs que se repelem.

Pensei na minha mãe, no telefone há apenas alguns instantes, sua voz tão aguda, desaprovando tudo. Se eu não fosse exatamente como ela, ela não se importava em saber quem eu era.

– Então você acha que minha mãe tem muito mais dentro dela do que mostra, também?

– Claro que sim. Ela tem que ter...

– Por qual motivo?

Ela olhou para mim.

– Porque ela educou você e Hollis. E ela ficou apaixonada pelo seu pai por muito tempo. As verdadeiras megeras não fazem isso.

– O que elas fazem?

– Elas acabam sozinhas.

Ergui as sobrancelhas.

– Você parece ter muita certeza disso.

– Tenho mesmo. Porque eu era assim.

– Você? – me admirei. – De jeito nenhum.

Ela sorriu.

– Algum dia, vou contar tudo sobre isso. Mas agora, tenho que correr e beijar a minha filha e tentar sair sem ter um colapso. Está bem?

Fiz que sim, e ela ainda estava lá, tentando assimilar isso enquanto se apressava para o corredor. Quando passou por mim, fez uma pausa e curvou-se para beijar minha testa rapidamente antes de passar; o cheiro do perfume persistiu mesmo depois de ela ter saído. Talvez fosse para provar seu ponto de vista. Ou apenas instinto. De qualquer forma, foi surpreendente. Mas não tanto quanto o fato de eu não me importar. Nem um pouco.



Mais tarde naquela noite, eu estava caminhando para o Gas/Gro após o trabalho quando ouvi um carro vindo atrás de mim. Um momento depois, um jornal aterrissou fazendo um *ploft* nos meus pés.

Olhei para ele, e depois para Eli, que já estava parando ao meu lado.

– Então, agora você distribui jornais?

– Tecnicamente – ele respondeu. Enquanto eu pegava o jornal, percebi as pilhas acumuladas na parte traseira da caminhonete. Meu

amigo Roger distribui jornais. Mas ele está gripado, por isso estou ajudando. Além disso, pensei que isso poderia se aplicar à sua busca.

– Entregar jornais?

– Com certeza: – Ele parou o carro, gesticulando para eu abrir a porta do passageiro. Quando abri, ele disse: – É um rito de passagem. Meu primeiro trabalho foi entregar o *Colby Coupon Clipper* de bicicleta.

– Já tive empregos.

– É? Quais?

– Trabalhei para um professor no Departamento de Inglês em um verão, ajudando com a bibliografia de seu livro – falei, enquanto entrava. – Depois, para o contador da minha mãe como auxiliar de escritório. E o ano passado inteiro eu preparei pessoas para o teste de entrada de Huntsinger.

Pessoalmente, sempre pensei que era um currículo impressionante. Eli, porém, apenas me deu um olhar indiferente.

– Você – ele disse, acelerando – definitivamente precisa distribuir jornais. Pelo menos por uma noite.

E foi assim que, depois de passar pela lavanderia e pelo Park Mart para fazer algumas coisas, passamos pelo bairro além do píer, dirigindo devagar, com uma pilha de jornais entre nós e uma lista de endereços de assinantes na mão. Era pouco depois das duas da manhã.

–11.100. – Eli disse, apontando com a cabeça para uma casa em três níveis à direita. – É toda sua.

Peguei um jornal, segurei bem e, em seguida, atirei para a garagem. Ele bateu no meio-fio, depois repicou numa pilha de aparas de capim, desaparecendo por completo.

– Ups! – exclamei.

Ele estacionou e eu saltei fora; recolhi o jornal e o atirei de novo, e desta vez me dei um pouco melhor e acertei o canto direito da entrada da garagem.

– É mais difícil do que parece – ele falou quando finalmente voltei para o carro. – A maioria das coisas é. – Então, é claro, ele pegou um jornal e o lançou para uma casa do outro lado da rua em um

arco perfeito. Ele pousou bem na varanda da frente, a versão de entrega perfeita, tipo nota 10. – *Colby Coupon Clipper*. Dois anos atrás – ele enfatizou.

– Claro – respondi. Meu próximo arremesso foi um pouco melhor, mas muito amplo. Bateu no gramado, e de novo eu tive de sair para deixá-lo em um local mais seguro e menos úmido.

– Que droga, sou péssima nisso.

– É apenas o segundo jornal – ele falou, antes de fazer outro arremesso perfeito em uma casa com um flamingo de plástico no quintal da frente.

– Mesmo assim – respondi.

Deu para sentir que ele me olhava quando eu atirei outro, muito concentrada. Ele bateu nos degraus (bom), mas depois caiu no meio dos arbustos que estavam próximos (não tão bom). Quando voltei depois de recuperá-lo, com alguns espinhos no cabelo, minha frustração devia ser óbvia.

– Sabe – Eli disse, lançando outro jornal que bateu em outra sacada – *ploft!* –, tudo bem não ser perfeita em tudo.

– Isso é entrega de jornais.

– E daí?

– E daí... – eu disse, enquanto ele fazia outro arremesso perfeito, *meu Deus*. – Eu fico numas se sou péssima em, digamos, física quântica. Ou mandarim. Porque essas coisas são difíceis e dão trabalho.

Ele assistiu, em silêncio, quando errei mais outra entrada. Por cerca de um quilômetro. Quando voltei, ele disse:

– E é claro que isso não é.

– É diferente. Olha, essas conquistas são o máximo para mim. É o que eu faço. É nisso que sou boa.

– Você é boa em se sair bem... – ele falou, esclarecendo.

– Sou boa... – falei, atirando outro jornal e me saindo um pouco melhor – em estudar. Porque para isso eu nunca preciso envolver mais ninguém. Somos só eu e o assunto.

– Dentro de casa, se dedicando – ele acrescentou.

Eu lancei aquele olhar para ele, mas, como de costume, ele não parecia intimidado. Tampouco incomodado, ao menos. Ele só me

passou outro jornal, que lancei na próxima casa. Ele bateu na entrada da garagem, um pouco demais para a esquerda, mas ele seguiu em frente assim mesmo.

– A vida é cheia de percalços – ele comentou, lançando outro jornal numa casa de três níveis, antes de chegar à esquina. – Você falha algumas vezes. É um requisito da existência humana.

– Eu falhei.

– É? No quê?

Eu fiquei sem fala por um momento, o que não foi exatamente bom para o meu argumento.

– Eu já disse. Eu era um fracasso social.

Ele deu outra volta, arremessando mais alguns jornais enquanto cruzávamos uma rua escura.

– No entanto, você não tentou ser a rainha do baile e se deu mal.

– Bem, eu nunca quis ser rainha do baile. Ou nenhuma coisa assim.

– Então você não falhou. Você só optou por ficar de fora. Há uma diferença.

Fiquei pensando nisso enquanto percorríamos outra rua. Ele nem sequer me entregava outros jornais, simplesmente atirava todos sozinho.

– E você, então? – eu quis saber. – No que você falhou?

– Seria melhor perguntar – ele disse, desacelerando em um sinal de trânsito – no que eu não falhei.

– É mesmo?

Ele fez que sim com a cabeça, depois ergueu a mão e começou a contar nos dedos.

– Álgebra. Futebol. Lacey McIntyre. Skate em um *half pipe*...

– Lacey McIntyre?

– Oitava série. Passei meses me preparando para convidá-la para um baile, e ela me dispensou friamente. Diante de todo o refeitório.

– Essa foi de doer!

– Nem me diga. – Ele se virou novamente, descendo uma rua estreita, com apenas algumas casas nela. *Ploft. Ploft.* – Conquistar o pai de Belissa, que ainda me odeia. Convencer meu irmão a não ser tão idiota. Aprender a consertar o meu carro.

– Puxa. É uma lista e tanto.

– Eu disse... sou muito bom em ser ruim nas coisas.

Olhei para ele novamente quando chegamos a outro sinal de trânsito.

– Então você nunca desanima...

– Claro que sim – ele respondeu. – Falhar é uma droga. Mas é melhor que a outra alternativa.

– Qual é?

– Nem mesmo tentar. – Então, ele olhou diretamente para mim. – A vida é curta, sabe?

Não conheci o Abe. Nem mesmo tinha ouvido falar muito sobre ele, além das poucas coisas que Maggie e Leah haviam comentado. Mas, de repente, naquele momento, era como se pudesse senti-lo. Sentado no banco em que eu estava, andando junto conosco. Talvez ele estivesse presente o tempo todo.

Eli deu outra volta, e eu percebi que estávamos no bairro do meu pai. De repente, os arredores familiares. A casa dele se aproximava rapidamente e logo estava do meu lado. Tinha de ser um sinal. Estendi a mão, peguei um jornal da pilha entre nós.

– Tudo bem – respondi. – Esta é a minha.

Recuei minha mão, tentando usar o cotovelo para alavancar da mesma maneira que eu o vi fazer e, desta vez, mirei a entrada da garagem, não a varanda. Fui chegando, cada vez mais perto e, no minuto exato e correto, lancei o jornal, vendo como ele caiu em arco sobre o gramado.... Por fim, pousou com um barulho no para-brisa do Prius de Heidi.

– Sei que é da família, mas isso exige uma correção – Eli falou, desacelerando para parar.

Eu escorreguei para fora do carro – mais uma vez – e me aproximei para pegar o jornal, enfiando-o sob o braço. Então eu cheguei o mais lentamente possível na varanda, tentando ficar em silêncio, enquanto me inclinava para deixá-lo bem no centro do tapetinho. Assim que fiz isso, porém, ouvi a voz do meu pai.

– ... Esta é apenas a minha opinião! Eu queria que você tivesse o que você queria. Mas o que dizer do que *eu* quero?

Eu me afastei da porta, recuando um passo enquanto olhava para o relógio. Eram quase três horas da manhã. Tarde demais para a maioria das pessoas estar acordada. A menos que algo de ruim estivesse acontecendo.

– Você está dizendo que não quer o bebê? – Heidi disse. A voz dela estava mais alta, nervosa. – Porque, se isso for verdade...

– Não tem nada a ver com o bebê.

– Então o que é?

– Nossas vidas – ele respondeu, parecendo cansado. – E como elas mudaram.

– Você já fez isso antes, Robert. *Dois vezes*. Você sabia como era ter um bebê em casa.

– Na época, eu também era uma criança! Agora estou mais velho. É diferente. É...

Silêncio. Só conseguia ouvir o carro de Eli, o motor murmurando atrás de mim.

–... não é o que eu esperava – meu pai terminou. – Você quer a verdade, aqui está. Eu não estava preparado para tudo isso.

Tudo isso. Esse termo redondo, abrangente, tão amplo quanto o oceano que eu também podia ouvir, ao longe – as ondas em tempo real desta vez. Mas mesmo com toda a vastidão, era impossível dizer o que, ou quem, realmente estavam incluídos. Parecia mais seguro apenas assumir que era tudo.

– Isto – Heidi insistiu – é a *sua* família. – Esteja pronto ou não, Robert.

Relembrei todos aqueles jogos nas ruas sem saída que eu nunca jogara, mas dos quais, no entanto, sabia as regras. Você se esconde, alguém faz a contagem e, em seguida – esteja pronto ou não! – eles vêm à sua procura. Se eles chegarem perto, você não tem escolha a não ser ficar parado, esperando não ser encontrado. Mas, se ficasse parado, não haveria nenhum espaço de manobra. Fim do jogo.

Deu para ouvir meu pai começar a dizer algo, mas eu não era uma criança naquele momento, e não tinha de ficar e ouvir. Eu podia sair, desaparecer na noite que era muito vasta, ampla e abrangente, com tantos lugares para esconder. Foi o que fiz.



– Desculpe a bagunça – Eli falou, enfiando o braço dentro do aposento escuro, procurando o interruptor de luz. – O trabalho doméstico é outro dos meus fracassos.

Na verdade, o apartamento dele era bem básico. Um aposento grande, com uma cama de um lado, uma única cadeira de madeira e televisão do outro. A cozinha era minúscula, com o balcão vazio, exceto por uma cafeteira com uma caixa de filtros ao lado. Ainda assim, gostei de seus esforços para disfarçar, mesmo porque isso significava que ele não estava falando sobre o fato de eu ter estado bem perdida apenas momentos antes.

Pensei que ficaria bem assim que me afastasse da casa de papai, atravessando a grama já molhada do orvalho úmido, até a caminhonete. Estava bem quando entrei no carro e peguei outro jornal para arremessar. Mas então, Eli disse:

– Ei. Tudo bem? – e a próxima coisa que eu sabia é que não estava.

É sempre constrangedor chorar na frente de outra pessoa. Mas irromper em lágrimas diante de Eli foi completamente humilhante. Talvez fosse o jeito de ele ficar lá sentado, sem dizer nada, apenas ao som do meu choro alto e soluços intermitentes. Ou por ele, após um instante, apenas continuar a dirigir, arremessando jornais nas casas, enquanto eu olhava pela janela e tentava parar. Mas, quando ele estacionou na entrada de garagem escura de uma casa verde de três níveis em um quarteirão abaixo do calçadão, consegui me acalmar o suficiente para ficar torturando meu cérebro por algum modo de inventar qualquer desculpa. Pensei em culpar uma TPM que tinha começado de repente, ou talvez a desolação por ser tão ruim na entrega de jornais. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, porém, ele desligou o motor e empurrou a porta para abri-la.

– Vamos lá.

Quando ele saiu, fiquei sentada lá por um momento, observando enquanto ele começava a subir um lance de escadas estreitas ao lado da garagem. Ele não olhou para trás para ver se eu o seguia. Foi provavelmente por isso que o segui.

Então, ele fechou a porta, depois caminhou até a cozinha, deixando cair as chaves no balcão, e prosseguiu para ligar a cafeteira. Apenas quando o café começou a passar pelo filtro, o cheiro flutuando no ar na minha direção, eu me aproximei dele.

– Sente-se – ele disse, de costas para mim, enquanto se inclinava na geladeira, remexendo alguma coisa. – Tem uma cadeira aí.

– Só *uma* – eu observei. – O que você faz quando tem companhia?

– Nada.

Ele se levantou, fechando a geladeira. Estava com um pacote de manteiga na mão.

– Quer dizer, em geral.

Eu não disse nada, só fiquei vendo quando ele tirou uma panela de um armário, colocou a manteiga dentro e levou-a ao fogão.

– Olhe – eu disse quando ele acendeu a boca –, o que aconteceu ali...

– Tudo bem – ele disse. – Não temos que falar sobre isso.

Fiquei quieta por um instante, observando como ele derretia a manteiga na panela, inclinando a panela para os lados. Era apenas outro gesto de cortesia que ele tinha demonstrado, dando a chance de eu não falar sobre aquilo; foi um presente que recebi com gratidão. Até que eu me ouvi dizendo:

– Lembra-se de como você estava me perguntando no que eu tinha falhado, mais cedo?

Ele fez que sim com a cabeça, sacudindo a panela sobre o fogão.

– Sim. O lance social, certo?

– Isso e manter os meus pais juntos.

Foi só quando eu disse isso que percebi que era verdade. Que eu não tinha zerado essa questão, por mais que pensasse numa resposta que eu pudesse emitir em voz alta. Pelo menos até ouvir a briga entre meu pai e Heidi, e tudo voltou rapidamente para mim: os jantares desconfortáveis, com as pequenas alfinetadas agressivas, a sensação de desassossego na casa enquanto as horas passavam e cada vez mais se aproximavam da minha hora de dormir. A forma como eu aprendi a estender a noite, ficando acordada e alerta, para

manter por lá todas as coisas que mais me assustavam sob controle. Mas não funcionou. Nem antes... nem agora.

Pisquei, sentindo uma lágrima rolar no meu rosto. Três anos de comportamento impassível se foram em uma noite. E falar sobre humilhação.

– Ei, Auden.

Ergui o olhar e vi Eli me observando. Ele tinha pegado uma caixa de crespinhos de arroz em algum momento, e em vez de olhar para ele eu me concentrei nos rostos de personagens felizes, todos reunidos alegremente ao redor de uma tigela grande de cereais.

– Desculpe... – falei, porque, por algum motivo, mesmo com a distração dos personagens, eu *ainda* parecia estar chorando. – Eu só... Eu nem pensava mais nisso, mas depois, quando fui jogar aquele jornal, vi que eles estavam brigando, e foi tão...

Ele colocou a caixa na mesa e, em seguida, veio para o lado oposto. Ele não tentou estender a mão para mim, nem me tocar. Ficou ali, próximo, e disse:

– Quem estava brigando?

Engoli em seco.

– Meu pai e Heidi. As coisas andam bem acidentadas desde que Isby nasceu, e hoje eu acho que as coisas simplesmente explodiram, ou algo assim.

Meu Deus, eu ainda estava chorando. Minha voz estava sufocada, e saía aos soluços.

– Não é porque as pessoas brigam que estão se separando.

– Sei disso.

– Quer dizer, meus pais costumavam brigar, às vezes. É um jeito de desanuviar, sabe? Sempre melhorava depois.

– É que eu conheço o meu pai – eu disse. – Ele já fez isso antes, eu vi.

– As pessoas mudam.

– Ou não – respondi.

Finalmente, eu me forcei a olhar para ele. Aqueles olhos verdes, os cílios compridos. Seu rosto assombrado não tão assombrado como antes.

– Às vezes, elas não mudam.

Ele apenas ficou lá, olhando para mim, e eu pensei rapidamente em nós, aqui neste apartamentinho, no meio da noite. Lá de cima, em um avião que sobrevoava, você só veria um pontinho luminoso no meio de toda a escuridão; ninguém teria ideia das vidas que estavam sendo vividas lá dentro e na casa ao lado e ainda na outra ao lado desta. Tanta coisa acontecendo no mundo, noite e dia, a cada hora... Não era de espantar que fôssemos feitos para dormir, pelo menos para desligar das coisas por pouco tempo.

Houve um estouro repentino do fogão, e Eli olhou sobre o ombro.

– Opa! – ele exclamou, voltando para a panela e tirando-a do fogo. – Um segundo, vamos terminar isso.

Limpei a mão sob os meus olhos, tentando me recompor.

– O que você está preparando, afinal?

– Estou fazendo delícias de crespinhos de arroz.

Isso parecia tão estranho e incongruente que quase fazia sentido. Junto com tudo o mais daquela noite. Ainda assim, senti-me compelida a perguntar:

– Por quê?

– Porque é o que minha mãe sempre fazia quando as minhas irmãs estavam chorando. – Ele olhou para mim. – Não sei. Eu já disse a você, eu nunca tenho companhia. Você estava chateada e parecia que seria...

Ele hesitou, e eu olhei ao redor da sala observando a cama simples, a única cadeira. A única luz do lado de fora, brilhando amarelada e luminosa durante toda a noite.

– ... perfeito – terminei por ele. É perfeito.



Claro que nada é realmente perfeito. Mas a delícia de crespinhos de arroz de Eli chegava perto. Comemos meia panela e compartilhamos o café, usando a cadeira como mesa, os dois sentados no chão ao lado dela.

– Então me deixe adivinhar... – eu disse, colocando minha caneca no chão perto dos pés. – Você é minimalista.

Ele olhou ao redor da sala e depois olhou para mim.

– Acha mesmo?

– Eli – respondi –, você tem só uma cadeira.

– É, mas só porque todos os móveis da minha casa antiga eram do Abe.

Ao ouvir aquilo, tive de me conter para não começar a falar ou pular, de tão estranho que foi ouvi-lo dizer o nome dele após todo esse tempo. Controlei-me e tomei um gole do café.

– É mesmo?

– Sim. – Ele se sentou, pegando um pouco da mistura pegajosa da lateral da panela de crespinhos de arroz. – No mesmo instante em que ele ganhava algum prêmio em dinheiro nas competições, ele gastava tudo na decoração de nossa casa. E ele comprava as coisas mais idiotas: um televisor enorme, um peixe que canta...

– Um peixe que canta?

– Aqueles de plástico que você pendura na parede, e quando você anda perto deles, eles começam a cantar, tipo, alguma música da Motown...

Fiquei só olhando para ele.

– Tudo bem, já vi que não conhece. Considere-se uma mulher de sorte. O nosso ficava, tipo, no centro do nosso apartamento. Ele o colocou à direita da porta. Assim ele vivia tocando, e todos tinham que ouvir.

Sorri.

– Parece interessante.

– Não é bem a palavra que eu escolheria. – Ele balançou a cabeça. – Além disso, ele insistia em comprar aquelas poltronas grandes de ratã, sabe aquelas redondas, com almofadas fofas? Eu queria um sofá simples normal. Mas não. Tínhamos que ter aquelas coisas estúpidas que sugavam as pessoas. Ninguém jamais conseguia se levantar e sair deles por conta própria. A gente sempre tinha que puxar as pessoas para fora, como numa missão louca de resgate.

– Nem tanto, né?

– É sério. Era ridículo – ele suspirou. – E então houve o lance do colchão de água. Ele disse que sempre quis ter um. Mesmo quando vazou e lhe deu uma dor louca nas costas, ele não admitia que

tivesse sido um erro. “Acho que tive uma entorse”, ele dizia ou “Na verdade, tive uma distensão muscular nessa última viagem.” Ele ficava mancando por aí como um velho, queixando-se constantemente. Durante toda a noite, eu o ouvia se debatendo, tentando achar uma posição confortável. Foi, digamos assim, um *chapinhar infinito* na água.

Eu ri e peguei a minha caneca novamente.

– Então, o que aconteceu? Ele finalmente desistiu?

– Não. Ele morreu.

É claro que eu sabia disso. Mas mesmo assim, ouvi-lo falar dessa forma foi novamente um choque no sistema.

– Me desculpe – falei. – Eu...

– Mas então, é isso aí. – Ele se sentou, balançando a cabeça. – Todo mundo sempre quer contar essas histórias, todas as histórias. É tudo que as pessoas queriam fazer no funeral e depois. Ah, vocês se lembram disso e daquilo? E aquele outro lance? Mas o final de todas as histórias é o mesmo. Ele morre. Isso nunca vai mudar. Então, por que se preocupar?

Nós ficamos quietos por um momento.

– Acho – eu disse finalmente – que, para algumas pessoas, é uma forma de elas se lembrarem. Sabe, contando as histórias, elas mantêm a pessoa próxima.

– Mas eu não tenho esse problema – ele disse calmamente – de não me lembrar.

– Eu sei.

– Você quer falar em fracasso? – Ele ergueu a cabeça, me olhando nos olhos. – Ponha-se no lugar da pessoa que estava dirigindo. Que tem que viver.

– Eli – respondi. Tentei manter minha voz baixa, até mesmo do mesmo jeito que ele tinha ficado quando ele me tranquilizou. – Não foi sua culpa. Foi um acidente.

Ele balançou a cabeça.

– Talvez. Mas na verdade, eu estou aqui, e ele não está. E todo mundo que me vê – os pais dele, a namorada, os amigos: eles sabem disso. Com toda a incerteza, é a única coisa que sabem com certeza. E é *uma merda*.

– Tenho certeza que eles não culpam você.
– Eles não precisam. – Ele olhou para a caneca, depois para mim.
– Só fico remoendo, só penso nisso desde que tudo aconteceu. E se a gente tivesse saído da festa mais cedo ou mais tarde? Se eu tivesse visto o carro vindo contra nós num momento, e não tivesse parado um pouco mais cedo? Se ele estivesse dirigindo, e não eu? Há um milhão de variáveis, e se apenas uma fosse diferente... talvez tudo teria sido também.

Ficamos quietos por um instante. Finalmente, eu disse:

– Mas você não pode pensar assim. Vai acabar enlouquecendo.

Ele me deu um sorriso irônico.

– Não me diga!

Comecei a dizer alguma coisa, mas depois ele se levantou, pegou a bandeja e a levou para a cozinha. No mesmo momento, ouvi um toque na parede ao lado da cama, seguido de outro. Levantei-me, chegando mais perto, e ouvi novamente.

– São os McConner – Eli falou da cozinha.

– Quem?

Ele se aproximou e ficou em pé atrás de mim.

– Os McConner. São os donos desta casa. O quarto do filho fica exatamente do outro lado da parede.

– Ah! – respondi.

– Geralmente ele acorda uma ou duas vezes por noite. Pede água, esse tipo de coisa. – Eli se sentou na cama; as molas rangeram. – Se estiver realmente silencioso, posso ouvir cada palavra.

Eu me sentei ao seu lado, tentando ouvir. Mas só consegui ouvir duas vozes murmurando: uma alta e outra baixa. Era uma espécie de ondas de Heidi, um ruído distante e branco.

– Eu costumava fazer isso – Eli falou. Nós dois estávamos sussurrando. – Essa coisa de acordar, querendo água quando era criança. Eu me lembro.

– Eu não – falei. – Meus pais precisavam dormir.

Ele balançou a cabeça, deitou-se de novo na cama, cruzando os braços sobre o peito. Através da parede, as negociações prosseguiram, a voz mais alta subindo, apressada, a mais baixa mantendo o nível.

– Você sempre pensou neles?

– Muito. – Reprimi um bocejo, então olhei para o meu relógio. Eram quatro e meia. Nessa hora, normalmente eu estava em casa. As vozes continuaram pela parede e, ainda ouvindo, passei para o lado de Eli, repousando minha cabeça no peito dele. Senti que a camiseta macia sob minha cabeça tinha cheiro do sabão que eu sabia que ele usava na lavanderia.

– É tarde – eu disse baixinho. – Ele deveria ir dormir.

– Nem sempre é tão fácil. – A voz dele era baixa e lenta também, e eu senti seus lábios roçarem a minha cabeça, delicadamente.

A luz ainda estava acesa na cozinha de Eli, mas tornou-se um nada quando fechei os olhos, ainda ouvindo os murmúrios atrás de mim. “Psiu, psiu, está tudo bem”, tive certeza de ouvir uma voz dizer. Ou talvez fosse a única na minha cabeça, meu mantra. *Psiu, psiu.*

– Não é culpa sua – eu disse a Eli. Minha voz soou pastosa até para meus próprios ouvidos. – Você não tem culpa.

– Nem você – ele respondeu. *Psiu. Psiu. Tudo bem.*

Era tão tarde. Tarde para as crianças, tarde para todos. Eu sabia que deveria levantar, descer as escadas e encontrar o caminho de casa, mas já conseguia sentir que algo acontecia. Uma sensação espessa e pesada estava me tomando. Fazia tanto tempo que isso não acontecia que, por um instante, parte de mim sentiu medo, querendo combatê-lo, ficar atenta. Mas em vez disso, pouco antes de isso me tomar, rolei na cama e me pressionei com mais força contra ele. Senti a mão dele subir à minha cabeça e depois capotei.



Quando acordei na manhã seguinte, eram sete e meia, e Eli ainda dormia. O braço dele estava ao redor da minha cintura, o peito se movia lentamente para cima, para baixo, para cima, para baixo, sob a minha bochecha. Fechei os olhos novamente, tentando voltar ao sono, mas o sol batia sobre nós. O dia já tinha começado.

Eu me afastei dele e me levantei, mas depois fiquei olhando para seu rosto, descontraído e sonhador, por alguns momentos. Sabia que

devia lhe dizer adeus, mas não quis acordá-lo. Além disso, eu não tinha ideia do que poderia dizer em um bilhete que pudesse exprimir o quanto eu estava agradecida por tudo que ele tinha feito por mim na noite anterior. No final, eu fiz a coisa mais próxima que pude: enchi a cafeteira, coloquei pó fresco em um filtro novo e apertei o botão. Ela já estava coando quando saí e desci os degraus até a rua.

Era uma daquelas manhãs lindas na praia, claras e ensolaradas, tudo reforçado pelo benefício de um sono noturno de verdade. Ao andar a pé os mais ou menos quatro quarteirões de volta para casa, fiquei mais consciente que nunca do sal no ar, da beleza das roseiras trepadeiras escalando a cerca de alguém e até mesmo da simpatia que senti em relação à ciclista que passou – uma mulher mais velha com uma trança comprida, que vestia um conjunto esportivo laranja meio louco e assobiava sozinha. Ela retribuiu meu sorriso largo, levantando a mão para me cumprimentar enquanto eu caminhava até a calçada da frente.

Eu estava tão imersa em tudo isso – na noite, no sono, na manhã – que nem vi meu pai até quase dar um encontrão nele. Mas lá estava ele, na saleta de entrada, tão cedo da manhã, de banho tomado e vestido.

– Oi. Acordou cedo! A inspiração está em greve ou algo assim? Pronto para começar outro livro já?

Ele espiou as escadas.

– Ahn – ele disse –, não é bem isso. Na verdade eu estava só... Eu estou de saída.

– Ah. – Eu parei. – Aonde você vai? Ao *campus*?

Uma pausa. Logo em seguida, depois de um silêncio grande demais, tive a primeira sensação de que algo estava errado.

– Não. Vou ficar num hotel algumas noites. – Ele engoliu em seco; em seguida, olhou para as mãos. Seu rosto estava abatido. – A Heidi e eu... temos umas questões mal resolvidas e decidimos que era a melhor solução. Por enquanto.

– Você está indo embora? – Até as palavras não caíram bem, ditas em voz alta.

– É só por um tempo. – Ele respirou, depois saiu. – Confie em mim, assim é melhor. Para o bebê, para todos. Vou ficar no Condor,

ainda podemos nos ver todos os dias.

– Você está indo embora? – eu disse de novo. Ainda era estranho.

Ele se inclinou e pegou a sacola que eu não tinha visto até agora, que estava perto das escadas.

– É complicado. Dê um tempinho para a gente. Tá bem?

Fiquei lá, sem fala, enquanto ele passou por mim até a porta, abrindo-a. Lá estava eu, finalmente, com a oportunidade de dizer tudo o que não tinha falado dois anos antes, a chance de fazer melhor desta vez. Eu poderia ter pedido para ele reconsiderar, pensar em outras opções. Ficar. E ainda assim nada surgiu. Nada. Eu só o vi sair, de novo.

Fiquei lá por um longo tempo, pensando que aquilo tinha de ser uma piada. Só quando o vi sair da garagem, abaixar o corta-luz e se afastar, andei até a porta e a tranquei.

Quando subi, a porta de Heidi estava fechada, mas ao passar pelo quarto de Isby, ouvi alguma coisa. Sem me surpreender, no início, achava que era um choro. Mas prestando atenção, percebi que não. Discretamente, abri a porta, olhando dentro. Ela estava dentro do moisés, olhando para o móbile, agitando os braços ao redor. Não era choro. Nem grito. Embora eles fossem perfeitamente aceitáveis e aguardados a qualquer dia, especialmente neste. Em vez disso, era ela apenas murmurando, soltando arrulhos de bebezinho.

Cheguei mais perto, à beira do moisés, e olhei para ela. Por um instante, ela continuou chutando: a intenção era de alcançar a cobertura, mas de repente ela olhou para mim. Seu rosto relaxou, mudando totalmente para algo novo, algo surpreendente. Um sorriso.

treze



– EU NEM QUERIA te ligar – ouvi a Heidi dizer. – Tinha certeza de que ouviria você me dizer que já tinha me avisado disso antes.

Durante três horas, fiquei no meu quarto, tentando voltar a dormir, sem conseguir. Em vez disso, fiquei simplesmente deitada, lembrando tudo de novo: acordar tão feliz com o Eli, minha caminhada para casa e então, cena dois, ser surpreendida pela partida de meu pai. Mas de todas essas imagens, foi o sorriso da Isby, tão doce e inesperado, que mais ficou na lembrança. Sempre que fechava os olhos para tentar dormir, era tudo o que eu conseguia ver.

– Não, na verdade não – Heidi continuou. – Mas eu não culpo você. Está uma bagunça tão grande... Ainda não consigo acreditar que tudo isso esteja acontecendo.

Passei pela mesa onde ela estava sentada com o bebê nos braços, e fui até o armário para pegar uma caneca. Lá fora, estava mais um dia claro e ensolarado, lindo como todos os outros.

– Oi – Heidi disse de repente, olhando para mim –, depois eu ligo pra você. Não, eu vou. Tudo bem, então você me liga. Em dez minutos. Então tá. Tchau.

Ela desligou, e eu podia sentir que ela me observava enquanto eu me servia de uma caneca de café. Finalmente, ela disse:

– Então, Auden. Você pode se sentar aqui um segundo? Eu... eu tenho uma coisa para falar com você.

Ela parecia tão triste e preocupada que eu mal podia suportar.

– Tudo bem, eu já sei – respondi, me virando. – Conversei com papai.

– Ahã. – Ela engoliu em seco, olhando novamente para Isby. – Bem, isso é bom. O que ele...

De repente, Isby soltou um gritinho. Em vez de chorar, no entanto, ela acabou enfiando o rosto no peito de Heidi, fechando os olhinhos.

– Ele disse que vocês têm algumas coisas para acertar, e que ele se hospedaria por algum tempo no Condor.

Ela assentiu com a cabeça, o rosto com a aparência triste.

– E então, você está bem? – ela perguntou.

– Eu? Estou bem. Por que não estaria?

– É que tenho certeza de que isso não é fácil. Eu só... você pode falar comigo a qualquer momento, tudo bem? Se tiver dúvidas ou se estiver preocupada...

– Estou bem. Verdade.

Só então, ouvi um zumbido: o telefone da Heidi. Ela deu uma olhada, suspirou e o levou à orelha.

– Alô! Oi, Elaine. Não, não, eu recebi seus recados, eu só... Como você está? Está certo. Claro que sim. Bem, para ser sincera, não tive muito tempo ainda para pensar sobre o Festival de Praia...

Ela se levantou, deslocando Isby nos braços, e caminhou até as portas de vidro, ainda falando. Fiquei ali sentada, pensando em como eu vira meu pai saindo de carro; tudo parecia ser uma repetição diferente dos fatos, mas com o mesmo resultado. Talvez algumas coisas jamais pudessem mudar ou serem consertadas, mesmo com o tempo.

Um instante depois, Heidi voltou para a cozinha, colocando o telefone sobre o balcão.

– Era a Elaine, a presidente do Conselho de Turismo de Colby – ela falou, com uma voz sem emoção. – Ela quer um tema, e quer agora.

– Para o Festival de Praia?

– É este evento anual que temos aqui no final do verão – ela explicou, tornando a sentar. – É realizado no salão no calçadão. Nós vendemos entradas, todos os comerciantes participam, é o último grande evento do verão. E sei lá por que motivo eu sempre me ofereço para organizar isso.

– Sério?

– É um masoquismo total. – Ela balançou a cabeça. – De qualquer forma, no ano passado, eu sugeri um tema de piratas que ficou bonitinho. No ano anterior, fizemos um lance da Renascença. Mas este ano... Sei lá, o que vou fazer? Não estou exatamente com um espírito festivo agora.

Vi como ela acariciou o rosto de Isby, depois ajeitou melhor o cobertor em volta dela.

– Você vai conseguir inventar algo.

Daí, o telefone dela tocou novamente. Ela o apanhou e segurou entre o ouvido e o ombro. – Oi, Morgan. Não, tudo bem. Acabei de falar com a Elaine. – Ela suspirou, balançando a cabeça. – Eu sei. Fico agradecida. Mas é que... Eu não consigo acreditar nisso, sabe? No ano passado, nesta época, tudo que eu queria era que o Robert e eu engravidássemos e agora...

Ela engoliu em seco e mexeu a mão para cobrir o rosto, embora eu ouvisse a pessoa do outro lado começar a falar, com a voz baixa e suave. Empurrei minha cadeira, coloquei a caneca na pia de novo e me vi do lado de fora, observando algo que eu nunca soube direito o que era e que eu não entendia. O mais espantoso de tudo, porém, foi o aperto que senti na minha própria garganta e o repentino nó que se formou. Ajeitei a cadeira no lugar e saí da sala rumo à saleta de entrada, pensando de novo em meu pai saindo pela mesma porta com a mala na mão. É algo *terrível* quando alguém deixa você, pavoroso. Você pode seguir em frente e fazer o melhor possível, mas, como Eli tinha dito, o fim é um fim. Não importa quantas páginas de sentenças e parágrafos de histórias maravilhosas tenham levado até ele: sempre haverá uma última palavra.



Duas horas mais tarde, no momento em que saí de casa, as duas, Heidi e Thisbe, estavam dormindo. A casa parecia quase pacífica, se você não a conhecesse.

Eu, porém, me sentia muito insegura – o que não fazia muito sentido, já que Heidi não era a minha mãe, e ainda mais porque,

quando isso aconteceu *com meus pais*, há muitos anos, eu fiquei bem. Claro, fiquei desapontada e um pouco triste, mas pelo que podia me lembrar, tinha me adaptado bem rápido ao novo esquema. Com a exceção disso de não dormir, é claro, mas isso já tinha acontecido antes. O que eu não me lembrava era esta sensação estranha de pânico que me tomou ao ver o meu pai saindo de casa no carro, mais cedo, e que ainda permanecia. Era do mesmo jeito como em geral eu me sentia em torno da meia-noite, sabendo que a noite ainda era longa e que eu tinha de encontrar uma maneira de preenchê-la, a certeza de o tempo passar tão lentamente até o amanhecer.

Graças a Deus eu tinha trabalho a fazer. Nunca fiquei tão feliz em entrar na Clementine's, que estava cheia de clientes na correria do final da tarde. Maggie, que mostrava uns shorts de brim para uma mãe e sua filha, acenou enquanto eu passava, catando os recibos e faturas a caminho do escritório. Assim que entrei, fechei a porta, acendi a luz e me preparei para me aprofundar nos números até o fechamento. Mal acabei de me concentrar na verificação do caixa e meu celular tocou.

MAMÃE, dizia o identificador de chamadas. Olhei o visor, o aparelhinho vibrando para cima e para baixo ao ritmo do toque. Por um momento, pensei em atender e lhe contar tudo. Então, com a mesma rapidez, percebi que essa seria a pior ideia possível. A satisfação que ela teria seria como se o Natal e seu aniversário tivessem se fundido em um só evento e eu simplesmente não poderia aguentar tanta presunção. Além disso, ela tinha desligado na minha cara no dia anterior, tornando mais do que claro que ela não queria saber de mim. Então, eu estava no meu direito de me distanciar tanto quanto quisesse.

Durante as próximas duas horas, concentrei-me nos livros de Heidi, mais agradecida que nunca pela segurança transmitida e pela natureza estática dos números e dos cálculos. Quando terminei os lançamentos e a folha de pagamento, voltei minha atenção para a mesa, que tinha estado cheia desde o dia em que comecei. Quase pude sentir a minha pressão arterial cair, pouco a pouco, conforme organizava as canetas de Heidi, jogando fora as que não

funcionavam, colocando as tampinhas e fazendo questão de que estivessem todas enfiadas do mesmo lado, na caneca rosa na qual viviam. Então, voltei-me para a gaveta de cima, classificando papezinhos, arrumando cartões de visita espalhados em pilhas organizadas e juntando todos os cliques em uma caixa vazia de Band-aid que encontrei por ali. Estava prestes a enfrentar a próxima gaveta quando ouvi uma batida na porta, e Maggie enfiou a cabeça na sala.

– Oi, a Esther vai até a Beach Beans, você quer alguma coisa?

Enfiei a mão no bolso, tirando a minha carteira.

– Um *mochaccino* triplo grande.

Seus olhos se arregalaram.

– Puxa, vai passar a noite em claro ou algo assim?

– Não – retruquei. – Eu só estou meio... cansada.

Ela assentiu com a cabeça, afagou meu cabelo e falou:

– Estou ouvindo você. Minha mãe pegou no meu pé logo cedo, sobre os formulários das minhas colegas de quarto. Parece que ela quer que eu faça tudo bem depressa, senão ela acha que não teremos tempo suficiente para dar conta direitinho da nossa roupa de cama. Como se alguém se preocupasse com isso.

Visualizei minha própria mãe, o tom ríspido quando eu me atrevi a questionar a escolha do Programa Pembleton.

– É isso que a deixa preocupada?

– Ela se preocupa com tudo – Maggie reclamou, sacudindo a mão.

– Na cabeça dela, se eu não tiver a experiência da faculdade perfeita, será uma tragédia sem precedentes.

– Bom, mas isso não é uma coisa tão ruim assim, não é?

– Você não conhece a minha mãe. – Ela suspirou. – Sabe, o que eu sou nunca é o suficiente para ela.

– Suficiente?

– Suficientemente feminina, só porque eu curtia umas bicicletas sujas. Eu não tive vida social adequada, porque só tive um namorado durante todo o colegial e não “curti o momento”. Agora, não estou muito envolvida com a faculdade. E isso é só o começo!

– Nem me diga. Minha mãe ainda está me enchendo por causa das minhas companheiras de quarto. Ela quer que eu me inscreva

em algum programa em que não se faça mais nada além de estudar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e a diversão seja proibida sob todas as circunstâncias.

– Sério?

Fiz que sim com a cabeça.

– Eu deveria me inscrever num programa desses. Minha mãe iria ficar *louca*.

Sorri. O sininho da porta da frente tilintou, e ela olhou para o dinheiro que tinha na mão.

– Um *mochaccino* triplo grande – concordei com a cabeça. – Vou avisar a Esther.

– Obrigada.

A porta se fechou com um clique, e eu abri a segunda gaveta da escrivaninha. Dentro, havia uma pilha de canhotos de cheques antigos, com alguns blocos de anotações cobertos com rabiscos por cima. Conforme eu os puxei para fora, vi a caligrafia que claramente pertencia a Heidi. Tinha listas de inventário, vários números de telefone e, em algumas páginas, isto:

Caroline Isabel West

Isabel Caroline West

Emily Caroline West

Ainsley Isabel West

Todos os nomes estavam escritos com cuidado: quase que pude sentir a sua determinação enquanto os escrevia, um a um. Pensei no dia em que ela admitiu sua aversão ao nome Thisbe, e em como eu e minha mãe a julgamos por ter concordado em ceder mesmo assim. Meu pai era egoísta. Ele conseguiu o que queria e mesmo assim isso não bastou para ele.

Fechei o bloco, empurrando-o para o lado e cavando mais fundo na gaveta. Havia diversas faturas, que pus de lado para arquivar corretamente, um panfleto do Festival Anual de Praia de Colby do ano anterior: *Ó de bordo!* e, bem lá no fundo, uma pilha de fotos. Lá estava a Heidi em pé, com um pincel manchado de tinta rosa com um sorriso largo, diante de uma parede branca. A Heidi novamente,

posando diante da porta de entrada, a placa CLEMENTINE'S exposta sobre a cabeça. E, finalmente, a última, uma foto dela com o meu pai. Eles estavam no calçadão, ela com um vestido branco, a barriga redonda e cheia, ele com o braço a enlaçando. A data era do início de maio, poucas semanas antes de Isby nascer.

– Auden?

Dei um pulo de susto. De alguma forma, Esther havia conseguido se esgueirar pela porta atrás de mim.

– Ai! – exclamei, olhando para a gaveta, o conteúdo espalhado sobre a mesa eu estava só...

– A sua caféina. – Ela estendeu o copo para mim quando, de repente, vi uma mancha passar por trás dela. Alguma coisa vermelha que, em seguida, colidiu no fim do corredor com um estrondo alto.

– Ei! – Esther gritou para fora da porta. – Que coisa é essa?

– O que você acha? – Ouvi uma voz masculina que achei ser Adam gritando em resposta.

Ela escancarou a porta, bem na hora em que uma bola vermelha de borracha passou, rolando lentamente na direção oposta, de volta para a área de vendas.

– Puxa, cara. Verdade?

– É isso mesmo! *Kickball*. Hoje à noite. Prepare-se para se molhar.

– E quem foi que decidiu isso? – ouvi a Maggie perguntar.

– Quem é que você acha?

Esther saiu para o corredor e apanhou a bola.

– Não foi o Eli...

– Foi... em pessoa. – Ouvi passos, e depois Adam surgiu com as mãos estendidas. Esther lhe entregou a bola, e ele acenou para mim, debaixo do braço. Parecia bem alegre.

– Não diga!

– Verdade! – Ele quicou a bola no chão. Mas ele estava falando sério. Será o primeiro jogo da temporada, hoje à noite, depois de fecharmos. A escolha para a segunda base começa às dez e cinco em ponto.

– Oh, Deus! – Maggie gemeu, juntando-se a eles no corredor. – Se eu tiver que ficar na segunda base, não vou jogar.

– Isso é uma atitude derrotista – Adam falou, apontando para ela.
– Da última vez fiquei totalmente encharcada! – ela protestou.
– A última vez foi um ano atrás. Vamos lá... O Eli finalmente está saindo do buraco. O mínimo que se pode fazer é ficar um pouco molhada.

– É um lance tremendo que ele esteja a fim do jogo – Esther acrescentou – Eu me pergunto o que terá mudado.

Comecei a voltar para a mesa, tomando outro gole da minha bebida. Mas não antes de ver Maggie olhar firme para mim.

– Quem sabe? – Adam indagou. – Vamos ficar felizes com isso e dar uma força. Até as dez!

Com isso ele se foi, batendo a bola pelo caminho. Esther suspirou, depois o seguiu, mas eu podia sentir os olhos de Maggie ainda cravados em mim enquanto eu arrumava as coisas de volta na gaveta com cuidado, colocando as fotos por cima.

– Ei – ela disse –, você está bem?

– Estou – respondi. – Estou bem.

Isso deveria ser verdade. Afinal, tive a mesma noite que Eli, e ele acordou com uma atitude completamente nova. Eu deveria estar toda alegre e feliz, mais que pronta para participar do *kickball*, especialmente junto com Eli. Mas mesmo assim, depois que a dança das nove passou e com os minutos da próxima hora se esvaindo, eu sentia, cada vez mais, o meu estômago se contrair.

Perto das dez, Maggie apareceu na porta do escritório, com as chaves na mão.

– Vamos lá! – ela anunciou. – A escolha para a segunda base será em cinco minutos, e pode acreditar em mim, você não vai querer ficar lá. Você fica praticamente na água.

– Acho que hoje vou ficar até mais tarde. Tenho que preparar esta folha de pagamento e fazer mais um pouco de arquivo...

Ela olhou para mim, depois para as canetas arrumadas com cuidado no pote ao lado do meu cotovelo.

– É mesmo?

– Sim. Eu passo lá mais tarde.

– Mais tarde – ela repetiu.

Eu concordei com a cabeça, depois me volvei para a mesa. A voz dela soou seca ao responder:

– Está bem. A gente espera você por lá.

Finalmente ela saiu, e eu me ocupei rotulando algumas pastas de arquivo enquanto ela e Esther fechavam o caixa e saíam. Assim que a porta foi trancada, eu me afastei da mesa. Depois de ficar sentada por quinze minutos, desci para a loja, já escura, até as vitrines da frente.

Estavam todos reunidos no final do calçadão, na entrada principal da praia. Pude ver Maggie sentada num banco com Adam e Esther ao lado dele. Wallace e alguns outros caras da bicicletaria que eu conhecia de vista, mas não de nome, estavam ao redor, brincando uns com os outros: fiquei olhando eles dizerem algo para a Leah quando ela apareceu e revirou os olhos, dando-lhes uns tapas antes de Maggie deslizar no banco e abrir espaço para ela. Cada vez mais pessoas chegavam. Algumas eu reconheci, outras não. Mas, de repente, todos começaram a se juntar, convergindo, e eu soube que o Eli tinha chegado.

Ele estava com o mesmo moletom azul de capuz da primeira vez que o vi, com a bola vermelha debaixo do braço. Os cabelos estavam soltos, caindo nos olhos e, enquanto se aproximava, ele bateu a bola uma vez, apanhando-a conforme virou a cabeça, observando todo o grupo reunido. Quando ele se virou, olhando para trás na direção da Clementine's, eu me afastei da vitrine para não ser vista.

Após um momento de discussão, as equipes foram organizadas e foi tomada alguma decisão. Pela aparência, o Adam ficou do lado perdedor, se é que as vaias e os dedos apontando em sua direção podiam indicar algo. Em seguida, a turma toda se dirigiu para a praia, com um grupo se postando ao lado das dunas enquanto o outro se espalhou pela areia. Vi que Adam tomou o seu lugar do lado da água e arregaçou as calças, enquanto Eli se posicionou para o centro com a bola ainda nas mãos. Quando ele lançou a primeira bola, me virei e volvei para o escritório.

Uma hora depois, saí pela porta dos fundos, cruzei um estacionamento e as duas pistas, até finalmente surgir no Gas/Gro.

Estava planejando ir para casa, pensando que a Heidi poderia precisar de companhia, mas me vi caminhando de volta para o calçadão. Eu me sentei num banco diante do Last Chance, ainda muito movimentado, para assistir ao jogo de longe. Quando cheguei, Leah estava com a bola: ela chutou bem forte e longe, para dentro da água, e um cara que não reconheci, que agora estava na segunda base, mergulhou para buscá-la.

– Auden?

Dei um pulo e me voltei devagar, me preparando. É claro que o Eli tentaria se aproximar, especialmente quando eu estava fazendo tudo o que podia para ficar escondida. Mas, assim que me virei, quem eu vi foi a última pessoa que poderia esperar: meu ex-quase-acompanhante de baile de formatura, Jason Talbot. Estava de calça cáqui e uma camisa de colarinho, com as mãos nos bolsos, sorrindo para mim.

– Oi. O que você está fazendo aqui?

Ele acenou para o restaurante atrás dele.

– Só terminando o jantar. Fiquei sentado lá uns bons quinze minutos me perguntando se era você, mas não tinha certeza. Acho que não vi o seu nome na lista de palestras para a conferência, mas...

– Palestras?

– O CLFF? Começou hoje. Não é por isso que você está aqui?

– Bem... – comecei. – Não. Meu pai mora aqui perto.

– Ah! Entendi. Bom... isso é ótimo.

Houve uma súbita explosão de vozes lá embaixo no calçadão. Nós dois nos viramos para olhar a tempo de ver Maggie correndo pelas bases, rindo, e Adam entrando na água.

– Puxa! – Jason se surpreendeu. – *Kickball*. Não via isso desde a terceira série.

– Então, o que é mesmo que é o CLFF? – quis saber.

– Curso de Liderança Futura da Faculdade – ele explicou. – É uma série de palestras, *workshops* e simpósios com um mês de duração, com calouros de faculdades de todo o país. Basicamente, o objetivo é habilitar as pessoas para, a partir do primeiro dia, provocar um impacto no *campus*.

– Uau... – respondi. Houve uma nova rodada de aplausos de trás dele, mas desta vez eu não olhei. – Parece ótimo.

– Ah, eu acho que vai ser. Eu já conheci, tipo, umas vinte pessoas de Harvard que já estão envolvidas na liderança do *campus*. Sabe, acho que você deveria se informar. Sei que você não é muito a favor do governo pelos estudantes, mas é uma boa oportunidade para conhecer pessoas. Ainda dá tempo para se inscrever, e há um monte de gente da Defriese por lá.

– Não sei, não – respondi. – Estou meio ocupada.

– Nem me diga – Jason respondeu, balançando a cabeça. – Eu estou com o conteúdo do programa das minhas aulas de outono e já comecei as leituras. Não é moleza não. Mas todo mundo que eu conheci está fazendo a mesma coisa.

– É claro que sim – concordei com a cabeça, mesmo notando que meu coração já batia um pouco mais rápido.

– É isso o que eu ouvi muitas vezes neste primeiro dia. Que não dá mais para começar a dar duro apenas no primeiro dia do semestre.

– Verdade.

– Ah, sim. Você precisa se preparar antes, e se preparar bem.

– Eu também venho lendo. Isto é, entre o trabalho e tudo o mais...

– Trabalho?

Fiz que sim com a cabeça.

– O que você está fazendo? Algum estágio? Trabalhando em projetos?

Pensei no escritório da Clementine's com todo aquele rosa.

– Algo mais empresarial. Estou trabalhando para uma pequena empresa que está em processo de expansão, ajudando com a contabilidade e o *marketing* durante a transição. Achei que seria uma boa maneira de me aventurar um pouco no campo da economia prática enquanto, ao mesmo tempo, estudo as tendências mais abrangentes.

– Puxa! – ele elogiou, balançando a cabeça. – Isso parece muito interessante. Ainda assim, acho que você deveria considerar o CLFF.

De qualquer modo, você já está por aqui. Acho que sua contribuição seria valiosa para a discussão.

Ouvi um grito bem alto vindo da praia, seguido de aplausos e risadas.

– Talvez eu me inscreva.

– Ótimo – Jason sorriu. – Olhe, acho que seria bom eu voltar para o meu jantar. Estávamos bem no meio de uma discussão sobre o uso de classificação nas salas de aula, os prós e os contras, e eu não quero perdê-la.

– Claro – respondi. – Sem dúvida.

Ele deu um passo para trás, então parou.

– O seu número de celular continua o mesmo? Porque enquanto eu estiver aqui, talvez possamos nos encontrar, sabe? Só para botar as coisas em dia, comparar as anotações.

Todo mundo estava saindo da praia agora: eu podia ver Maggie e Adam, que estava todo encharcado, à frente, e Leah e Esther logo atrás.

– Certo – respondi. – Tudo bem.

– Ótimo! – Ele sorriu de novo. – Então, a gente se vê por aí.

Fiz que sim com a cabeça. E então, antes que eu pudesse pensar em reagir, ele deu um passo à frente, me puxando para um abraço. Um abraço desajeitado, tipo, “muito cheio de cotovelos com cara de amaciante de roupa” mas, ao menos, bem rápido.

Mas não rápido o bastante. Porque assim que ele se foi, lá estava o Eli. De pé, com a bola debaixo do braço, me olhando com a expressão insondável. Por um momento, nós apenas nos olhamos e, num lampejo, tornei a ver aquela primeira longa noite, perto deste mesmo lugar. *E não são todas iguais...*

– Oi. Como foi o jogo?

– Muito bom. – Ele bateu a bola uma vez. – Ganhamos.

Dois casais vestidos para jantar passaram caminhando entre nós e conversando alegremente. Por um instante fugaz, eu só queria segui-los, ir a qualquer local que fossem.

– Então – ele perguntou, se aproximando –, o que aconteceu?

– Tive que trabalhar. Estamos atrasados com a folha de pagamento, e ainda havia um monte de coisas para arquivar...

– Não – ele bateu a bola mais uma vez. – Estou querendo saber o que aconteceu com você.

– Comigo?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Você está diferente. O que anda rolando?

– Nada.

Ele continuou com os olhos fixos em mim, pouco convencido.

– O quê? Você está dizendo aquilo? – falei, acenando a cabeça para o Last Chance, onde Jason acabara de entrar. – É apenas um amigo meu, lá da minha cidade. Ele seria o meu par no baile de formatura, mas me deu o bolo no último instante. Não que eu tenha ficado chateada, nós nunca namoramos, sabe? Enfim, ele está aqui para alguma conferência e me viu aqui, então...

– Auden. – Ele pronunciou o meu nome como um freio pisado de repente. Eu parei no meio da respiração. – É sério. O que há de errado?

– Nada – repeti. – Por que você fica me perguntando isso?

– Porque você estava bem quando foi embora esta manhã. E então hoje à noite você se esconde de mim e agora nem me olha nos olhos.

– Estou bem. Puxa, eu só tinha que trabalhar. Por que é tão difícil assim de acreditar?

Desta vez, ele não respondeu. Mas, na verdade, ele nem precisava. Foi uma mentira descarada, muito óbvia. E mesmo assim me agarrei nela com unhas e dentes.

– Sabe, se isto tem a ver com o que aconteceu com o seu pai e a Heidi...

– Não, não tem. – Minha voz ficou ríspida. Na defensiva. Até eu mesma podia perceber isso. – Já disse, eu tive que trabalhar. Eu tenho um monte de coisas para resolver, entendeu? Não posso passar o verão inteiro jogando *kickball*. Tenho que me preparar para as aulas, tenho livros para ler se eu quiser começar bem na Defriese neste outono. Eu estava meio relaxada e agora...

– Meio relaxada – ele repetiu.

– Sim. – Olhei para baixo, para as minhas mãos. – Foi divertido e tudo mais, mas estou superatrasada. Eu tenho que levar tudo a

sério.

Assim que disse isto, pude ouvir lá no calçadão todas aquelas vozes felizes familiares, rindo e se divertindo, todos juntos. Soube imediatamente, já que o som era muito mais familiar a certa distância que no meio dele.

– Certo – Eli disse. – Bem... Boa sorte. Em levar tudo a sério e tudo o mais.

Havia algo em seu tom... definitivo e distante, exatamente o que eu pensei que eu queria... mas que me fez perceber, de repente, que talvez eu não quisesse.

– Eli – eu disse rapidamente. – Olha. Eu só...

Mas nenhuma palavra seguiu. Deixei as palavras soltas no ar, esperando que ele as agarrasse, as terminasse, que fizesse a parte difícil por mim. Este é o truque do meu pai, e agora eu entendi por quê. Era muito mais fácil que ter de dizer o que você não quer dizer em voz alta. Mas Eli não caiu nessa, não facilitou as coisas para mim. Ele só se afastou. Não que isso devesse me surpreender. Por que ele se importaria se a sentença tinha sido terminada ou não? Por ele, estava terminado.

catorze



13H05: INTERVALO DE UM PAINEL DE DISCUSSÃO, QUER ALMOÇAR?

15H30: ESTÁ LIVRE PARA JANTAR ESTA NOITE? LAST CHANCE, POR VOLTA DAS 18:00?

22H30: VOLTANDO PARA O ALOJAMENTO. FALO COM VOCÊ AMANHÃ.

Coloquei o meu celular sobre a mesa. Leah, que estava analisando alguns recibos, olhou para o visor.

– Bem – ela disse –, esta noite *alguém* está popular.

– É só esse carinho que eu conheço – respondi. – Da minha cidade.

– Só um cara. Isso existe mesmo?

Após o fechamento, estávamos no escritório, e todas me esperavam terminar algumas coisas de última hora antes de fechar a loja.

– Neste caso – respondi –, positivo.

Meu telefone tocou outra vez. Suspirei, abrindo-o.

22H45: SE TIVER TEMPO PARA CONVERSAR HOJE À NOITE, ME LIGUE. TENHO ALGUMAS IDEIAS PRA TROCAR COM VOCÊ.

– Ele parece muito persistente – Esther observou.

– Acho que ele só está tentando compensar por ter me dado o bolo no baile de formatura. Ou algo assim. Não sei.

Realmente, isso não tinha me ocorrido até aquele momento. Mas agora que pensei nisso, fazia todo o sentido.

– Você levou um bolo na noite do baile? – Maggie quis saber. Ela parecia realmente chateada. – É o fim.

– Não foi tão ruim assim – respondi. – Ele me ligou no dia anterior, disse que tinha sido convidado para um grande encontro ambiental em Columbia. Era uma oportunidade única.

– O baile de formatura também – Leah completou. – É bom mesmo você dar o gelo nele. Ele merece.

– Não é por isso que eu... – suspirei. – Eu simplesmente não estou interessada em relembrar esta parte em especial do meu passado. Só isso.

Meu telefone fez um sinal de novo. Desta vez, eu sequer olhei. Mais tarde, porém, de volta para casa, olhei o telefone, lendo os torpedos de Jason novamente. Talvez fosse o meu tipo de repetição, encontrá-lo e tentar novamente algo que eu não tinha conseguido fazer antes. Mas, ao contrário de boliche, das guerras de comida e de não voltar para casa no horário estipulado, não tive a sensação de repetição de algo com o Jason. Na verdade, o que tinha – ou não – acontecido conosco foi apenas uma virada do destino, que deveria ocorrer. Eu me sentia como se a gente nem precisasse de uma primeira chance, muito menos de uma segunda.



Uma semana antes, às dez e meia, eu já estaria fora há uma hora, apenas começando as aventuras noturnas. Ultimamente, porém, eu geralmente ficava em casa, no meu quarto, lendo os livros.

Naquela noite em que Eli tinha se afastado de mim, cheguei em casa por volta da meia-noite, encontrando a casa toda calma. Isby dormia em seu quarto, e Heidi estava nocauteada na cama, embora ainda tivesse deixado a luz da cabeceira ligada. Fui para o meu quarto, planejando apenas pegar algumas coisas antes de sair, mas depois eu me lembrei do que Jason tinha dito sobre adiantar a leitura e começar o curso a toda. Quando percebi, eu estava puxando a mala debaixo da minha cama.

Ao abri-la, a primeira coisa que vi foi o porta-retrato que Hollis me deu, que eu prontamente pus de lado. Embaixo dele estava o meu livro de economia. Dentro de dez minutos estava lendo o primeiro

capítulo, com um bloco amarelo parcialmente coberto com anotações ao meu lado.

Foi muito fácil. A vida acadêmica, como uma velha amiga, tinha me esperado pacientemente, e retornar a ela me deixou um sentimento de segurança e correção. Ao contrário de todas as coisas que andei fazendo com Eli, que eram novas e desafiadoras e totalmente fora da minha zona de conforto, o estudo era a minha força, a única coisa que eu fazia bem, por mais que as outras coisas dessem errado.

Então, em vez de ficar dirigindo por aí naquela noite, fiquei no meu quarto, com a janela aberta ao meu lado, lendo capítulo após capítulo, enquanto as ondas quebravam lá embaixo. Mesmo assim, quando fiz uma pausa para pegar mais café ou passar no banheiro, eu me peguei espiando o relógio, imaginando o que Eli andava fazendo. À meia-noite, provavelmente na lavanderia. Lá pela uma e meia, Park Mart. E então, quem sabe? Sem mim e a minha busca estúpida, ele poderia estar em qualquer lugar.

Onde fui acabar, no entanto, surpreendeu-me, acima de tudo. Às sete da manhã, eu despertei assustada, levantando a cabeça do meu bloco de anotações, onde aparentemente ela caíra quando eu realmente adormeci em algum momento na noite anterior. Meu pescoço doía, e eu estava com manchas de tinta na bochecha, mas nada era mais estranho que a sensação que eu tive por ter dormido de verdade à noite, pela segunda vez seguida. Na verdade, não sei bem se eu queria saber o motivo.

Seja qual for a razão, essa súbita mudança nos hábitos de dormir – que prosseguiu ao longo das três noites seguintes – tirou-me completamente da minha rotina. Pela primeira vez que eu me lembro, nos últimos tempos, eu estava acordada e lúcida na parte da manhã. No começo, apenas tentei continuar a estudar, mas no terceiro dia, resolvi ir para a Clementine's.

– Puxa vida! – ouvi Maggie comentar assim que entrei. – Isso é *inacreditável*.

Revirei os olhos, e em seguida baixei os óculos de sol, me preparando para as inevitáveis perguntas e explicações necessárias do que eu estava fazendo ali tão cedo. Então percebi que ela nem

tinha me visto. Mas ela, Leah e Adam se apertavam ao redor de um laptop aberto sobre o balcão, vendo algo na tela.

– Nem me diga – Adam falou. – Nenhum de nós tinha a menor ideia. Nem mesmo o Jake. Ele só recebeu um SMS de alguém, dizendo que tinha visto na internet, e então ele deu uma pesquisada.

– Qual é a data disso, mesmo? – Leah perguntou enquanto Maggie apertava uma tecla, inclinando-se mais perto.

– Ontem. Foi na Exibição de Bicicletas Hopper, em Randallton.

Todos se voltaram para a tela novamente, parecendo não reparar em mim, e eu me aproximei, pegando os recibos do dia anterior. Dei uma olhada na tela: tinha uma bicicleta subindo uma rampa, depois descendo para o outro lado.

– Ele está bem! – Maggie observou.

– Ele parece *ótimo* – Adam retrucou. – Na verdade, foi sua primeira competição depois de mais de um ano e ele ficou em segundo.

– Olhe só para isso – Maggie murmurou.

– Fala sério! É uma vertical radical. – Adam balançou a cabeça. – Não consigo acreditar que Eli subiu na bike depois de todo aquele tempo e se saiu tão bem. É uma loucura.

Olhei para a tela novamente. A pessoa sobre a bike era pequena, mas notei o cabelo mais comprido saindo por baixo do capacete.

– Bem – Maggie disse – talvez ele tenha treinado.

– O que você está insinuando?

Ela não respondeu de primeira. Pouco depois, falou:

– Só porque a gente não o viu treinando, não significa que ele não andou treinando.

– Sim, mas... – Adam começou – para ser bom assim, ele teria de ter praticado muito. Alguém teria visto alguma coisa. A menos que estivesse, tipo...

– ... praticando no meio da noite, ou algo assim. – Leah terminou a sentença para ele.

Dei uma espiada em cima: tanto ela quanto Maggie me encaravam diretamente. Adam, observando isso, me encarou, depois olhou de volta para elas.

- Espere – ele disse. – Por que eu estou boiando?
- Será que você está sabendo disso? – Leah perguntou. – Do Eli competir novamente?
- Não – falei com firmeza.
- Tem certeza? – Maggie questionou. – Vocês dois parecem ter um monte de segredinhos.
- Claro – respondi. – Tenho certeza.

Estavam todos ainda me olhando quando terminei de pegar os recibos, depois fui para o escritório e fechei a porta. Fiquei ouvindo enquanto eles assistiam ao vídeo outras vezes, comentando que o Eli estava impressionante e o quanto ele tinha surpreendido a todos. Especialmente a mim. Isso me fez perceber como tive sorte em conseguir ter uma visão mínima do que se passava na cabeça dele, foi como entreabrir uma porta apenas o bastante para lançar uma fresta de luz. Ao mesmo tempo, porém, ficou claro o quanto ainda permanecia inexplorado, invisível.

Além da olhada no vídeo, eu não queria me encontrar com o Eli. Na verdade, eu estava tão envergonhada de como agira e do que tinha dito que era doloroso passar pela loja de bicicletas, e sempre que possível eu evitava. Eu entrava e saía da Clementine's pela porta dos fundos na maioria das vezes, alegando que dessa forma chegava em casa mais rápido. Não tinha certeza se Maggie e as outras acreditavam em mim, mas eu não estava nem aí. Em algumas semanas, eu faria as malas, voltaria para casa e, de lá, para a Defriese. Essa parte da minha vida, estranha e transitória, estava quase acabando. Graças a Deus.

Mais tarde, ainda naquela noite, quando fiz uma pausa no estudo, Heidi tinha puxado a cadeira de balanço para além das portas de vidro deslizantes, e estava com Isby enrolada, dormindo em seus braços, com o telefone ao ouvido.

– Eu não sei – ela dizia. – Sempre que conversamos, ele parece derrotado. Como se estivesse convencido de que não vai funcionar, por mais que nos esforcemos. Eu sei, mas...

Ela ficou quieta por um instante, e tudo que eu pude ouvir foi a cadeira de balanço rangendo, indo e voltando, indo e voltando.

– Tenho medo de que seja tarde demais – ela disse finalmente. – Como se ele estivesse certo e isso fosse impossível de ser mudado. Eu sei, eu sei, você diz que nunca é tarde demais. Mas eu não tenho tanta certeza.

Meu celular, que estava no meu bolso traseiro, de repente tocou. Tirei e verifiquei o visor.

LIVRE PRA UM CAFÉ? EU PAGO.

Li essas palavras uma, duas, três vezes. Nunca é tarde demais, pensei. Depois, houve outro sinal.

DIGA O LUGAR, SOU NOVO POR AQUI! J.

– Quem está enviando mensagens tão tarde? – Heidi perguntou ao voltar para dentro, carregando Isby, com o telefone na mão livre.

– É só o meu ex-parceiro do baile de formatura – respondi. – É uma longa história.

– Verdade? – ela disse. – O quê... Ai, meu Deus.

Dei um salto, assustada, então olhei para trás, esperando ver algo caindo ou pegando fogo.

– O quê? – perguntei. – O que foi?

– Baile de formatura! – Heidi balançou a cabeça. – Não consigo acreditar por que não pensamos nisso antes! Para o tema do Festival de Praia: baile de formatura. É perfeito. – Ela abriu o telefone, apertando algumas teclas. Um segundo depois, ouvi alguém responder. – Baile de Formatura – ela anunciou. Houve uma pausa, depois – como tema! Não é perfeito? Bem, pense nisso. As pessoas podem caprichar na roupa, nós podemos ter um rei e uma rainha, tocar música romântica e...

Ela continuou falando, mas eu voltei ao meu quarto no andar de cima, onde meus livros e anotações me esperavam. Depois que me acomodei na cama, no entanto, descobri que não conseguia me concentrar, então me recostei na cama, respirando um pouco de ar marinho. Aí vi o meu laptop no criado-mudo. Antes que eu pudesse me conter, liguei-o e tecliei LiveVid, o site de vídeo.

EXIBIÇÃO DE BICICLETAS HOPPER, digitei. RANDALLTON. Surgiram dez vídeos. Depois de navegar por eles, eu encontrei um *link* de STOCK e RAMPAS e cliquei em cima.

Era o mesmo que eles estavam vendo na Clementine's: reconheci o capacete e o fundo. Lembrei-me do que tinha visto na pista de saltos; mesmo para os meus olhos destreinados, o que Eli estava fazendo era diferente. Tinha um jeito gracioso nele, uma facilidade que deixava claro como aquilo era realmente difícil. Enquanto ele se movimentava pela tela, cada vez mais alto no ar, eu sentia meu coração saltar. Era tão arriscado e tão assustador, mas ao mesmo tempo tão bonito... Talvez a verdade fosse que não deve ser fácil ser surpreendente. Pois então todas as coisas seriam. São as coisas pelas quais você luta e contra as quais batalha antes de ganhar que têm o maior valor. Quando algo é difícil de conseguir, você batalha aquele tanto a mais para ter certeza de que é ainda mais difícil – se não impossível – perder.



Na manhã seguinte, após mais ou menos uma semana de telefonemas estranhos, finalmente fui visitar meu pai no Condor. Encontrei-o no quarto com as cortinas fechadas, ostentando uma barba digna de uma ilha deserta. Depois de abrir a porta para mim, ele se jogou na cama desfeita, esticando os braços sobre a cabeça e fechando os olhos.

– Então – ele disse, depois de emitir um suspiro longo e alto –, me diga. Como é a minha vida sem mim?

Ao mesmo tempo, eu resisti à vontade de responder a esta pergunta e revirei os olhos. Em vez disso, perguntei:

– Você e a Heidi não se falaram?

– Falar – ele zombou, dobrando um pulso. – Bem, a gente fala... Mas nada é realmente dito. A verdade é que a gente não se olha mais olho no olho. Acho que isso nunca mais vai acontecer.

De fato, eu realmente não queria saber todos os detalhes nojentinhos de seus problemas. Já tinha sido o suficiente saber que eles os tinham e que eles eram Grandinhos e Mal Resolvidos. Mas já

que eu era a única lá, senti que não tinha escolha a não ser mergulhar em águas mais profundas.

– Quer dizer... isso aconteceu... por causa do bebê?

Ele se ergueu ligeiramente e olhou para mim.

– Ah! Auden. É isso o que ela anda dizendo?

– Ela não está dizendo nada – respondi, abrindo as cortinas pesadas. – Só estou perguntando porque quero que vocês superem tudo, só isso.

Ele me observou, me estudando enquanto eu andava ao redor do quarto, recolhendo os copinhos de café e as embalagens de lanchonetes.

– Sua preocupação é surpreendente – ele disse finalmente –, considerando que eu pensei que você não gostasse da Heidi.

– O quê? – Joguei alguns guardanapos grudados com ketchup na lata de lixo que transbordava. – Claro que gosto!

– Então você não acha que ela é uma insípida boneca Barbie sem alma?

– Não – eu disse, afastando a ideia de que, tudo bem, isso poderia ter sido verdade no passado. – Por que você acha isso?

– Porque é isso que sua mãe disse – ele respondeu, com a voz pesada. – E vocês duas tendem a pensar da mesma forma.

Eu estava lavando as mãos no banheiro quando ele disse isso, e ao ouvi-lo ergui o olhar, depois me afastei dos meus próprios olhos no espelho. Talvez isso já tenha sido verdade, também.

– Não em tudo – retruquei.

– Ah, mas isso é que é ótimo na sua mãe – ele ironizou enquanto eu olhava ao redor buscando uma toalha limpa para enxugar as mãos. – Você sempre sabe o que ela está pensando. Não há nada disso de ficar tentando adivinhar, especular, ter que entender todos os sinais e códigos ocultos. Quando ela estava infeliz, eu sabia disso. Mas a Heidi...

Eu entrei de volta no quarto, sentando-me na outra cama.

– A Heidi o quê?

Ele suspirou novamente.

– Ela esconde tudo. Tudo fica guardado lá no fundo, e você acha que tudo está bem, mas então, de um dia para outro, do nada, de

repente, tudo explode na sua cara. Ela não está bem, ela está infeliz. Afinal, você não tem ajudado. Ah, e você também é o pior pai do mundo.

Eu esperei um segundo ou dois antes de perguntar:

– Será que ela realmente disse isso?

– Claro que não! – ele vociferou. – Mas no casamento, tudo é *subtexto*, Auden. O importante é que, na cabeça dela, eu tenho falhado com ela e a Thisbe. Desde o primeiro dia, parece.

– Então, tente de novo – eu disse. – E faça melhor.

Ele me lançou um olhar triste.

– Não é tão fácil, querida.

– No entanto, qual é a alternativa? Ficar aqui sozinho?

– Bem, não sei. – Ele saiu da cama, caminhou até a janela e deslizou as mãos nos bolsos. – É claro que não quero tornar as coisas piores do que já estão. É possível que elas estejam melhores sem mim. É bem provável.

Senti o meu estômago apertar de forma inesperada.

– Duvido. Heidi te ama.

– E eu a ela. Mas, às vezes, o amor não é suficiente.

O estranho foi que o que mais me incomodou nele quando ele disse isso foi que aquilo soou como uma frase mal escrita e descartável. Ele era um grande escritor: eu sabia que ele podia ter feito melhor.

– Eu tenho que trabalhar – falei, pegando a minha mochila da cama ao meu lado. – Eu só... queria ver como você estava.

Ele caminhou até mim, me puxando para perto para um abraço. Pude sentir a barba espetada e desarrumada na minha testa quando ele murmurou:

– Estou bem. Eu vou ficar bem.

Lá fora, fui até o elevador e apertei o botão, que não acendeu. Toquei nele novamente. Nada. Então eu me aproximei e bati com o punho.

Percebi – quando ele finalmente acendeu rapidamente – que eu estava furiosa. Não do tipo: coração batendo forte, “não consigo nem pensar direito de tão furiosa”. Quando entrei no elevador, as

portas se fecharam, devolvendo meu reflexo para mim mesma. Dessa vez, olhei-me por inteiro.

Foi a coisa mais estranha estar enfurecida, de repente, como se algo que ele disse ou fez tivesse destampado uma válvula dentro de mim há muito fechada e que, de repente, disparava para fora, jorrando como um gêiser. Enquanto eu cruzava a recepção até o calçadão, tudo que eu conseguia pensar era que, independentemente da atuação que eu tinha acabado de presenciar, não era nobre fugir de algo que não estava funcionando. Mesmo que você pensasse ser o motivo para esse mau funcionamento. *Especialmente* neste caso. Isso só o tornava um fujão. Porque se você era o problema, havia chances de você também ser a solução. A única maneira de saber era tentando mais uma vez.

Eu estava quase na Clementine's quando percebi como eu estava andando rápido, passando por pessoas dos dois lados. Quando finalmente abri a porta, eu estava tão ofegante e tão vermelha que Maggie pulou assustada ao me ver.

– Auden? – ela disse. – O quê...?

– Eu preciso de um favor.

Ela piscou para mim.

– Tudo bem – ela disse. – Então, qual favor?

Quando eu lhe disse, eu esperava que ela ficasse confusa. Ou que talvez risse de mim. Mas ela não fez nada disso. Apenas refletiu por um momento e depois assentiu.

– Claro que posso fazer isso – ela disse.

quinze



FOI, NO MÍNIMO, constrangedor.

– Agora, veja – Maggie disse, quando me levantei do chão – isso é o que *não* queremos que aconteça. – Monte na bicicleta!

Olhei para baixo, observando meu joelho recém-ralado, que agora combinava com o outro.

– Eu só acho... isso é tão maluco.

– Com certeza – ela suspirou. – Quer dizer, há um motivo para se aprender isso quando criança.

– Cuca mais fresca?

– Menor distância do chão.

Ela esticou o braço, pegou a bike e a colocou novamente em pé. Mais uma vez, montei nela, repousando meus pés no chão.

– Vamos lá! – ela disse. – Tente novamente.

Nós estávamos na clareira ao lado da pista de saltos, bem cedo na manhã seguinte, e uma coisa agora estava clara: eu não sabia andar de bicicleta.

Se soubesse, algo teria voltado, junto com a confiança de que eu *sabia* o que fazer assim que subisse nos pedais e me movimentasse. Em vez disso, todas as vezes em que começava a me movimentar – mesmo em ritmo de caracol – entrei em pânico, cambaleei e caí. Uma vez consegui andar uns cem metros, apenas porque Maggie segurou a parte de trás do selim. Assim que ela largou, eu desviei para cima de alguns arbustos e capotei mais uma vez.

É claro que eu queria desistir. Desde a primeira queda, que tinha sido há mais de uma hora. Foi totalmente humilhante ter de ficar me levantando do chão e limpar a areia e o cascalho dos joelhos, para

não falar no rosto alegre de Maggie, com a expressão de incentivo de equipe, que normalmente vinha junto com um polegar para cima, mesmo depois de eu ter ido direto para o chão. Era apenas uma coisinha de nada. Crianças faziam aquilo todos os dias. E mesmo assim, eu caía. E caía.

– Sabe – ela disse, após a queda seguinte, que incluiu contato corporal completo com uma lata de lixo, *que nojo!* – Estou achando que eu estou usando a abordagem errada.

– Não é você – respondi, catando a bike de novo. – Sou eu! Sou uma droga nisso.

– Não, não é. – Ela sorriu para mim, o que me fez sentir ainda mais idiota. – Olha, andar de bicicleta envolve uma grande dose de fé. Quer dizer, não se pode pensar que dá para ficar lá no alto sobre dois pneus lisos de borracha. Isso vai contra qualquer lógica.

– Tudo bem – respondi, limpando um pouco de pedriscos do cotovelo. – Agora você está realmente sendo condescendente.

– Não estou. – Ela segurou a bike enquanto eu montava de novo, flexionando as mãos sobre as barras. – Mas acho que talvez pudéssemos utilizar alguns reforços.

Olhei para ela.

– Ah, não. De jeito nenhum.

– Auden! Tudo bem.

Ela puxou o celular do bolso e o abriu.

– Por favor, não. A Leah vai rir e espalhar para toda a cidade. E a Esther... Ela vai ficar com pena de mim, o que seria ainda pior.

– Concordo – ela respondeu, apertando algumas teclas. – Mas estou chamando uma pessoa de quem você literalmente não vai sentir nenhuma vergonha. Garanto.

– Maggie!

– É sério. – Ela teclou de novo. – Vai por mim.

Na hora, eu não tive ideia de quem ela estava falando. Mas dez minutos depois, quando ouvi a porta do carro bater no estacionamento atrás de nós e virei a cabeça, tudo fez sentido.

– Isto é uma emergência? – Adam disse enquanto se aproximava. – Você sabe que só se passa aquela mensagem quando alguém está morto ou morrendo. Você me assustou demais!

– Desculpe – Maggie respondeu. – Mas eu precisava de você aqui rápido.

Ele suspirou; em seguida, passou a mão pelo cabelo encaracolado, o qual notei que estava levantado de um dos lados. Além disso, havia marcas no rosto.

– Tudo bem. Então, qual é a emergência?

– Bem... – ela disse. – A Auden não sabe andar de bicicleta.

Adam olhou para mim, e eu senti que corava.

– Puxa! – ele disse solenemente. – Isso é grave.

– Viu só? – Maggie disse para mim. – Eu disse que ele era a pessoa certa!

Adam se aproximou, verificando tanto a bicicleta quanto eu.

– Tudo bem – ele disse, após um momento. – Então, qual método de ensino você anda aplicando aqui?

Maggie piscou.

– O método de...

– Você começou com a abordagem amiga e depois passou para a instrução assistida? Ou fez a assistida primeiro, com a intenção de um crescimento lento e progressivo visando ao movimento independente?

Maggie e eu trocamos olhares. Então ela disse:

– Foi tipo colocá-la em cima e mandar ver.

– Puxa, cara. Esse é o caminho mais rápido para fazer uma pessoa odiar a bike. – Ele fez um gesto para eu descer e passar a bicicleta para ele, foi o que fiz. Então ele a montou. – Tudo bem, Auden. Monte no guidão.

– O quê?

– No guidão. Sobe.

Quando fiquei parada lá, obviamente muito insegura, ele disse:

– Olhe. Para aprender a andar de bike, você *tem* que querer aprender. E a única maneira de fazer isso é ver como é divertido assim que souber o que está fazendo. Monte.

Olhei rapidamente para Maggie. Quando ela assentiu, incentivando, relaxei sobre o guidão, tentando parecer graciosa lá em cima.

– Tudo bem – Adam falou. – Agora, segure firme. Quando a gente começar a ir muito rápido, você pode se soltar, mas só por um segundo e só quando você realmente se sentir preparada.

– Eu não vou relaxar. Nunca.

– Tudo bem também.

Então ele começou a pedalar. No início, lentamente e depois um pouco mais rápido, de modo que o vento levava o meu cabelo para trás e ondulava a minha camisa. Quando chegamos ao fim do estacionamento, ele inclinou para a direita e prosseguiu.

– Espere – eu disse, olhando para Maggie, que nos observava, com a mão protegendo os olhos. – E ela...?

– Ela vai ficar numa boa – Adam respondeu. – Não vamos demorar.

Agora estávamos na rua principal, movimentando-nos rapidamente pelo acostamento. De vez em quando, um carro nos ultrapassava pelo lado esquerdo. O sol estava a toda, e o ar tinha um cheiro doce e salgado ao mesmo tempo.

– Então...! – Adam gritou, enquanto outro carro passava por nós – Me diga o que você está sentindo!

– Espero que eu não caia do guidão.

– Que mais?

– Eu... não sei – respondi, quando saímos da rua e entramos no calçadão.

– Você deve estar sentindo alguma coisa.

Pensei nisso quando começamos a descer o calçadão, que estava quase vazio, exceto por alguns caminhantes da manhã e um bando de gaivotas que se dispersou quando nos aproximamos.

– É como voar – eu disse, vendo-os subir. – Tipo...

– Exatamente! – ele falou, pegando um pouco mais de ritmo. – A velocidade, o vento... e a melhor parte é que você está fazendo tudo... Quer dizer, sou eu, no momento. Mas será você. E vai se sentir exatamente assim. Ou melhor ainda, na verdade, porque será você no comando, sozinha.

Agora a gente realmente andava, as tábuas estalando abaixo de nós, e me inclinei um pouco para trás, deixando o vento bater direto no meu rosto. À minha direita, o mar era tão grande e brilhante, e

quando disparamos ao longo dele, ele ficou com um azul estável, que se mesclava enquanto passávamos. Apesar da minha preocupação em não cair e dos meus vários constrangimentos, tive uma estranha sensação de euforia e fechei os olhos.

– Viu só? – Adam falou, sua voz de alguma forma encontrando meus ouvidos. – Isso é uma *delícia*.

Abri os olhos, com a intenção de responder, dizer que ele estava certo, que eu entendia agora, e como eu estava grata por ele ter me dado aquela oportunidade e aquele passeio. Mas, assim que a minha visão clareou, percebi que estávamos passando pela loja de bicicletas. Virei o rosto, olhando para ela. A porta da frente estava aberta, e no segundo em que disparamos por lá, deu para ver que as luzes de trás estavam acesas e que alguém estava em pé no balcão. Alguém que segurava um copo de café de plástico. Talvez estivéssemos indo tão rápido que Eli nem tenha visto, ou se ele viu, não tinha como saber que era eu. Mas, independentemente disso, decidi, por um instante, relaxar de verdade e ergui as mãos de qualquer maneira.



Na semana seguinte, Maggie e eu praticamos quase todas as manhãs. Era um ritual: eu pegava dois cafés no Beach Beans, depois a encontrava na clareira da pista de saltos. De cara, seguindo os palpites de Adam, incorporamos o que ele chamou de “andar com assistência”, ou seja, eu pedalava com ela atrás do selim. Então, trabalhamos para fazer pequenos incrementos, enquanto ela ainda corria atrás para eu não tombar. Fomos aumentando esses períodos, pouco a pouco, enquanto eu continuava a trabalhar no meu equilíbrio e nos pedais. Não foi perfeito – tive algumas quedas e ainda andava com esfoladuras nos dois joelhos – mas foi muito melhor que no primeiro dia.

Cada vez mais, ultimamente, percebia que minha vida tinha mudado de novo, quase se revertendo. Agora eu ficava em casa à noite, estudando e dormindo, e ficava fora no início da manhã e da tarde, quase como uma pessoa normal. Ao contrário de uma pessoa

normal, porém, eu ainda passava a maior parte do meu tempo sozinha. Se eu não estivesse no trabalho, ou praticando com Maggie, eu estava em casa, evitando torpedos do Jason – que continuavam chegando, embora não com tanta regularidade, graças a Deus – e ligações dos meus pais.

Sabia que os dois deveriam estar pensando no que acontecia, pois eu não falava com nenhum deles há tempos, ignorando as suas chamadas e posteriores mensagens. Sabia que isso era infantil, mas por algum motivo realmente me fez bem, como se fosse outra parte de minha busca inacabada de compensar o tempo perdido. Embora, na verdade, parte de mim estivesse preocupada com o fato de que se eu falasse com qualquer um deles – mesmo que por um momento, só uma palavra – qualquer coisa que eu tivesse mencionado naquele dia, depois de deixar o “Condor”, se verteria numa onda enorme que engolfaria todos nós.

O único membro da família com quem eu falava era Hollis, mas mesmo nosso contato era, na melhor das hipóteses, esporádico, até porque ele estava muito envolvido em sua nova vida com a Laura. Se a relação do meu pai estava desmoronando e minha mãe, como sempre, nunca sequer começava nada, Hollis ainda resistia à convenção e a seu próprio histórico. Era bem estranho que ele ainda estivesse loucamente apaixonado muito tempo depois de quando ele geralmente teria perdido o interesse e partido para outra. Agora, então, ele tinha feito algo mais chocante.

– Hollis West.

Embora eu tivesse teclado o seu número e, por isso, *sabia* que era meu irmão, eu ainda ficava surpresa com seu tom profissional.

– Hollis?

– Aud! Oi! Espera aí, vou sair um pouco.

Houve um barulho de algumas vozes abafadas, seguido pelo som de uma porta fechando. Então, ele estava de volta.

– Desculpe. Estamos em uma pausa da reunião.

– Você e a Laura?

– Não. Eu e o resto dos especialistas em finanças pessoais.

– Quem?

– Meus colegas de trabalho. Agora estou no Main Mutual, mamãe não lhe disse? – Ele limpou a garganta.

Eu me lembrei vagamente da minha mãe dizendo algo sobre um banco.

– Acho que sim... Há quanto tempo você está aí?

– Mais ou menos três semanas, mas passou rápido. Estou realmente ligado nisso.

– Então, está gostando? – falei, lentamente.

– Muito! – Eu ouvi o toque de uma buzina. – Sabe que sou realmente bom em relacionamento com clientes. Acho que todo aquele papo furado na Europa me treinou para alguma coisa, afinal de contas.

– Você lida com clientes?

– Parece que sim – ele riu. – Fui contratado como caixa, mas depois de uma semana me transferiram para a central de atendimento ao cliente. Então eu lido com todas as alterações de conta, aplicações de segurança em depósitos, coisas desse tipo.

Estava tentando imaginar Hollis atrás de uma mesa de um banco ou em qualquer lugar. Mas tudo que pude ver era aquela foto dele, com a mochila, sorrindo diante do Taj Mahal. Será que este era O Melhor de Todos os Tempos?

– Então, Aud – ele falou. – Só tenho alguns minutos, depois preciso voltar. O que rola por aí? Como estão o papai, a Heidi e a minha outra irmã?

Hesitei, sabendo que eu deveria dizer sobre a saída de papai. Ele tinha o direito de saber. Mas, por algum motivo, eu não queria ser a pessoa que iria lhe dizer. Era como se meu pai se demorasse para terminar outra sentença, me deixando fazer seu trabalho sujo. Assim, acabei dizendo:

– Está tudo bem. E a mamãe?

– Ah, você sabe, né, rabugenta como sempre. Parece que eu a desapontei demais dando as costas para o meu espírito independente e aderindo à burguesia. – Ele suspirou.

– Aposto que sim.

– E ela sente falta de você.

Honestamente, ouvir isso me chocou quase tanto como ouvir o novo cargo de Hollis.

– Mamãe não sente falta de ninguém. Ela é totalmente autossuficiente.

– Não é verdade. – Ele parou por um segundo. – Olha, Aud. Sei que vocês tiveram seus problemas neste verão, mas você deve tentar falar com ela. Todo aquele drama com Finn continua rolando e...

– Finn?

– O carinha da pós-graduação. O que dorme no carro. Já falei dele, não falei?

– Sim. Acho que sim. – Eu me lembrei daqueles óculos com a armação preta.

– Você sabe o lance. Ele está apaixonado por ela, ela não vai se comprometer, etc e tal. Geralmente eles se assustam com facilidade, mas esse cara é persistente. Ele não vai desistir. Ele está tirando de letra todas as objeções dela.

– Puxa... – respondi. – Parece sério.

– Tudo é quando ela está preocupada – ele respondeu. – Olhe, Aud, eu tenho que voltar para a sala para a sessão de novas sugestões. Mas, fala sério, dê outra chance para mamãe.

– Hollis? Eu não...

– Pelo menos pense nisso, então. Por mim?

Para ser honesta, não sinto que estivesse em débito tanto assim com o Hollis. Então, acho que foi a aptidão dele com as pessoas que me fez dizer:

– Tudo bem. Vou pensar nisso.

– Obrigado. E, ei, você me liga mais tarde, tá? Quero saber o que mais anda rolando.

Garanti que sim, e então ele se foi, de volta à reunião. Eu mantive minha palavra e pensei em falar com a minha mãe. Mas resolvi que não falaria. Pelo menos, pensei no assunto.

Depois voltei à mesma velha rotina. Tentei me afastar de Heidi, que tinha se jogado a todo vapor no planejamento do Festival de Praia. Ignorei as mensagens dos meus pais. Li mais um capítulo, organizei outro grupo de questões de estudo. Apaguei a luz quando

senti os olhos ficarem pesados e depois fiquei ali no escuro, achando que o sono nunca viria até o exato momento em que isso aconteceu. O único momento em que eu deixava a minha mente vagar para outra coisa que não fosse a escola e o trabalho, na verdade, era quando eu estava na bicicleta. E, então, eu só pensava em Eli.

Desde aquele dia em que passamos disparando por ele no calçadão, eu o vi várias vezes. Ele passou pela vitrine da Clementine's enquanto eu tirava o material do caixa, ou em pé, diante da loja, mostrando uma bicicleta para um cliente potencial. Foi fácil me convencer de que não estávamos conversando apenas porque ficamos ocupados demais com outras coisas, e eu quase consegui acreditar nisso. Mas aí me lembrei do que eu lhe tinha dito sobre deixar as coisas mais soltas e do olhar em seu rosto pouco antes de ele se afastar de mim, e eu soube imediatamente. Foi minha escolha, minha decisão. Ele foi a coisa mais próxima que eu já tive de algo, ou de alguém, que fosse importante para mim. Mas, no fim, uma coisa próxima não contava. Ou você estava dentro, ou estava fora.

No entanto, no que eu mais pensava quando estava na bike era na minha busca. Na época, me pareceu um jogo meio bobo, algo para passar o tempo, mas agora comecei a entender que era muito mais que isso. Noite após noite, tarefa após tarefa, ela me ajudou a voltar ao meu passado e a recuperar algumas coisas – quase tudo mesmo – de uma forma correta. Eli tinha me dado todas essas segundas chances, apresentadas como um presente. No final, porém, ainda faltava uma coisa. Então, enquanto eu pedalava ao redor da pista de saltos, com Maggie me segurando ou apenas bem atrás de mim, eu gostaria de apenas lhe mostrar isso. Eu sabia que isso não compensaria todo o resto. Mas, por algum motivo, eu queria que ele soubesse de qualquer maneira.

Assim, no período da manhã, eu praticava com a bicicleta, ganhando velocidade e confiança aos poucos. À noite, eu me sentava com o laptop na frente, em busca de imagens dele no LiveVid, uma competição após a outra. Vê-lo se mover na tela de modo tão rápido e seguro... não parecíamos ter nada a ver, os meus esforços de principiante contra a habilidade e domínio completos

dele. Mas, na essência, era a mesma coisa: cada um se projetava para frente, em qualquer coisa que houvesse pela frente, uma volta da roda de cada vez.



Primeiro, houve gritos. Depois, risos. Mas foi só quando ouvi a música começar que deixei a caneta de lado e fui xeretar.

Eram dez e quinze, e eu estava fazendo o que sempre fazia à noite ultimamente: me preparava para um pouco de trabalho escolar. Depois de terminar a contabilidade da Clementine's, peguei um sanduíche da Beach Beans e comi sozinha na cozinha, curtindo o fato de ter a casa inteira só para mim. Porém, depois que me quietei ao ficar dez minutos concentrada em Teoria e Prática sobre a Economia Mundial, de repente, eu tinha companhia. Do tipo barulhenta.

Então, fui até o meio da escada, olhei para a cozinha e vi uma multidão. Heidi, de *shorts* e um top preto, empilhava sacos plásticos na mesa da cozinha enquanto Isby, amarrada em seu carrinho, observava. Uma loira da idade de Heidi surgiu com uma cerveja, enquanto a outra garota, morena, despejou uns *nachos* numa tigela. Maggie, Leah e Esther estavam sentadas em volta da mesa, com mais sacos plásticos amontoados diante delas.

Há um tipo de som que só pode ser produzido por um grupo de mulheres. Não é só o bate-papo, nem a própria conversa, mas quase uma melodia das palavras e de exclamações. Passei grande parte da minha vida ouvindo isso com exatamente este tipo de distanciamento, mas, ainda assim, isso nunca me impediu de me sentir perfeitamente consciente de cada espaço livre entre mim e sua fonte. Ao mesmo tempo, porém, era aqui que eu preferia ficar – por isso foi tão perturbador quando Heidi olhou para cima e me viu.

– Auden! – ela gritou quando alguém aumentou um som que parecia ser uma salsa, rápida e muito enfeitada. – Oi, venha aqui com a gente!

Antes que eu pudesse reagir, todas se viraram e olharam para mim, e fazer uma retirada estratégica não era apenas estranho, mas

impossível.

– Bem... – comecei. – Eu...

– Esta é Isabel – ela prosseguiu, apontando para a loira, que acenou para mim. Depois, ela apontou para a morena. – E esta é Morgan. Minhas amigas mais antigas em Colby. – Pessoal, esta é a Auden, filha do Robert.

– Que bom conhecer você, finalmente! – Morgan disse. – Heidi não se cansa de elogiar você. Ela é apaixonada por você!

– Você recebeu minha mensagem? – Heidi perguntou, enquanto tirava Isby do carrinho. – Tentei avisar que estávamos chegando, mas sua caixa postal estava lotada.

– Puxa! – Leah reagiu, erguendo as sobrancelhas. – Alguém é popular.

– Na verdade – respondi, enquanto Esther abriu um saco sobre a mesa, despejando um monte de porta-retratos – eu preciso terminar umas ligações.

– Ah, tudo bem! Quando tiver acabado, você desce. – Heidi estendeu a mão, tomando a cerveja que Isabel lhe oferecia, enquanto Morgan colocou os salgadinhos na mesa. – Nós vamos ficar por aqui, com certeza. Temos de preparar pelo menos trezentas lembrancinhas.

– Trezentas? – Leah se assustou. Ela estreitou os olhos para Maggie. – Você disse...

– Eu disse que seria divertido, e vai ser – Maggie respondeu. – O que mais você ia fazer hoje à noite, afinal?

– Muitas coisas! É noite de Mulheres na Faixa no Tallyho.

– Não, não, não o Tallyho! – Esther exclamou, pegando um porta-retratos.

– Amém – Isabel concordou. – Aquele lugar me dá enjoos.

De volta ao meu quarto, peguei a caneta de novo e tentei mergulhar na política monetária internacional. Depois de algumas explosões de risadas no andar de baixo, eu me levantei e fechei a porta. Mesmo assim ainda dava para ouvir a música pelo piso, o ritmo insistente que tirava a concentração. Finalmente, peguei o celular, abri e digitei para acessar a minha caixa postal.

Heidi estava certa: ela estava lotada, principalmente com as mensagens antigas de meus pais, que eu nunca estive a fim de ouvir. Repassei-as uma a uma, os meus olhos pairando no oceano escuro lá fora.

“Auden, oi, é a sua mãe. Vou tentar novamente mais tarde, acho.”

Deletar.

“Oi, querida, é seu pai. Estou numa pausa entre as revisões, pensei em ligar para você. Se quiser ligar ou passar por aqui, vou ficar aqui no quarto o dia todo. Vou ficar ligado no celular, por você.”

Deletar.

“Auden, é sua mãe. Seu irmão está trabalhando em um banco. Espero que você esteja devidamente horrorizada. Tchau.”

Deletar.

“Oi, Auden, é seu pai de novo. Queria saber se você quer me encontrar no Last Chance, estou ficando enjoado de pedir comida no quarto. Me ligue, tá?”

Deletar.

“Auden, estou ficando cansada da sua caixa postal. Não vou ligar de novo, me ligue se quiser.”

Deletar.

“Querida, é o papai de novo. Acho que vou tentar o telefone de casa, talvez você não esteja mais respondendo o celular.”

Deletar.

Eles simplesmente não paravam de falar e continuavam insistindo, e eu ainda não sentia nada enquanto pressionava a mesma tecla, apagando-as. Até que cheguei a esta.

“Ah! Auden. Com certeza você anda me evitando.” Houve um suspiro, tão familiar para mim quanto meu próprio rosto. Em seguida, porém, ela disse: “Acho que é isso que mereço. Como sempre, parece que sou especialista em afastar as poucas pessoas com quem eu realmente quero falar. Não sei por que isso acontece. Talvez você já tenha descoberto isso em seu verão de transformação...? Pensei...”

Afastei o telefone, olhando o visor. Esta mensagem era de dois dias atrás, por volta das cinco horas. Onde eu estava quando ela o

deixou? Provavelmente, sozinha também, no escritório da Clementine's, aqui no meu quarto ou em algum lugar entre os dois.

Pensei em minha mãe, sentada à mesa da cozinha, com Hollis fora, trabalhando em um banco, e em mim, pelo que ela imaginava, andando de carro com os rapazes e usando um biquíni rosa. Quão diferentes tínhamos de ser das suas expectativas, ou do que ela planejara, todos os dias, quando ela, assim como Heidi, embalou, carregou e cuidou da gente? Era tão fácil negar o que você não podia reconhecer, afastar-se das coisas que eram estranhas e inquietantes... A única pessoa que você pode ter a certeza de controlar, sempre, é você mesma. O que parece ser muita coisa, mas, ao mesmo tempo, não é suficiente.

Então, quando aconteceu uma nova rodada de risadas do andar de baixo, tecliei o número um na minha discagem rápida e esperei.

– Oi?

– Mãe, sou eu.

Depois de uma pausa:

– Auden. Tudo bem com você?

– Estou bem – respondi. Parecia estranho falar com ela depois de todo aquele tempo. – E você?

– Bem... – ela disse. – Acho que estou bem, também.

Minha mãe não era do tipo delicado e sentimental. Nunca foi. Mas havia algo em sua voz, na mensagem, que me deu a coragem de dizer o que disse em seguida.

– Mãe? Posso perguntar uma coisa?

Deu para ouvi-la hesitar; depois, ela disse que sim.

– Quando você e papai decidiram se separar, aquilo foi... vocês decidiram imediatamente? Ou você, tipo, tentou consertar as coisas por um bom tempo primeiro?

Não sei o que ela esperava que eu perguntasse. Mas, baseado no silêncio que se seguiu, não era bem isso. Finalmente, ela disse:

– Nós tentamos muito ficar juntos. O divórcio não foi uma decisão que tomamos sem pensar, se é isso que você está querendo saber. É isso que você está perguntando?

– Não sei. – Olhei para o meu livro, o computador alinhado com ele. – Acho que sim... Esqueça. Desculpe.

– Não, não, tudo bem. – Agora sua voz estava mais próxima do telefone e enchia meu ouvido. – Auden, o que anda acontecendo? Por que você está pensando nisso agora?

De repente, me senti constrangida ao perceber que eu tinha um nó na minha garganta. Deus, o que havia de errado comigo? Engoli em seco e comentei:

– É só que... papai e Heidi estão com problemas.

– Problemas... – ela repetiu. – Que tipo de problemas?

Lá de baixo, ouvi mais uma rodada de risos.

– Ele saiu de casa há algumas semanas.

Ela expirou lentamente, o tipo de som que alguém faz quando vê uma bola voar por cima da cerca, bem longe.

– Ai, puxa. Sinto muito ouvir isso.

– Verdade?

Eu disse isso sem realmente pensar e imediatamente lamentei o tom de surpresa que demonstrei. Sua voz ficou um pouco mais ríspida quando ela disse:

– Claro que sim. Ninguém gosta de ver um casamento em dificuldades, especialmente quando há uma criança.

E foi assim, do nada, que comecei a chorar. As lágrimas simplesmente vieram, me enchendo os olhos e transbordando, e respirei fundo na tentativa de manter a compostura.

– Auden, você está bem?

Olhei para fora da janela para o mar novamente, tão constante e vasto, aparentemente sem mudar nunca, mas sempre em evolução.

– Acho que eu só queria – falei, com a voz trêmula – ter feito algumas coisas de forma diferente.

– Ah – ela disse. Como se tivesse entendido totalmente, mesmo com tão pouco que lhe foi dito. Subtexto, de fato. – Isso acontece com todos, não é?

Talvez com mães e filhas normais tudo fosse mais simples. Elas teriam aquele tipo de papo que ia e voltava, sem deixar qualquer ambiguidade ou dúvida no ar, dizendo exatamente o que queriam dizer, quando quisessem. Mas a minha mãe e eu não éramos normais, então isso – por mais artificial e vago que pudesse ser – era o mais próximo que conseguíamos chegar há tempos. Era como

estender a mão para a mão de alguém, depois não alcançar os dedos, nem mesmo os braços e bater no ombro dele. Mas não importa. Você aguenta firme mesmo assim.

Por um momento, apenas ficamos ali, na linha, sem que nenhuma de nós dissesse algo. Finalmente falei:

- Preciso desligar. Meus amigos estão lá embaixo.
- Claro. – Ela tossiu. – Mas você me liga amanhã, então?
- Sim. Claro.
- Tudo bem. Boa noite, Auden.
- Boa noite.

Fechei o celular, depois o deixei na cama, sobre o meu livro, e fui até a porta. Quando desci o corredor e depois as escadas, ouvi a mesma melodia familiar, tocando mais alta que nunca.

– ... só não entendo por que de repente todas nós agimos como se o baile de formatura fosse tão importante – Isabel dizia.

– Porque é – Morgan respondeu.

– Para algumas de vocês.

– Exatamente – Esther falou. – Algumas de nós ficaram presas com caras tão bêbados que nem conseguiram sair do estacionamento.

Morgan bufou. Isabel disse:

– Fique quieta.

– Pessoalmente – Heidi declarou –, acho que o baile é uma daquelas coisas do colegial que você realmente ama ou odeia. Como a escola em si.

– Eu amei a escola – Maggie falou.

– Claro que sim – Leah retrucou. – Você saía com o cara mais bonito, você tinha as melhores notas e todos adoravam você.

– Você nunca quis que todos te amassem – Esther disse a Leah.

– Eu não me importaria se *alguém* me amasse – ela respondeu.

– Lembre-se que meu namorado me magoou muito – Maggie retrucou.

– O meu também! – Morgan suspirou. – Puxa, foi uma droga.

– Ele era um boneco – Isabel lhe disse. – Exagerava no gel de cabelo.

Agora foi Esther que bufou. Leah ficou nervosa:

– Cale a boca!

– Mas vejam – Heidi disse –, é por isso que este é um tema tão bom! As pessoas que adoraram o baile podem reviver a experiência. As pessoas que odiaram podem ter outra chance. Todo mundo sai lucrando.

– Exceto os coitados que ficam presos fazendo trezentas lembrancinhas – Leah resmungou. Então ela olhou para cima e me viu. – Oi! Decidi entrar no meio dos coitados também?

Engoli em seco, ciente de Heidi me olhando, observando meus olhos vermelhos, a sua expressão preocupada.

– Decidi mesmo – respondi.

Maggie saiu rapidamente do assento, abrindo espaço para mim, e eu me sentei ao lado dela. – Então – Isabel começou –, Auden, você amou ou odiou seu baile?

– Odiei – respondi. – Levei um bolo.

Houve uma rodada de suspiros.

– O quê? – Morgan exclamou. – Isso é horrível!

– E... – Leah acrescentou – o cara está aqui na cidade e não para de enviar torpedos.

– Você sabe o que deve fazer – Morgan disse. – Você deve convidá-lo para o Festival de Praia e depois dar um bolo *nele*.

– Morgan! – Isabel ergueu as sobrancelhas. – Olha só você, parece a guardiã dos bons costumes!

– Eu acho – Heidi completou – que você precisa encontrar alguém com quem você realmente queira estar e fazer tudo direitinho. Esta é minha opinião.

– Não sei – respondi. – Acho que é um pouco tarde para isso.

– Não necessariamente – Leah me disse. – É noite de Mulheres na Faixa no Tallyho.

– Não, não e não ao Tallyho – Sorri.

– Você é das minhas, garota! – Maggie sorriu e depois me deu um empurrãozinho com o ombro.

Todas riram, e foi assim que a conversa mudou, passando para outro assunto. Foram rápidas e incansáveis a conversa, a emoção, a mudança de um assunto a outro e deste para o anterior. Percebi que se tentasse me concentrar muito, ficaria oprimida. Então resolvi

deixar rolar, por mais sacolejante e louca que fosse a jornada, e tentar apenas uma vez seguir a trilha.

dezesseis



– PUXA! BELO RASPÃO...

Ergui o olhar e vi Adam em pé na porta do escritório da Heidi, com uma caixa embaixo do braço.

– Bem – eu disse, baixando o meu tubo de Neosporin que eu vinha aplicando na última esfoladura na minha canela, resultante de uma queda magistral naquela manhã. – Acho que é uma forma de encarar isso.

– É a única forma. – Ele colocou a caixa sobre o armário, depois puxou a camisa, me mostrando uma cicatriz na barriga. – Está vendo isso? Sétima série, abatido por uma rampa... E depois aqui – ele deslizou até a manga, mostrando outro ponto brilhante esbranquiçado. – Eu bati num tronco numa trilha de *mountain bike*.

– Essa foi de doer!

– Mas o auge... – ele continuou, batendo no peito – foi aqui mesmo. Tudo de titânio, gatinha.

Fiquei só olhando para ele.

– O quê?

– A placa que usaram para juntar o meu esterno – ele respondeu, alegre. – Dois anos atrás. Quebrou em cima do meu capacete fechado, quando eu saltava um obstáculo.

– Sabe de uma coisa – eu disse, analisando o meu raspão de novo – você está me fazendo parecer uma chorona.

– Não, imagine! – Ele sorriu. – Tudo conta. Se você não se machuca, não está dando tudo.

– Então, acho que eu estou dando tudo de mim.

– É o que ouvi dizer – ele disse, pegando novamente a caixa. – Maggie diz que você é um animal lá fora.

Fiquei horrorizada.

– Ela o quê?

– Estou fazendo uma paráfrase – ele disse simplesmente, balançando a mão. – Ela disse que você está mandando ver, que você está indo muito bem.

Ergui os ombros, tampando o Neosporin.

– Não sei. Se eu fosse boa, não estaria toda machucada assim.

– Não é verdade.

– Não? – falei, olhando para ele.

Adam balançou a cabeça.

– Claro que não! Basta olhar para mim! Sou um grande ciclista, e já engoli terra mais vezes do que eu posso contar. E os profissionais? Eles são, tipo, biônicos, eles caem muito. Olhe o Eli. Ele quebrou o cotovelo e a clavícula várias vezes, e depois tem aquela coisa do braço...

– Espere aí. A coisa no braço? Você está falando da cicatriz?

– Sim.

– Achei que era do acidente.

Adam balançou a cabeça.

– Não. Ele estava fazendo uns lances diferentes no pír e aterrissou errado. Caiu direto na quina de um banco. O sangue se espalhou *por toda parte*.

Olhei para o raspão do meu joelho, pequeno, quase num círculo perfeito, brilhando de pomada.

– Tudo isso conta – Adam disse de novo. – E no fundo, o que define você não é quantas vezes você cai, mas as vezes em que você volta à bike. Desde que haja mais uma, tudo bem.

Sorri, olhando para ele.

– Sabe que você poderia ser um palestrante motivacional ou algo assim?

– Não. Seria totalmente idiota – ele respondeu simplesmente. – Ei, a Heidi está por aí?

– Não. Ela está na hora do almoço. – Não acrescentei que ela estava com meu pai, a primeira reunião formal desde que ele saiu

de casa. Heidi estava tão nervosa durante toda a manhã, andando pela loja arrumando as vitrines e pairando sobre mim no escritório que fiquei aliviada quando ela finalmente prendeu a Isby no BabyBjörn e saiu. Assim que a porta se fechou, no entanto, fiquei inquieta, pensando no que ela diria ao retornar. – Ela deve voltar em uma hora ou mais, talvez.

– Ah! Bem, eu posso deixá-la aqui, então. – Ele colocou a caixa sobre a mesa à minha esquerda. Quando olhei, ele acrescentou – fotos da formatura, do meu anuário. Ela disse que precisa delas para a decoração do Festival de Praia, sei lá.

– Puxa! Posso dar uma olhada?

– Claro.

Ergui a tampa. Dentro havia uma pilha enorme de fotos, principalmente 5 X 7, todas em preto e branco. A que estava em cima era de Maggie, em pé, com Jake na porta traseira de um carro. Ela usava um vestido trapézio curto e escuro, sapatos de salto de tirinhas, os cabelos caídos nos ombros. Havia um *corsage* em seu pulso e ela ria, oferecendo um saco de Doritos para Jake, que vestia uma camisa e calça de *smoking* e estava com os pés descalços na areia. Eu virei para a imagem seguinte: Maggie também, desta vez sozinha, na mesma noite, na ponta dos pés, verificando o seu reflexo em um espelho que dizia Coca-Cola no centro. Na foto seguinte, Leah estava em uma pose mais formal com um cara de uniforme militar, os dois olhando para a máquina fotográfica, seguidos por um dos Wallaces na pista de dança, com a faixa solta, em meio a algum tipo de movimento de arrasar. Então, Maggie de novo, outro ano, outro vestido, este branco e mais comprido. Na primeira foto, ela estava andando pelo calçadão, segurando a mão de alguém do qual só o ombro aparecia na foto. Em outra abaixo desta, ela estava tentando alcançar a máquina, os dedos borrados, a boca semiaberta enquanto ria.

– Puxa! – exclamei, enquanto continuava a folheá-los. Lá estava a Leah de novo. Esther. Maggie. Wallace e Leah. Jake e Esther. Maggie. Wallace e Esther. Maggie. Maggie. Maggie. Olhei para ele. – Você não está em nenhuma foto.

– Não. Eu estava sempre do outro lado da lente.

Passei por outra foto de Maggie, desta vez em uma bike, o vestido branco segurado numa mão, o capacete na outra.

– Muita coisa dela por aqui.

Ele manteve os olhos na foto, o tom evasivo, enquanto dizia:

– É, acho que sim.

– O que vocês estão olhando?

Adam e eu pulamos de susto quando a própria Maggie – em carne e osso, de sandálias de dedo e jeans – apareceu atrás de nós à porta.

– Fotos do baile de formatura – expliquei, como quem não quer nada, e virei para uma de Leah e Wallace. – A Heidi pediu para o Festival de Praia.

– Ah, não! – Ela suspirou, depois se adiantou, inclinando-se sobre meu ombro. – Não consigo suportar... olha! Primeiro ano. O cara da Leah era da Marinha, se lembra?

Adam balançou a cabeça, concordando.

– E eu estava com o meu vestido branco. Eu *amei* esse vestido. – Ela suspirou de novo, desta vez feliz, e se aproximou em cima de mim para virar a próxima foto. – Lá está ele! Cara. Sofri tanto com essa roupa que você não pode acreditar. Ficou limpo durante a noite toda, mesmo quando eu estava numa bike num desafio. E então Jake vomitou em cima dele no caminho de casa. A mancha...

– Nunca saiu – Adam terminou para ela. – Tenho uma foto em algum lugar.

– Tomara que não esteja nessa caixa. – Ela separou uma delas em cima da bike. – Mas foi uma grande noite. Quer dizer, até o fim. Que outras fotos estão aí dentro? Outras minhas?

Senti Adam olhar para mim enquanto eu me apressava a fechar a caixa, dizendo:

– Na verdade, não.

– Oh! – ela exclamou. – Bem, acho que é uma coisa boa. Não acho que necessariamente queira minhas lembranças da formatura expostas para toda a cidade ver.

– Não? – perguntei. – Parece que você se divertiu muito.

Ela ergueu os ombros.

– Acho que sim. Mas na época eu estava com o Jake. A última coisa de que preciso agora é outro lembrete de quanto tempo da minha vida eu perdi com ele.

– Mas você foi feliz naquele momento. Isso deve valer alguma coisa.

– Não sei. Ultimamente tenho pensado que teria sido melhor ter ficado sozinha. Dessa forma, pelo menos, todas as lembranças da escola não seriam, sabe, maculadas pela lembrança dele.

– *Maculadas?* – Adam questionou. – Essa palavra existe mesmo?

– Você sabe o que eu quero dizer – ela disse, cutucando o braço dele. – De qualquer forma, se eu tivesse sido mais esperta com ele antes, toda a minha experiência poderia ter sido diferente.

– Claro – respondi. – Você poderia ter ficado sozinha o tempo todo na escola, e nunca teria ido ao baile de formatura.

– Exatamente – ela respondeu. – E isso poderia ter sido muito bom também. Ou até melhor.

Olhei para a caixa novamente, lembrando de todas aquelas fotos dentro, tentando me imaginar em uma delas. E se eu tivesse um namorado? E se eu tivesse ido ao baile? Que tipo de tom eu poderia usar se tivesse uma segunda chance?

– Talvez – eu disse a Maggie. – Ou talvez não.

Ela me lançou um olhar estranho, depois abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, em seguida, os sininhos da porta da frente tilintaram.

– O dever me chama – ela disse, virando-se para a porta; logo ela estava fazendo barulho pelo corredor, descendo, a voz alegre cumprimentando um grupo de clientes.

Adam a viu sair, depois se recostou no batente da porta.

– Sabe – ele disse –, se você quiser consertar, é possível.

Olhei para ele.

– Consertar o quê?

– Tudo, “isso de não ter participado do baile de formatura”. Eli está na loja agora, fazendo o inventário.

– Do que você está *falando*?

– É só ir até lá no escritório e dizer: “Oi, estou te convidando para ser meu par. É simples assim.”

Eu queria dizer que nada a respeito de mim e de Eli era simples, sobretudo ultimamente. Em vez disso, falei:

– O que faz você pensar que eu quero ir com ele?

– Eu sei, só isso. Você está sentada aqui, falando sobre ficar sozinha na escola, em nunca ir ao baile... Era meio óbvio do que você estava falando.

– Maggie. Eu estava falando da Maggie.

– Claro que sim. – Ele cruzou os braços sobre o peito.

Eu só olhei para ele por um segundo. Então disse:

– Bem, e quanto a você?

– Eu?

Concordei com a cabeça.

– Quando você está planejando convidá-la?

– Convidar para o quê?

Revirei os olhos.

– Ah, não! Somos apenas amigos.

– Então, tá. – Abri a caixa de novo e comecei a folhear as fotos, tirando aquela dela na bicicleta, ela andando, ela rindo, ela na frente do espelho, colocando-as sobre a mesa lado a lado. – Porque com certeza você tirou tantas fotos assim de *todos* os seus amigos.

Ele olhou para as fotografias, depois engoliu em seco.

– Na verdade – ele disse friamente –, tenho um monte de fotos de Wallace.

– Adam, nem vem.

Eu vi como ele, derrotado, deixou-se cair na cadeira, dobrando os braços atrás da cabeça. Por um momento, apenas ficamos ali, sem que nenhum de nós dissesse nada. Dava para ouvir, lá de baixo, Maggie conversando sobre os prós e contras de um maiô.

– A verdade é que cheguei assim até este ponto, não é? Vamos começar a faculdade em questão de semanas.

– E daí?

– E daí que eu não sei se quero esse lance no verão. Sem falar da nossa amizade. Um lance *estranho*, que depois vai colorir tudo o mais.

– Você acha que ela vai dizer não.

– Não – ele disse. – Eu estou supondo que ela vai dizer sim, porque ela vai achar que vai ser divertido. E então eu vou encarar achando que tudo é importante, como um lance sério, que não é como ela vai ver as coisas, o que vai ficar totalmente óbvio no baile em si quando ela me abandonar na dança, depois sair e por fim casar com qualquer outro cara.

Lá embaixo, Maggie ria; o som era leve e alegre, como música.

– Bem... – eu disse. – Pelo menos você não gastou muita energia pensando em tudo isso.

Ele me deu um sorriso irônico.

– Assim como você não pensou em convidar o Eli, certo?

– Não mesmo. – Ele revirou os olhos. – Na verdade, não. A gente teve um lance... agora a gente nem está se falando.

– Bem, então. Você sabe o que você precisa fazer.

– Sei? – perguntei.

– Sim. – Ele se levantou. – Monte de novo na bike.

Eu fiquei olhando para ele.

– Não é tão simples assim.

– Claro que é! Basta apenas uma vez. Lembra-se?

Fiquei pensando nisso quando ele começou a sair, pondo as mãos nos bolsos.

– Por outro lado – eu disse – há uma coisa pior do que um lance estranho.

– Sim? O que é?

Balancei a cabeça.

– Sempre se perguntar se poderia ter sido diferente.

Eu apontei as fotos do baile, ainda expostas na minha frente, com a cabeça.

– São *muitas* fotos. Não é mesmo?

Ele olhou para elas, então para mim.

– Verdade. Acho que sim.

Então meu telefone tocou e dei uma olhada nele. Jason.

LIVRE PARA O ALMOÇO? ESTOU INDO AO LAST CHANCE, TENHO UMA HORA.

– Tenho que ir – Adam disse. Em seguida, ele apontou para o esfolado do meu joelho. – Lembre-se. Monte na bike, de novo!

– Certo – respondi. – Entendi.

Ele ergueu os polegares, depois saiu assobiando – sempre tão alegre, como podia? – enquanto saía pela frente da loja. Olhei para as fotos de Maggie, do princípio ao fim, e depois para o meu celular, no qual a mensagem de Jason ainda estava no visor. Eu sabia que eu realmente tinha estragado tudo com Eli, me afastando dele do jeito que fiz, mas talvez não fosse muito tarde para ter um lance só meu. Talvez por bem, talvez por mal, mas pelo menos acrescentaria algum tom em algum lugar. Então, peguei o celular e respondi a Jason.

TUDO BEM. JÁ VOU INDO.



Quando cheguei em casa naquela noite, Heidi estava no deque de trás, olhando para a água. Mesmo a distância e através da porta de correr de vidro, percebi a tensão nos ombros dela, a forma como a cabeça se inclinava um pouco triste para o lado, e por isso não fiquei surpresa quando ela se virou ao me ouvir e vi que seus olhos estavam vermelhos e inchados.

– Auden! – ela disse, passando a mão nos cabelos para trás, retomando o fôlego. – Achei que você voltaria para casa mais tarde.

– Terminei cedo. – Guardei as chaves na bolsa. – Você está bem?

– Estou bem. – Ela veio para dentro e fechou a porta. – Só estava aqui pensando.

Por um instante, apenas ficamos ali, sem que nenhuma de nós dissesse nada. Lá de cima, as ondas de Thisbe quebravam.

– Então... como foi?

– Bem. – Ela engoliu em seco, mordendo o lábio. – Conversamos muito.

– E?

– E... nós concordamos que, por enquanto, é melhor as coisas ficarem como estão.

– Com ele no Condor? – eu disse, esclarecendo. Ela assentiu com a cabeça. – Então ele não quis voltar.

Ela andou até mim e colocou as mãos nos meus ombros.

– Seu pai... ele acha que mais atrapalharia que ajudaria agora. Que talvez, até o Festival de Praia e o fim do verão, é melhor se eu me concentrar apenas em mim e na Thisbe.

– Como poderia ser melhor? – perguntei. – Você é a família dele.

Ela mordeu os lábios de novo, então olhou para as mãos.

– Eu sei que não parece fazer sentido.

– E não faz.

– Mas eu entendo o que ele está dizendo – ela continuou. – Seu pai e eu... Nós tivemos um namoro rápido e o casamento, e eu engravidei muito cedo. Nós apenas precisamos desacelerar um pouco.

Coloquei minha bolsa sobre a mesa.

– Então, isso é uma desaceleração. Não uma parada completa.

– Exatamente isso – Heidi concordou.

Para ser honesta, eu não estava totalmente convencida. Eu conhecia o meu pai e sabia como ele funcionava: se as coisas ficam complicadas, ele cai fora, e de alguma forma ele consegue fazer parecer como se fosse o mais abnegado dos gestos, em vez do contrário. Ele não estava abandonando Heidi e Thisbe: ele estava simplificando suas vidas. Ele não tinha deixado a minha mãe por causa de inveja profissional: ele se afastou para que ela recebesse as atenções que ela merecia. E ele certamente não tinha basicamente ignorado o fato de eu ser sua filha todos aqueles anos: ele estava apenas me ensinando a ser independente e a crescer em um mundo no qual a maioria das pessoas era muito infantil. Meu pai nunca montou na bicicleta. Ele nunca se deixou cair. Uma oscilação mínima ou mesmo um desvio para um lado e ele parava no acostamento, abandonando a bike.

– Então, chega de falar de mim – Heidi disse, puxando uma cadeira e sentando à mesa – O que anda rolando *com você*?

Fiquei diante dela; coloquei as mãos sobre a minha bolsa.

– Bem, parece que eu tenho um par para o baile.

– Verdade? – Ela bateu palmas. – Maravilha!

– É mesmo. O Jason acabou de me convidar.

Ela piscou.

– Jason...

– O amigo da minha cidade – eu disse. Ela ainda olhava com ar de dúvida, então peguei meu telefone, mostrando-o para ela. – O cara dos SMS.

– Ah! O cara que deu o bolo em você!

Concordei com a cabeça.

– Bem... isso é muito...

– Estaria me rebaixando? – arrisquei.

– Na verdade, eu ia dizer que você fecharia o círculo, ou algo nesse sentido – ela falou lentamente. – O que, você não quer ir?

– Quero. – Olhei para as minhas mãos novamente. – Isto é, é uma segunda chance. Acho que seria idiota se não aproveitasse.

– Verdade. – Ela sentou-se, passando a mão nos cabelos. – Elas não aparecem com frequência.

Fiz que sim com a cabeça, pensando em Jason no Last Chance, em como ele estava me esperando e abriu um sorriso largo quando entrei pela porta. Enquanto comia hambúrguer e cebola empanada, ele ficou falando sobre a conferência de liderança, e em como tinha sido ótimo ter vindo, e, ao ouvi-lo, me senti tão familiar, mas não de um jeito negativo. Era como inverter, voltar para a primavera, quando tínhamos compartilhado almoços e conversado sobre a escola e as aulas. E quando ele limpou a garganta e disse que tinha algo para me perguntar, isso também me pareceu familiar, e eu concordei com facilidade. Foi simples assim.

Então, olhei para Heidi, que olhava pela janela sobre a pia, e me lembrei de como eu a via no passado, me baseando em seus e-mails efervescentes e roupas femininas, toda perua, sem nenhuma substância. Pensei que sabia tanto quando cheguei aqui, eu, a menina mais inteligente da sala. Mas eu estava errada.

– Ei – eu disse –, posso perguntar uma coisa?

– Claro que sim – ela respondeu, olhando para mim.

– Algumas semanas atrás – comecei –, você disse algo sobre como a minha mãe não era uma megera insensível. Que ela não

podia ser, porque elas sempre acabam sozinhas. Você se lembra disso?

Heidi franziu a testa, pensando.

– Vagamente.

– E depois você disse que sabia tudo sobre megeras insensíveis, porque você costumava ser assim.

– Certo. Então, qual é a sua pergunta?

– Eu acho que... – eu parei, respirando fundo. – Você era mesmo?

– Uma megera insensível? – ela me perguntou. Ela concordou com a cabeça. – Era mesmo. Totalmente.

– Não consigo imaginar isso. Quer dizer, você desse jeito.

Heidi concordou.

– Bem, você não me conhecia antes de eu vir aqui e conhecer o seu pai. Eu tinha acabado de me formar em administração, totalmente estressada. Incansável, na verdade. Eu me matava, acumulando capital para abrir uma boutique em Nova York. Tinha um plano de negócios e todos aqueles contatos com investidores, um empréstimo, o pacote todo. Nada mais importava.

– Nunca soube que você morou em Nova York.

– Era o meu plano, depois de formada. Mas depois a minha mãe ficou doente, e eu tive que vir aqui em Colby durante o verão para cuidar dela. Eu conhecia Isabel e Morgan desde o colégio, então consegui um trabalho com elas de garçonete, só para ganhar um pouco mais de dinheiro para meus planos.

– Você trabalhou no Last Chance?

– Foi assim que conheci o seu pai. Ele tinha acabado de fazer a entrevista na faculdade Weymar e entrou para almoçar. Não tinha movimento, então começamos a conversar. E assim tudo começou. No final do verão, minha mãe melhorou um pouco, então eu disse adeus a seu pai e parti. Mas quando estava lá, simplesmente não me sentia bem. Não tinha mais aquela ambição.

– Sério?

Ela respirou bem fundo.

– Eu vim aqui planejando sair o mais rápido que pudesse. Seria uma parada rápida, não um destino. Eu tinha a minha vida toda já traçada.

– O que aconteceu?

– Acho que aquele mapa não era para ser meu, afinal. Então, deixei Nova York, me casei com seu pai e usei o dinheiro para abrir a Clementine's. E por mais estranho que pareça, tudo caiu como uma luva. Totalmente diferente, mas totalmente certo.

Pensei no rosto dela quando cheguei em casa naquela noite, a maneira triste com que ela me contou sobre a conversa com papai.

– Será que isso ainda continua? Isso de estar totalmente certo.

Ela me olhou por um instante. Depois me disse:

– Na verdade, sim. Claro que eu gostaria que as coisas fossem diferentes em relação ao seu pai e eu agora. Mas tenho a Thisbe e o meu trabalho... Tenho o que eu queria, mesmo que não seja perfeito. Se eu tivesse ficado em Nova York, eu me pergunto se isso seria possível.

– Não haveria lances diferentes – falei.

– O quê?

Balancei a cabeça.

– Nada.

Heidi empurrou a cadeira e se levantou.

– No final das contas, fui embora no verão, me apaixonei, e tudo mudou. É a história mais antiga do mundo.

O jeito com que ela olhou para mim ao dizer isso me deixou subitamente desconfortável, e voltei a minha atenção para minha bolsa no colo.

– É – respondi, pegando meu celular. – Acho que já ouvi essa história antes.

Em resposta, ela não disse nada, em vez disso, apenas passou a mão na minha cabeça ao passar por mim.

– Boa noite, Auden – ela disse, reprimindo um bocejo. – Durma bem.

– Você também.

E, na verdade, eu sabia que dormiria bem. O sono viria, e talvez eu até dormisse bem mesmo. Isso era uma coisa que tinha mudado de verdade para mim durante a minha temporada aqui. Em relação ao amor e tudo mais... não. Mas nunca se sabe. Eu tinha um par para o baile, mais uma chance de desenhar o meu próprio mapa. O

verão ainda não tinha terminado, então talvez a história nem fosse essa.



– Tudo bem – Leah falou, andando até seu vestido para examinar a bainha. – Estou tendo *flashbacks* importantes agora. Será que não fizemos isso antes?

– Fizemos – Esther confirmou. – Em maio.

– E *por que* estamos fazendo isso de novo?

– Porque é o Festival de Praia! – Maggie respondeu.

– Esta é uma afirmação, não uma explicação – Leah insistiu. – E isso definitivamente não é motivo suficiente para passar por tudo isso novamente.

Estávamos no quarto de Heidi, para onde ela tinha nos enviado depois de ouvir reclamações em massa sobre não conseguirmos encontrar nada decente para vestir no Festival de Praia. Minha madrastra continuava a me surpreender. Não apenas ela era uma ex-megera fria, mas uma consumidora contumaz, também. Ela tinha *toneladas* de vestidos, de vários tamanhos, que vinha comprando ao longo dos anos. *Vintage*, clássico, anos oitenta, tudo que pudesse imaginar estava lá.

– Precisamos de acompanhantes também, é bom lembrar – Leah falou. – A menos que Heidi tenha uns caras sensuais escondidos atrás daquelas caixas de sapato.

– Nunca se sabe – eu disse, olhando os cantinhos do fundo do armário. – Neste momento, eu não ficaria surpresa.

– Os acompanhantes não são obrigatórios desta vez – Maggie enfatizou. – Vamos todas juntas. Vai ser mais fácil não ter que ficar com os carinhas.

Leah disparou-lhe um olhar.

– De jeito nenhum. Se vou ter de ficar toda arrumada e caprichar no vestido, eu quero um carinha bonito para me acompanhar. É um bom negócio.

– Bem – eu disse, abrindo a outra porta do armário – hoje é a noite do Mulheres na Faixa no Tallyho.

– Finalmente, alguém me entende – Leah apontou para mim.

– É fácil ela dizer isso. Ela é a única com acompanhante – Esther acrescentou.

– Mas sem vestido – respondi, tirando um pretinho decotado, mas logo em seguida o devolvi. Era um pequeno detalhe, eu sabia. E não era bem um baile de formatura de verdade. Mas provavelmente seria o único do qual eu participaria, então eu estava determinada a tirar o máximo proveito dele. Até agora, porém, tudo que eu vira tinha sido muito alguma coisa: muito brilhante, muito curto, muito comprido, muito muito.

– Puxa! – Esther rodopiou, segurando na frente um vestido rosa no estilo dos anos cinquenta com crinolina, completamente duro. – Quanto vocês apostam que eu uso isto, sem qualquer conotação de ironia?

– Você tem que usar – Maggie disse, estendendo a mão para tocar a saia. – Nossa. Está perfeito em você.

– Só se você usar aquele pretinho que você experimentou antes, o com cara de Audrey Hepburn – Esther retrucou.

– Acha mesmo? É tão vistoso.

– Então use chinelos de dedo com ele. Eles são sua marca registrada.

Maggie se aproximou e pegou o vestido preto da cama.

– Pode funcionar. O que acha, Leah?

Leah, que estava ajustando um belo vestido vermelho sobre a camisetinha, disse:

– Acho que se eu estou indo a esse evento sem companheiro, eu poderia usar um saco de lixo e não me importaria.

– Por que é preciso um cara para você se vestir bem? – Maggie perguntou. – Não somos suas amigas mais antigas e queridas, uma boa companhia de verdade?

– Maggie – Leah puxou o vestido mais para baixo. – É um baile. Não um retiro numa irmandade.

– E pode ser o último grande acontecimento em que todas estaremos juntas antes da faculdade. É quase agosto, o verão está praticamente acabando.

– Não... – Esther ameaçou, apontando para ela. – Lembre-se das regras. Nada de nostalgia até chegarmos aos vinte. Nós combinamos.

– Eu sei, eu sei – Maggie disse, agitando as mãos diante do rosto. Ela caminhou até a cama, sentando-se com o pretinho no colo. – Eu só... Não consigo acreditar que tudo realmente vai acabar logo. Nesta época, no ano que vem, tudo será diferente.

– Meu Deus, espero que sim.

– Leah!

Leah olhou por cima do espelho onde ela observava o reflexo.

– O quê? Então espero que em um ano a partir de agora eu tenha um namorado ótimo e total satisfação com a vida. Uma garota pode sonhar, não pode?

– Embora isso não seja tão ruim – Maggie disse. – O que teremos e o que tivemos, não é?

– Não – eu disse, afastando mais alguns vestidos. – Não é.

Eu, tipo, falei nisso sem pensar de verdade. Foi só quando a sala ficou em silêncio que percebi que todas estavam olhando para mim.

– Vejam – Maggie disse, acenando para mim. – A Auden entende.

– Ela também entendeu sobre o Tallyho – Leah resmungou. – Não que ninguém tenha se importado com *isso*.

– Mas é sério – Maggie olhou para mim. – Ela não conseguiu ter tudo isso antes. Se você precisa de um motivo para ir ao baile e caprichar na roupa, fazendo tudo de novo, faça pela Auden. Ela perdeu a oportunidade na primeira vez.

Leah olhou para mim, depois de volta para seu reflexo.

– Não sei – ela disse a Maggie. – É pedir um pouco demais.

– E daí? – Esther replicou, saltando para cima e para baixo, a crinolina produzindo um barulho. – É uma ótima desculpa para ir ao Tallyho.

– Verdade – Leah concordou.

– Você não precisa disso, você sabe – Maggie falou, enquanto me observava tirando mais outro vestido.

– Eu vou com Jason. Vai ser ótimo.

– De jeito nenhum – ela respondeu. – Para a verdadeira experiência do baile, você precisa estar com suas amigas lá.

– Porque quem mais, *além de* suas amigas – Esther prosseguiu –, aceitaria ajudá-la a recriar o seu passado, apenas para corrigir alguns errinhos que vem incomodando você desde então?

– Ninguém – Leah respondeu.

– Ninguém – Maggie repetiu.

Todas elas estavam olhando para mim.

– Ninguém – eu disse, embora eu pudesse pensar em outra resposta além desta, mesmo que eu não pudesse manifestá-la em voz alta.

Mesmo com a minha afirmação, no entanto, elas continuaram a olhar para mim, a ponto de eu começar a me perguntar se eu estava com tinta no rosto ou a minha calcinha estava aparecendo. Eu ia dar uma olhada no espelho para verificar quando Maggie disse:

– Puxa, Auden. É esse.

– Esse o quê? – perguntei.

– Esse vestido – Esther acrescentou, apontando para mim. – É incrível.

Olhei para o vestido roxo que tinha tirado segundos antes, que eu nem tinha examinado de perto e que eu tinha separado do armário só porque não era vermelho, preto ou branco, como tudo que tinha experimentado. Agora, porém, que cheguei diante do espelho, vi que ele caiu muito bem em mim. O decote era bonito, a saia ampla, e eu gostei de como ele realçava meus olhos. Não era um vestido de parar o trânsito, mas talvez não fosse bem disso que eu necessitava.

– Verdade? – perguntei.

– É esse mesmo. – Maggie veio ao meu lado, estendendo a mão para tocar a saia. – Você não gosta?

Estudei meu reflexo. Eu nunca tinha sido uma garota de usar vestidos ou cores fortes, e nunca tive nada naquele tom de roxo antes. Eu parecia uma garota diferente. Mas talvez este seja o ponto. E assim como estar com os lanches certos para uma verdadeira aventura, o traje adequado é tudo.

– Sim... – falei, abaixando a mão, para ajeitar a saia para o lado. Quando eu o soltei, ele se mexeu, reorganizando-se, como se soubesse onde deveria ficar. – Está perfeito.

dezessete



NA MANHÃ DO Festival de Praia, acordei às oito horas ao som de Isby choramingando através de nossa parede comum. Rolei na cama, enterrei a cabeça no travesseiro e esperei que Heidi viesse acalmá-la. Alguns minutos depois, o choro transformou-se em soluços, e eu me perguntei o que estava acontecendo. Quando ela começou a berrar, fui investigar.

Eu a encontrei de costas em seu berço, rosto vermelho, cabelos emaranhados com suor. Quando me viu inclinando sobre ela, gritou mais alto ainda, agitando os braços loucamente diante do rosto. Quando fui pegá-la, aninhando-a contra mim, ela se acalmou, respirando sofregamente e emitindo uns soluços.

– Tudo bem – eu lhe disse, embalando-a um pouco enquanto enfiava minha cabeça para fora no corredor. Nenhum sinal ainda de Heidi, o que era algo, tipo, preocupante, por isso voltei e troquei a fralda do bebê, que se animou bastante. Então eu a endireitei no meu corpo e descemos as escadas, onde me deparei com Heidi sentada na mesa da cozinha, caixas de lembrancinhas de baile empilhadas ao seu redor e telefone ao ouvido.

– Sim, Robert, entendo o seu problema – ela dizia, enquanto brincava com uma caneca de café diante dela. – Mas é que eu estava contando com você, e eu não sei se consigo encontrar alguém em tão pouco tempo.

Dava para ouvir a voz do meu pai, distante, respondendo pelo aparelho. Aquilo me fez perceber quanto tempo tinha passado desde a última vez que eu havia falado com ele: uma semana, talvez duas. Porém, ele finalmente tinha recebido o meu recado sobre não

responder as suas mensagens. Minha caixa postal ficara vazia por algum tempo agora.

– Sabe de uma coisa? – ela finalmente disse – Tudo bem. Vou encontrar alguém. Não, não se preocupe com isso. Sério. Mas preciso desligar agora. Tenho mil coisas para fazer hoje, e...

Ela parou de falar, e eu ouvi a voz do meu pai novamente. O que ele estava dizendo não provocou nenhum efeito em Heidi além de um suspiro e um gesto com a cabeça.

Eu hesitei, imaginando se deveria voltar lá para cima. Mas então Isby soltou um grito e Heidi se virou, nos vendo.

– ... Eu tenho que desligar – ela prosseguiu – em seguida, desligou o telefone sem dizer tchau. Ela empurrou a cadeira. – Oh, Auden, me desculpe, ela acordou você! Achei que tinha escutado alguma coisa, mas eu estava no telefone e...

– Tudo bem – respondi, enquanto ela estendia as mãos para o bebê, sorrindo quando a pegou dos meus braços. – Já estava acordada mesmo.

– Você e eu, nós duas. – Ela colocou Isby sobre o ombro, acariciando-lhe as costas enquanto caminhava para a cafeteira. Serviu-se de uma xícara de café fresco e depois preparou uma para mim; quando me entregou, ela disse: – Eu salto da cama às quatro, pensando em tudo o que tenho de fazer nas próximas quinze horas. E, claro, quando eu estava me sentindo *um pouco* no controle das coisas, seu pai ligou para dizer que não podia tomar conta da Isby hoje à noite, pois tem de ir para Nova York encontrar-se com o agente, na primeira hora de segunda-feira, para conversar sobre o livro dele.

Fiquei pensando nisso enquanto ela se sentava à mesa de novo, arrumando Thisbe no colo.

– Bem... – comecei. – Posso ficar com ela, se você quiser.

– Você? – Ela balançou a cabeça. – Claro que não! Você vai para o Festival de Praia.

– Mas não preciso ir.

– Sim, claro que precisa. Você tem um par e tudo. – Dei de ombros, olhando para o meu café. – O que há de errado? Pensei que você estivesse animada.

Eu não sabia exatamente como explicar a hesitação que se abatera sobre mim desde que encontrei o meu vestido. Foi apenas um sentimento estranho e triste, como se o baile já tivesse acabado mesmo antes de ter acontecido.

– Não sei – respondi. – Acho que é apenas por não ser o baile de verdade... Quer dizer, vai ser divertido e tudo mais. Mas não será o mesmo como se eu tivesse indo pela primeira vez, a um baile de verdade.

Heidi ficou pensando nisso, ainda acariciando as costas de Isby.

– Bem, acho que você poderia encarar isso dessa forma – ela retrucou. – Ou, você *pode* perceber que tem a sorte de ter outra chance, e que depende de você torná-la inesquecível.

– É – respondi. – Acho que sim.

– Olha – ela falou, colocando a xícara na mesa. – O básico da questão é que não, isto não é o ideal. Poucas coisas são. Às vezes, você tem que fabricar sua própria história. Dar um empurrão no destino, por assim dizer. Não é mesmo?

Imediatamente, pensei em mim e no Eli, trabalhando na questão da minha busca. Todas aquelas coisas: boliche, guerra de comida, arremesso de jornais – tinham acontecido atrasado e fora de ordem, não exatamente como deveriam ter sido feitas. Mas as lembranças e experiências não foram menos reais por causa disso. Elas tinham sido mais especiais porque não tinham acontecido *comigo*, mas *por causa de mim*. E dele.

– Sabe de uma coisa? – eu disse a Heidi. – Você está totalmente certa.

– Estou mesmo, não é? – Ela sorriu. – Bem, foi bom ouvir isso. Especialmente considerando o dia que ainda tenho pela frente.

– Tudo vai dar certo – eu lhe disse, bebendo o restante do meu café e buscando mais um pouco. No caminho, peguei sua xícara e a levei comigo. – Estou acordada e pronta para ajudar. O que posso fazer?

Ela gemeu, arrancando um bloco amarelo de uma das caixas de lembrancinhas e virando uma página.

– Bem, preciso levar as lembrancinhas até o salão. E pegar a poncheira. E tenho a reunião com o DJ às dez horas para uma

passagem de som. Ah, e o pessoal do balão está exigindo o pagamento antecipado, antes de eles preparem as coisas, e agora tenho de encontrar uma babá...

Eu deslizei a caneca cheia diante dela e em seguida tomei o meu lugar novamente. Nos braços de Heidi, Isby olhou para mim, e eu estiquei a mão, alisando sua cabeça. A pele dela era quente e macia, e ela manteve os olhos em mim por um momento antes de se aconchegar no peito da mãe e fechá-los, ficando alheia mesmo em meio à confusão.



Até o meio-dia, já tinha tratado com o pessoal do balão, feito duas viagens para o salão onde o baile ia acontecer e estirado um músculo no ombro ao ajudar Heidi a colocar o cenário fotográfico no lugar – uma enorme onda falsa de madeira repleta de peixes feitos pelo grupo de artes da terceira idade local. Eu estava suada, dolorida e a caminho de casa para pegar uma caixa de copos de ponche quando vi o Jason.

Ele estava saindo do carro, estacionado no começo do calçadão. Quando se virou e me viu, ele ficou tenso, depois ergueu a mão para acenar.

– Auden! – ele gritou, se apressando para chegar mais perto. – Estava tentando falar com você.

Tive um vislumbre do meu telefone, que eu tinha certeza de ter deixado na mesa da cozinha.

– Ah! – respondi. – Andei correndo por aí a manhã inteira.

– Sua madraستا me disse – ele respondeu. – Finalmente resolvi procurar o número da casa de seu pai. Ainda bem que tem poucos Wests por aqui.

Atrás dele, deu para ver Adam saindo da loja de bicicletas, arrastando uma bicicleta vermelha com um cartaz que dizia PRONTA PARA A LARGADA! pendendo do guidão. Ele estacionou perto do banco e depois voltou para dentro, batendo a porta.

– Então, olhe – Jason falou. – Eu preciso conversar com você sobre esta noite.

– Tudo bem.

– Eu não... – Ele parou, depois respirou fundo. – Não vou poder fazer isso.

Fiquei surpresa pela forma como eu reagi ao ouvir isso. Meu rosto corou; meu coração saltou. Era como toda vez em que eu montava na bicicleta: havia uma mistura de medo e de inevitabilidade, tudo junto.

– Você está me dando o bolo? – perguntei. – Sério? De novo?

– Eu sei. – Ele fez uma careta. – É muita falta de consideração minha. Não vou lhe culpar se você nunca olhar para a minha cara novamente.

Aqui seria quando eu deveria proclamar o contrário. Mas não. Fiquei só esperando a desculpa, porque sempre havia uma.

– É só que hoje vai vir uma palestrante – ele falou rapidamente. – Ela é líder de ativismo estudantil e realmente fez grandes mudanças em Harvard, onde ela se formou e, agora, em Yale, onde ela está na faculdade de direito. Quero dizer, mudanças políticas incríveis. Então, ela é um contato muito bom para mim.

Eu não disse nada; enquanto isso, Adam saía novamente, desta vez empurrando uma bicicleta verde menor. Ela tinha pneus mais largos, um assento traseiro preto e brilhante, e fora lustrada tão bem que brilhava ao sol. CURTA SEU PASSEIO! – o sinal, balançando na brisa, dizia.

– De qualquer forma – Jason continuou – a palestra é hoje à tarde, mas depois ela vai jantar com um grupo seleto de pessoas, para falar sobre algumas de suas experiências. Não iriam convidar ninguém do primeiro ano, mas parece que ela ouviu falar da iniciativa de reciclagem que eu organizei no primeiro ano, então...

Eu estava ouvindo, mesmo enquanto observava Adam empurrar para fora outra bicicleta, desta vez com dois assentos. VOCÊS VÃO PARECER ROMÂNTICOS! – dizia o sinal, com um coração em volta.

– Só isso – Jason finalmente terminou. – Eu preciso realmente ir. Me desculpe.

Logo em seguida, percebi uma coisa. Eu não estava chateada por Jason estar me dando o bolo. O coração acelerado, o rubor do meu rosto que eu estava sentindo: era o que acontecia quando você se

magoa, é verdade, mas também quando você se recupera e segue em frente. Talvez Jason não devesse fazer parte da minha segunda chance mesmo, e este foi apenas o impulso que eu e o destino precisávamos.

– Sabe de uma coisa? – eu respondi. – Tudo bem.

Ele piscou para mim.

– Verdade?

– Verdade. – Respirei fundo para ver se era verdade. De uma forma estranha, era. – Numa boa.

– É mesmo?

Concordei com a cabeça.

– Oh, puxa, Auden, obrigado por ser tão compreensiva. Achei que você ia ficar uma fera comigo! Mas você é exatamente o tipo de pessoa que entende esse lance acadêmico, certo? Isto é, essa é uma oportunidade única na vida e...

Ele continuava a falar enquanto dei a volta ao seu redor e comecei a andar até a loja de bicicletas. Vagamente, eu o ouvi dizer algo sobre a compreensão e a obrigação, compromisso e futuros empreendimentos, todos os modismos e conceitos que eu entendia e conhecia tão bem. Ao contrário do que se aproximava agora. Ainda assim, mais que nunca neste verão, aprendi que não é só aonde você vai, mas como você escolhe chegar lá. Então, tirei o sinal da bicicleta verde – CURTA SEU PASSEIO! – e entrei na loja para dar o primeiro passo nessa direção.



– Adivinha só... – Maggie disse, assim que entrei na Clementine's.

– O quê?

– Eu tenho um parceiro para o baile! – Ela bateu palmas.

– Adivinha só... – retruquei.

– O quê?

– Eu não.

Ela ficou boquiaberta.

– Ah, e tem mais... – eu acrescentei – eu comprei uma bicicleta.

– O quê? – ela disse, mas eu já estava passando por ela. Eu a ouvi sair bruscamente atrás de mim, gritando para alguns clientes perto dos jeans que voltaria em um segundo, e quando eu abri a porta do escritório, ela já estava ao meu lado.

– Tudo bem, vamos com calma. – Ela ergueu as mãos, com as palmas na minha direção. – Desembuche, desde o começo. O que quer dizer com isso, você não tem um parceiro?

– Isso mesmo – eu disse, sentada à escrivania. – Jason me deu o bolo.

– De novo? – Fiz que sim com a cabeça. – Quando?

– Uns vinte minutos atrás.

– Ai, meu Deus. – Ela colocou a mão sobre a boca: sua expressão era tão horrorizada, como se alguém tivesse morrido. – Essa é a pior coisa do mundo.

– Não – eu disse, fazendo uma pausa. – Na verdade, não é.

– Não?

Neguei com a cabeça.

– O pior é que logo depois eu fui direto até a loja de bicicletas para pedir a Eli para ir comigo, e ele disse que não.

Ela ergueu a outra mão, batendo-a na que já estava cobrindo a boca.

– Que droga! – ela disse, com a voz abafada. – Onde é que entra a bicicleta?

– Nem sei – respondi, acenando com a mão. – Isso é só parte da confusão.

Seus olhos se arregalaram, e ela deixou as mãos caírem, enfiando a cabeça para fora no corredor. Após verificar os clientes, ela sacou o telefone.

– Não saia daí – ela disse, com os dedos voando sobre as teclas. – Eu estou pedindo reforços.

– Maggie – eu gemi. – Por favor, não.

– Tarde demais. – Ela apertou uma última tecla. – Pronto.

Foi por isso que, vinte minutos mais tarde, eu me vi sentada no mesmo lugar, cercada não apenas por Maggie, mas por Leah e Esther, com um copo enorme de café e dois pacotes de *cupcakes* em cima da mesa à minha frente.

- *Cupcakes?* – Maggie disse a Esther. – Sério?
- Entrei em pânico – Esther respondeu. – Que tipo de guloseima é preciso numa situação como essa?
- Do tipo... fármacos – Leah respondeu, após pensar por um momento.
- Bem, eles não têm nada disso no Gas/Gro. Então que venham os *cupcakes!* – Esther olhou para mim. – Tudo bem. Estamos todas aqui agora. O que aconteceu?
- Peguei o café, tomei um gole e logo quis esvaziar o copo todo. Em vez disso, contei tudo.



Não é que eu tivesse tudo planejado ao abrir a porta da loja de bicicletas. Tudo o que eu conseguia pensar era que aqui eu tinha outra oportunidade, e desta vez eu faria a coisa certa.

Parecia o sinal mais positivo possível, talvez até mesmo ideal, que eu tenha localizado Eli no momento em que passei pela porta. Ele estava na parte dos fundos, atrás do balcão, de costas para mim, enfiando algo em uma bolsa tiracolo, e ao vê-lo, tive a mesma reação de semanas atrás, um súbito constrangimento sobre como eu tinha agido, seguido de uma pressão para correr na direção oposta o mais rápido que pudesse. Em vez disso, pressionei o cartaz na minha mão ainda mais apertado, e me apressei.

– Oi! – falei, enquanto me aproximava do balcão. Minha voz soou alta, áspera e apressada, e eu disse a mim mesma para respirar fundo. O que foi consideravelmente mais difícil quando ele se virou para mim.

– Oi. – Ele olhou para mim com uma expressão curiosa. – E aí?

Em um mundo perfeito, eu teria soltado o que eu tinha a dizer aos poucos. Trabalhado a fala, fraseando-a ordenadamente e de forma sucinta, com todos os adjetivos corretos. Do jeito que aconteceu, eu soltei tudo de uma vez:

– Você se lembra daquela primeira vez em que fomos jogar boliche?

Eli ergueu as sobrancelhas. Depois, ele olhou para sala de reparos atrás dele, onde pude ver Adam e Wallace de longe, em pé na porta que dava para o beco de trás, de costas para nós.

– Claro – ele respondeu após um momento. Por quê?

Engoli em seco, e o som parecia incrivelmente alto em meus ouvidos.

– Eu estava irritada, porque não era boa no boliche. E você disse que eu não deveria criar expectativas porque eu nunca tinha jogado antes, e o que importava era que eu continuasse tentando.

– Certo – ele disse lentamente. – Eu me lembro.

Eu sabia que estava na iminência de perder o controle. Eu podia sentir tudo escapulindo, segundo a segundo, como uma onda se recolhendo lentamente de volta para o mar. Mas prossegui mesmo assim.

– Foi isso que aconteceu conosco – eu disse. – Comigo. O que estávamos fazendo... o que nós tivemos... foi minha primeira vez. Você sabe quando é importante. E eu não fui boa nisso. Fui péssima, na verdade.

Ele estreitou os olhos. “Ai, meu Deus”, eu pensei. *Isso* foi meio estranho.

– Nisso de ficar com você – acrescentei rapidamente. – Eu não fui boa, você sabe, sobre nós. Era tudo novo para mim. Eu estraguei tudo porque não sabia o que estava fazendo, e aquilo me assustou, então eu nem quis tentar. É como a bicicleta. Aliás, você também estava certo sobre isso.

Ao redor de nós, estava tudo muito calmo na loja, o que fez tudo isso soar ainda muito mais alto. Na verdade, eu provavelmente teria sido completamente humilhada se deixasse minhas palavras me alcançarem. Mais um motivo para prosseguir.

– O que estou dizendo – eu disse, porque Deus sabia que eu precisava de uma luz – é que eu me arrependi. Você pode achar que isso é loucura, ou chamá-la de abobrinha, ou sei lá. Mas quero fazer o que você disse, continuar tentando. Então, estou fazendo isso de vir aqui e pedir para você ir ao baile comigo esta noite.

– Ei, Eli! – Ouvi Wallace gritar de repente, atrás dele. – O trem já vai partir. Está na hora de ir!

Porém, Eli não respondeu. Ele ainda me encarava, com o rosto sério. Enquanto eu olhava para ele, tentei me lembrar de todas as horas que passamos juntos, e como elas começaram e terminaram mais ou menos neste exato lugar. Por causa disso, parecia mais certo do que nunca estar lá agora, quando eu saberia com certeza se continuaríamos ou terminaríamos de vez. Sabia, também, que estas eram as duas possibilidades. Mas, por algum motivo, achei que ele ia escolher uma terceira via.

– Me desculpe – ele falou. E, na verdade, parecia sincero ao pegar a bolsa, jogando-a sobre o ombro. – Mas não posso.

Eu me vi acenando a cabeça, estupidamente. E então, com um último olhar – intenso e quase triste – ele saiu, virando as costas para mim e andando pelo escritório, passou por Adam e Wallace e saiu do meu campo de visão. Um segundo depois, a porta bateu, se fechando atrás dele. Feito.

– Auden! – Virei a cabeça, ainda atordoada, ao ver Adam vindo na minha direção. – Você está procurando o Eli? Porque ele acabou...

– Não – respondi rápido demais. – Não.

– Ah! Tudo bem, então. – Ele olhou para Wallace, que encolheu os ombros. – Bem, você precisa de outra coisa?

Estava apenas procurando uma maneira de salvar a cara, de sair de lá numa boa. Mas então, olhei para baixo novamente e para o cartaz ainda na minha mão – CURTA O SEU PASSEIO! – e, de repente, pareceu que era só aquilo. Um sinal.

– Na verdade – falei –, tem mais uma coisa.



– Pode chamar isso de abobrinha? – Esther riu, batendo palmas. Isso é tão retrô! Não ouço a expressão desde a escola primária.

– Eu – Leah interrompeu – nunca entendi o que isso significava.

– Então *é assim* que você acabou com a bicicleta... – Maggie observou.

– Bicicleta? – Leah questionou. – O que uma bicicleta tem a ver com isso?

– Acabei de comprar – respondi. – Parece.

– Porque ela também acabou de aprender a andar agora – Maggie explicou. – Venho ensinando a Auden todas as manhãs, às escondidas. Ela nunca aprendeu antes.

– Sério? – Esther olhou para mim. – Puxa, impressionante.

– Isso de eu não saber ou de estar aprendendo? – quis saber.

Esther ficou pensando.

– As duas coisas – ela disse finalmente.

– Meninas! Vamos manter o foco. – Leah se virou para mim. – Tudo bem, então o Eli deu o fora em você. Não é o fim do mundo.

– Não – eu disse – é o cúmulo da humilhação e, agora, eu nunca vou poder olhar pra cara dele de novo.

– Eu me pergunto por que ele recusou – Maggie quis saber.

– Porque ele é o Eli – respondi.

Leah revirou os olhos.

– Essa é uma afirmação, não uma explicação.

– O que eu quero dizer é que eu sei como ele é – eu prossegui. – Tive a minha chance com ele e estraguei tudo. Então já era.

– Espere! – Esther ergueu a mão. – Espere aí. Quando você e o Eli tiveram um lance?

Mais uma vez, virei o centro de atenção de todas, enquanto explicava:

– Hum, a gente saiu muito, algumas semanas atrás.

– Fazendo o quê? – Leah perguntou.

Pensei em Eli e eu, no carro, dirigindo pelas ruas escuras de Colby sozinhos, um com o outro, todas as noites. Comprando, comendo, conversando, executando a minha busca. Nós tínhamos feito tanto que parecia impossível reduzi-lo a qualquer palavra. Então, em vez disso, decidi fazer uma coisa que não tínhamos feito, pelo menos até o fim.

– A gente não conseguia dormir – continuei. – Então apenas ficávamos acordados juntos.

– Até que você estragou tudo – Esther observou, esclarecendo. Fiz que sim com a cabeça.

– O que você fez?

– Não sei – respondi, olhando para o meu café frio.

– Aconteceu um lance, e eu fiquei com medo e me afastei.

– Ok, bem, *isso* não é tão vago – Leah observou.

– Leah! – Esther disse.

– O quê? Aconteceu uma coisa? O que isso quer dizer?

Todas olharam para mim novamente e, pelos seus olhares, eu percebi que este também era um ponto onde eu costumava recuar. Eu me encolhia, me escondia. Mas, considerando o que eu já tinha encarado naquele dia, parecia adequado botar para quebrar.

– Meu pai e Heidi estão se separando – eu disse. – É... e isso trouxe um montão de coisas nas minhas costas. E eu lidei com isso da mesma maneira que fiz quando meus pais se separaram.

– Que foi? – Ester perguntou.

Encolhi os ombros.

– Eu enfiei o nariz nos livros e na escola, basicamente, e deixei todos os outros de fora. Especialmente alguém que poderia me fazer encarar isso.

– Como o Eli – Maggie disse.

– Especialmente o Eli – eu respondi. – Tivemos essa noite na qual a gente realmente ficou conectado... e no dia seguinte, eu me fechei totalmente. Foi uma idiotice da minha parte.

– Mas você disse isso para ele? – Maggie quis saber. – Hoje?

– Sim – respondi. – Mas como disse, já era tarde demais. Ele ficou bravo.

Houve um momento de silêncio enquanto elas assimilavam e analisavam tudo. Eu peguei o pacote de *cupcakes* e em seguida o coloquei de volta na mesa.

– Bem – Leah falou finalmente. – Eu digo que se dane.

– Leah! – Esther suspirou. – Sinceramente...

– É verdade. Então você foi humilhada. Isso acontece. E quem precisa de rapazes? Vamos todas juntas ao baile esta noite e vamos nos divertir.

– Eu pensei que você estava determinada a sair com alguém, ou então que nem ia – Esther disse a ela.

– Isso foi antes de eu ter esgotado todas as minhas opções. – Leah explicou. – Agora, estou assumindo a minha condição de

solteira e vou ficar apenas com as minhas amigas. Como todas nós. Certo?

– Certo – Esther respondeu.

Depois as duas olharam para mim. Eu disse:

– Sabe, tendo sido rejeitada duas vezes, estou pensando que eu deveria ficar em casa.

– O quê? – Leah balançou a cabeça. – Isso é atitude de derrotada.

– *Doas vezes* – repeti novamente, mostrando dois dedos. – Em quinze minutos, a trinta metros um do outro. O que vai surgir a seguir? Uma bigorna na minha cabeça?

– É em situações como essa – Esther me disse – que você *precisa* sair com as meninas. É a situação ideal. Você vai conosco, nós dançamos juntas, você vai se sentir melhor. Certo, Mags?

Eu não tinha percebido até então que Maggie, discretamente, estava praticamente encolhida do lado da porta; na verdade, já estava a alguns centímetros no corredor. Quando todas nós voltamos nossa atenção para ela, ela corou.

– Bem... – ela disse. – Na verdade...

Silêncio. Até que Leah indagou:

– Na verdade o quê?

– Eu, bem... vou com outra pessoa.

– O quê? – Esther disse. – O que aconteceu com a nossa irmandade?

– Vocês ficaram totalmente no muro até este exato segundo! – Maggie protestou. – Como eu iria saber que vocês realmente iriam?

– Se você me disser que está indo com Jake Stock – Leah avisou –, minha cabeça vai explodir.

– Não – Maggie corou novamente e em seguida olhou para as mãos. – O Adam me convidou.

Leah e Esther se entreolharam. Depois, olharam para Maggie. Em seguida, trocaram olhares novamente.

– Puxa! – Esther falou, bufando. – Finalmente!

– Nem me diga... – Leah concordou. – Ele finalmente criou coragem!

Maggie se animou, voltando para o escritório.

– Então vocês não estão bravas?

– Claro que estamos – Leah respondeu.

– Mas – Esther acrescentou –, também estamos felizes que essa tensão sexual que vem rolando há anos...

– *Anos* – Leah concordou.

– ... finalmente será resolvida, de uma maneira ou outra – Esther terminou a sentença.

– Ah, não é bem assim – Maggie disse, balançando a mão. – Só vamos como amigos.

– Não – retruquei. – Não vão, não.

Ela olhou para mim.

– O quê?

– Ele gosta de você. Ele me falou. E eu estou lhe contando isso porque, se perder a chance, você vai se arrepender. Vai por mim.

– Por favor! – Ouvei alguém gritar do andar de baixo. – Tem alguém trabalhando aqui?

– Epa! – Maggie exclamou, virando-se.

– Já vou indo...! – Esther gritou, passando por ela até o corredor. Leah a seguiu, jogando o copo no lixo conforme saía. Um instante depois, eu as ouvi fazendo o maior barulho, já conversando com o cliente como que para compensar o silêncio anterior.

Maggie se apoiou no batente da porta, olhando para mim enquanto eu me sentava na cadeira do escritório.

– Gostaria que você pensasse melhor sobre esta noite – ela disse, após um momento. – Ainda vale a pena ter uma lembrança, mesmo que não seja exatamente como você imaginava.

– Claro – respondi. – Mas, sério, acho que isso não combina comigo.

– Bem, se você mudar de ideia, estaremos lá. Tudo bem?

– Tudo bem. – Ela balançou a cabeça, depois saiu pela porta, voltando ao trabalho.

– Ah, só queria lhe dizer. Sua bicicleta? É incrível.

– Acha mesmo?

– Uma Gossie com cantiléver, movimento central Rorschach, um garfo Tweedle e os pneus largos Russel? Não dá para ter errado. Suspirei.

– Bem... Pelo menos eu vou terminar o verão com alguma coisa.

– Eu acho – ela continuou – que isso já aconteceu.

Então, ela deu um tapinha no batente da porta duas vezes e saiu de novo. Olhei para os meus bolinhos, vendo que, de alguma forma, Esther tinha lembrado que tinha sido a única coisa que eu comprara, por impulso, todas as semanas. Desembrulhei, tirei um e dei uma mordida. Era bem recheado e com a cobertura grudenta. Mas, estranho, combinou com o café perfeitamente.

dezoito



– VOCÊ TEM CERTEZA disso? – Heidi perguntou, pela milionésima vez, enquanto estava diante da porta aberta. – Porque eu ainda posso...

– Heidi. – Mudei a Isby para meu outro quadril. – Vá.

– Mas isso parece tão errado! Se alguém não deve ir, sou eu. Não é que eu não tenha ido a...

– Vá – repeti.

– Olha, se eu encontrar alguém lá que possa lhe dar uma folga, eu mando para cá...

Eu estreitei os olhos, atirando-lhe o pior olhar de bruxa que consegui. Ela recuou ligeiramente e saiu para a varanda.

– Tudo bem – ela disse. – Estou saindo.

Fiquei ali, observando, enquanto ela começava a descer os degraus. Depois de refletir muito, ela escolheu um vestido coral, longo, de alças finas. Parecia estranho no cabide – muito sem graça, com a cor estranha – mas assim que vestiu, ela ficou um arraso. Mais um motivo para ela não usar o BabyBjörn por cima, o que tinha sido o plano original dela, pois ela não tinha encontrado uma babá.

– Vou ficar numa boa – garanti-lhe, horas atrás, quando eu tinha me oferecido. – Não quero ir ao baile, já disse.

– Mas é a sua única chance! – ela suspirou, olhando para Isby, que estava no chão do quarto entre nós brincando com o painel de atividades, chutando a joaninha pendurada em cima dela. – Estou odiando como tudo acabou ficando para você.

– Estou bem mesmo – disse. Ela me estudou, com dúvidas. Eu disse que estava bem.

Por mais estranho que parecesse, era verdade mesmo com a minha manhã de rejeição dupla. Embora tivesse levado a minha bicicleta nova a pé em vez de ter montado, pois não estava a fim de outro machucado na canela, no cotovelo ou no ego. Mesmo depois de ter tirado aquele vestido roxo do meu quarto, estendido na cama da Heidi e ter me trocado com o moletom e a camisetinha, ficando à vontade enquanto todas as outras estavam caprichando na roupa. De alguma forma, talvez isso fosse o que eu tinha feito em maio, na primeira vez. Mas também era totalmente diferente.

Percebi então por que Maggie tinha tanta certeza de que eu estaria saindo daqui com mais que uma bicicleta no fim do verão. Porque era óbvio. Essa diferença agora era muito clara em mim: eu tive essas experiências, essas histórias, mais dessa vida. Então, talvez não fosse um conto de fadas. Mas essas histórias não eram reais, mesmo... As minhas eram.

Assim que Heidi se foi, levei Isby para o deque, segurando-a no alto para que ela pudesse ver a água. Ainda havia pessoas na praia, aproveitando o final da luz do dia enquanto outras já estavam fora dando suas caminhadas noturnas, passeando em casais ou grupos, cachorros e crianças correndo na frente ou atrás. Ficamos prestando atenção por algum tempo, depois voltei para dentro quando ouvi alguém bater na porta.

Quando passei pela mesa da cozinha, vi o celular de Heidi repousando ao lado do saleiro. Ela tinha perdido duas chamadas – ops! – antes de perceber e voltar para buscá-lo. Quando abri a porta, segurando o telefone com a minha mão, vi que não era Heidi. Era a minha mãe.

– Oi, Auden – ela disse. – Posso entrar?

Em resposta, Isby soltou um grito. Minha mãe olhou para o bebê, depois para mim.

– Claro – eu disse; foi então que percebi que precisava dar um passo para trás para abrir espaço para que isso realmente acontecesse. – Claro que sim.

Eu recuei, ela avançou e, em seguida, de alguma forma, eu fechei a porta e enfiei o celular da Heidi no meu bolso traseiro antes de segui-la enquanto ela andava, lentamente, pelo vestíbulo, na direção

da cozinha. Eu não tinha certeza do que era tão chocante nela, principalmente porque ela parecia exatamente a mesma: cabelos escuros amontoados no topo da cabeça, saia preta e camisetinha, o colar de ônix que pendia pela sua clavícula direita, enfatizando a sua severidade. Mas ainda assim, algo estava diferente.

– Então... – eu disse lentamente, mudando Isby de volta para o meu outro quadril. – O que você está fazendo por aqui?

Minha mãe se virou e olhou para mim. Sob as luzes fortes da cozinha, vi que ela parecia cansada, até meio triste.

– Estava preocupada com você... Desde a nossa última conversa. Eu fiquei me dizendo que eu só estava sendo boba, mas depois...

A voz diminuiu, e eu percebi como isso era raro, ela usando o velho truque do meu pai. Minha mãe nunca gostava de deixar as interpretações nas mãos de outra pessoa.

– Mas depois... – eu repeti.

– Eu vim assim mesmo – ela completou. – Pode chamar isso de direito de mãe. Será que o seu pai e a Heidi podem dispor de uma xícara de café?

– É claro – respondi, indo até o armário para tirar uma caneca. Tentava alcançá-la e lidar com a Isby ao mesmo tempo em que, de repente, ela decidiu se contorcer toda sobre mim, até que olhei para minha mãe, que me observava com uma expressão curiosa.

– Você acha que poderia...

– Ah, claro – ela disse. Então ela se endireitou na cadeira como se estivesse prestes a ser avaliada em alguma coisa e estendeu as mãos.

Eu entreguei Isby, sentindo os dedos da minha mãe roçarem nos meus quando Isby passou das minhas mãos para as dela. Antes de me voltar para buscar o café, achei surpreendente como era estranho ver a minha mãe com um bebê. Sentada ali, ela parecia desajeitada, com os braços dobrados e observando o rosto de Isby com uma expressão estudiosa, como se ela fosse um quebra-cabeça ou um enigma. Por sua vez, Isby a encarou de volta, de olhos arregalados, movendo as mãozinhas em círculos, continuamente. Ainda assim, ao colocar o café na frente dela alguns instantes mais

tarde, fiquei do seu lado, disposta a pegar Isby de volta. Mas ela manteve os olhos no bebê, então resolvi me sentar.

– Ela é uma graça – ela disse finalmente. – Parece um pouco com você nessa idade.

– Sério?

Minha mãe fez que sim com a cabeça.

– São os olhos. São exatamente iguais aos de seu pai.

Olhei para Isby, que parecia não estar nem aí em ser segurada por uma estranha, muito menos uma que claramente estava pouco à vontade. Até onde ela sabia, todo mundo que ela conhecia tinha as melhores intenções no coração.

– Eu não queria preocupá-la – eu disse para minha mãe. – Eu só... é que tem tanta coisa acontecendo.

– Deu para perceber. – Ela colocou a Isby numa posição sentada, pegando o café com a outra mão. – Mas eu ainda fiquei mais preocupada quando, no último telefonema, você começou a perguntar sobre o divórcio. Você parecia tão diferente.

– Diferente como? – quis saber.

Ela pensou nisso por um instante. Então disse:

– A palavra que me vem à mente é *mais jovem*, na verdade. Embora juro pela minha vida que não sei explicar por quê.

Fez sentido para mim, mas eu não disse nada. Em vez disso, estendi a mão, pegando um dos dedos gordinhos de Isby e apertando-o. Ela olhou para mim, depois para minha mãe.

– A verdade é que eu pensei que estava perdendo você – ela falou, mais para Isby que para mim. – Quando você veio aqui para o seu pai e Heidi e fez todos esses amigos. E depois por causa da briga que tivemos sobre os dormitórios... Acho que eu acabei me acomodando, pensando que a gente sempre falava a mesma língua. E então, de repente, estávamos em sintonias diferentes. Foi muito estranho. Quase solitário.

“Quase”, eu pensei. Em voz alta, falei:

– Só porque a gente não concorda em tudo não significa que não podemos ser íntimas.

– Verdade – ela confirmou. – Mas acho que foi apenas muito chocante para mim. Ver você mudando tão depressa. Era como se

você tivesse todo esse mundo de tradições e linguagem que eu não entendia, e que não houvesse lugar nele para mim.

Ela ainda olhava para Isby enquanto dizia isso: cara a cara, as mãos em volta da cintura do bebê – como se essas palavras fossem apenas para seus ouvidos.

– Eu conheço esse sentimento – eu disse.

– Conhece mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim. Conheço.

Então ela se virou, olhando para mim.

– Eu não podia suportar – ela disse lentamente – certificando-se de que cada palavra tinha sido clara – pensar que a escolha que eu fizera na minha vida de alguma forma tinha arruinado a sua. Isso seria impensável para mim.

Pensei em nós naquela noite ao telefone, na maneira como a voz dela tinha se abrandado, de repente, quando eu trouxe o assunto do divórcio. Minha mãe sempre teve uma casca dura e fria, essa armadura que ela ergueu entre ela e os outros. Mas talvez, ao mesmo tempo, ela já tinha encarado as coisas de forma diferente: que eu não estava fora dela, batendo para entrar; eu estava dentro com ela, protegida e segura, dando-lhe mais uma razão para permanecer daquele jeito.

– Você não estragou a minha vida – eu disse. – Eu só gostaria que tivéssemos conversado mais.

– Sobre o divórcio?

– Sobre tudo.

Ela assentiu com a cabeça e, por um momento, apenas ficamos ali, nós duas olhando para Isby, que estudava os pés. Então ela disse:

– Isso nunca foi meu forte. Ficar falando em emoções.

– Eu sei – concordei. Ela olhou para mim. – Nem o meu. Mas eu fiz um tipo de curso intensivo neste verão.

– Verdade? – ela disse.

– É. – Respirei fundo. – Não é tão difícil, na verdade.

– Bem... – Ela engoliu em seco. – Talvez você possa me ensinar um dia.

Sorri para ela. Eu tinha acabado de me aproximar para colocar a mão sobre a dela, sentindo-a quente sob a minha, quando senti o zumbido do celular de Heidi no meu bolso traseiro.

– Droga – falei, puxando-o. – É melhor eu atender.

– Atenda – ela respondeu, sentando-se e ajeitando Isby novamente em seu colo. – Estamos numa boa.

Eu me levantei, e em seguida pressionei a tecla LIGAR sem verificar a identificação.

– Alô?

– Heidi?

O fato de meu pai não reconhecer a minha voz dizia algo, embora eu não tivesse certeza se queria refletir exatamente o quê. Pensei em desligar simplesmente, pegando o caminho dos covardes. Mas, em vez disso, respondi:

– Não. É a Auden.

– Ah. – Uma pausa. – Oi.

– Oi – respondi. Olhei para minha mãe, que me observava, depois virei as costas, indo para a entrada. Ainda parecia próximo demais, então decidi subir. – Ahn, a Heidi não está aqui. Ela esqueceu o celular quando foi para o Festival de Praia.

A linha ficou muda, tão muda que até pensei em por que só há interferência ou estática quando você está realmente interessada no que a outra pessoa está dizendo.

– Bem... – ele disse finalmente. – Tudo bem com você?

– Estou bem – respondi. – Ocupada.

– Eu bem que imaginei. Deixei uns recados. – Ele limpou a garganta. – Acho que você está zangada comigo.

– Não – eu disse, indo para o quarto da Heidi, onde meu vestido roxo ainda estava estendido na cama. Apanhei-o, levando-o para o armário. – Só estou resolvendo algumas coisas.

– E eu também. – Ele tossiu novamente. – Olha, eu sei que você está aí com a Heidi, ouvindo a versão dela sobre as coisas...

– A Heidi quer que você volte para casa.

– É o que eu quero também. Mas não é simples assim.

Eu empurrei os vestidos pela barra do armário, os cabides batendo uns contra os outros, e enfiei o vestido roxo. No entanto, em vez de

fechar a porta, continuei repassando a fileira, olhando para as outras coisas de lá. Perguntei para meu pai:

– Então, o que é?

– O quê?

Puxei outro vestido preto para fora, este com uma saia pregueada, depois o empurrei de volta.

– Você fica aí dizendo isso, de como não é tão simples. Então me diga o que é.

Deu para sentir a surpresa dele, palpável, que para mim não deveria ter sido tão chocante assim. Ele estava acostumado a me ver engolir qualquer decisão que ele tomava com um tipo peculiar de lógica, toda dele: que desculpava tanto, que desculpava tudo. Ele era escritor; ele era mal-humorado; ele era egoísta. Ele precisava de seu sono; ele precisava de seu espaço; ele precisava de seu tempo. Se ele tivesse se mantido à parte do resto do mundo, essas coisas teriam sido apenas aborrecimentos pontuais, nada mais. Mas este era o problema. Ele *envolvia* outras pessoas. Ele estendia a mão, puxava-as para perto. Ele teve filhos com elas, que também não poderiam se separar, fossem bebês ou quase adultos. Você não pode simplesmente pegar e escolher à vontade quando alguém dependeria de você ou amaria você. Não havia um interruptor de luz, fácil de ligar ou de desativar. Se está dentro, você está dentro. Se está fora, você está fora. Para mim, isto não parecia nada complicado. Na verdade, era a coisa mais simples do mundo.

– Veja – meu pai então prosseguiu – isto é o que eu queria dizer quando disse que você estava zangada. Você já ouviu a Heidi falar e só ficou com um lado da história.

– Não é por isso que estou chateada com você – eu lhe disse, empurrando mais vestidos para o lado. Havia algo tão gratificante no som do estalido de cabides, todas aquelas cores se misturando indefinidas... Rosa, azul, vermelho, laranja e amarelo. Cada um como uma casca, uma pele, uma maneira diferente de ser, mesmo que apenas por um dia.

– Então o que é?

Preto, verde, preto, bolinhas.

– É isto – respondi. – Você tem a oportunidade de uma segunda chance aqui.

– Uma segunda chance – ele repetiu.

– Isso mesmo – respondi. Mangas curtas, compridas, saia estreita, cheia. – Mas você não vai mesmo aproveitá-la. Você prefere apenas cair fora.

Ele ficou em silêncio, o único som vinha dos cabides escorregando. Eu estava quase terminando agora, as opções se estreitando para poucas, então menos ainda.

– É isso que você pensa? – ele disse lentamente. – Que eu estou caindo fora de você?

– Não de mim – respondi.

– De quem, então?

E então, de repente, lá estava. Um vestido preto simples com pequenas contas penduradas na saia, idênticas às que havia ao longo do decote. Um vestido de festa, um vestido de melindrosa. O vestido perfeito, aquele que eu vinha procurando o tempo todo. E enquanto eu o analisava, encontrei outra coisa também. A resposta à pergunta dele, e o motivo, percebi, de repente, de este verão ter trazido tanta coisa à tona.

– De Isby – respondi.

Ao dizer o nome, eu visualizei o rosto dela. Gritando, arrulhando, gemendo, babando. Dormindo, acordada, agitada, insone. No primeiro dia em que a vi, dormindo nos braços de Heidi, e quando ela estava ali, apenas segundos atrás, seus olhos me seguindo enquanto eu saía da sala. Todas aquelas pequenas partes dela, apenas o começo do que ela poderia e deveria ser. Ainda era cedo. Ela tinha tudo à frente, e mais que tudo, eu esperava que ela não precisasse de um monte de segundas oportunidades. Que talvez, ao contrário de muitos de nós, ela encontrasse uma maneira de acertar da primeira vez.

– De Isby? – meu pai repetiu. – Você está dizendo, o bebê?

– É assim que eu a chamo – eu lhe disse. – É quem ela é para mim.

Ele ficou em silêncio por um momento. Então disse:

– Auden, eu amo Thisbe. Eu faria qualquer coisa no mundo para ela ou para você. Você tem de saber isso.

Isso foi o que minha mãe também tinha dito, apenas alguns instantes atrás, e eu tinha escolhido acreditar nela. Então, por que isso está sendo muito mais difícil? Porque a minha mãe tinha vindo até mim. Percorreu todo o caminho, correu esse risco, refez alguns passos, senão todos os passos para nos levar de volta para um lugar onde nós poderíamos, com sorte, forjar um novo caminho, juntas. Meu pai ainda patinava no mesmo lugar, e, como sempre, ele queria que eu fosse até ele. Como eu tinha feito no início do verão, nesta casa e em casa também. Sempre cruzando essa distância, cruzando a cidade, se acomodando, dando desculpas.

– Se isso é verdade – eu lhe disse –, então prove.

Ele ficou em silêncio por um momento. Então disse:

– Como é que eu vou fazer isso?

Às vezes, você acerta na primeira vez. Outras, na segunda. Mas na terceira vez, dizem, é o encanto. Em pé, eu mesma uma desistente, percebi que nunca saberia se eu não montasse naquela bicicleta uma última vez. Então, em vez de responder, puxei o vestido preto de contas do armário, exibindo-o sobre a cama.

– Tente descobrir – eu lhe disse. – Preciso fazer umas coisas.



Tinha planejado dirigir. Na verdade, eu estava com as minhas chaves na mão enquanto corria para a porta, o vestido preto roçando os meus joelhos. Mas então, eu vi a bicicleta, recostada nos degraus onde a deixara, e quando me dei conta, estava montada nela. Eu me ergui sobre os pedais, tentando me lembrar tudo que Maggie tinha me ensinado nas últimas semanas, e depois sai pedalando antes que mudasse de ideia.

Foi estranho, mas enquanto me dirigia para a calçada da frente – balançando um pouco, mas na vertical, pelo menos até agora – tudo que eu conseguia pensar era na minha mãe. Quando desliguei o telefone momentos antes, eu tinha agarrado o vestido e encontrado minhas sandálias e bolsa, pensei que colocaria a Isby no carrinho e

a levaria comigo. Mas quando comecei a prendê-la, explicando tudo às pressas para a minha mãe, Isby começou a confusão. Começou a chorar. Depois, gritou.

– Oh, não! – exclamei – enquanto o rosto dela se inundava de cor. Eu conhecia os sinais de um ataque total quando via um. – Isso não é bom.

– Ela não gosta do carrinho? – minha mãe, que estava atrás de mim, perguntou.

– Normalmente ela adora. Não sei qual é o problema. – Abaixei-me, ajustando as alças, mas Isby apenas gritou mais alto, agora chutando, para reforçar. Olhei para minha mãe. – É melhor eu ficar aqui. Ela está muito brava.

– Imagine. – Ela fez um gesto para eu me ir, em seguida, inclinou-se, abrindo o cinto de segurança e pegando a Isby. – Eu tomo conta dela. Vá se divertir.

Eu queria que a minha expressão não fosse tão duvidosa. Ou chocante. Mas parece que foi, porque ela disse:

– Auden, eu criei dois filhos. Pode me confiar uma recém-nascida por uma hora.

– Claro que sim – respondi rapidamente. – Eu só... eu odeio deixar você com ela quando ela está assim.

– Ela não vai dar trabalho – minha mãe disse, aconchegando o bebê mais perto de si e acariciando as costas. Foi muito estranho. Antes, quando Isby estava sorridente e alegre, ficou claro que ela estava desconfortável, mas agora, em meio a gritos, ela parecia completamente à vontade. – Ela só está mostrando que não está gostando.

– Tem certeza de que quer fazer isso? – eu disse, levantando a minha voz para ser ouvida acima do barulho.

– Claro. Pode ir. – Ela colocou o bebê sobre o ombro, ainda acariciando. – Isso mesmo, assim mesmo – ela disse, superando os berros. – Me diz tudo que você tem a dizer.

Eu só fiquei ali, observando como ela começou a andar pelo piso da cozinha, embalando Isby nos braços. Enquanto andava, ela entrou em um ritmo: passo, carinho, passo, carinho. Isby olhou para mim por cima do ombro, seu rosto ainda vermelho, a boca aberta.

Mas, conforme o espaço entre nós aumentava, ela começou a se acalmar. Cada vez mais, até que tudo que eu conseguia ouvir eram os passos da minha mãe. E depois, outra coisa.

– Psiu, psiu – ela dizia. – Está tudo bem.

A voz dela era suave. Calma. E com estas últimas palavras, de repente, era familiar de uma maneira que nunca tinha sido. Aquela voz que eu pensei que eu tinha imaginado ou que vinha na minha lembrança era dela, o tempo todo. Não era um sonho, ou um mantra, mas uma lembrança. Verdadeira.

Tudo está bem, eu pensei então enquanto descia a calçada e passava para a rua. Não havia trânsito no bairro, e lembrei de todas as manhãs com Maggie, sentindo a mão atrás do meu selim, os passos batendo no asfalto enquanto ela corria para manter o ritmo antes de me dar um último empurrão: *Vá!* – e eu ficar sozinha.

Eu apenas continuei andando; disparei sob os postes, ultrapassando caixas de correio, os pneus sibilando contra o pavimento. Quando me virei para fora do bairro, eu tinha a estrada só para mim, todo o caminho até o único semáforo na rua que acabava na praia.

Eu estava concentrada na luz verde e sólida lá em cima enquanto pedalava cada vez mais rápido; meu cabelo era soprado para trás, os raios das rodas zuniam. Eu nunca tinha andado tão depressa antes e me ocorreu que deveria estar com medo, mas eu não estava. Além da luz, dava para ver o mar grande, escuro e vasto, e eu me imaginei batendo na areia e depois continuar andando, sobre as dunas e até as ondas, a corrente como a única coisa forte o suficiente para me deter. Eu estava tão imersa nessa imagem tão clara na minha cabeça, que eu não vi duas coisas até que estivessem direto em cima de mim: a caminhonete Toyota caindo aos pedaços, parada no sinal de trânsito, e a calçada bem na minha frente.

Primeiro eu vi a caminhonete. De repente, ela estava lá, embora eu tivesse certeza de não haver tráfego quando eu tinha olhado apenas alguns segundos antes. E talvez tenha sido uma coisa boa de eu mal ter tido tempo de assimilar que era, na verdade, a

caminhonete de Eli. Porque no segundo seguinte, apareceu a calçada, e eu precisei de minha atenção total.

Eu já tinha ultrapassado Eli, zumbindo, quando percebi que tinha de tomar uma decisão: tentar frear, esterçar e esperar que a queda fosse pequena, ou continuar e tentar saltar o meio-fio. Se fosse outra pessoa na caminhonete, eu provavelmente teria escolhido a primeira opção. Mas não era outra pessoa, e eu sabia – mesmo naqueles segundos que pareciam tão rápidos, quando pude sentir cada porção do meu sangue correndo pelas minhas orelhas – que essa seria provavelmente a melhor maneira de explicar o que eu tinha tentado fazer na loja, naquela manhã. Então eu saltei.

Não foi bem isso que eu tinha visto Maggie fazer naquela noite no parque. Ou nas toneladas de vídeos de bicicleta que eu assistira ao longo das últimas semanas. Mas não importa. Para mim, a sensação de subir e de repente estar no ar – os pneus girando no nada – foi incrível. Foi como um sonho. Ou talvez, como se estivesse acordando de um.

Foram apenas alguns segundos e, em seguida, eu desci direto, batendo a bicicleta na calçada com um estrondo abaixo de mim, mesmo depois de ela continuar avançando. Eu senti o choque percorrer da ponta dos dedos até os cotovelos enquanto tentava controlar o guidão, me agarrando à querida vida conforme os pneus derrapavam e eu tentava sair de lado. Esse era o ponto em que eu sempre perdia controle na batida, apertava os olhos bem fechados enquanto a lata de lixo ou os arbustos se aproximavam cada vez mais. Mas agora eu os mantive bem abertos, apenas me segurei e, depois de um jato de areia, eu de algum modo me endireitei e continuei à frente.

Minhas mãos tremiam enquanto eu cuidadosamente soltava o freio, sentindo o pulsar na minha têmpora. Estava tudo tão claro para mim – a abordagem rápida ao enxergar o meio-fio, e a arremetida para o alto, cada vez mais alto – e, no entanto, ao mesmo tempo, eu não podia acreditar que eu realmente tinha feito aquilo. Na verdade, nem sequer parecia real, até que andei em círculo, ainda tremendo, e vi Eli, que em algum momento tinha

estacionado no meio-fio, saíra da caminhonete e agora estava em pé ali, olhando para mim.

– Putz! – ele disse finalmente. – Isso foi *incrível*.

– Foi?

Ele fez que sim com a cabeça.

– E eu aqui pensando que você não sabia andar de bicicleta.

Sorri, em seguida, pedalei até ele. Foi só quando cheguei mais perto que notei que ele não estava de jeans e camiseta normal ou blusão, mas vestia uma calça preta bonita, sapatos sociais brilhantes que pareciam de época e uma camisa de manga longa branca, fora da calça.

– Eu não sabia – eu disse, parando do lado dele. – Maggie me ensinou.

– A saltar também?

– Ahn, não – falei, sentindo que corava. – Acho que na verdade, eu, tipo, improvisei nesta parte.

– Fala sério...

– Não deu para perceber?

Ele me olhou por um momento.

– Na verdade – ele disse –, deu.

– O que me traiu? O olhar de puro terror na minha cara?

– Não. – Ele se inclinou para trás. – Na verdade, você não parecia nada assustada.

– Como eu parecia?

– Pronta – ele respondeu.

Fiquei pensando nisso enquanto olhava para a minha bike.

– Isso mesmo – respondi. – Eu acho que foi isso mesmo, na verdade.

Talvez isso possa ter sido estranho, especialmente depois de tudo o que tinha acontecido. Mas não importa. Talvez por ser noite, quando as coisas que poderiam ser estranhas à luz do dia pareciam certas. Como andar de bicicleta em um vestido de baile e cruzar com apenas uma pessoa – a única que você deseja ver.

Se estivesse claro lá, eu teria questionado mais, tentando ver as segundas intenções, começado a pensar demais. Mas agora, parecia natural virar-me para Eli e dizer:

– Você estava certo, sabe...?
– Sobre o quê?
– Sobre mim – respondi. – Sobre como eu desisto se eu não fizer algo certo da primeira vez. Tem sido um grande erro.
– Então você acredita em segunda chance agora... – ele disse, tentando esclarecer.
– Acredito. No entanto, você pode errar muitas vezes antes de fazer a coisa certa.
Eli pôs as mãos para trás em seu bolso.
– Acredito muito nisso também, na verdade. Especialmente hoje.
– Sério?
Ele concordou, então apontou para a caminhonete atrás dele.
– Então... você sabe que eu disse não a você anteriormente. Quando você me pediu para levá-la ao baile.
Senti meu rosto corar.
– Acho que eu me lembro disso, sim.
– É que eu tinha essa competição em Roardale. Eu voltei a competir há algumas semanas.
– Eu sei.
Ele pareceu surpreso, e eu tive de admitir que gostei disso, pois era muito raro.
– Como?
– Tenho ficado de olho na classificação – comentei. – Pela internet. Então, como você se saiu?
– Ganhei.
– Isso é ótimo. Então eu acho que você vai voltar mesmo, né? – Sorri.
– Não. Chega disso.
– Você vai desistir de novo?
– Vou me aposentar – ele me corrigiu. – A partir de hoje.
– Por quê?
Ele se apoiou nos calcanhares, olhando para a rua escura.
– Eu estava planejando fazer isso no ano passado. Sabe, porque eu tinha começado o curso na U, e queria ir para a escola. Mas então...

Eu aguardei. Porque com Eli, ele nunca esperava que você terminasse por ele. Ele sempre sabia para onde estava indo mesmo que levasse um pouco de tempo para chegar lá.

–... Abe morreu. E tudo parou. Mas não era do jeito que eu queria sair, só sumindo do mapa assim.

– Você queria sair por cima.

– Ou pelo menos tentar isso. – Ele ergueu a mão, passando-a pelo cabelo. – Então me desculpe, por hoje. Eu gostaria de ter explicado melhor por que eu disse não.

– Eu entendo. Era apenas algo que você tinha que fazer.

Ele olhou para mim, seus olhos tão escuros.

– Isso, exatamente.

Um carro vinha na direção da luz agora, os faróis se movendo na nossa direção. Ele diminuiu a velocidade, com o sinal de pisca ligado, antes de passar por nós. Então Eli me olhou de cima a baixo, observando o meu vestido e as sandálias.

– Então – ele falou. – Aonde você vai?

– Ao baile, e você?

– Também. Antes tarde do que nunca, certo? Quer uma carona?

Neguei com a cabeça. Ele se surpreendeu, abrindo a boca para responder, mas antes disso, eu estendi a mão e peguei a dele, e o puxei mais perto de mim. Então fiquei na ponta dos pés e elevei meus lábios aos dele. O beijo foi lento e doce, e enquanto acontecia, tive de novo aquela imagem de nós tão pequenos, em pé no meio de Colby, sob seu único farol, enquanto toda a cidade e o mundo giravam ao nosso redor. E nesse momento, mesmo se fosse apenas nesse momento, estávamos exatamente onde deveríamos estar.

Sorri para ele quando me afastei, então montei na bike de novo. Ele virou-se lentamente em círculo, observando enquanto eu andava lentamente ao redor dele, uma, duas, três vezes, como a lançar um feitiço.

– Então você não quer que eu leve você.

– Não. Mas eu vejo você lá.

dezenove



O CAFÉ NA Defriese era bom, mas não ótimo. Por outro lado, ele era coberto pelo meu plano de refeições, e as xícaras vinham sem pires. Aprendi a gostar disso e pronto.

Encaixei uma tampa de viagem no meu copo gigante; em seguida, encaixei-o na bandeja com quatro furos, ajustando minha mochila no ombro com a mão livre. Agora que era outubro, estava ficando mais frio – um frio no ar que tornou uma bebida quente ainda muito mais necessária. Subi na bicicleta, equilibrando o meu copo com uma mão ao circular com cuidado por todo o *campus* vazio até o meu dormitório, e uma leve garoa começou a cair assim que parei no guarda-bicicletas externo. Quando cheguei ao meu quarto, pude ouvir a chuva batendo nas janelas.

– Oi! – Maggie disse, olhando para mim de cima do nosso *loft* quando entrei, sacudindo meu casaco. – Pensei que já tinha partido.

– Ainda não. Eu tinha algumas coisas para terminar.

Ela bocejou, recostada na cama.

– Ah, o seu telefone tocou – ela observou. – Na verdade, algumas vezes.

Sentei na minha cama, deixei o meu café na caixa de madeira que usava como criado-mudo. Além do meu despertador, ele também exibia uma pilha de livros e o conteúdo do último pacote de mimos da Heidi: duas bolas de sal de banho, um brilho de lábios e um novo jeans da Pink Slingback. Ainda não tinha usado nenhum deles; mesmo assim, adorei o gesto dela.

Na minha mesinha, também estava o porta-retrato O MELHOR DE TODOS OS TEMPOS que Hollis tinha me dado meses atrás. Eu tinha

me esquecido dele até o dia em que estava fazendo as malas para ir à faculdade, quando percebi que finalmente tinha algo que eu poderia colocar nele. Mas eu não conseguia decidir se deveria usar uma foto do baile de formatura ou uma das várias que eu tinha tirado com Maggie, Esther e Leah em nossos últimos dias em Colby. Talvez, pensei, eu devesse colocar uma de mim com Hollis e Laura, no dia em que eles anunciaram oficialmente o noivado. Eu tinha tantas opções que, no final, escolhi deixar vazio até ter certeza absoluta. Porque talvez o melhor de todos os tempos ainda estivesse por vir. Nunca se sabe.

Havia uma foto que eu gostava de manter sempre à mão, mas não era de mim. Eu preferia que a carinha de Isby fosse a primeira a ver assim que eu me levantava de manhã. Fiquei surpresa com a dificuldade em deixá-la no final do verão. No meu último dia, nós nos sentamos juntas por mais de uma hora, ela adormecida no meu ombro enquanto balançávamos na cadeira do quarto dela. Sua pele quente, o peso úmido, o cheiro de leite e de bebê: ainda me lembrava disso com tanta facilidade, assim como de todas as coisas que eu sussurrei no seu ouvido sobre ela, e eu, e este mundo de garotas e garotos do qual tomávamos apenas uma pequena parte. Um dia, ela poderia me dizer tudo o que sabia, também. Mal podia esperar.

Entretanto, eu tinha outra coisa para me lembrar dela. Vi aquilo no Park Mart local, durante uma das minhas primeiras saídas depois de chegar à faculdade, e sem pensar eu o joguei no carrinho. Tive a sorte de ter a Maggie como companheira de quarto por uma infinidade de motivos, mas o fato de ela conseguir tolerar o som das ondas de vez em quando – especialmente as artificiais – estava no topo da lista.

Então, peguei meu celular, repassando as chamadas não atendidas. De fato, havia duas. Uma da minha mãe, que me ligava regularmente para supostamente discutir os meus estudos, embora geralmente entrássemos em outros assuntos muito rapidamente nestes dias. Como o casamento de Laura e de Hollis, que a estava deixando louca – embora ela estivesse tentando manter a mente aberta, ela me jurou – ou o lento crescimento de seu relacionamento

com Finn, o estudante de pós dos óculos de armação preta. Ele era doce, engraçado e adorava a minha mãe. Como ela se sentia em relação a ele era mais difícil de dizer, embora eu estivesse trabalhando com ela para que, quando estivesse pronta para falar no assunto, ela o abordasse.

A segunda mensagem era do meu pai. Ele tinha voltado para casa com Heidi para tentar outra vez – uma decisão que ele tinha tomado na noite do baile, quando optou por não pegar o voo e ver Isby. Quando entrou em casa e encontrou minha mãe, andando pelo piso e acalmando-a, isso tocou uma corda dentro dele, a própria imagem que conseguiu transmitir todas as coisas que eu não tinha conseguido. Ele mandou a minha mãe de volta ao hotel e sentou-se com Isby até tarde da noite, quando Heidi chegou em casa, com os sapatos na mão, toda alvoroçada do Festival de Praia. Enquanto a criança dormia, eles conversaram. Conversaram muito.

Ele não voltou para casa imediatamente. Foi um processo lento, com uma série de negociações, e as coisas tinham mudado. Heidi voltou à loja meio período, e meu pai tinha reduzido o ensino para apenas um curso, de modo que cada um pudesse trabalhar, mas ainda tivesse tempo para o bebê. Nos dias em que nenhum deles poderia estar em casa, Isby ficava com Karen, mãe de Eli – que sempre gostou de cuidar de bebês – ou com alguma das poucas universitárias de Weymar que adoravam a regalia adicional de roupas grátis da Clementine's. Meu pai ainda tentava vender o romance, mas, ao mesmo tempo, ele tinha começado um livro novo, que era sobre "o lado sombrio e oculto da paternidade e os subúrbios". Ele só tinha tempo de escrever tarde da noite; porém, apesar de serem menos de nove horas de sono, parece que ele se ajustou. Além disso, ele estava sempre pronto para um bate-papo se eu estivesse na onda de ficar acordada a noite inteira também.

Passei meu celular para o bolso, e então peguei minha bolsa e o café.

– Estou saindo – Maggie falou.

– Vejo você amanhã – ela respondeu. – Ah, é mesmo, não vou ver você. Vou para Colby.

– É mesmo?

– Sim. É a grande reabertura, lembra? Ah, eu me esqueci de dizer, Adam enviou uma camiseta para você. Está em cima da sua cômoda.

Eu não podia acreditar que eu tinha me esquecido. Principalmente porque, sempre que Adam aparecia – pelo menos em fins de semana alternados –, ele só conseguia falar disso. Ele assumira a gestão da loja no outono, fazendo malabarismos com o seu horário de aula em meio período na Weymar, e estava totalmente animado, pois Clyde estava deixando que ele fizesse modificações, aumentasse o estoque e realmente desse um trato no lugar. Novos cartazes, novos produtos especiais, tudo novo. Porém havia um resquício do gerente anterior, uma última coisa que ele precisava fazer, que eu vi assim que peguei a camiseta, abrindo-a.

– Abe Bikes – li na parte da frente. – É bem legal.

– Não é mesmo? – ela respondeu, esticando a cabeça na beirada da parede para me olhar de novo. – Puxa, o Adam está uma pilha de nervos. Ele está surtando: tudo tem que ser perfeito, e é claro que as coisas vão continuar dando errado. Tenho medo de que ele tenha um colapso nervoso a qualquer momento se outra coisa der errado.

– Não. Mas se isso acontecer, basta dizer que eu o mandei montar de novo na bicicleta.

– O quê?

– Ele vai entender.

Acenei para ela, depois ajustei a bolsa no ombro enquanto fiz o caminho pelo corredor, depois pelas escadas até o meu carro. Havia passado um pouco das cinco, e o sol estava se pondo. Quando saí da interestadual duas horas depois e parei dentro do estacionamento do Ray's, já estava escuro há algum tempo.

Desliguei o motor, depois fiquei sentada por um instante, olhando para as luzes fortes e mesas brilhantes. O Ray's não era a lavanderia, mas as garçonetes eram agradáveis, e você poderia sentar-se pelo tempo que quisesse. O que era uma coisa boa quando já era tarde e não havia outras opções – foi assim que eu o descobri. Agora, eu tinha um grande, mas um enorme motivo para estar aqui outra vez.

Eu o encontrei na mesa quatro, nossa preferida, aquela no canto perto da janela. De caneca na mão, uma fatia de torta meio comida perto do cotovelo, totalmente imerso no livro diante dele. Neste semestre, ele estava com uma quantidade absurda de horas na U, tentando recuperar o ano perdido. Voltar para a escola tinha sido duro para ele no começo; era uma coisa nova, totalmente assustadora. Mas, felizmente, eu estava por dentro de tudo de lá, e estava mais que feliz em ajudá-lo nessa missão: uma dissertação e um teste de cada vez.

Eu me abaixei, beijei-lhe a testa, e ele olhou para mim e sorriu. Então eu me enfiei na frente dele enquanto a garçonete se aproximava, enchendo a caneca ao meu lado. Quando a peguei, ela aqueceu as minhas mãos, e eu senti a mão dele no meu joelho. A manhã surgiria antes que a gente percebesse. Era sempre assim. Mas ainda tínhamos a noite toda, e neste momento, estávamos juntos.

Então, apenas fechei os olhos e curti a bebida de um gole só.

A caminho *do* verão

Acompanhe Sarah Dessen e saiba um pouco mais sobre o livro – e sobre a autora.

SEMPRE GOSTEI do verão. Desde o meu primeiro livro até este – o nono – este tema e a estação são recorrentes. Para mim, o verão é sinônimo de possibilidades, principalmente na minha época de estudante do colegial. Aquela época de aproximadamente três meses, entre um período escolar e o próximo, sempre teve gosto de mudança. As pessoas ficavam mais altas, mais gordas ou mais magras. Cortavam ou iniciavam relacionamentos, perdiam ou ganhavam amigos, passavam por experiências de vida que, podemos dizer, eram transformadoras, mesmo se não soubéssemos do que se tratavam. No verão, os dias são longos e acabam se juntando. Fora da escola, tudo ficava no ar e, ao mesmo tempo, tudo acontecia: eram várias semanas em que tudo era possível. Quando eu era adolescente, queria sempre me modificar, ser diferente do que era. Cada verão, eu sentia que tinha a oportunidade de fazer isso. Bastava esperar e ver o que ia rolar.

O verão trazia ainda as viagens à praia. Minha família tinha uma casa em Cape Cod, Massachusetts, onde passei uma parte de todos os verões da minha vida. Ficávamos numa faixa de terra repleta de casas, todas elas de parentes, e cresci correndo descalça com os meus primos para cima e para baixo por nossa rua de terra. Aprendi a velejar pela baía e levantava cedo para caçar caranguejos na beira do rio atrás de casa, quando a água estava calma. À noite, brincávamos de pega-pega e esconde-esconde no bosque ao redor da casa que o meu bisavô construía há setenta anos, chamando

uns aos outros, na escuridão, da mesma forma que nossos pais fizeram antes de nós.

Mais perto de casa, havia a costa da Carolina do Norte. Minha família sempre ia até Emerald Isle e alugava uma casa na praia com amigos, onde comíamos docinhos, nos entretínhamos com jogos de tabuleiro e passávamos horas pulando as ondas. Se, por um lado, a nossa baía em Cape Cod parecia ser um local gelado, onde era necessário ter coragem para mergulhar, lá no sul, a água era mais quente, e as praias compridas e planas se estendiam por quilômetros. Na cidade, havia algumas lojas bregas de praia, onde era possível encontrar tudo que fosse possível feito com conchas: cinzeiros, caixas para maquiagem, ímãs de geladeira. Também havia restaurantes que serviam bolinhos salgados de milho e camarões fritos que derretiam na boca. Passávamos os dias ao ar livre e as noites ao redor da mesa, todos juntos, comendo muito, conversando e rindo. Eu ia para a cama ouvindo os adultos sentados na varanda: suas vozes se mesclavam com o som das ondas. Conforme adormecia, podia sentir o ritmo da água me enlevando, penetrando nos meus sonhos.

No entanto, conforme fui ficando mais velha, nossas viagens à Carolina do Norte tornaram-se cada vez mais espaçadas. Ainda íamos a Cape Cod para visitar a família, mas lá em casa todos pareciam ocupados demais para fazer as malas e dirigir algumas horas para o leste, apenas para ver o mar. Havia sempre outras prioridades ano após ano: ir para a faculdade, lecionar, escrever. A distância era muito curta, mas aqueles momentos maravilhosos de relaxamento que passei em Emerald Isle pareciam tão longe da minha realidade de adulta... As coisas foram ficando enroladas e continuaram assim. Acho que é assim que descobrimos que crescemos.

Vamos nos transportar rapidamente para o início do verão de 2009, quando eu aguardava a publicação deste livro, *A caminho do verão*. A data programada era 16 de junho, dez dias após o meu aniversário e seis dias depois do nosso aniversário de casamento. (Como eu já disse, gosto do verão. Quanto mais razões para celebrá-lo, melhor.) Minha filha, Sasha, tinha quase dois anos, e de

alguma maneira – nem sei como até agora –, consegui escrever e editar este livro enquanto driblava toda aquela rotina de mãe, ainda uma novidade para mim. Relembrando agora, parece loucura, mas a maior parte das coisas associadas a escrever livros e ser mãe também é. Você simplesmente se deixa levar e se mantém otimista.

Depois que *A caminho do verão* foi publicado, embarquei num turbilhão de viagens. Fui até a Califórnia, onde visitei quatro cidades em três dias, depois Nova York e Miami. Estive em duas conferências, onde conversei com milhares de fãs e assinei aquilo que me pareceu serem milhares de livros. Em Huntington Beach, Califórnia, encontrei uma menina que tinha uma citação do *Just Listen* tatuada no pescoço. Em La Jolla, uma leitora de dez anos chamada Nicole chegou com um monte de livros nos braços e ficou literalmente pulando para cima e para baixo de alegria por me conhecer. Recebi dos meus leitores livros de recortes, CDs mixados e *cupcakes*. Alguém tricou uma boina bonitinha para a minha filha, que ela usa com frequência; outros leitores criaram palavras cruzadas para que eu fizesse quando ficasse presa em aeroportos sem nada para fazer. E havia ainda as cartas e notas, as dezenas de fotos que as pessoas postaram na minha página do Facebook e todos os livros com orelhas e manchas de café que eu assinei e que foram relidos muitas vezes.

Não importa onde eu estivesse, me senti tocada e surpresa pela maneira com que as pessoas se ligaram às minhas histórias e personagens. Escrever livros é uma tarefa solitária. É provável que eu passe tempo demais sozinha com o meu *laptop*, exatamente como agora, digitando numa sala vazia. É o que preciso fazer para trabalhar. Para escrever, fico sozinha. Mas a publicidade e as viagens são a minha chance de sair por aí e encontrar as pessoas para as quais trabalho, apertar as mãos delas, sorrir para suas máquinas fotográficas e ouvir as *suas* histórias. Adoro isso e fico ansiosa para fazê-lo. E quando acabo, volto para casa, para este quarto e me apronto para fazer tudo isso de novo.

Este era o meu plano para julho, depois de ter feito publicidade para o *Along for the ride* durante o mês inteiro. As coisas deram certo. O livro ficou em primeiro lugar na lista dos mais vendidos do

New York Times (minha primeira vez) e fui mencionada no *Entertainment Weekly* e no show *Today*. Consegui ainda dar uma fugidinha para Cape Cod onde, sentada com os meus pais e primos, assisti ao meu livro ser anunciado no *Good Morning America*. Quando o segmento acabou, eles aplaudiram, o que foi um dos melhores momentos de minha vida.

Tudo foi tão bem que, é claro, com a minha iniciativa e ambição semelhantes à de Auden, pensei comigo mesma que poderia ser ainda melhor, por que não? Tudo o que tinha a fazer era trabalhar um pouco mais, viajar um pouco mais, me esforçar um pouco mais. Comecei a pensar como poderia vender mais livros, expandir essa experiência e torná-la melhor. Essa vontade por algo mais me deixava acordada à noite, senti que ele estava logo ali. Tinha todos esses planos de como concretizá-lo – assim que superasse esse pequeno detalhe que vinha antes.

No dia em que *A caminho do verão* foi lançado, descobri que teria de me submeter a uma cirurgia para lidar com as complicações de um exame de Papanicolau que fizera na primavera. Fiquei assustada e lidei com o problema de uma maneira que, provavelmente, não era a melhor: esforçando-me ainda mais para divulgar o livro. A cirurgia foi marcada para exatamente um mês depois do lançamento, e eu trabalhei o quanto pude durante essas quatro semanas. Pelo que eu sabia, era uma coisinha de nada, então logo eu voltaria ao trabalho.

Era para ser uma intervenção simples, ambulatorial, de quarenta e cinco minutos, tipo entrar e sair. Quando acordei, estava sendo colocada numa ambulância. Algo deu errado durante a cirurgia, e eles estavam me levando para o hospital, onde fiquei internada dois dias. Foi assustador e frustrante – e talvez exatamente o que eu precisava. Era óbvio que eu não iria parar. Nem para tirar férias nem por um momento. Então, o universo resolveu me fazer parar.

Tive muito tempo para pensar enquanto permaneci sentada no meu leito de hospital. Não me lembrava de quando tinha sido a última vez em que fiquei assim quieta por tanto tempo; não abri meu e-mail nem entrei no Facebook ou no Twitter (ou ainda, vamos ser honestas, na classificação da Amazon). Eu não podia me levantar mesmo que quisesse. Era como estar dentro de um trem bala

durante tanto tempo que me acostumei com o movimento e, de repente, descer em uma estação tranquila. Era... calmo. E comecei a perceber o quanto sentia falta daquilo.

Mesmo quando recebi alta, eu ainda tinha que ir com calma. Não podia erguer nada que pesasse mais de cinco quilos, o que significava que nem poderia segurar a minha filha. Além disso, estava exausta. Assim, dormi muito e pensei muito enquanto recuperava as minhas forças. Mas mesmo quando comecei a me sentir melhor, parecia ainda faltar alguma coisa.

Continuei a me lembrar do verão, do turbilhão que era. Todas as viagens e as leituras pareciam um borrão maluco. Quando olhei as fotos, tive dificuldade em me localizar no momento em que elas haviam sido tiradas. Os dias foram tão corridos que não me permiti apreciá-los. Até a maior parte de minhas férias em Cape Cod, que geralmente eram o ponto alto do ano, passei grudada ao meu e-mail e celular, respondendo ligações e me preocupando com os eventos e mais oportunidades para propaganda. Sentada com a minha filha, que adora olhar fotos, vi os *slides* de nossa viagem e, embora as imagens fossem familiares, era como se eu *não estivesse* lá. Senti que adoraria voltar lá e passar aquele tempo de novo.

Eu não podia voltar e reviver aquela semana, sabia disso. Mas comecei a pensar que talvez, como a Auden, não era tarde demais para tentar e refazer algo diferente. Certa vez, abri a tela e, impulsivamente, digitei: "Emerald Isle, Carolina do Norte". Uma das primeiras ocorrências era uma imobiliária. Quatro dias mais tarde, juntei a minha filha e as babás e fomos para a praia.

Foi uma resolução tomada no calor do momento, algo completamente diferente do que faço normalmente. Sou uma pessoa que planeja todas as viagens com meses de antecedência, que prepara muitas listinhas para não se esquecer de nada. Nem saio de casa sem um itinerário completo. Mesmo assim, lá estava eu, sem nenhum plano a não ser... não ter plano algum. Durante meses, falei para mim mesma e para os outros que estava muito ocupada, que tinha muitas coisas a fazer – e ainda tinha. Mas eram coisas diferentes, embora igualmente importantes. Foi na Auden que eu pensei ao atravessar a ponte, sobre toda aquela água azul, e como

ela, também resolvi agarrar a oportunidade da mesma forma naquele momento. Pouco depois, quando vi uma garota andando de bicicleta pela estrada que margeava a praia, tomei isso como um bom presságio.

Aquela semana foi sensacional. Eu acordava com a minha filha – a maior das madrugadoras – e saía para ver o sol nascer na praia, apanhando conchas pelo caminho. Fizemos castelos de areia e andamos pela orla, procurando golfinhos e barcos de pesca no horizonte. Mostrei a ela tudo aquilo que eu adorava fazer quando era criança, levei-a para as lojinhas de praia e para comer o típico hambúrguer de camarão da Carolina do Norte. Ficamos bronzeadas, não usei maquiagem sequer um dia, voltei a dormir bem pela primeira vez em um bom tempo. À noite, depois de a minha filha adormecer, as babás e eu assistíamos a filmes e comíamos pipoca, ou ficávamos conversando no deque, vendo as ondas batendo lá embaixo.

Toda as noites, antes de ir dormir, ficava sentada sozinha no deque, olhando todas aquelas estrelas. Os dias eram longos e quentes, as noites frescas e lindas, e eu podia sentir algo dentro de mim se soltando, relaxando depois de ter ficado preso e tenso durante tanto tempo. Diferentemente da Auden, eu tive muita sorte em ter tido uma infância plena e feliz, mas tinha me esquecido disso. Durante aquela semana, conforme eu repetia os passos das viagens familiares com a minha própria filha, comecei a lembrar tudo, o que me trouxe a paz que eu nem sabia que me faltava.

Após uma semana, voltamos para casa. Coloquei algumas conchas sobre a minha escrivaninha, guardei o protetor solar e, aos poucos, retornei à vida real. Mas fiz questão de planejar mais algumas viagens para a praia. Ficou claro para mim que havia algo na praia de que eu precisava, não só daquela vez, mas sempre. Exatamente como Auden, que sempre carregaria consigo alguma coisa do verão que passou em Colby, eu também me apego a algo do tempo passado em Emerald Isle, e trago isso bem dentro de mim. Quando minha filha e eu olhamos nossas fotos daquela semana na praia, consigo lembrar cada momento: o frescor da areia sob meus pés, os respingos das ondas, a mãozinha quente dela, e curtir o

momento, cada momento. Essas lembranças, assim como as fotos, são uma recordação de estar presente e ter curtido os momentos – todos os momentos. E de aproveitar a oportunidade de vez em quando, pois pode valer a pena muito mais que se possa imaginar.

Enquanto escrevo isto, é outono, quase novembro. As árvores lá fora adquiriram tons fortes de vermelho e dourado, o ar está frio e as bolotas fazem barulho ao cair no telhado de zinco. É aquela época do ano na qual começamos a acender a lareira à noite e eu tiro as minhas malhas e botas das caixas. Nos dias mais feios, quando há pouca luz e meu humor não está dos melhores, tento me sentar à mesa na cozinha, onde tenho um vidro cheio de conchinhas que a minha filha e eu catamos durante as nossas caminhadas ao sol. Conforme vou tirando todas, uma a uma, fico repetindo que o verão voltará e trará consigo novas oportunidades. Até ele chegar, pelo menos, há muitas boas histórias a serem contadas. Eu espero que você curta esta.

Chapel Hill, Carolina do Norte
Outono de 2009.

LISTA DE MÚSICAS PARA

A caminho do verão

NÃO OUÇO MÚSICA quando escrevo, pois me distraio com facilidade. Basicamente, tenho que trabalhar diante de uma parede para produzir alguma coisa. No entanto, fora do escritório, encontro muita motivação na música, especialmente nos dias mais difíceis para escrever. Ao terminar um livro, sempre tenho uma lista de músicas que me inspiraram e me ajudaram a me aproximar mais de meus personagens e a resistir nos dias mais difíceis que, para ser sincera, são bem abundantes. Aqui estão as que me ajudaram a seguir no passeio de bicicleta junto com a Auden.

1. Love me like the world is ending – Ben Lee.

Esta música foi meu hino enquanto escrevi este livro. Na verdade, o álbum *Ripe* do Ben Lee poderia ser a “trilha musical” do livro, pois eu o ouvi várias vezes. Mas esta música em particular foi a que mais me fez lembrar daquela promessa de verão. Tantas coisas no futuro, tantas possibilidades... Sempre que a ouço, sinto tudo aquilo novamente. Esta é uma música *incrível*.

2. As cool as I am – Dar Williams.

No livro, há muitas passagens nas quais alguém se sente de fora e tenta encontrar uma maneira de se sentir incluído. Para mim, esta música sempre teve este significado, especialmente a parte “*And then I go outside and join the others, I am the others*” [E aí eu saio e fico com os outros, eu sou os outros]. Muito bem colocado.

3. Stolen – Dashboard Confessional.

Uma música sobre o fim do verão e o quanto nos custa quando ele acaba. Triste e melancólica, perfeita para aqueles dias em que é

difícil escrever e você se sente muito emotivo.

4. I see monsters – Ryan Adams.

Quando escrevi este livro, estava dormindo muito pouco (a quem eu estou enganando, continuo dormindo muito pouco, só que agora já me acostumei com isso), então sentia certa afinidade com qualquer música que falasse sobre dormir ou não dormir. Além disso, eu sempre adorei o Ryan Adams. Mesmo antes de ele se casar com a Mandy Moore. Isso o fez ficar ainda melhor.

5. Let it rain – Tracy Chapman.

Acho que em todo livro existe aquele momento em que você se sente simplesmente exausta e que não consegue continuar. Em geral, isso ocorre lá pela página 200. Eu estava lidando ainda com tudo isso e me sentia oprimida, aí ouvi esta música no rádio. A parte que diz "*Give me hope that help is coming when I need it most*" [Me dê a esperança que a ajuda vai chegar quando eu mais precisar] serviu como uma luva. Era como se o universo estivesse ouvindo e as coisas fossem dar certo.

6. Breakable – Ingrid Michaelson.

Meu marido nunca consegue se lembrar de quem é a Ingrid Michaelson quando eu toco as músicas dela: ele diz que ela se parece com qualquer outra cantora/autora cujas músicas aparecem na série *Grey's Anatomy*. Mas eu adoro todas as músicas dela, e esta, em particular, me tocou profundamente, falando sério.

7. No one – Alicia Keyes.

Novamente uma música que acompanha você nos momentos difíceis. Adoro qualquer música que repete que tudo ficará bem, especialmente quando você está precisando ouvir isso. Além disso, ela me lembra a minha filha – "*You and me together through days and nights*" [Nós duas, juntas, enfrentando os dias e as noites]. Certíssimo.

8. People who died – Jim Carroll Band.

Às vezes, na minha cabeça, uma música específica simplesmente se casa com um personagem. Foi o que aconteceu com “*Angel from Montgomery*” e a mãe de Ruby em *Lock and Key*: toda vez que ouvia a música, eu a via. Esta me lembra o Eli.

9. No sunlight – Death Cab for Cutie.

Outra música que fala sobre a noite ou, pelo menos, sobre a ausência do dia. Além disso, pelo menos para mim, o Death Cab sempre acerta em cheio.

10. Whatever it is – Ben Lee.

Comecei esta lista com o Ben Lee na cabeça e vou terminar com ele também. Na verdade, ouvi esta há algumas semanas e ela resumiu tão bem o que o livro inteiro significa para mim. “*Awake is the new sleep*” [O despertar é um novo sono]. É isso aí. Consegue explicar muito melhor que eu.

ESCREVER UM LIVRO nunca é fácil, e às vezes é preciso uma pequena ajuda. Para este romance e tantos outros, tive a sorte incrível de contar com a sabedoria e orientação de Leigh Feldman e Regina Hayes. Barbara Sheldon, Janet Marks e meus pais, Alan e Cynthia Dessen, propiciaram o apoio moral que qualquer escritora maluca necessita, especialmente no pós-parto. Como sempre, sou grata ao meu marido, Jay, por me fazer rir, por me ajudar a lembrar das coisas e por me ensinar mais do que eu precisava sobre as bicicletas. Por fim, gostaria de dar o reconhecimento ao meu próprio mundo de garotas, minhas babás, sem as quais eu nunca teria tido o tempo para escrever este livro: Aleksandra Marcotte, Claudia Shapiro, Virginia Melvin, Ida Donner, Krysta Lindley e Laura Caccese. Obrigada por terem cuidado de nós.



Para minha mãe, Cynthia Dessen, por ter me ajudado a aprender quase tudo que eu sei sobre ser uma garota, e à minha filha, Sasha Clementine, que está me ensinando o resto.

Sobre a autora

Sara Dessen é uma das autoras mais populares entre os jovens americanos.

Todos os seus cinco livros mais recentes ficaram entre os mais vendidos pelo *New York Times*, incluindo *A caminho do verão*.

Seus primeiros dois livros, *That Summer* e *Someone Like You*, foram transformados no filme *How to Deal*, com Mandy Moore. Seus livros são regularmente indicados como os Melhores Livros para Jovens pela *American Library Association*.

A autora se formou pela Universidade de Carolina do Norte em Chapel Hill, onde reside com o marido e a filha.

Para mais informações sobre a autora, acesse o site:

www.sarahdessen.com.

Toque aqui para voltar
à prateleira da editora



Copyright © Sarah Dessen, 2009

Todos os direitos reservados.

Título original: Along For The Ride

1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07627-6

Tradução: Áurea Akemi Arata

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dessen, Sarah
A caminho do verão [livro eletrônico] / um
romance de Sarah Dessen ; tradução de Áurea
Akemi Arata. -- São Paulo : Moderna, 2012.
1,5 Mb ; ePUB

Título original: Along for the ride.
ISBN 978-85-16-07627-6

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

12-06757

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5